



# Sítio Grande, Dancing Days e o Direito à Saúde

A gravidez na adolescência tem sido apontada como um dos importantes problemas de saúde pública tanto no Brasil como em outros países. De acordo com os números do Sistema Único de Saúde (SUS) no ano de 1998, dos 3 milhões de partos realizados no Brasil, 750 mil foram de adolescentes ou pré-adolescentes entre 10 e 19 anos. Essa mesma realidade também pôde ser observada nas comunidades de Sítio Grande e Dancing Days, onde a maior parte das mulheres grávidas atendidas pelos postos de saúde são ainda adolescentes.

O grande número de adolescentes que estavam grávidas ou que já eram mães no período em que realizamos nossas observações chamou nossa atenção e despertou o interesse pelo tema.

Conversando com as agentes de saúde sobre gravidez na adolescência foi também possível obter algumas informações dessas duas comunidades. As agentes nos mostraram dados levantados pela Empresa de Melhorias Habitacionais de Pernambuco (EMHAPE) registrando que aproximadamente 50% das adolescentes de Dancing Days e 26% das adolescentes de Sítio Grande estavam grávidas no ano 2000.

Nos de Postos de Saúde das duas comunidades, segundo as enfermeiras, mais de 50% dos atendimentos a mulheres grávidas são ainda de adolescentes.

## GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

Pode-se perceber que muitas adolescentes das comunidades de Sítio Grande e Dancing Days tiveram suas primeiras experiências sexuais entre 12 e 17 anos, ocorrendo, algumas vezes, sem que elas tivessem conhecimento tanto de seu próprio corpo como das mudanças que ocorriam nesta fase da vida.

*“Iniciei minha vida sexual aos 12 anos, ainda não tinha nem menstruado. (...) depois de alguns dias fiquei menstruada, fiquei com muito medo quando vi a calcinha melada de sangue, chorei muito. Fiquei no maior desespero, pois pensei que havia levado um corte.” (moradora da comunidade de Dancing Days, 19anos)*

A família ou os pais, principalmente, poderiam discutir e orientar suas filhas adolescentes sobre as dúvidas e angústias pelas quais passam nesta etapa da vida, mas mostraram, em alguns casos, dificuldade de falar sobre temas relacionados a sexo e sexualidade com seus filhos.

*“(...) nem sabia o significado da palavra ‘menstruação’ pois minha mãe nunca falou comigo sobre esses assuntos (sexo).” (moradora da comunidade de Dancing Days, 19 anos)*

Em consequência da falta de diálogo e informações corretas a respeito da sexualidade, muitas adolescentes tiveram sua primeira relação sexual sem nenhum tipo de precaução e, em alguns casos, acabaram engravidando nesta relação.

*“Engravidei na minha primeira relação sexual, aos 17 anos. (...) Fiquei grávida porque nossa relação sexual aconteceu de repente e não foi planejada, na hora não pensamos em nada, só depois.” (R., 18 anos, moradora da comunidade de Dancing Days)*

*“Fiquei grávida aos 15 anos, na minha primeira relação sexual com meu noivo. Descobri que estava grávida quando me senti mal e minha mãe me levou ao médico que, ao me examinar, me deu parabéns, pois não estava doente e sim esperando um bebê”. (C., 42 anos moradora da comunidade de Dancing Days)*

As entrevistas também nos mostraram que algumas adolescentes conheciam e utilizavam a pílula como um método contraceptivo, contudo nem sempre demonstraram saber como este método deveria ser utilizado.

*“Aos 15 anos, perto de fazer 16, descobri que estava grávida e me assustei, pois usava comprimido (por conta própria). Às vezes, quando esquecia, tomava quatro comprimidos de uma só vez. Um certo dia, depois de tomar os quatro comprimidos, passei mal e fui parar no hospital.” (J., 26 anos moradora da comunidade de Sítio Grande)*

*“Engravidei aos 17 anos; tomava cinco pílulas e achava que era suficiente.” (moradora da comunidade de Sítio Grande)*

*“Eu nunca procurei um ginecologista, comecei a tomar comprimido de evitar aos 15 anos.” (M., 19 anos, moradora da comunidade de Dancing Days)*

Os relatos acima indicam como a utilização de pílulas anticoncepcionais sem indicação e acompanhamento médico não só se mostram ineficazes para se evitar a gravidez como também podem colocar a vida destas jovens em risco.

Além da não-utilização de meios que melhor previnam as adolescentes da gravidez indesejada, percebeu-se que algumas jovens, ao não usarem camisinha em suas relações, expunham-se ao risco das Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs).

*“Procurei o atendimento médico, a partir dos dois meses de gravidez, no posto de saúde da comunidade. O atendimento foi bom. Chegando lá a enfermeira perguntou quando foi o último dia que tinha menstruado. Eu respondi. Ela disse que estava com baixo peso, estava magra e que deveria comer bastante. Ela recomendou fazer alguns exames para ver se estava com algum tipo de doença – hemograma completo e exame de urina.*

*Com oito dias recebi o resultado, deu quase todos negativos, só o VDRL deu positivo. Eu estava com sífilis.” (moradora da comunidade de Dancing Days, 19 anos)*

Casos como esses sugerem que os programas para se prevenir gravidez e DSTs não têm atingindo muitas adolescentes das nossas comunidades, o que talvez indique a necessidade de se criarem programas específicos para trabalhar com esta faixa etária.

### DISCRIMINAÇÃO DAS ADOLESCENTES GRÁVIDAS

A gravidez pode provocar uma difícil virada na vida da adolescente. Para algumas, descobrir que estão grávidas se torna um grande pesadelo, porque podem ser expulsas de casa ou até mesmo ameaçadas de morte por seus pais.

*“A minha mãe, quando descobriu, ficou dizendo que eu era invejosa, porque uma amiga minha estava grávida. Me chamou de intrometida, enxerida e que não teria condições para sustentar meu bebê e que o pai não iria assumir.” (moradora da comunidade de Dancing Days, 19 anos)*

*“O meu cunhado disse a meu pai que eu estava grávida e meu pai disse que ia me matar. Ele puxou a faca pra mim, eu corri para a rua e ele correu atrás de mim. Entrei na casa da vizinha que trancou o portão com cadeado. Fiquei trancada na casa dela e meu pai, no portão, gritando que iria me matar. Passado um tempo ele voltou para casa e eu fui depois. Chegando em casa ele não falou comigo.” (moradora da comunidade de Dancing Days, 19 anos)*

*“Descobri que estava grávida ao me sentir mal, então minha mãe me levou ao médico, que ao me examinar, me deu parabéns pois não estava doente e sim esperando um bebê. Então, minha mãe ligou para meu noivo para dar a notícia e mandou eu ir morar com ele. Nessa época estava com dois meses de gravidez. Meus pais ficaram decepcionados quando souberam da gravidez (...). Então, eles cancelaram o meu casamento e falaram que foi uma palhaçada... se eu queria casar conforme a lei da igreja e dos homens deveria ter esperado.” (moradora da comunidade Dancing Days, 42 anos)*

Chama a atenção, em muitos desses casos, que as pessoas tendem a culpar e a criticar muito mais as adolescentes pela responsabilidade da gravidez que seus parceiros, muitas vezes até mesmo colocando em dúvida a integridade moral dessas meninas.

*“A mãe dele também falou que, como eu ‘quengava’ com um e com outro, minha filha ia nascer colorida: cabeça de uma cor, braço de outra”. (moradora da comunidade de Sítio Grande, 26 anos)*

*“Minha sogra quando soube que eu estava grávida se assustou; ela é muito chata, ela não queria que eu ficasse grávida, disse que o filho dela era ‘goro’, não fazia filho não.” (moradora da comunidade de Dancing Days, 14 anos)*

*“A família dela quando soube da gravidez reagiu bem, a minha disse que o filho não era meu, aí saiu de casa e fui morar com ela.” (K., morador da comunidade de Dancing Days, 16 anos)*

Em alguns casos, foi também possível se observar que além dessas adolescentes terem de enfrentar as críticas e o desamparo dos próprios familiares, têm também de encarar o preconceito de muitas pessoas da comunidade.

*“Quando os moradores da comunidade souberam, começaram a me criticar e diziam que eu era muito nova e tinha engravidado de um ‘cabra safado’”. (moradora da comunidade de Sítio Grande, 26 anos)*

*“O que eu não gostava e continuo não gostando é dos comentários maldosos e a falta de compreensão das pessoas da comunidade. Eu não ligava e exibia a minha barriga com muito orgulho”. (moradora da comunidade de Dancing Days, 18 anos).*

Além do preconceito que envolvia as pessoas da comunidade, algumas vezes os próprios colegas de escola discriminavam as adolescentes que engravidavam. Conversamos com algumas pessoas que passaram por esse tipo de situação e percebemos que algumas adolescentes acabavam desistindo dos estudos para evitar esse tipo de constrangimento.

*“Estava fazendo a 5ª série, parei de estudar porque estava com vergonha; os outros ficavam dizendo: ‘bucho de melancia’. Mas pretendo voltar a estudar.” (P., moradora da comunidade de Dancing Days, 14 anos)*

*“Pra mim, ter uma filha na adolescência foi ruim, pois senti que minha adolescência foi embora, deixei de estudar porque tinha vergonha de sair de casa e tive que amadurecer cedo.” (moradora da comunidade de Sítio Grande)*

### SERVIÇO DE SAÚDE

Tanto em Sítio Grande como em Dancing Days, os postos de saúde não possuem muitos programas de assistência específica para adolescente grávida. O único programa que existe nasceu da iniciativa de algumas enfermeiras que formaram um grupo de apoio às adolescentes grávidas com o objetivo de informar e discutir questões como: o corpo, fecundação, desenvolvimento ultra-uterino, sexualidade da mulher grávida, importância do apoio dos pais, tipos de parto, planejamento familiar, cuidados com o recém-nascido e amamentação. É importante ressaltar que muitas adolescentes se interessam em participar desse grupo.

Entretanto, apesar de não haver muitos programas de acompanhamento específicos das adolescentes, houve algumas iniciativas realizadas principalmente pelo Posto de Dancing Days, que foram bastante destacadas. Uma de nossas entrevistadas nos descreveu alguns desses serviços:

*“Fiz meu pré-natal em dois lugares diferentes: no posto de saúde e na policlínica. Na policlínica, o atendimento era uma vez no mês e como eu sentia muito enjôo, muitas dores de cabeça, dores de dente e terríveis crises de vômito, senti necessidade de me consultar no posto de saúde que é próximo de casa, e a consulta era feita de 15 em 15 dias. Quando não me sentia bem ia ao posto, onde a enfermeira me explicava o que estava acontecendo comigo e falava o que eu deveria fazer.” (moradora Dancing Days, 18 anos)*

*“No posto também havia a pesagem do bebê (programa que beneficia mulheres grávidas dando leite em pó e uma lata de óleo), nas reuniões davam folhetos explicativos e quem fazia o pré-natal no último mês ganhava o enxoval doado pela Legião Assistencial de Recife (LAR). Recebi encaminhamento para fazer todos os exames, inclusive de HIV, passados pela doutora do posto de saúde, que passou também o exame citopatológico e de prevenção de câncer no colo do útero.” (moradora de Dancing Days, 18 anos)*

Além das consultas quinzenais de acompanhamento, das orientações, encaminhamentos e dos programas de assistência à gestante durante o pré-natal, foi também destacado o acompanhamento pós-parto prestado domiciliarmente, principalmente pela agente de saúde e a enfermeira do posto.

*“Depois de vir para casa, a agente do posto da comunidade vinha sempre na minha casa acompanhada pela enfermeira do posto de saúde para saber como eu estava e me receitou Rifocina e uma pomada para colocar nos pontos. Olhou os meus pontos e mandou eu ter mais cuidado com eles. Depois de cinco dias, ela veio me olhar novamente, porque eu sentia muitas dores nos pontos, foi quando ela viu que um deles estava inflamando e mandou eu ir*

*imediatamente à maternidade. Chegando lá fui atendida por outro médico que verificou que havia dois pontos inflamados (um interno e outro externo). Ele me passou um remédio e mandou continuar a usar Rifocina e um analgésico para as dores. (moradora da comunidade Dancing Days, 18 anos)*

Segundo informações levantadas no posto, desde a criação do Sistema Integrado de Saúde pré-natal (SIS), o encaminhamento para a maternidade não é mais feito a partir do posto. O SIS é uma espécie de carteira de identidade entregue à gestante ao realizar seu pré-natal. Essa carteira garante que a gestante possa ser atendida em qualquer maternidade na hora de dar à luz. Quando entra em trabalho de parto, há uma central de atendimento, o Disque Parto, para onde a gestante liga e reserva vaga na maternidade.

Apesar desse serviço, avaliado positivamente por muitas pessoas que entrevistamos, algumas adolescentes se queixaram que as maternidades não permitiam acompanhantes quando eram internadas para dar à luz.

*“Não tive direito a acompanhante, eu até chorei porque fiquei sozinha em um lugar estranho, e com minha vida e do meu bebê nas mãos de pessoas que pareciam não fazer por amor à profissão e sim por obrigação.” (moradora da comunidade de Dancing Days, 18 anos)*

*“A maternidade não ficava próxima de minha casa, mas fui bem atendida, o ruim foi que não tive direito a acompanhante e chorei muito, por minha mãe não poder ficar comigo” (moradora da comunidade de Sítio Grande, 26 anos)*

*“Quando estava para ter o bebê, liguei para o Disque Parto para conseguir uma vaga na maternidade. Consegui no Hospital Oscar Coutinho. Ao chegar no hospital (maternidade) meu esposo e minha mãe não puderam ficar comigo. Na recepção foi dito a eles que qualquer informação o hospital daria. Eu fiquei sem acompanhante, não permitiram que ninguém ficasse comigo. Meu marido quis me tirar do hospital e me levar para outro, que permitisse acompanhante, só que não deixaram, pois estava em trabalho de parto.” (moradora da comunidade de Dancing Days, 19 anos)*

*“Não fiquei com acompanhante, pois o Hospital do Estado não permitia, mas fui bem atendida.” (moradora da comunidade de Sítio Grande)*

Mesmo estando garantido no Estatuto da Criança e do Adolescente, em seu art. 12, que os estabelecimentos de atendimento a sua saúde devem proporcionar condições para permanência, em tempo integral, de um dos pais ou responsáveis quando há internamento da criança ou do adolescente, isto

nem sempre foi respeitado pelos serviços de saúde a que as adolescentes das comunidades tiveram acesso.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da observação realizada, pudemos perceber que a desinformação e o grande preconceito com relação a temas da vida sexual das adolescentes das comunidades de Sítio Grande e Dancing Days prejudicam bastante a saúde de muitas moradoras. A maior parte das adolescentes se expõem a riscos desnecessários ou passam por grandes constrangimentos, seja por não conhecerem medidas eficazes de proteção e prevenção, seja por serem alvo de intimidação e preconceito.

Nesse sentido, tão importante quanto se manter e aprimorar

o atendimento às adolescentes gestantes, é também necessário que os serviços de saúde desenvolvam projetos mais eficazes para se discutir a gravidez na adolescência em todos os sentidos apontados aqui. Para que tudo isso produza efeitos mais concretos, é importante que se superem certos preconceitos sobre a vida sexual das adolescentes ainda muito marcantes, mesmo entre os profissionais de saúde. O tratamento desse tema não pode se restringir em apenas indicar que a gravidez deva ser evitada, é preciso que se discutam, com mais profundidade e respeito, quais são as intenções e as expectativas tanto daquelas adolescentes que estão grávidas como das que não passaram por essa experiência. Mais informadas e com mais espaço para debater, certamente essas jovens poderão optar por comportamentos mais saudáveis.

## GRAVIDEZ ADOLESCENTE: A QUESTÃO SOCIAL E A EXCLUSÃO

*A Gravidez na Adolescência, no Brasil é uma questão bastante ampla e de pouco estudo, tanto na teoria como na prática.*

*Hoje, no país<sup>1</sup>, 1.000.000 (um milhão) de jovens na faixa etária de 12 a 18 anos ficam grávidas, num universo de 15 milhões de jovens (meninas), de acordo com os dados do IBGE (1998). Em termos nacionais, o Nordeste brasileiro<sup>2</sup> é responsável por 27,67 % dos casos<sup>3</sup>. O restante do país tende a diminuir, mostrando uma correlação importante com o desenvolvimento econômico e o nível de escolaridade. A escolaridade e o fator econômico mostram os seus significados no processo de construção da cidadania.*

*Dados do IBGE evidenciam que 54% de adolescentes sem escolaridade - caindo para apenas 6,4% em adolescentes com 9 anos ou mais de escolaridade - já ficaram grávidas, o que reforça a ligação entre o nível de escolaridade e a gravidez: visto que a educação implica em conhecimento que é a fonte de desenvolvimento do ser humano. O que podemos perceber na pesquisa desenvolvida nestas duas comunidades de Sítio Grande e Dancing Days.*

*No caso do Brasil, país de analfabetos (as) e de história de fracassos e altas evasões, os aspectos ligados à gravidez na adolescência só tendem a se acentuar, forçando as mulheres jovens a assumir abruptamente papéis da vida adulta relacionados à constituição de família; e sem o desenvolvimento emocional necessário.*

*A pobreza, a pouca escolaridade, somados as inquietações e descobertas próprias da fase da adolescência são aspectos consideráveis no estudo do número significativos de casos de gravidez na adolescência. Os estudos apontam que os casos são expressivos no universo das adolescentes em condições sócio-econômicas baixa, aliada ao fato de que, nas comunidades populares, faltam melhores condições de vida e, com isto, faltam outros projetos, levam os/as adolescentes a uma gravidez, capaz de criar um presente e um futuro para as mesmas. Em muitos casos, a "barriga apareceu" como o único projeto de vida viável para as mesmas, pois lhes falta quase tudo: relações familiares estáveis, educação, saúde, moradia, lazer, alimentação, etc.*

*Este fato é reforçado no depoimento de uma enfermeira do Posto de Saúde de Sítio Grande, a mesma colocou: a gravidez na adolescência se dá pelo fato das adolescentes buscarem um objeto de amor, por serem carentes, não terem aspirações para o futuro...etc. Mostra um modelo social existente em que a cultura destaca gravidez, vínculo mãe-filho como momentos específicos da mulher.*

*Portanto, além, do contexto de pobreza, em que se encontram as adolescentes de Sítio Grande e Dancing Days, uma maior exclusão – simbólica - dá-se sobre as mulheres, porque, no imaginário social brasileiro ocorre relações que implicam uma constante desigualdade entre o feminino e o masculino, segmentando os papéis.*

<sup>1</sup> O Brasil ocupa na faixa etária dos 15 a 19 anos, o 24-º lugar (vigésimo quarto) no mundo.

<sup>2</sup> Pernambuco, segundo o Ministério da Saúde, é o 15-º (décimo quinto) Estado brasileiro em número de Gravidez na Adolescência em relação aos 26 Estados e ao Distrito Federal (Projeto Aprendiz / universo On line, 1998).

<sup>3</sup> Ficando em terceira posição depois do norte com 33,13 % e do centro oeste com 29,91 %.



*Diante de tal quadro, é muito fácil a jovem não pensar em contraceptivos, escola e/ou trabalho, entregando-se ao discurso machista da função materna que, uma vez internalizado, passa a fazer parte de seu cotidiano. Falta-lhes acesso a outros projetos de vida, diante da ausência de políticas sociais voltadas para este universo social.*

*Em outra direção, percebemos também em Sítio Grande e Dancing Days, o que já ocorre no país de modo geral, isto é, o uso de métodos contraceptivos, ainda, não é uma prática comum de utilização, os anticoncepcionais não são utilizados de forma sistemática - Carranza<sup>4</sup> (1994) expressa que na faixa etária de 15 a 19 anos, apenas 7,7% utilizam -, decorrente muitas vezes da falta de um trabalho voltado a cultura preventiva, da falta de um relacionamento sistemático que ocorre só esporadicamente, sem planejamento, falta de educação sexual, medo de ser descoberta e até mesmo de assumir-se como sexualmente ativa.*

*O que nos leva a concluir que um relacionamento, quando vivido escondido e reprimido, gera um sentimento de culpa, o que inconscientemente leva as adolescentes a uma gravidez, como uma forma de compensação à culpa sentida. Sendo assim, elas são supostamente “punidas” pela família, sociedade, amigos, etc. diante da rejeição, o que resulta na “redenção”.*

*Diante disso, as adolescentes ficam perdidas e à mercê de atitudes impensadas, acarretando problemas ao longo da sua vida. Assumir um compromisso indesejado e não planejado não trará uma boa relação para as/os jovens que assumem um relacionamento, muito pelo contrário, esse será fragmentado e sofrerá ruptura mais fácil diante de qualquer conflito.*

*Por outro lado, os rapazes estão sempre à margem do processo de contracepção e da gravidez, com nos mostrou o trabalho em Sítio Grande e Dancing Days. Os rapazes eximem-se de toda e qualquer responsabilidade porque a sociedade machista prega que eles têm todos os direitos (e não deveres) perante a vida, embora existam rapazes que se preocupam com a namorada e colocam como importante o uso da camisinha e/ou outros métodos.*

*Diante disto, notamos que, na prática, uma ação voltada para a saúde reprodutiva dos adolescentes só começa a partir de 1997 com alguma mobilização, no âmbito federal, por meio do Ministério da Saúde. No entanto, esse tipo de ação não tem alcançado resultados satisfatórios por falta de características educativas e de promoção de políticas sociais voltadas para essa faixa etária. Portanto, a saúde reprodutiva em relação a adolescentes grávidas perpetua uma concepção negativa e moralista.*

*O próprio Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA<sup>5</sup>, é tímido (genérico) com relação aos direitos reprodutivos e sexuais – embora conte com cinco artigos: 3º, 5º, 15º, 17º e 18º -, sobretudo se considerada a importância que a vida sexual adquire com o advento da adolescência e as implicações que este período da vida tem sobre a idade.*

*Por fim diríamos que, para viabilizar uma ação mais integrada em torno da saúde reprodutiva na adolescência, torna-se importante pensar e repensar a adolescência em seu contexto sociocultural, possibilitando uma nova leitura e re-leitura da mesma, não prevalecendo as concepções técnicas e dos “adultos” e sim, o contexto de vida no qual estão inseridas as adolescentes, para que possam vislumbrar uma vida mais justa, humana, solidária, afetiva e social. As jovens devem poder entender o que é a verdadeira cidadania<sup>6</sup> com o apoio da família, sociedade e escola.*

*A participação da construção social proporciona ao indivíduo o fato de ser sujeito da sua referência de vida. **O sujeito** transforma e é transformado em seu processo histórico.*

*Repensar a Gravidez na Adolescência do ponto de vista adolescente, diante da vivência de sua sexualidade, é fundamental, pois só eles/elas podem falar o que pensam, sentem e entendem, e, a partir disso pode-se desenvolver ações públicas que tenham eficácia junto aos/as adolescentes. Por outro lado, o único caminho para atingir tal proposta é desenvolver projetos, pesquisas e programas junto aos/às mesmas. Tendo como foco: **O pensamento, a fala e a compreensão da gravidez adolescente pelos (as) próprios (as) adolescentes.** Dessa maneira, podemos verificar como esse grupo reage às formas de integrações sociais e superações no contexto da Gravidez Adolescente.*

Walfrido Menezes

Professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru/PE

<sup>4</sup> Extraído do livro: Mulher Brasileira é Assim, organização de Heleieth Saffioti e Monicas Muñoz-Vargas, em 1994.

<sup>5</sup> Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, lei n. 8.069, de 13 de junho de 1990.

<sup>6</sup> Por cidadania utilizo o conceito de Dimenstein (1998, p.24) em que “Todos os homens nascem livres e iguais em dignidade e Direitos”.




PARTE II

# INTERIOR DE PERNAMBUCO

PERNAMBUCO

ALAGOINHA • ARCOVERDE • PESQUEIRA



## AGRADECIMENTOS

Ao Dr. Daniel Cunha (presidente do MOFAC), ao Prof. João Estevão da Silva (Diretor Executivo do MOFAC) e, em especial, à Michelle Jully Holanda Batista do Escritório Central do MOFAC.

À Maria das Dores Cordeiro Estevão (Dorinha), Maria Sueli Bezerra, Maria Helena Alves e Maria do Livramento Sales, Coordenadoras das Unidades de Trabalho do MOFAC em Alagoinha, Pesqueira e Arcoverde, respectivamente.

Ao José Carlos Lopes da Silva, líder da Comunidade de Castaíinho, Garanhuns/PE.

Às lideranças indígenas dos Povos Xucurus de Cimbres e do Ororubá em Pesqueira/PE.

Aos líderes do MST em Pernambuco e em especial as lideranças do Assentamento de Pedra Vermelha em Arcoverde/PE.

A toda diretoria do MOFAC e as Equipes de Trabalho do Escritório Central e de cada Unidade de Trabalho, pelo apoio e entusiasmo que creditaram aos jovens.

# Indicadores Gerais – Interior de Pernambuco

## PESQUEIRA

População:	<b>57.721 habitantes</b>
Área:	<b>1.032 Km²</b>
População até 18 anos:	<b>24.071</b>
Taxa de alfabetização:	<b>69,50</b>
Hospitais:	<b>2</b>
Leitos hospitalares:	<b>164</b>
Salário Médio (Salário/Pessoal Ocupado Assalariado) nas unidades locais:	<b>272,87</b>
Empresas com CNPJ:	<b>699</b>
Taxa de desemprego:	<b>não disponível</b>
Taxa de homicídios por 100.000 habitantes:	<b>34 (Datasus, 1999)</b>
Taxa de homicídios para jovens de 15 a 24 anos:	<b>não disponível</b>
Taxa de homicídios para jovens de 15 a 24 anos/ Sexo Feminino:	<b>não disponível</b>
Taxa de homicídios para jovens de 15 a 24 anos/ Sexo Masculino:	<b>não disponível</b>

Fonte: IBGE

## ARCOVERDE

População:	<b>61.600 habitantes</b>
Área:	<b>379 Km²</b>
População até 18 anos:	<b>26.079</b>
Taxa de alfabetização:	<b>77,00</b>
Hospitais:	<b>2</b>
Leitos hospitalares:	<b>289</b>
Salário Médio (Salário/Pessoal Ocupado Assalariado) nas unidades locais:	<b>248,18</b>
Empresas com CNPJ:	<b>1.195</b>
Taxa de desemprego:	<b>não disponível</b>
Taxa de homicídios por 100.000 habitantes:	<b>30 (Datasus, 1999)</b>
Taxa de homicídios para jovens de 15 a 24 anos:	<b>não disponível</b>
Taxa de homicídios para jovens de 15 a 24 anos/ Sexo Feminino:	<b>não disponível</b>
Taxa de homicídios para jovens de 15 a 24 anos/ Sexo Masculino:	<b>não disponível</b>

Fonte: IBGE





## ALAGOINHA

População:	<b>12.535 habitantes</b>
Área:	<b>179 Km²</b>
População até 18 anos:	<b>5287</b>
Taxa de alfabetização:	<b>67,60</b>
Hospitais:	<b>0</b>
Leitos hospitalares:	<b>0</b>
Salário Médio (Salário/Pessoal Ocupado Assalariado) nas unidades locais:	<b>134,55</b>
Empresas com CNPJ:	<b>82</b>
Taxa de desemprego:	<b>não disponível</b>
Taxa de homicídios por 100.000 habitantes:	<b>23 (Datasus, 1999)</b>
Taxa de homicídios para jovens de 15 a 24 anos:	<b>não disponível</b>
Taxa de homicídios para jovens de 15 a 24 anos/ Sexo Feminino:	<b>não disponível</b>
Taxa de homicídios para jovens de 15 a 24 anos/ Sexo Masculino:	<b>não disponível</b>

Fonte: IBGE

# Movimento Fraterno de Ação Comunitária – MOFAC

O Movimento Fraterno de Ação Comunitária (MOFAC) foi fundado em 1970 no município de Pesqueira- PE. Um dos trabalhos realizados pela entidade consiste em atender, diariamente, cerca de 800 crianças e adolescentes em cinco unidades de trabalho, sendo elas quatro Centros de Formação da Criança e do Adolescente e o Projeto Arcocenter. Essas unidades oferecem: esporte, lazer, dança, música, cursos profissionalizantes e de requalificação para o trabalho, cursos de pintura, serigrafia, informática e agropecuária, além de complementação escolar e atendimento berçário para cerca de 20 crianças da periferia de Arcover-PE.

Além do trabalho desenvolvido com as famílias na área de cidadania e direitos humanos, o MOFAC vem desenvolvendo projetos na área comunitária em parceria com a Secretaria de Estado de Assistência Social (SEAS) e com o Centro Nacional de Formação Comunitária (CENAFOCO). Através dessa parceria, foi realizado um trabalho com lideranças comunitárias de 67 municípios do interior pernambucano.

O impacto social da atuação do MOFAC é visível a partir da participação dos jovens, dos pais e da comunidade em geral em suas comunidades, o que evoca a garantia dos direitos humanos como reflexo das atividades cotidianas realizadas no interior do MOFAC.

Nesse projeto, o MOFAC aprofundou a concepção dos direitos humanos, enquanto relações mais amplas, com a execução de políticas públicas voltadas para as áreas de sua atuação, fortalecendo suas ações, articulando a sociedade civil e o poder público na implementação das políticas públicas.

Quanto aos jovens, o projeto proporcionou uma visão mais ampla sobre os direitos humanos, através do desenvolvimento da capacidade de conhecer e reconhecer situações em que ocorram violações de direitos humanos. Ao mesmo tempo, os jovens passaram a reconhecer práticas positivas, voltadas para promoção dos direitos. Isso permite um aumento da participação dos mesmos numa discussão que busque soluções e superação para o que antes parecia insuperável, tendo os direitos humanos como uma perspectiva.





PERNAMBUCO

# ALAGOINHA



# Quem Somos?

## EMANUELA LEAL

Meu nome é Emanuela Ferreira Leal, nasci no dia 03 de dezembro de 1983, em Alagoinha/PE. Sou filha de Maria de Fátima Leal e José Jadinho Ferreira, ambos nascidos também em Alagoinha. Meu pai é analfabeto e minha mãe estudou até os 12 anos de idade, quando, por pura fatalidade, começou perder a visão devido a uma doença chamada de retinoze congênita, que não tem cura.

Meu pai, por ser viciado em jogos, destruiu nossa família. Vendia os móveis de casa, gastava tudo o que ganhava para jogar e chegava até a pedir, falando que passávamos fome. Com isso, não tive uma infância como todas as crianças, com brinquedos e uma família feliz. Ao contrário, as diversas separações de meus pais acabaram tornando a casa do meu avô, praticamente, meu lar e de minhas duas irmãs. Quando minha mãe separou-se do meu pai, minha irmã mais nova, Fabiana, tinha 3 anos de idade, eu, 4 anos, e a mais velha, Nadia, 6 anos de idade. Meu pai, irresponsável como sempre, vendeu a casa que era registrada no meu nome e das minhas irmãs. Minha mãe, entrou com um processo, mas no fim do jogo... perdemos.

Hoje, minha irmã mais nova tem 17 anos de idade, eu tenho 18 anos e a mais velha está com 21 anos, é casada e tem um filho. Meu pai mora com a minha avó e ainda não perdeu o vício de jogar. Minha mãe é aposentada por invalidez e professora de Educação Especial (DV- Deficientes visuais). Ela casou-se novamente e, apesar de ter apenas 5% de visão, é uma mulher lutadora, pois apesar de tudo, ultrapassou todas as barreiras usando-as como degraus para subir sempre. Ela nos ensinou a amar as pessoas pela sua interioridade, porque tem três filhas e um neto e não conhece a fisionomia de nenhum. Graças ao convívio com a minha mãe, sei ler e escrever em Braille e

vejo a vida de outras maneiras.

Talvez, pela necessidade especial da minha mãe, comecei enfrentar a vida muito nova e, desde os 12 anos, sempre tive responsabilidades. Terminei o 2º grau em 1999, cursando Magistério na Escola Estadual Gonçalo Antunes Bezerra. Em 2001, iniciei um curso de inglês que eu pagava prestando serviços de secretária. Apesar de não gostar de inglês, dei o máximo de mim, pois a língua inglesa é essencial para o avanço tecnológico que estamos vivendo, mas, infelizmente, a escola não progrediu por falta de alunos. Em 2001, fiz um curso empresarial oferecido pelo SEBRAE.

Apesar de Alagoinha não oferecer muitos empregos, com minha formação em magistério substituí professores em várias escolas e dei aulas de reforço à várias crianças da minha comunidade. Além disso, bordo, costuro, faço penteados e alguns trabalhos artísticos como caixas para presentes, cartazes, desenhos e lembrancinhas. Também danço e monto coreografias para abertura de desfiles, bailes etc.

Sou uma pessoa alegre e adoro fazer amizades. Nas horas vagas, gosto de ler, estudar e sair para passear. Frequento bailes, danceterias, clubes e reuniões entre amigos. Sobre tudo, amo a vida e acredito que tudo é possível. Sou solteira, não tenho namorado, mas estou apaixonada.

A rede está mudando a minha vida e espero que a de todos os observadores, pois conhecimento nunca é demais, especialmente quando o adquirimos por livre e espontânea vontade. Hoje, agradeço a Deus por está neste projeto e por trocar experiências com outros jovens, pois juntos temos caminhos a trilhar, um ideal a conquistar.

## MARIA AUXILIADORA DOS SANTOS

Sou Maria Auxiliadora dos Santos, tenho 18 anos de idade e nasci no dia 11 de fevereiro de 1984 em Venturosa/PE. Sou filha única e minha mãe chama-se Maria José de Andrade. Ela tem 42 anos e estudou até a 4ª série no sítio onde morava que fica próximo a Capoeiras. Meu pai é Cícero João dos Santos, tem 45 anos de idade, morava no sítio Mucambo, também em Capoeiras, e só sabe assinar o nome. Ele tem oito irmãos.

Depois de cinco anos de namoro, meus pais casaram-se e tiveram cinco filhos, mas quatro morreram, pois minha mãe tinha problemas de saúde. Fui a terceira filha e quando tinha 8 meses comecei a falar e com 1 ano e 4 meses de idade, a andar.

Quando minha família veio morar em Alagoinha, meu avô estava criando uma neta que recebeu o sobrenome da minha avó e, por isso eu a considero como uma irmã. O nome dela é Marluce Santos de Andrade, tem 26 anos, mora no Recife onde

trabalha e estuda a 1ª série, porque quando pequena teve problemas de saúde que a impediram de estudar.

Minha infância foi boa, me diverti muito, brinquei de casinha, pulava corda e outras brincadeiras. Hoje, estou cursando o 3º Normal Médio na Escola Gonçalo Antunes Bezerra e já participei de uma associação não governamental que oferece condições de vida mais digna às crianças e adolescentes da comunidade. A associação oferece cursos profissionalizantes como informática, serigrafia, entre outros. Também tem áreas de lazer e esporte, que proporcionam às crianças uma infância melhor. Estudei na associação pouco mais de 6 anos e aprendi muitas coisas que certamente servirão para a minha vida.

Nunca tive um emprego fixo, apenas dei aulas de reforço em casa durante 7 meses e o trabalho que estou desenvolvendo atualmente é na Rede de Observatórios, que está sendo gra-





tificante, porque estou fazendo amizades novas e conhecendo melhor meus direitos e a minha comunidade.

Moro em um bairro simples e calmo que tem uma praça onde me sento para conversar com minhas amigas nos finais de semana. Minha casa fica bem em frente à praça, perto tem grandes lajedos com lagoas naturais que, de certa forma, fazem parte do turismo de Alagoinha, apesar de não serem bem

conservadas. Quanto à infra-estrutura, não tenho do que reclamar, a não ser da falta de faculdades: a mais próxima fica a uma hora de viagem e é particular, já a faculdade federal, fica a quatro horas, em Recife.

Quando terminar meus estudos pretendo fazer contabilidade, pois meu maior sonho é ser bancária.

## MARIA DE NAZARÉ DA SILVA

Sou Maria de Nazaré da Silva, tenho 21 anos e nasci no dia 8 de janeiro de 1981, na cidade de Pesqueira/PE. Estudei até concluir o curso do magistério no ano de 2001 na escola Estadual Gonçalo Antunes Bezerra. Sempre gostei muito de estudar, pois na escola vejo um futuro para mim. Não tenho experiência profissional, somente fui professora substituta no primário, algumas vezes. Hoje, estou trabalhando em dois projetos, um dos projetos é a Alfabetização Solidária, e o outro, a Rede de Observatórios de Direitos Humanos e tenho certeza que a partir desses projetos vou adquirir muita experiência.

Minha mãe, Zuraide Cirino da Silva, nasceu em Alagoinha/PE. Sabe ler e escrever, estudou até a 4ª série e ocupa-se diariamente com seus bordados. Meu pai, José Maria da Silva, nasceu em Pesqueira, só sabe assinar o nome e, por conta disso,

não tem uma profissão certa. Ele trabalhava com explosivos, até que, certo dia, sofreu um acidente no qual perdeu uma mão e um olho. Depois disso, ele aposentou-se. Esse acidente marcou muito a nossa família.

Tenho cinco irmãos. A mais velha, Maria José, é casada, tem um filho e mora em Brasília/DF. Adão José, tem 19 anos, só estudou até a 4ª série e trabalha com topografia e já vai ser pai, mas ainda mora com meus pais e é solteiro. Tatiana, tem 16 anos e estuda a 7ª série. Taciana que tem 13 anos, estuda a 6ª série e o caçula, Hugo Wesley, tem apenas 4 anos de idade.

No meu tempo livre, procuro ficar com minha família, amigas e meu namorado. Gosto muito de me divertir, ir a festas, ver TV, ouvir música. O meu bairro é bom, calmo e agradável.

## ERALDA TEREZA GALINDO

Meu nome é Eralda Tereza Galindo, nasci no dia primeiro de agosto de 1980, tenho 21 anos e sou natural de Pedra-PE. Sou formada em Magistério e estudo no segundo ano do científico. Gosto muito de minha escola, pois há professores capacitados. Estudei em Recife, em 2000, e fiz curso de informática.

Em 2000, trabalhei em uma clínica odontológica, em Recife, como recepcionista. Em 2001, trabalhei por contrato na Escola Gonçalo Antunes Bezerra, como professora primária. Trabalhei dois meses com deficientes mentais e durante quatro meses dei aulas para a 4ª série. Gosto de ensinar, pois me dedico muito a meus alunos.

Minha mãe, Tereza Barbosa Galindo, é natural de Garanhuns-PE. É analfabeta, não teve o direito de estudar, pois sua mãe faleceu quando ela tinha apenas seis meses de nascida e seu pai morreu logo depois. Meu pai, Francisco João Galindo, nasceu em Alagoinha-PE, morreu quando eu tinha nove anos de idade. Sabia escrever seu nome, fazer algumas contas e lia pouco. Era pedreiro. Minha mãe casou-se novamente e seu marido é muito bom com ela, comigo e com minha sobrinha.

Eu tenho três irmãos: Erasmo, 35 anos, Eraldo, 34 anos e Hermano, 25 anos, todos casados. São ajudados pela minha mãe, pois Alagoinha não é uma cidade desenvolvida e não tem trabalho a oferecer. Vivemos da aposentadoria de minha mãe e de meu padrasto.

Estudei por um bom tempo no Centro de Formação Frei Jerônimo Clémen, onde aprendi a bordar e dançar, como também, respeitar as pessoas e tratá-las com carinho.

Nas minhas horas livres, eu gosto de dançar, ouvir pagode, axé e música internacional. Nos domingos, vou à missa para agradecer a Deus por tudo que tenho. Gosto de fazer novas amizades e de conhecer lugares diferentes. Nos finais de semana, reúno-me na praça para conversar com minhas amigas. Adoro assistir novelas mexicanas, pois me emociono muito.

Moro com minha mãe, meu padrasto e minha sobrinha Raquel. O que eu gosto no meu bairro é de uma praça que tem em frente à minha casa, onde as crianças ficam brincando e sorrindo. Eu vivo o hoje como se não existisse o amanhã. Trato as pessoas com carinho, porque pode ser a última vez que estou com elas.

## MARTA FERREIRA DE LIMA

Meu nome é Marta Ferreira de Lima, tenho 19 anos e nasci na cidade de Pesqueira-PE, no dia 21 de novembro de 1982.

Estudo no 3º ano do curso normal médio da Escola Estadual Gonçalo Antunes Bezerra, de que gosto muito, porque os educadores são pessoas competentes e querem o melhor para nós. No ano de 1997, comecei a fazer um curso de informática, do qual eu gostava muito. Fiquei triste por não conseguir chegar até o final, devido a problemas financeiros, pois, no mundo em que vivemos, a informática é indispensável para a formação profissional. Fiz também um curso de dança na Associação Cultural-Assocupe, que valoriza muito a cultura pernambucana, em 1998.

No momento, faço bordados e rendas. Em 1999, trabalhei como doméstica, durante 8 meses. Nunca ajudei em casa, porque o que eu ganhava não dava para suprir nem as minhas necessidades.

Na cidade onde eu moro, as chances e oportunidades de trabalho são poucas. A experiência que estou vivenciando na Rede de Observatório dos Direitos Humanos está sendo muito proveitosa para mim, pois estou enxergando coisas que acontecem na comunidade e estou me desenvolvendo intelectualmente.

Meu pai, Pedro Maurício de Lima, tem 43 anos e nasceu no Sítio Santa Rosa, em Alagoinha. Minha mãe, Diana Maria Ferreira de Lima, faleceu no ano de 1983. Segundo meu pai, era uma pessoa dependente, alcoólatra, que trocou sua família pelo álcool e pela prostituição. Morava na cidade de Pesqueira. Nunca a discriminei pelo que ela era, muito menos pelo que fez com sua família, inclusive comigo. Senti muita falta dela na adolescência e até hoje. O que mais queria na vida é que ela não tivesse morrido, para eu poder chamá-la de mãe e receber dela

um carinho especial, pois, independentemente do que era e fazia, era minha mãe.

Meus pais nunca foram à escola. Meu pai argumenta que sua maior vontade era chegar no local de trabalho e saber, ao menos, assinar seu nome com mais certeza e segurança; ele só sabe assinar porque eu o ensinei. Ele é agricultor, não tem trabalho fixo e, atualmente, está desempregado. Sua infância foi muito rigorosa, seus pais diziam que dentro de casa não morava vagabundo. Hoje, ele me dá todo apoio para que eu estude e não tenha a mesma experiência que ele. Somos pessoas simples.

Meu único irmão tem 21 anos e, desde os 15, trabalha em olarias, na roça, corta pedras e já foi ajudante de pedreiro. Sempre ajudou nas despesas de casa. Eu e ele fizemos parte do MOFAC no período de 1989 a 2001. Faço parte do Projeto Círculo, há 6 meses.

Jogo futsal, gosto de dançar músicas que valorizam a nossa cultura: frevo, maracatu, samba-de-coco, bumba-meu-boi etc. Nos finais de semana, leio romances (o último que li foi *Amor de Perdição*), vou à praça central, discoteca e piscina, além de sempre rever o assunto da escola com meu irmão. Também frequento a Igreja Católica e leio a Bíblia.

No meu bairro há um esgoto que transborda quando chove. Também, tem uma lagoa que está muito suja e as crianças das outras ruas tomam banho nela, correndo o risco de pegar doenças. Gosto do Ginásio Poliesportivo porque encaminha os jovens ao esporte e ao lazer, da Cohab, que abriga as famílias que moravam na favela, e, por fim, o MOFAC, que dá oportunidade de um futuro melhor aos jovens.

## Onde Estamos?

Foi nas últimas décadas do século XVIII que João Antunes Bezerra comprou de uns portugueses residentes no Brejo da Madre de Deus a propriedade **ALAGOINHA**, que fazia parte de terrenos de sesmarias a eles pertencentes. O nome Alagoinha vem da grande quantidade de pequenos tanques, poços, caldeirões e lagoas, disseminados sobre os vastos lajedos, as muitas rochas que existem por toda a cidade.

Em 1804, Gonçalo Antunes Bezerra comprou toda a propriedade do seu irmão, fundando a povoação. Em 1805, construiu a primeira casa que, ainda hoje, está de pé, situada próxima à nova e bela igreja, um dos mais justos orgulhos dos filhos da terra.

Construída a casa, Gonçalo Antunes mudou-se para o local com sua família, alguns escravos e vários parentes e amigos, lançando, assim, as bases de fundação da florescente vila. Pelo ano de 1826, Gonçalo organizou em sua casa um quarto para orações, onde a família e os vizinhos rezavam suas novenas e onde, de tempos em tempos, um padre celebrava missa e fazia batizados e casamentos. Foi nessa época que chegou a imagem de Nossa Senhora da Conceição, que está colocada no alto da torre da igreja.

Em 1833, Alagoinha, com a denominação de Boqueirão, era distrito de Cimbres. O município de Alagoinha foi criado pela Lei no. 420, de 31 de Dezembro de 1948, incluindo o território do distrito de

mesmo nome e parte do distrito de Salobro, desmembrado do município de Pesqueira. Administrativamente, o município é formado pela sede, pelo distrito de Perpétuo Socorro e pelos povoados de Jenipapinho, Laje Grande e Alverne.

No centro, as ruas são calçadas, mas na periferia só algumas possuem calçamento. As casas são de alvenaria, têm luz elétrica e água encanada, a coleta de lixo é feita periodicamente, no entanto, a rede de esgotos é precária. Em certo ponto da cidade, as águas das casas correm sem nenhum tratamento para uma lagoa que, quando transborda, polui outra lagoa que serve para consumo doméstico e abastecimento particular.

Não há organização social, além do MOFAC (Movimento Fraternal de Ação Comunitária), que organize o povo na luta por uma vida melhor.

A comunidade tem telefones públicos, residenciais e um posto telefônico particular.

Quanto à segurança, o posto policial militar faz rondas restritas, havendo casos de abuso de poder e negligência. Por isso, a população acaba sendo obrigada a pagar guardas particulares. Apesar disso, a polícia colabora, algumas vezes, na prestação de socorro a pessoas da comunidade. Está em funcionamento o Fórum Dr. José Vital Bezerra Galindo.

Existe apenas um sindicato, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, que restringe sua atuação à distribuição de sementes no início do ano e na preparação de papéis para aposentadoria, benefícios e gestantes..

Há escolas públicas e particulares. A Escola Estadual Gonçalo Antunes Bezerra atende aos alunos de 5ª à 8ª série, ensino médio e supletivo 2º grau; só no curso supletivo há insuficiência de vagas. As escolas municipais na zona rural e urbana oferecem ensino infantil, ensino fundamental até a 4ª série e supletivo 1º grau. O Projeto Alfabetização Solidária funciona com três turmas na cidade e o projeto EJA (Educação de Jovens e Adultos) foi recentemente implantado.

Alagoinha não dispõe de hospitais e a maternidade, embora tenha equipamentos, não atende à demanda. Há dois postos médicos, o posto comunitário e posto de saúde da família. O posto comunitário tem clínico geral, ginecologista, pediatra, enfermeiros e dentistas, mas o atendimento não é dos melhores. Para marcar consulta, é necessário madrugar na porta do posto. No posto de saúde da família as pessoas são tratadas com atenção e respeito. Há clínicos gerais e enfermeiras que fazem palestras nas escolas, orientando os jovens a respeito de sexo, drogas e DST's.

O seguimento religioso predominante é o Catolicismo, apesar da existência de várias igrejas evangélicas.

O carnaval de nossa cidade é uma festa para todas as classes, que se divertem nas ruas e salões. Os blocos carnavalescos passam nas ruas, há bicas d'água (chuveiros improvisados em praça pública) e bandas musicais.

Na Semana Santa, comemora-se a Ressurreição de Cristo com rezas, novenas e a apresentação da Paixão de Cristo por um grupo artístico local. No São João, todo ano faz-se um palhoção (grande casa improvisada na praça e coberta de palha, onde as pessoas dançam forró no período junino) com muitos enfeites artesanais produzidos pelas pessoas da cidade. Durante as festas, tem o casamento matuto, onde um casal desfila em uma carroça de burro acompanhado pelos personagens padre, juiz, padrinhos e convidados, todos com trajes típicos da roça. As quadrilhas são realizadas nas ruas, com acompanhamento de bandas de forró. Instalam-se barraquinhas com comidas tradicionais, como canjica, pamonha, milho etc. A cidade recebe visitantes de várias localidades e o comércio tem um certo aquecimento.

Nas pegadas-de-boi (vaquejadas, rodeios) têm barracas, bandas de forró e rimadores. São realizadas nos sítios e povoados vizinhos por homens de nossa cidade e, até mesmo, de fora, com suas vestimentas e botas de couro. No Natal, é apresentado o pastoril, ou seja, um folgueto dramático e popular, apresentado por crianças e jovens da comunidade, sobre um tablado, ao ar livre. Várias bandas e orquestras também se apresentam. Há parque de diversões, bingos.

Em Alagoinha, temos de tudo um pouco: músicos, pintores, artesãos, escultores, poetas, escritores, desenhistas.

Os pontos em que os jovens se divertem mais são um bar-danceteria que está localizado na praça principal e um clube piscina. Em Alagoinha não existe cinema, teatro, livrarias; temos uma biblioteca municipal e outra na escola estadual. Em 2000, foi inaugurada a quadra poliesportiva, onde adolescentes e adultos praticam esportes.

A fonte de renda dos alagoinhenses é a aposentadoria. O comércio é de pequeno porte. Algumas mulheres trabalham fazendo rendas e bordados. Muitos jovens vão para o sul e sudeste do país, em busca de melhores oportunidades, e outros ficam por aqui, sobrevivendo de biscates na região.

## CENTRO DE FORMAÇÃO FREI JERÔNIMO CLEMEN

*O Centro de Formação da Criança e do Adolescente Frei Jerônimo Clemem surgiu na década de 80 devido a necessidade de atender crianças e adolescentes empobrecidos, vítimas das constantes secas que assolavam esta região. A entidade está localizada na cidade de Alagoinha/PE.*

*Atualmente, a entidade atende 135 crianças, adolescentes e jovens, proporcionando formação através de reforço escolar, aulas de cidadania, programas culturais, programas de esporte e lazer, aulas de profissionalização através de cursos de serigrafia, informática, pintura, desenho artístico e publicitário, com o objetivo de preparar os jovens para inserção no mercado de trabalho.*

*Nosso trabalho atende crianças e jovens por acreditarmos que, a partir da formação recebida, essas gerações mudarão a realidade social em que vivem. Por isso, apesar de termos avanços significativos em relação aos jovens que por aqui tem passado, temos muito ainda a fazer com relação aos direitos humanos, que nem sempre são respeitados no município, assim como a falta de planejamento e execução de políticos públicos, o que acaba causando e aprofundando tantas exclusões.*

*Por isso, acreditamos que o projeto "Rede de Observatórios de Direitos Humanos" reforçou e redirecionou todo o trabalho que já vínhamos realizando com os jovens, além de possibilitar aos mesmos serem os protagonistas do debate dos direitos humanos, a partir da efetivação de políticas públicas que melhorem a qualidade de vida da população, aqui em Alagoinha, e que promova os Direitos Humanos.*

**Maria das Dores Cordeiro Estevão**  
Coordenadora do Centro de Formação  
da Criança e do Adolescente Frei Jerônimo Clemem.

## Alagoinha e os Direitos Humanos

A principal fonte de trabalho e renda em Alagoinha é o pequeno comércio, as atividades do campo e os trabalhos artesanais e artísticos. Devido à ausência de indústrias, cooperativas e de outras fontes de emprego, o campo de trabalho se mostrou muito limitado, ajudando a entender o alto índice de desemprego existente nessa cidade.

Nosso grupo de trabalho observou que, nem sempre, os casos de violência e discriminação foram reconhecidos e denunciados. Entre eles, os mais frequentes são os de violência contra mulheres, crianças e adolescentes.

Quanto ao tema educação, notamos que as escolas existentes atendiam à demanda da cidade, um dos pontos positivos de acesso à educação, mas a capacitação dos educadores foi lembrada como um ponto a ser melhorado.

Na área de saúde, Alagoinha conta com uma Unidade Mista de Saúde e o Programa de Saúde da Família (PSF). Tais serviços, contudo, não têm número de profissionais suficiente para atender à demanda da população. Além disso, foi também apontado, por alguns moradores, o problema da ausência de um hospital na cidade.

### DIREITO À SEGURANÇA

O policiamento na cidade de Alagoinha é realizado pelo Departamento de Polícia Militar (DPM). Segundo alguns oficiais, as denúncias mais frequentes são de violência doméstica, violência contra a criança e o adolescente, violência sexual e prostituição de adolescentes.

Ao todo, há na cidade 11 policiais, número considerado insuficiente pela própria corporação para combater a violência local. Na opinião de um dos policiais entrevistados, para a polícia funcionar adequadamente seriam necessários pelo menos mais cinco policiais na equipe.

### VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Nos casos de violência, a mulher foi uma das principais vítimas e, normalmente, o os próprios companheiros ou filhos são os agressores. A respeito disso, vejamos dois casos:

*"Um casal de namorados foi a uma festa em Arcoverde e, quando chegou lá, teve um desentendimento e passou a noite toda separado. Quando os dois iam entrar no ônibus para*





*voltar para Alagoinha, o rapaz chutou o rosto da namorada e, segundo as pessoas presentes, o motivo da agressão foi ela estar conversando com algumas pessoas com quem seu namorado não se dava bem.*

*Quando chegaram em Alagoinha, ao descer do ônibus, o rapaz começou a espancar a jovem e as pessoas que ali estavam, a socorreram quando estava caída no chão sendo chutada pelo rapaz. Horas depois, o rapaz foi encontrado portando uma arma branca à procura da namorada. A família da jovem prestou queixa, mas em seguida ela foi retirada.”*

*“No mês de fevereiro, houve um caso de embriaguez, desordem e violência. Ele ocorreu em uma família em que o filho agrediu a própria mãe, após quebrar alguns utensílios domésticos. Depois de agredida, a mãe foi à polícia e prestou queixa contra o filho, que passou a noite na delegacia, preso. Ela prestou queixa e o caso não teve andamento pois a queixa foi retirada.”*

As principais dificuldades no encaminhamento dessas denúncias se deve a muitas das vítimas não contarem com o apoio da família ou de pessoas mais próximas para registrar a queixa às autoridades policiais. Infelizmente, alguns casos de violência contra mulheres são assimilados pela cultura local.

Segundo um policial entrevistado, na maioria dos casos de agressão, como os acima, as queixas registradas são logo retiradas, impedindo a interferência policial. Vejamos o que esse policial disse:

*“Em caso de violência doméstica a polícia só interfere se houver a queixa, mas em 90% dos casos as denúncias são retiradas.”*

Notamos que a falta de encaminhamento ocorrida na maioria dos casos contribui para agravar a violência contra a mulher, pois, garantindo a impunidade dos agressores (mesmo aqueles que foram reconhecidos e denunciados). Com predomínio do silêncio em vários casos, muitas vezes as violações só chegam ao conhecimento das autoridades quando a vítima já se encontra em gravíssimo estado psicológico e mental.

## **VIOLÊNCIA CONTRA A CRIANÇA E O ADOLESCENTE**

Como nos casos de violência contra as mulheres, as agressões contra crianças e adolescentes raramente são denunciadas. Nos casos em que as denúncias foram feitas, é comum também que as queixas sejam logo retiradas. Vejamos dois depoimentos sobre o tema:

*“Em uma família houve uma discussão seguida de agressão corporal entre padrasto e enteada. Logo depois ele se armou com uma faca e uma espingarda. Alguns vizinhos que presenciaram tudo fizeram a denúncia, mas a queixa foi retirada pela vítima, intimidada por sua mãe.”*

*“O espancamento ocorre com crianças e adolescentes, em que são usados borrachas de pneus, pedaços de pau e outros. Esses casos não são denunciados por falta de coragem dos vizinhos.”*

As agressões que envolvem crianças e adolescentes afetam a vida desses jovens e acarretam graves consequências futuras. Pela falta de um Conselho Tutelar na cidade, e de outras instituições que defendam e promovam os Direitos da Criança e do Adolescente, os casos não são devidamente investigados e punidos, nem há um trabalho de conscientização na comunidade. O mesmo ocorre com as mulheres que não têm acesso às delegacias especializadas nem a qualquer tipo de acompanhamento. Com isso, muitos casos de violência contra a mulher passam despercebidos e muitas vezes, mesmo quando reconhecidos, não são levados adiante por terem as queixas retiradas.

De modo geral, consideramos que um dos caminhos para a promoção do Direito à Segurança em Alagoinha seria criar formas que melhor assegurassem a segurança de mulheres, crianças e adolescentes. Mais do que policiamento, é preciso que se gerem mecanismos especiais para o recebimento de denúncias e o acompanhamento das vítimas.

## **DIREITO À IGUALDADE**

É grande o número de casos de discriminação sofrida pelos cidadãos. Constatamos que negros, homossexuais, portadores de deficiência e os mais pobres são tratados com inferioridade em situações diversas.

Observamos que os portadores de necessidades especiais eram vítimas de grandes preconceitos, principalmente os que estavam em idade escolar. Apesar de frequentarem as escolas, muitos desses alunos eram discriminados, dentro e fora da sala de aula. Uma das professoras que conversamos nos deu o seguinte relato:

*“Meus alunos portadores de deficiência são chamados de doidos e de bestas pelos outros alunos ditos normais. Eles nem participam do recreio com medo de apanhar. Uma aluna foi até o bebedouro tomar água e um aluno jogou água nela.”*

A sensação de medo e exclusão foi confirmada pela aluna, vítima dessas agressões descritas pela professora. Ela nos relatou assim a sua experiência:

*“Uma vez fui tomar água e um dos meninos jogou água em cima de mim. Outra vez, uma menina jogou um prato e uma colher no chão e mandou que eu pegasse, me chamando de besta e doida.”*

Esse preconceito não é novo. Muitas vezes, baseia-se no costume de excluir pessoas consideradas diferentes do convívio social desde a infância. Por isso, consideramos que a escola é importante no questionamento desses comportamentos excludentes, buscando garantir um espaço de convívio e respeito, para que as pessoas portadoras de deficiências possam

ter, em qualquer circunstância, sua dignidade preservada e o direito de estar integrada aos demais.

## DIREITO À SAÚDE

Os moradores de Alagoinha têm diversas dificuldades na obtenção de um atendimento adequado de saúde, pois a cidade só dispõe de uma Unidade Mista de Saúde e do Programa de Saúde da Família (PSF), que não são suficientes para atender às necessidades da comunidade. Em casos mais graves, quando se necessita de internação ou um procedimento médico mais complexo, os moradores são obrigados a se deslocar para as cidades mais próximas.

Apesar de Alagoinha possuir uma Unidade Mista de Saúde localizada no centro da cidade, dispondo de enfermaria, ambulatório, serviços odontológicos, farmácia, sala para internação e maternidade, a população não pode contar com seus serviços porque não está em funcionamento pela falta de profissionais especialistas e de recursos financeiros.

Sem médicos especializados e tendo de aguardar longos períodos para serem atendidos, muitos usuários reclamam se dizendo prejudicados pela lentidão no diagnóstico e no tratamento de seus problemas de saúde. Um morador entrevistado nos relatou sua experiência:

*“Estava com dois tumores no reto e mal conseguia andar. Fui ao médico e ele, sem me examinar, mandou que tomasse benzetacil. Após algum tempo tomando esse medicamento, o tumor estourou e, mais uma vez, o médico mandou que eu repetisse a dose. Insisti para que ele me examinasse, mas não quis. Fiquei inconformado com o descaso e procurei uma enfermeira. Ela ficou horrorizada com a minha situação e foi falar com o médico. Depois de muita conversa ele resolveu me examinar. Devido à gravidade do meu caso, fui encaminhado para Caruaru. Chegando lá fizeram uma limpeza, e ainda hoje conservo seqüelas e sofro as consequências daquela negligência médica.”*

De acordo com o depoimento acima, a falta de atenção do médico, que muitas vezes é o único disponível na cidade, atrapalhou o tratamento do paciente. Isso ainda nos mostra que os casos considerados graves são encaminhados para outras cidades, neste caso, Caruaru, distante pelo menos uma hora e meia de Alagoinha.

Além da Unidade Mista, o Programa de Saúde da Família possui uma sala para curativos, sala de vacinação e recepção. Uma das enfermeiras envolvidas no programa reclamou que faltam principalmente medicamentos para os hipertensos, obrigando-os a se deslocarem para cidades vizinhas para obter esses medicamentos.

*“Recebemos um kit de medicamentos a cada três meses, mas devido à procura de remédios para hipertensos, que é enorme na cidade, eles só duram uma semana. (relato de uma enfermeira).”*

Segundo as entrevistas, as doenças mais frequentes na cidade são hipertensão, diabetes, verminoses, gripes e diarreias. Um dos moradores atribuiu parte dessas doenças à precariedade do saneamento básico, inexistente em vários setores da cidade:

*“Sofro muito por conta de um esgoto a céu aberto que fica localizado em minha rua, trazendo doenças a minha família como os furúnculos causados pelas muriçocas infectadas. A maioria das pessoas dessa rua já foi infectada por doenças desse tipo, inclusive dengue.”*  
(relato de morador)

Considerando a impossibilidade dos atendimentos para casos mais graves serem realizados na Unidade de Saúde local, seria fundamental a existência de ambulâncias disponíveis para o transporte das pessoas que precisam de cuidados adequados, mas existe apenas uma ambulância no município, que nem sempre está à disposição da população. Há, inclusive, denúncias sobre o uso político dessa ambulância, impedindo que pacientes vinculados a grupos de oposição ao poder local sejam deslocados a tempo de receber atendimento. Uma usuária descreveu assim as dificuldades que viveu quando necessitou usar a ambulância:

*“Deixei minha filha esperando em casa passando mal, com febre e asma, e fui até o posto pedir a ambulância. Chegando lá, falei com o motorista e ele disse que não iria apagar a menina em casa e que eu tinha que levá-la até lá. Chegando ao hospital em Pesqueira, o médico não estava e ficamos esperando. O motorista, impaciente, foi embora e tivemos de dormir na recepção do hospital, passando fome e frio.”*

Em circunstâncias que exigem rápida transferência, é imprescindível que os pacientes sejam recolhidos pela ambulância, não apenas para a comodidade das famílias mas por uma questão de sobrevivência e humanidade. Portanto, é preciso que se articule melhor o encaminhamento de cada caso, facilitando a comunicação com o serviço de ambulância. Além disso, os casos em que for comprovada a negligência no atendimento devem ser denunciados e os responsáveis, punidos.

## DIREITO À EDUCAÇÃO

O número de vagas disponíveis nas escolas é adequado para atender à demanda local. O município dispõe de ensino fundamental, ensino normal médio, salas especiais nas áreas de DV (deficientes visuais), DM (deficientes mentais), DA (deficientes auditivos). Apesar da inclusão dos portadores de deficiências nas escolas, uma professora destacou serem ainda necessárias melhores condições para a educação dessas crianças. Vejamos o seu relato:

*“Para melhorar o ensino especial na escola precisaríamos de acompanhamento por um psicólogo, uma assistente social e de material didático. Professores de Educação Física para ajudar no lazer, recreação, na prática de esportes, etc.”*

Apesar da inclusão das crianças na escola, alguns alunos se queixam da metodologia de ensino que, segundo eles, se restringe à cópia das matérias em novos conteúdos. O intercâmbio das escolas da cidade com as de outros locais poderia contribuir na inclusão de novos métodos e conteúdos. Vejamos o que nos relatou um aluno sobre seu desinteresse:

*“Alguns professores com seus métodos de ensino dificultam a aprendizagem do aluno, não explicando os assuntos e avaliando os conteúdos através de cópias e elaborações, que não trazem incentivos e nem aprendizagem.”*

### DIREITO À CULTURA E AO LAZER

Nessa cidade encontramos uma cultura variada, poetas, repentistas, escritores, escultores, músicos, pintores, dançarinos e artesãos. Apesar da diversidade, as iniciativas quase sempre são pessoais e não contam com o apoio de poderes públicos. Uma escritora que entrevistamos se queixou das dificuldades em divulgar seu trabalho:

*“Há cinco anos, quase sem perceber, comecei a escrever poesias, que se encontram engavetadas, pois aqui não existe apoio e incentivo à cultura.” (relato de uma poetisa)*

No município, as áreas de lazer são um ginásio de esportes, um campo de futebol, uma biblioteca pública e um clube recreativo. Como a demanda é grande e, no caso da quadra, cobra-se aluguel para o uso, algumas atividades são prejudicadas, indicando a necessidade de novos espaços:

*“A quadra está sempre ocupada e para conseguir um horário tem de marcar com antecedência, além do pagamento do aluguel, R\$ 5,00, por uma hora e meia”*

Como já foi frisado, outra importante iniciativa para o acesso à cultura e ao lazer de crianças e adolescentes de Alagoinha são os trabalhos da creche Frei Jerônimo Clemem, pertencente ao Mofac. A creche promove atividades culturais e de lazer, além de alimentação, educação e acolhimento das crianças. Nesse sentido, temos como exemplos o resgate de tradições culturais, através do ensino da música e da dança e da apresentação de trabalhos feitos pelas crianças e adolescentes das comunidades que têm sede permanente, e a realização de campeonatos esportivos entre jovens das diferentes cidades da região.

### DIREITO AO TRABALHO E À RENDA

A economia da cidade de Alagoinha é deficiente. A situação econômica na região vem piorando com o crescimento do desemprego e a total inexistência de fonte de renda, devido à falta de uma boa infra-estrutura e de oportunidades, com as perspectivas de se encontrar um trabalho digno ou fontes de renda estáveis cada vez mais reduzidas.

Essa impossibilidade de sustentação levou e continua levando alguns moradores a se deslocarem para as Regiões Sul e Sudeste do Brasil, na expectativa de obter espaço no mercado de trabalho.

Constatamos que para os jovens da comunidade as ativi-

dades mais freqüentemente disponíveis são os trabalhos de empregada doméstica, pedreiro, cortador de pedras e agricultor. Entre as mulheres, a principal opção é o trabalho doméstico. Sem perspectivas para outras funções, os jovens sentem a falta de espaço para demonstrar suas potencialidades:

*“O desemprego na cidade é muito grande. Meu primeiro emprego foi de babá há dois anos. Hoje estou procurando apenas uma chance para mostrar que sou capaz, mas ainda não consegui.” (jovem moradora)*

Geralmente, esse tipo de trabalho é prestado sem qualquer formalização ou contrato e as remunerações são mínimas. Nas relações domésticas, notamos situações de abuso e discriminação das trabalhadoras. Muitas vezes os patrões segregam a empregada abertamente, além de fazer ameaças e imposições quanto à carga horária. Vejamos o relato de mais uma trabalhadora:

*“Já sofri várias humilhações por parte da minha patroa, como, por exemplo, não poder usar o banheiro da casa, não tomar café na mesa, etc. No entanto, quando adoeci, a patroa falou que iria descontar do meu salário os dias em que não fui trabalhar.” (jovem moradora)*

Parte dos trabalhadores acaba se sujeitando às condições de trabalho pela urgência em obter renda. Há casos em que a ausência de renda leva os moradores a passarem fome, e por isso, alguns encontram no vínculo do trabalho doméstico (mesmo com os eventuais abusos apontados) uma forma de obter alimentos. Vejamos um exemplo no depoimento abaixo:

*“Não temos nenhum meio de sobrevivência, apenas cozinheiro para um senhor idoso, viúvo, com cinco netos, e tenho como pagamento uma pequena quantidade de alimento cozido. Por isso minha família está passando fome.”*

No campo, não é muito diferente. A situação de muitos agricultores é complicada, pelos baixos rendimentos e, principalmente, pela dificuldade no acesso à terra. Como é comum na região, trabalha-se em terras alheias em troca de parte do que é produzido. Um entrevistado nos relatou as complicações que essa relação lhe trouxe:

*“Aconteceu uma vez comigo. Antes da colheita, o fazendeiro soltou seu gado na minha roça, fiquei muito revoltado, pois plantei com muito suor e sacrifício para alimentar minha família, e nada foi resolvido, porque o fazendeiro era fiscal do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoinha.”*

Segundo esse relato, desentendimentos entre o proprietário das terras cedidas e o agricultor levaram o fazendeiro a penalizá-lo com a destruição da plantação. Tais situações de abuso complicam ainda mais a vida dos agricultores. Nesse caso, houve a agravante de o proprietário ser fiscal do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, teoricamente uma pessoa a quem um trabalhador que tenha sofrido perdas como as descritas deveria recorrer.

No geral, ressaltamos a necessidade de se oferecerem possibilidades mínimas de rendimentos mais estáveis à população (já foi dito que, na região, a única fonte certa de renda seria a aposentadoria), evitando que se vivam situações de penúria como as aqui relatadas. As violações identificadas compromete-

tem o exercício de vários Direitos Humanos. Somente com mais perspectivas e uma fiscalização efetiva sobre abusos cometidos no trabalho poderemos resgatar a dignidade dos trabalhadores de Alagoinha.

## COMUNIDADE QUILOMBOLA DE CASTAINHO

*Existem no Estado de Pernambuco cerca de 15 comunidades remanescentes dos Quilombos. Dentre elas, a de Castainho, que visitamos como parte das atividades do Observatório de Direitos Humanos. Essa comunidade, antes conhecida como “Estivado”, fica a aproximadamente 4 km da cidade de Garanhuns/PE e possui hoje 170 famílias, com cerca de 600 habitantes.*

*O povoado é uma das mais organizadas comunidades remanescentes dos Quilombos e por isso é referência nacional para a luta quilombola. Seus moradores são muito receptivos com os visitantes e demonstram orgulho de sua história e das tradições. Segundo as lideranças, os antepassados que fundaram a comunidade chegaram ao local por volta de 1705, a partir dos primeiros rumores da destruição dos Quilombos dos Palmares na Serra da Barriga e atual União dos Palmares, Alagoas. Em 1970 a comunidade abrigava cerca de 400 famílias, mas conflitos entre os moradores e os fazendeiros vizinhos que queriam suas terras acabaram resultando na fuga de muitas famílias de Castainho.*

*A luta pelo reconhecimento da comunidade como remanescente de Quilombos começou em 1982. O processo inicial de organização teve o apoio do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Garanhuns/PE e da Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP) da Igreja Católica. A Associação Comunitária de Castainho e Adjacências, organismo jurídico representativo da comunidade, só foi fundada em 1993, época em que uma imobiliária do município de Garanhuns começou a investir contra os moradores, ameaçando expulsá-los para obter o registro das terras em cartório. Isso impulsionou a luta pelo reconhecimento da posse das terras que, apesar de tantos anos de ocupação, só foi concluída no ano 2000. Atualmente, a comunidade dispõe de cerca de 183 hectares de terras demarcadas e tituladas pelo governo federal, mas 40 hectares ainda estão sob a posse irregular de um fazendeiro.*

*Um entrevistado descreveu que antes de 1982, quando começaram as melhorias na comunidade, todas as casas eram de taipa ou de palha e sem iluminação. Atualmente, predominam as casas de tijolo, a comunidade possui rede elétrica e telefones públicos e são mais difundidos e conhecidos os direitos de cidadania e a consciência étnica. Contudo, para ele, ainda permanece o problema das ruas que são de terra, dificultando o acesso nos dias de chuva.*

*Os principais produtos cultivados em Castainho são milho, feijão, castanha, caju, manga, jaca e guandu (espécie de feijão), sendo a farinha de mandioca e seus derivados a principal fonte de renda da comunidade. Esses produtos são comercializados principalmente na Semana Santa e no mês de junho. Outra fonte são os produtos artesanais, como cestas, balaio, chapéus e abanos, confeccionados com cipó e palha e vendidos em Recife, em um espaço exclusivo para as comunidades remanescentes de Quilombos. Alguns entrevistados queixaram-se da falta de possibilidades de trabalho e rendimento, restritas à agricultura e à casa de farinha.*

*Não há posto policial nem rondas policiais na comunidade. Quando ocorrem divergências entre moradores, o problema é resolvido por eles mesmos, mas, nos casos mais graves, eles recorrem à polícia de Garanhuns. Porém, os moradores entrevistados disseram que a comunidade é bastante pacífica.*

*Para o acesso aos serviços de saúde, eles também dependem de Garanhuns, pois em Castainho não há postos, atendimento médico, nem enfermeiras. Mas conta-se com a presença de um agente comunitário de saúde, que é morador da comunidade. Nos casos de doenças menos graves, eles usam plantas medicinais como acônico, sabugueira, erva cidreira, laranja, manga, abacate etc.*

*Não há saneamento básico, nem água encanada. A água utilizada para o consumo e o cultivo agrícola é proveniente de poços cavados com instrumentos manuais pelos próprios moradores e sem nenhum tratamento. Alguns entrevistados se queixaram dos esforços diários para trazer água do poço ou da falta d'água em determinadas ocasiões.*



*A comunidade só conta com ensino fundamental de 1ª a 4ª série e Educação de Jovens e Adultos (EJA). A escola não tem um prédio próprio, funcionando por vezes dentro da igreja, e os moradores buscam por melhores condições. Os professores vêm de Garanhuns e, embora não sejam de Castainho, ultimamente incluem nas aulas a história da luta dos Quilombos e o resgate das tradições desta cultura.*

*O Programa de Erradicação de Trabalho Infantil do Governo Federal (PETI), implementado recentemente, foi elogiado por vários entrevistados que reconheceram o apoio do programa em afastar muitas crianças de trabalhos pesados, que hoje estão freqüentando a escola.*

*A religião predominante na comunidade é a católica, tendo como padroeiro o Coração de Jesus. No dia 14 de maio é comemorada a tradicional festa da “Mãe Preta” e, em novembro, a festa da Consciência Negra, com apresentações de grupos de coco e da banda de pífanos. Para as festividades, geralmente são transportados pequenos parques de diversão vindos da cidade.*

*Observamos que os moradores de Castainho gostam muito da sua comunidade e, na medida em que se conscientizam de seu passado e seus direitos, têm orgulho de suas origens, de sua história e das conquistas já obtidas. Mesmo assim, a carência de melhor infra-estrutura e melhores oportunidades são necessidades presentes no local.*



PERNAMBUCO

# ARCOVERDE



# Quem Somos?

## ANA PAULA DE OLIVEIRA SILVA

Meu nome é Ana Paula de Oliveira Silva, nasci no dia 26 de setembro de 1981, tenho 20 anos e moro na Rua Neto Cavalcante, 08, na cidade de Arcoverde. Cursei Estudos Gerais, e atualmente estou cursando o 1º ano do Ensino Médio (magistério), na Escola Carlos Rios, da qual gosto muito, pois fiz vários amigos. Não estou trabalhando, mas já tive experiência de trabalho numa loja de confecções, onde trabalhei por bem pouco tempo, apenas durante o mês de junho (mês da tradicional festa de São João).

Moro com meus pais e meus dois irmãos. Meus pais nasceram na cidade do Buíque/PE e o interessante é que eles são primos legítimos. Meu pai cursou o ensino fundamental e minha mãe, o ensino fundamental incompleto. Meu pai começou a trabalhar muito cedo, aos oito anos de idade. Morou no Recife por um tempo e foi ferroviário. Minha mãe sempre morou em Arcoverde. Trabalhou por um tempo numa lanchonete e hoje ela ajuda uma senhora.

Tenho uma irmã e um irmão. Minha irmã se chama Ana Catarina, ela tem 18 anos, terminou o curso de Estudos Gerais e está cursando Administração no Colégio Rio Branco. Meu irmão, Ítalo de Oliveira Silva, tem 16 anos e está cursando a 4ª série do ensino fundamental na Escola Carlos Rios. Nenhum dos dois trabalha.

A minha infância foi legal, pois tinha meus amigos e brincava muito. Minha adolescência foi mais ou menos boa, pois eu era muito presa e não saía para lugar algum, porque meu pai é muito ciumento. No ano de 1998, passei por momentos tristes. Meu pai estava trabalhando em João Pessoa/PB. Numa certa noite, ele estava jogando baralho com amigos e, repentinamente, o seu olho começou a coçar, ficou avermelhado e inchou. Passaram-se dois dias e o olho continuou coçando. Ele ligou para minha mãe e ela falou para ir ao hospital. No hospital, disseram-lhe que não era nada e que passaria. O tempo passou mas o problema persistiu. Ele voltou para nossa casa em Arcoverde, foi em várias clínicas e não conseguiu resolver nada.

Certas noites, ele se desesperava, gritava e chorava, e minha mãe estava sempre ali, lhe dando apoio. O mais triste é que nem eu nem minha irmã estávamos em casa, pois estávamos viajando para participar dos Jogos Pernambucanos na cidade de Petrolina/PE. Ligávamos todos os dias, mas minha mãe não falava nada. Quando voltamos, levei-o em uma rezadeira que tratou muito bem dele e disse que o problema não era físico. Graças a Deus, ele está melhorando, pois não sente mais dor, mas ainda não está curado.

Por conta desse problema, meu pai foi despedido e as coisas começaram a ficar mais difíceis, pois a única renda que tínhamos era a dele. Ele teve que se desfazer dos seus pássaros de estimação para que pudéssemos nos alimentar. Era muito triste quando meu irmão pedia alguma coisa para comer e minha mãe não tinha o que dar, ela se desesperava, pois era muito difícil ver o filho com fome e não poder saciá-lo. Sempre pedi a Deus que abrisse meus caminhos para poder ajudá-los e graças a Ele algumas portas se abriram e nossa situação hoje está melhor.

Gosto muito de estar sempre em contato com meus amigos. Tenho objetivos para o futuro e um deles é me profissionalizar em cursos que envolvam a matemática, pois gosto muito de bancos, computadores etc. Também pretendo constituir uma família e ser muito feliz, pois sou muito católica e levo a sério os princípios da religião. A minha maior conquista foi conseguir arrumar um emprego e encontrar uma pessoa legal, que me entendesse e que, principalmente, gostasse de mim. Meu namorado se chama Cícero Hélio e é muito legal.

Tenho o talento de jogar e de mexer em máquinas de bancos. Não gosto das injustiças que acontecem na minha cidade, mas gosto dos eventos culturais. Tenho uma ligação muito forte com a creche N. Srª do Livramento – MOFAC. Posso dizer que é a minha segunda casa, apesar de fazer só três anos que faço parte da entidade. Hoje, posso dizer que sou uma pessoa quase realizada, pois moro com minha família, estou estudando e namoro uma pessoa super legal e que me faz muito feliz.

## ANDREZA RODRIGUES DE SOUZA

Meu nome é Andreza Rodrigues de Souza, tenho 19 anos, nasci na cidade de Arcoverde/PE, onde sempre morei. Cursei o ensino fundamental na Escola Gumercindo Cavalcante, para onde todos os dias eu ia feliz e orgulhosa. Meu maior sonho era aprender a ler, escrever e poder brincar. Adorei a escola, pois consegui realizar meu sonho e fazer muitos amigos.

Iniciei o ensino fundamental dois e o ensino médio na Escola Carlos Rios. Particpei de danças, teatros e esportes, dedicando-me a um time de Futsal. Ganhávamos todos os jogos na região e chegamos ao Campeonato Pernambucano, um dos eventos mais importantes para todas as escolas do estado, que aconteceu na cidade de Petrolina. Conseguimos conquistar o título e fui considerada uma das melhores goleiras do estado.

Mas, nunca esqueci dos estudos.

Prestei vestibular em 2001, na Faculdade de Arcoverde (AESA-CESA), para o curso de Matemática e fui aprovada. Tenho uma grande dificuldade para continuar os estudos, pois preciso pagar mensalidades de R\$ 105,00 – quando a renda mensal da minha casa é de R\$ 200,00. Desse total, R\$ 100,00 vem do meu trabalho na casa de uma vizinha onde faço limpeza e cuido de uma menina de 2 anos. O restante minha mãe consegue lavando roupa de outras pessoas em casa, mas, no momento, ela não pode trabalhar por ter sido operada recentemente, restando apenas o meu dinheiro. Tenho que optar em estudar ou ajudar em casa e estou com a mensalidade atrasada há alguns meses. Minha única experiência com trabalho foi como doméstica onde fui muito explorada.

Minha mãe chama-se Maria Marleide Rodrigues de Souza, tem 39 anos de idade, nasceu em Arcoverde onde sempre morou. Cursou o ensino fundamental, mas não pôde concluí-lo pois teve que parar de estudar por ter perdido seus pais aos 14 anos de idade e não ter nenhum parente na cidade, pelo menos que ela conhecesse. Começou a trabalhar para se manter, sempre trabalhando como doméstica, tendo sempre seus direitos negados, principalmente o estudo. O que a deixa mais revoltada é o fato de que, apesar de trabalhar desde os 14 anos de idade, ela nunca teve sua carteira assinada.

Meu pai também nasceu em Arcoverde, seu nome é Marcondes Gomes. Ainda solteiro, quando soube que minha mãe estava grávida, ele foi embora para São Paulo e não dava notícias, o que nos causava grande sofrimento por não termos alimentação e moradia decentes. Morávamos sempre nas casas em que minha mãe trabalhava e éramos sempre humilhadas. Mas, graças a Deus, conseguimos uma vaga no MOFAC, no qual entrei com 1 ano de idade e só sai aos 17 anos por precisar trabalhar.

O mais intrigante é que, após 19 anos, no dia 08/05/2002, meu pai apareceu. Depois de passarmos por tantas dificuldades e não precisar mais de um pai, ele vem com a desculpinha que está arrependido e que quer me ajudar. Cara de pau! Ele sempre vai na minha casa e estamos nos conhecendo pouco a pouco. Ele não toca no assunto do porquê nos abandonou, só diz que tinha sofrido várias pressões da sua mãe, mas eu nem me interessei em perguntar porque nada do que ele me disse servem como explicação ao sofrimento que ele nos causou. Conheci a esposa e a sua filha. A esposa parece uma bruxa e a filha é legalzinha, se parece até um pouco comigo. Mas, apesar de toda aproximação, nunca vou ter carinho por ele como pai e, sim, como um conhecido. O que eu mais detesto é que ele tem o meu jeito de ser.

Tenho duas irmãs do segundo casamento de minha mãe. Nesse ela também não teve sorte, pois meu padrasto era alcoólatra e sempre batia nela e em nós três. Esse foi o motivo da separação: ele também não assumiu seu papel de pai. As minhas irmãs são Andréia, de 14 anos, e Riana, de 13. Estão cursando o ensino fundamental 2 e participam do MOFAC. Elas não trabalham e a dificuldade para conseguirmos emprego é grande.

Posso dizer que a minha infância e parte da adolescência está toda resumida ao MOFAC. Lá aprendi a sorrir, cantar e dançar, recebi amor por parte da monitoria que nos ensinavam o certo e nos advertiam sobre o errado. Ensinavam a gente a ver o mundo diferente, olhar com amor, de forma que foram e continuam sendo nossas segundas mães. Elas davam coisas essenciais que um filho precisa ter, não que a nossa mãe não quisesse nos dar, mas ela sempre precisava trabalhar.

Adoro dançar, cantar, estudar, conhecer e fazer novas amizades sinceras, ir a lugares diferentes e adoro quando as pessoas pobres e ricas são tratadas com igualdade. Também gosto de estar com minha família, namorado e amigos. Odeio ver crianças abandonadas, jovens se prostituindo, sendo exploradas, espancadas ou curtindo uma alegria artificial. Detesto maus políticos e as injustiças no Brasil, pois a lei parece que só existe para condenar o pobre.

No meu tempo livre, jogo bola, vou à festas com meu lindo marido e, aos sábados, vou à missa com minha mãe. Meu grande objetivo é conseguir concluir meus estudos, ter um emprego estável que dê para manter a minha família, participar de sindicatos que possam ajudar as pessoas necessitadas e construir uma grande família.

Minhas grandes conquistas foram passar no vestibular, ter uma pessoa que me entenda e que me ama muito, ser selecionada para Rede de Observatórios e ter conquistado muitos amigos. Um dom que percebo em mim é o de ser paciente e ser uma boa cozinheira.

Algumas coisas que me deixam alegre na minha cidade são o MOFAC, escolas, as pessoas que conheço nas festas e nas associações comunitárias. O que não gosto é da polícia, do desemprego, do alto custo de vida e da situação grave da saúde, que chega ao ponto de pessoas morrerem na fila de hospitais sem conseguir atendimento.

Casei recentemente com Waldeblan e estou grávida de sete meses. No início fiquei com medo da gravidez, agora é só alegria. Estou louca para que o bebe nasça, o que deve acontecer agora, no dia 22 de outubro. Mas estou com um problema, minha mãe está desempregada e, com as novas despesas do bebe eu não sei se vou continuar na faculdade.

## MAGDA MARIA CAVALCANTE DE VASCONCELOS

Meu nome é Magda Maria Cavalcante de Vasconcelos, nasci em 13/06/1983, na Casa de Saúde São Lucas, na cidade de Arcoverde. Terminei o ensino médio na escola Carlos Rios onde estudei desde a alfabetização. Gostava muito de lá, pois foi onde tive meu primeiro contato com a educação, conheci excelentes professores, muitos amigos e comecei a praticar esporte.

Moro na casa dos meus pais. Eles também nasceram em Arcoverde, meu pai, na cidade e minha mãe, na zona rural. Meu pai terminou o segundo grau e trabalhou em supermercado, oficina de fabricação de jóias e bijuterias e atualmente trabalha no SESC-Arcoverde como almoxarife. Minha mãe estudou até a quinta série e é dona de casa. Tenho três irmãs, Valkiria, de 20 anos,



que já terminou o ensino médio e o normal médio (antigo magistério), Priscila, de 14 anos, que está na 6ª série, e Elvira, de 15 anos, que também está estudando. Nenhuma delas trabalha.

Não aproveitei muito minha infância, pois minha irmã mais velha sofre de asma e freqüentemente era internada. Quando ela não estava no hospital, eu tinha de ficar cuidando dela em casa. Além disso, meu pai tinha problemas com bebidas e meus avós paternos faleceram quando eu tinha entre 4 e 5 anos, bem como minha tia, quando eu tinha por volta de 8 anos. Uma das poucas coisas que me lembro da minha infância foi uma briga com minha irmã mais velha. Eu tinha uma bola e ela outra, quando, sem querer, meu avô estorou a dela. Ela pegou a minha e, como eu queria a minha bola de volta, comecei a correr atrás dela pela casa. Quando percebi que ela não iria me devolver, joguei uma faca nela que cortou o seu ombro, mas não teve grandes consequências. Apesar disso, hoje nos damos bem.

Já na adolescência pude aproveitar mais, pois, comecei a praticar esportes, sair mais para assistir jogos e ir para festas, apesar de não gostar muito. Fiz muitas amizades e viajei em algumas excursões.

Sou uma pessoa muito emotiva e me deixa muito triste as

pessoas me julgarem sem me conhecerem. Deixa-me feliz receber elogios ao executar bem alguma atividade, receber carinho dos meus familiares, amigos e de meu namorado. Também, me traz felicidade ver as pessoas que me cercam felizes e com saúde.

No meu tempo livre, gosto de jogar bola com minha irmã e amigas. Não gosto muito de assistir televisão e de festas por não gostar de passar muito tempo em locais fechados com muitas pessoas e som alto. Quanto à minha prática religiosa, sou católica, apesar de não muito praticante.

Tenho o dom de praticar vários esportes, entre eles, natação, futsal, handebol, vôlei etc. Pretendo, no futuro, prestar vestibular para Educação Física, concluir o curso, dar aulas de natação, ter uma estabilidade financeira, constituir uma família e ser feliz. Espero que isso seja uma grande conquista, já que até agora nada conquistei.

Não gosto de algumas coisas que acontecem na minha cidade como os policiais que favorecem os mais ricos, o mau atendimento nos hospitais e postos de saúde, mas gosto dos eventos culturais e esportivos. Participo do MOFAC (Movimento Fraternal de Ação Comunitária – Entidade que cuida de crianças carentes) há quatro meses.

## JUSSARA CLAUDIA TENÓRIO DE OLIVEIRA

Meu nome é Jussara Claudia Tenório de Oliveira, nasci no dia 11 de março de 1983, na Casa de Saúde São Lucas, na cidade de Arcoverde. Atualmente, moro na Trav. Davi Liberalino de Souza, 24, no centro.

Meu primeiro contato com a educação foi no Colégio Imaculada Conceição onde estudei até a 2ª série do ensino fundamental. Depois, fui para escola N. Srª do Livramento onde fiquei apenas um ano, pois tive problemas de saúde e precisei mudar de escola, pois fui reprovada. Comecei, então, a estudar na Escola Carlos Rios. Lá aprendi a jogar handebol e cursei da 3ª série até o 2º ano do ensino médio. O terceiro ano estudei no Colégio Rio Branco. Foram os anos mais felizes da minha vida, pois jogar pelo colégio e participar dos jogos pernambucanos era muito legal e divertido.

Meu primeiro emprego foi numa loja de confecções onde trabalhei durante um ano e seis meses. Depois, fui para um escritório de engenharia civil, onde passei por coisas absurdas, pois ganhava R\$ 20 reais por mês e estava grávida; isso durou um ano. Meu último emprego foi numa loja de roupa para bebê, era bom mas não ganhava muito. Trabalhei nessa loja apenas seis meses e tudo que ganhava dava para minha mãe para ajudar nas despesas de casa.

Minha mãe nasceu na cidade de São Bento do Una/PE e o meu pai nasceu em Arcoverde. Ambos não estudaram muito pois tinham que trabalhar, ela como doméstica e ele como mecânico, desde os 5 anos de idade. Na minha casa também moram duas irmãs, a mais levada tem 18 anos, usa drogas e bebe muito. Minha mãe sofreu com meu pai que bebeu durante 18 anos, mas agora já faz 12 anos que ele parou de beber. Atualmente, na minha casa residem meus pais, duas irmãs, uma prima e meu filho, Pablo, que é a minha razão de querer mudar o mundo para que ele não passe por dificuldades no futuro.

Minha infância foi muito boa, pois entrei na creche do MOFAC com 6 anos de idade e fiquei até aos 16 anos, quando precisei sair para trabalhar. Eu queria fazer um monte de coisas ao mesmo tempo, pois trabalhava pela manhã, treinava à tarde e estudava à noite, além dos ensaios do grupo de dança de que eu participava. Essa rotina durou três longos anos, mas tive que parar quando meu filho estava para nascer. Com essa rotina movimentada, eu nunca ficava triste, pois sempre estava acompanhada por muitas pessoas. Aprendi a enfrentar a vida com seus problemas sempre sorrindo, pois sou muito “palhaça”. Existe algo que me deixa com o pé atrás: eu nunca gostei de alguém a ponto de me apaixonar, tudo não passava de mera empolgação. Minha mãe chegou a dizer que eu tenho um coração de pedra.

No meu tempo livre, gosto muito de ouvir música, ir a festas, encontros e festivais, sempre com os meus amigos. Não tenho nenhum tipo de preconceito, gosto de rock, reggae, rap, sem esquecer do clássico e da MPB. Freqüento muito o cantômbô e o Centro Espírita Vale do Amanhecer.

Sou um pouco “riponga” e coloquei piercing no nariz e pretendo colocar outro na sobrancelha. Gosto de acampar no Catimbal (vale arqueológico que tem uma paisagem fascinante). Gosto muito de dançar músicas do folclore brasileiro e afro-pernambucano. Gosto muito de música, inclusive sou musicista, pois toco bateria numa banda de rock.

Minha cidade não dá apoio às pequenas bandas e não dá a mínima para os movimentos culturais. A saúde é de péssima qualidade. Quanto à segurança, os policiais são muito autoritários, principalmente a ROCAM, eles acham que o fato de andarem em cima de motos, lhes dá o direito de parar todo mundo nas esquinas, inclusive mulheres. Mas não existem apenas coisas ruins, pois temos o SESC que promove muitos eventos culturais.

A minha maior conquista foi ser mãe, pois um ano antes de ter meu filho, aconteceu algo muito triste. Quando voltava do treino, encontrei a minha mãe falando que a neta de uma vizinha iria morrer. Fui rapidamente para a casa dela e, chegando lá, a mãe da menina perguntou se eu queria o bebê, eu disse que queria. Quando cheguei na casa da minha mãe, ela me mandou devolver a criança, pois ela estava morrendo em meus braços. Voltei à casa da vizinha e falei que se a criança amanhecesse viva eu a criaria. Ao amanhecer, fui na casa da mulher e o bebê estava vivo, porém, muito fraco, pois tinha 28 dias de nascida e 900g. Levei-a para o hospital onde ela ficou

internada durante 10 dias. Foram os dias mais sufocantes da minha vida, pois tinha que trabalhar, treinar, estudar, ensaiar e todas as noites dormia no hospital. Finalmente, ela teve alta, mas sua saúde durou pouco. Na madrugada seguinte, teve uma convulsão, minha mãe a levou de volta ao hospital e me deixou dormindo, pois eu estava muito cansada. Ela ficou mais oito dias internada. Dois meses depois, a mãe da menina tomou-a de volta e isso me fez entrar em depressão, não comia e nem dormia, quase não retornava para uma vida normal, por pouco não fui reprovada na escola. Tudo que passei só foi superado com o nascimento do meu filho.

## TATIANA CARNEIRO DE ALBUQUERQUE SOARES DE SANTANA

Meu nome é Tatiana Carneiro de Albuquerque Soares de Santana, tenho 18 anos e nasci no Recife-PE. Antes de morar aqui em Arcoverde, morava em São Paulo, no bairro Jardim Imperador (periferia da cidade). Moro com meus pais num bairro chamado São Cristóvão e não tenho irmãos, por isso, tenho necessidade de amigos para conversar, dividir alegrias, tristezas e, principalmente, minhas experiências. Como sempre vivo mudando de cidade, nunca tive oportunidade de ter um amigo de verdade, a não ser minha mãe que é minha melhor amiga.

Terminei o ensino médio no ano de 2001 num colégio particular chamado Cardeal Arcoverde. Estudava nele pois tinha uma bolsa de estudos que ganhei porque meu tio trabalhava lá. Antes disso, estudei em vários colégios públicos do Estado de São Paulo e vi o tanto de injustiça que ocorria. Os colégios não tinham estrutura adequada para acomodar todos os alunos, o número de professores era insuficiente, além da falta de interesse por parte dos alunos.

Recentemente, passei no vestibular e agora estou cursando o 1º período de Jornalismo na FAVIP (Faculdade do Vale do Ipojuca), localizada em Caruaru, para onde viajo todo dia. São duas horas de viagem e quando chego lá, já estou morta de cansada. Apesar de jornalismo ter sido minha segunda opção, estou adorando o curso. Mas, o meu sonho mesmo é fazer odontologia, que penso em cursar desde os seis anos.

Meu pai nasceu em São Paulo, no bairro da Vila Formosa. Começou a cursar três faculdades, mas não terminou nenhuma. Apesar disso, pretende voltar a fazer Direito. Atualmente, está desempregado devido à falta de oportunidades no mercado de trabalho.

Minha mãe nasceu em Arcoverde, fez faculdade de Biologia no CESA (Centro de Ensino Superior de Arcoverde) e hoje é professora das redes municipal, estadual e particular. Eles se conheceram em meio a uma história intrigante. Meu pai veio de São Paulo devido a um castigo dado pela minha vó, pois estava aprontando

muito por lá. Chegando em Arcoverde, conheceu minha mãe na faculdade e se apaixonou por ela. Mas ela não queria nada com ele, pois ela odiava paulistas por causa de um chefe que pegava muito no pé dela. Depois de muita insistência, meu pai venceu as resistências de minha mãe e eles se casaram e estão juntos há vinte e um anos. Depois do casamento, minha vó paterna voltou a São Paulo, onde mora até hoje.

Passei parte de minha infância em Arcoverde e outra em São Paulo. Brinquei mais aqui em Arcoverde, pois em São Paulo era muito perigoso e meus pais tinham medo que algo de ruim pudesse ocorrer comigo. Brinquei de tudo o que criança gosta e tem direito. Fui muito feliz na minha infância e isso me tornou a pessoa que sou hoje.

Adoro sair para casa de amigos, bater papo, ir a festas, dançar, viajar, conhecer novas pessoas, ouvir música e, principalmente, ler. Sou comunicativa e, às vezes, isso se torna um problema, pois, de vez em quando, falo as coisas sem pensar. Quando morava em São Paulo, passava o dia só, pois minha mãe e meu pai passavam o dia trabalhando e só chegavam em casa às 23:00hs. Devido a essa situação, acabei adquirindo uma certa responsabilidade.

Meu maior objetivo é me formar em Odontologia e acolher pessoas carentes, que às vezes não têm a oportunidade de ter um tratamento digno. Também pretendo ajudar meus pais nas despesas que eles tiverem, dando uma vida melhor para eles.

Uma de minhas conquistas foi ter passado no vestibular, pois, além de ser um sonho de muita gente, estou garantindo parte de meu futuro. Considero como uma conquista também, a família maravilhosa que Deus me deu, pois eles me completam em todos os sentidos, me dando força e me apoiando nos bons e maus momentos. O que mais gosto em minha cidade são os eventos culturais que acontecem e o que menos gosto é da ineficiência do conselho tutelar e a longa espera para o atendimento no hospital regional.

## Onde estamos?

**M**oramos na cidade de Arcoverde que tem esse nome por ter como filho da terra o primeiro cardeal da América Latina, o Cardeal Arcoverde, nascido na Fazenda Fundão. Seu nome completo era D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcante, nasceu em 17 de janeiro de 1850 e faleceu na cidade do Rio de Janeiro em 18 de abril de 1930. Mas, antes do atual nome, a cidade já teve outros dois.

Onde hoje está localizado o bairro da Boa Vista, havia um olho d'água e, ao seu redor, havia grande quantidade de brejos, por isso, o primeiro nome do povoado foi Olho d'Água dos Brejos. Em 1912, a cidade passou a ser chamada de Rio Branco e, em 1943, recebeu seu nome atual e teve sua emancipação política decretada no dia 11 de setembro de 1928.

Arcoverde está situada na meso-região do agreste pernambucano, sendo considerada o "Portal do Sertão". O clima, no inverno, é agradável variando entre 15° e 20° centígrados e, no verão, é bastante quente chegando a mais de 30° centígrados. Sua vegetação resulta do contato da caatinga arbórea com o agreste, sendo uma vegetação predominantemente de cactos, como o mandacaru, e outras plantas próprias do sertão.

A cidade possui onze bairros, dentre eles o mais populoso é o São Cristóvão Cerca, onde 77% da população é alfabetizada.

Nossa cidade sofreu muito com a seca, mas com a inauguração de uma adutora e, principalmente, pelas chuvas que caíram no ano passado a situação melhorou. Muitos bairros carentes sofrem com a falta d'água quer não possuam água encanada quanto pelo fato de a água existente, muitas vezes, não ter força suficiente para chegar lá. A maioria dos domicílios tem coleta de lixo regular.

O primeiro prefeito da cidade foi o Cel. Antônio Japiassu, e a atual prefeita é a Sra. Rosa Barros.

Tivemos como primeiro espaço cultural o Clube Social Esperança, hoje extinto. Temos ainda o Cinema Rio Branco, que é o mais antigo em funcionamento na América Latina.

Quanto à iluminação pública podemos dizer que é razoável, mas temos um problema: freqüentemente as luzes são quebradas por vândalos, prejudicando, principalmente, a praça do centro da cidade.

O serviço de telefonia em nossa cidade está em expansão. Segundo informação cedida pela Telemar, tínhamos, há alguns meses, de 200 a 250 aparelhos e 4.635 telefones fixos.

Cerca de 12.338 domicílios possuem banheiro/sanitário, enquanto 1.539 não possuem.

Temos três empresas de transporte coletivo e achamos que o valor da passagem é elevado. Além disso, precisa-se esperar muito tempo nos pontos, pois não há uma boa distribuição de linhas, nem respeito com os idosos. Algo que ajudou bastante a população foi o surgimento do moto-táxi, que deu mais rapidez e praticidade na locomoção, além de ter gerado novos empregos.

Temos um hospital público e dois particulares, mas não existe pronto socorro na cidade. Praticamente todos os bairros, bem como a zona rural, possuem postos de saúde. O atendimento nos postos de saúde não é bom, pois o número de vagas para consultas é insuficiente e a qualidade do atendimento é ruim. No hospital, os doentes esperam muito tempo na fila e, às vezes, morrem por não serem atendidos a tempo. Também existe uma grande demora na marcação de exames, além da falta de medicamentos para o público.

Existe um fórum judiciário no centro da cidade. Há uma diferenciação no atendimento que favorece, claramente, as pessoas mais ricas. Temos um batalhão da polícia militar, um tiro de guerra, uma delegacia municipal, uma regional e outra para emissão de carteira de identidade, bem como um posto policial localizado no centro comercial da cidade. Percebemos que o atendimento nas delegacias é prejudicado pelo número insuficiente de policiais e existe, ainda, negligência no atendimento à população carente. A ronda policial é freqüente, mas vemos abuso de autoridade para com os adolescentes e homossexuais. Existe também na cidade um conselho tutelar e uma unidade da FUNDAC (Fundação da Criança e do Adolescente) que atende a menores infratores. Não existe corpo de bombeiros na cidade.

Temos várias escolas na cidade, tanto da rede pública como particular. Os principais pólos educacionais estão localizados no centro da cidade e no bairro São Cristovão, onde também está a AESA (Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde), mantenedora administrativa do CESA (Centro de Ensino Superior de Arcoverde). As escolas estaduais sofrem com a falta de material didático, com a falta de interesse e motivação dos professores, além do número insuficiente de salas e professores. Podemos destacar a boa merenda que temos e, às vezes, são promovidas palestras. As escolas particulares atraem alunos de outras cidades, pois o ensino é de boa qualidade, mas existe discriminação para com alunos que possuem bolsas de estudo.

Dos projetos educacionais que conhecemos, podemos destacar o MOFAC (Movimento Fraterno de Ação Comunitária) e a Educação Especial, que atende deficientes mentais, sendo esses projetos de fundamental importância para a cidade, beneficiando a todos os que deles precisam sem discriminação. O MOFAC possui cursos profissionalizantes e de capacitação para os jovens.

Temos na cidade oficinas de teatro, de danças populares, de pernas de pau, além de espaços culturais e até uma antiga estação ferroviária que foi ocupada, tornando-se espaço cultural para artistas de teatro, bandas e outras formas de expressão artística. Podemos destacar em nossa cidade grupos culturais como Raízes do Coco (que é uma dança tradicional de nossa cidade), grupos de danças e o grupo Cordel do Fogo Encantado. Temos festas populares como a tradicional festa de São João, que é considerada uma das três melhores do estado de Pernambuco, a festa da padroeira, a festa de final de ano, além de shows e festivais independentes. O problema é que há muita violência e falta de segurança nas festas e a prefeitura não apoia a cultura como deveria.

Como já dissemos, temos cinema e também dois teatros, diversos clubes recreativos com piscinas e quadras que temos que pagar para poder usar, pois apenas uma delas é pública. Há diversas bibliotecas, sendo que, nas públicas, não existem livros suficientes ou atualizados, sendo exceção a biblioteca do SESC, que possui bons livros.

Existem diversos centros religiosos, como templos evangélicos, católicos, centros espíritas e outras religiões não citadas. Encontramos esses centros em todos os bairros da nossa cidade.

Um dos maiores problemas de nossa cidade é a falta de oportunidades de emprego para os jovens e para pessoas com mais de 35 anos. Outro problema grave é a proliferação das drogas entre adolescentes e jovens da nossa cidade, sem contar a falta de instituições de auxílio a viciados em drogas, pois temos apenas o Desafio Jovem que não é suficiente para a demanda.

Em nossa cidade, os portadores de deficiência sofrem com a falta de rampas de acesso, de calçamento adequado, de segurança, de transporte coletivo adaptado e com a inexistência de ONGs que trabalhem em favor deles. Percebemos ainda a falta de respeito para com os homossexuais.

Apesar dos problemas, vemos também qualidades em nossa cidade, que é pequena mas acolhedora. Há espaço nas praças para os idosos, há festas juninas, contamos com a presença de grandes músicos e artistas, campeonatos promovidos pela secretaria de educação do Estado, além do SESC e do comércio local. A cidade não é violenta, mas não podemos vacilar em alguns bairros que, em determinadas horas da noite, se tornam perigosos.

#### Referência bibliográfica

**BASTOS**, Sebastião Calado, **Arcoverde – História Política-Administrativa**, Brasília-DF, Fotólise Gráfica e Editora Ltda, 1995.





### CENTRO DE FORMAÇÃO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE NOSSA SENHORA DO LIVRAMENTO

*O Centro de Formação da Criança e do Adolescente Nossa Senhora do Livramento foi fundado no ano de 1982, sendo essa entidade uma Unidade de Trabalho do Movimento Fraternal de Ação Comunitária (MOFAC). Foi construída com a ajuda de estrangeiros, na região do sertão de Pernambuco.*

*O Centro desenvolve um trabalho de apoio sócio educacional em meio aberto, no qual são atendidas 180 crianças e adolescentes, do gênero feminino e masculino, na faixa etária de zero a dezoito anos. Esses trabalhos estão distribuídos entre: o berçário, a pré-escola, o complemento escolar e os cursos de serigrafia, computação e música. Também são desenvolvidas atividades nas áreas do esporte, lazer, cultura, religião, além de projetos voltados para a geração de renda e artesanato.*

*Diariamente, são servidas quatro refeições para crianças e adolescentes, além de atendimento especial para crianças de zero a três anos no berçário, que atende as crianças filhas de trabalhadoras da periferia. São realizados também atendimentos médicos e dentários nos postos e hospitais.*

*Sua missão institucional é desenvolver um programa comunitário, voltado para educação infanto-juvenil, baseado no exercício da cidadania e nos direitos humanos. Um projeto pedagógico de libertação popular, inspirado nos ensinamentos de Jesus Cristo. Para manter suas atividades, o Centro de Formação passa por muitas dificuldades financeiras, apesar de várias doações de pessoas do município.*

*Através de parcerias com órgãos estaduais e municipais, temos buscado resgatar a cidadania e o respeito aos direitos humanos. Nesse sentido, a entidade vem realizando um acompanhamento as famílias, com o objetivo de buscar a efetivação de políticas públicas, o que têm contribuído para a melhoria da qualidade de vida da população, mas ainda têm-se muito a fazer.*

*Acreditamos que o trabalho desenvolvido pelos jovens observadores, através da “Rede de Observatórios”, abriu um novo espaço de articulação da sociedade civil, com o objetivo de pressionar os governos para que estes respeitem os direitos humanos através das políticas públicas, tendo esses mesmos jovens como protagonistas desse debate.*

**Maria do Livramento Sales**

Coordenadora do Centro de Formação da Criança e do Adolescente Nossa Senhora do Livramento.

# Arcoverde e os Direitos Humanos

Arcoverde caracteriza-se como pólo regional, sendo que seu comércio, serviços públicos, equipamentos de saúde e de educação são utilizados pela população de outras cidades da região. Sua economia é baseada no comércio e prestação de serviços, destacando-se o ramo do comércio de veículos e autopeças, que conta com várias concessionárias, casas de autopeças e oficinas, proporcionando um número razoável de empregos para os moradores da cidade.

Há alguns anos, havia algumas indústrias na cidade, mas se transferiram para outras localidades, devido à ausência de infra-estrutura, sobretudo falta de água potável para seu funcionamento.

Atualmente, a população sofre com o número insuficiente de empregos. Notamos também que, dentro de casa, são ainda muito presentes os casos de alcoolismo e, por vezes, violência doméstica.

Com relação ao avanço da criminalidade, verifica-se a existência de uma indústria silenciosa, poderosa e que rende muito dinheiro: o tráfico de drogas. Em Arcoverde, o tráfico é facilitado pela localização geográfica da cidade, que é rota quase obrigatória para quem se dirige para o litoral, o agreste e o sertão do Estado, inclusive para a região conhecida como Polígono da Maconha. Observa-se, no dia-a-dia da cidade e nas reportagens nos meios de comunicação, que muitas pessoas enveredam na vida do crime em busca de uma melhor condição financeira. A instalação de um presídio na cidade retrata também essa realidade, pois lá há muita gente que é vítima dessa situação.

Foi difícil observar a situação dos Direitos Humanos no cotidiano da cidade. Vimos desde criança abandonada até ancião que, às vezes, não consegue sequer se alimentar, bem como pessoas que não recebem salário justo (quando têm emprego) e outros que não possuem o mínimo para se viver dignamente.

Embora essa situação não seja exclusiva da nossa cidade, esperamos que, com conhecimento dos nossos direitos, possamos mudar o modo de pensar e agir, atingindo os mais próximos e toda a comunidade.

## DIREITO À SEGURANÇA

Observamos que a comunidade reclama muito da falta de segurança e das falhas do policiamento. Para a realização da segurança pública, Arcoverde conta com o 3º Batalhão da Polícia Militar de Pernambuco, a Delegacia Municipal e a Delegacia Regional, além do Conselho Tutelar, que acompanha a situação de crianças e adolescentes, e do Fórum Judiciário. Segundo seus próprios integrantes, essas instituições sofrem com a falta de material e pessoal qualificado para a prestação de serviços.

Segundo policiais entrevistados, a Delegacia Municipal, um dos órgãos mais importantes para a segurança da comunidade, tem condições precárias de trabalho, devido à falta pessoal para suprir as necessidades de atendimento. O plantão é feito por apenas um policial civil e, quando há necessidade de resol-

ver algum problema na cidade, fecha-se a Delegacia. O prédio também é inadequado, pois se trata de uma casa adaptada, que não atende às necessidades de trabalho dos policiais.

As ocorrências mais frequentes, de acordo com a polícia, são a violência doméstica, da qual as principais vítimas são mulheres e crianças. Os casos de violência contra a mulher correspondem a mais da metade daqueles que chegam à delegacia.

*“Tudo começou quando a mulher disse que queria se separar, mas o marido não aceitava a decisão. Saindo para beber, voltou para casa embriagado, ameaçando a mulher, ‘dando macho’ para ela; começou a espancá-la, dando vários murros e supetões, jogando-a na parede e no chão. Ela começou a gritar, os vizinhos escutaram e socorreram-na. Ao ser ajudada, foi à delegacia, mesmo muito machucada, e prestou queixa. (...) Quando a mulher voltou, em vez de trazer o laudo para comprovar as agressões, ela disse que não iria depor contra seu marido, pois gostava muito dele e não saberia como cuidar dos seus filhos sem ele”. (agente da Polícia Civil)*

A expressão popular “dando macho” significa acusar a esposa de estar traindo com um homem que, na realidade, não existe. No caso relatado pelo policial, o desentendimento conjugal foi interpretado pelo marido como indício de traição da esposa e teria motivado seu espancamento. Consideramos que o machismo contribui muito para a violência sofrida por mulheres. Outro traço frequente nos casos de violência e presente nesse relato é o fato de o agressor estar embriagado (o alcoolismo foi um problema detectado tanto em Arcoverde como em Alagoinha e Pesqueira).

Por fim, outra questão muito mencionada pelos policiais refere-se ao fato de que a vítima retirou sua queixa em seguida. Essa atitude, comum em vários casos, muitas vezes estimula o discurso preconceituoso de que a vítima, no fundo, aceita a violência e, portanto, as denúncias vindas de dentro de casa normalmente não devem merecer atenção. Ao contrário, notamos que é preciso maior cuidado no encaminhamento dos casos, para se evitar que as vítimas se isolem e, ao mesmo tempo, voltem a ser agredidas.

A violência sexual também foi destacada nas entrevistas. Da mesma forma que a doméstica, o preconceito contra as mulheres traz grandes dificuldades para vítimas de violência sexual. Houve o relato do caso de uma mulher que residia com seu filho e, apesar dele mesmo ter testemunhado a invasão de sua casa pelo agressor, foi alvo de discriminação por ter denunciado o estupro. As agressões só cessaram quando o acusado foi capturado por um outro estupro, assumiu a autoria do crime anterior e disse que não a conhecia. O preconceito acaba colocando, no papel de suspeita moral, a vítima do crime e, por

esse motivo, muitas mulheres preferem se calar.

O Conselho Tutelar também confirma que a maioria dos casos de violência contra a criança e o adolescente é cometida dentro de casa, por pais, padrastos e tios. Muitas vezes, as queixas custam a sair da casa, pois o agressor consegue impor o silêncio para toda família e, nesses casos, as denúncias acabam surgindo de vizinhos ou pessoas mais distantes.

*“A mãe separada do marido, que tinha um casal de filhos, arrumou um companheiro. Todas as vezes que a mãe ia para a escola, o padrasto levava a menina de seis anos para o quarto da mãe e abusava sexualmente da criança e era ameaçada se contasse para alguém. Ela também sofria abuso do seu tio e era ameaçada para não contar a ninguém. Mas a criança não agüentou e contou para a mãe, mas ela fingia não acreditar e se refugiou na bebida. O vizinhos foram os responsáveis pela denúncia”. (agente da Polícia Civil)*

Além da agressão dentro de casa, chamou a atenção o problema da exploração sexual de adolescentes. Segundo um advogado entrevistado, esta violência relaciona-se a situações de pobreza de algumas famílias. Nesses casos, o Conselho Tutelar destaca que os aliciadores frequentemente são pessoas “acima de qualquer suspeita”, homens com algum poder aquisitivo, mais velhos e sem residência fixa.

Ainda no que se refere à violência contra crianças, um caso ocorrido em um evento da cidade chocou muitos moradores.

*“Um adolescente estava trabalhando na exposição de animais de Arcoverde, vigiando os carros no estacionamento. Dois casais que saíam do evento, ao chegarem no carro, deram falta do toca-fitas. Por coincidência, o menor passava pelo local e eles o pegaram e colocaram-no no carro, achando que o jovem teria roubado o toca-fitas. Em seguida, o levaram para trás da Casa de Shows Coliseu e, depois, para uma cidade próxima e passaram um bom tempo, em que espancaram o menor com pau, pedra, chutes e só não o mataram porque uma das pessoas pediu para que parassem, pois tudo seria esclarecido na delegacia. Após o fato, achando que tinham razão, levaram o menor para a delegacia para darem queixa, mas os policiais se revoltaram com o ocorrido e a situação do menor, que estava muito machucado. Foram feitos vários exames nele e os agressores foram presos, julgados e condenados a seis anos de prisão.” (membro do Conselho Tutelar)*

O caso chama muita atenção, pois os agressores não apenas se viram no direito de espancar a criança, apenas por suspeitarem que ele havia roubado o toca-fitas, como também o levaram para a delegacia como se estivessem agindo em “colaboração” com a lei. Esse tipo indica como, em certos casos, as pessoas consideram correto, ou mesmo natural, torturar suspeitos como uma forma de

punição ou para que assumam o crime. Felizmente nesse caso, a polícia demonstrou eficiência quando rapidamente assistiu ao adolescente e interpelou os agressores.

## DIREITO À IGUALDADE

Percebemos diferentes formas de discriminação em nossa cidade, como o racismo, a discriminação de gênero, de condição social ou de portadores de necessidades especiais. Infelizmente, alguns casos de discriminação são tão frequentes e incorporados nos costumes que passam despercebidos e são considerados normais. Isso é fruto da falta de informação e de debates sobre esses abusos.

Já vimos que, no caso das mulheres, o preconceito contra vítimas de violência doméstica ou sexual acaba ajudando na impunidade dos crimes. O próprio Fórum Judiciário, apesar de teoricamente ser o espaço para a reparação dos abusos, pode ser significado de muitos constrangimentos para a pessoa discriminada, situação esta que piora quando a pessoa é o acusador do crime.

Um advogado local que milita pelos Direitos Humanos descreveu uma situação que ocorreu no Fórum de Arcoverde como exemplo da discriminação racial e por condição social.

*“Houve na cidade de Arcoverde um julgamento de um rapaz que se chamava Novinho, ele é negro e pobre, sendo acusado de homicídio. (...) Sua mãe é chamada de Maria Preta e vive de favores. Ela prestou serviços durante dez anos nas duas delegacias de Arcoverde, sendo ‘jogada’ delas sem ter direito sequer a uma remuneração. Ela é tratada com discriminação em sua rua, sendo chamada de macaca, de negra safada, gorila, rapariga e de negra sem vergonha.*

*No dia anterior ao julgamento de Novinho, ocorreu um julgamento de uma pessoa importante na cidade. A área destinada ao público no plenário estava completa e as pessoas da família do réu tiveram o direito de chorar copiosamente no plenário, sendo acalentadas pelos presentes.*

*No dia seguinte, houve o julgamento de Novinho. Vendo seu filho ser julgado e prestes a ser condenado de 12 a 30 anos de prisão, Maria começou a chorar sem fazer barulho algum. Por sua condição social baixa, Maria pegou um pedaço de pano branco, mas sujo, que usava para enxugar suas lágrimas. O promotor, que estava com a vez da palavra, voltou ao juiz dizendo que era absurdo que pessoas da condição dela tentassem comover o conselho de sentença com seu choro, sendo necessário que ela fosse retirada. Querendo preveni-la de um constrangimento maior, como ser retirada à força do plenário pelos policiais, aconselhou-a a sair. Não sendo permitida também de ficar no fórum.” (advogado e militante dos Direitos Humanos)*

O relato do advogado ilustra bem a diferença entre o tratamento dado ao acusado com melhores condições econômicas e branco e aquele recebido por Novinho. O pedido do promotor para retirá-la não só da sala como do Fórum, cumprido por Maria Preta, foi encarado com naturalidade pelos presentes, enquanto no julgamento anterior essa hipótese não foi, aparentemente, cogitada. Essa diferenciação no tratamento recebido dentro do Fórum contribui para que muitos deixem de buscar qualquer auxílio nesses espaços.

Maria Preta também era, segundo o advogado, vítima de discriminação racial pelos moradores de sua rua, mas não havia questionado esse fato. A aceitação de agressões verbais ou pídadas indica como esse preconceito permanece enraizado em diversos espaços, necessitando ser combatido.

Outra manifestação de discriminação por condição social foi percebida na forma como alguns pais se dirigem aos filhos quando tratam da opção entre escola pública ou particular. Por mais graves que sejam os problemas vividos no ensino público, o comportamento de alguns pais que ameaçam colocar seus filhos em uma escola pública pode acentuar a já grande distância entre ricos e pobres. Algumas crianças acabam incorporando esse ponto de vista, de que o uso de serviços públicos é para pessoas de condições inferiores, devendo ser rejeitado sob qualquer circunstância.

Os portadores de deficiência, apesar de inseridos em escolas, também convivem com o preconceito de seus colegas.

*“Quando entrei na escola, pensei que lá, por ser uma das melhores escolas do Estado, não sofreria discriminação por ser ‘surdo-mudo’. Mas eu estava enganado. Logo que começaram as aulas, as pessoas olhavam para mim de uma forma ‘normal’, mas com o passar do tempo descobriram minha necessidade auditiva, e aí as coisas mudaram, começaram a me olhar atravessado como se dissessem: ‘Ele é anormal’”.*  
(portador de deficiência auditiva)

A dificuldade dos colegas em compreender a diferença não é nova. Apesar do sofrimento vivido pelo aluno, sua inclusão é positiva e importante para que os próprios colegas deixem de considerar “anormais” as pessoas que tenham necessidades especiais.

Como iniciativa interessante, de promoção dos direitos de portadores de necessidades especiais, existe na cidade a Cooperativa de Deficientes Físicos de Arcoverde (Codefil), que se dedica à produção de vassouras, na qual trabalham portadores de deficiência. Além de oferecer perspectivas de inclusão econômica às pessoas com necessidades especiais, essa iniciativa o faz de forma solidária. O depoimento a seguir é de uma mulher que trabalha e ocupa o cargo de diretora de produção e comercialização da cooperativa.

*“Certo dia, vendemos muitas vassouras e recebemos o pagamento em cheque no valor de R\$ 1.208,00. Fui trocar o cheque no Banco do Brasil e, ao chegar lá, o caixa que atendia desconfiou de mim e disse que não trocaria o cheque, pois achava estranho que eu tivesse todo*

*aquele dinheiro. O caixa me julgou por ser deficiente. Expliquei do que se tratava, mas ele não acreditou em mim e a situação me deixou muito constrangida, pois tinha muita gente no banco e todos presenciaram essa situação. Foi necessário pegar toda a documentação da Codefil para provar que eu era diretora. O cheque estava pronto para ser pago e tudo não passou de discriminação. Isso me traumatizou e só depois de algum tempo consegui voltar a ir em bancos. Em outros bancos eu sou bem atendida. Esse caso denunciei na Rádio Cardeal Arcoverde AM. (diretora da Codefil)*

Como vemos no depoimento, o preconceito está tão estabelecido que o caixa do banco teria considerado absurdo que uma portadora de deficiências sacasse um cheque com valor alto. Entretanto, talvez por ter essa experiência na defesa dos seus direitos a partir do próprio trabalho da cooperativa, a diretora da Codefil, mesmo abalada, enfrentou a situação e denunciou o abuso.

Situações como essa indicam que, para se avançar na proteção contra a discriminação, é fundamental que se abram espaços para os debates sobre as diferenças e que se incentivem a reunião de pessoas vítimas de discriminação para que, em conjunto, questionem as agressões sofridas.

## DIREITO À SAÚDE

Arcoverde tem um sistema de saúde que se destaca em comparação a outras cidades do interior do Estado de Pernambuco. A cidade dispõe de dois hospitais particulares, sendo que um deles atende pelo SUS – Sistema Único de Saúde e quatro postos de Programa de Saúde da Família (PSF). A nossa observação se concentrou no trabalho do Hospital Regional de Arcoverde, que é a instituição pública responsável pelo atendimento de saúde da maior parte da população da cidade e região.

Notamos que os hospitais da rede particular são bastante eficientes, pois possuem equipamentos para exames, médicos e enfermeiros capacitados, bem como amplos espaços reservados e confortáveis para os pacientes. Porém, o mesmo não acontece com o sistema público, que apresenta graves deficiências. Os depoimentos mostram que existe ainda uma grande coexistência em equipamentos, médicos especialistas e exames complementares. Essa queixa vem tanto da população como dos profissionais da saúde.

Nas entrevistas com enfermeiras, destacou-se que as condições de trabalho no hospital eram inadequadas ao atendimento da demanda local.

*“Os serviços de saúde são falhos, pois o número de funcionários é insuficiente para a grande quantidade de pessoas na fila. Por isso as pessoas esperam muito, os equipamentos são inadequados, faltam respiradores, bombas de fusão, UTI, exames especializados e os exames que são disponíveis à comunidade são muito demorados.”* (enfermeira)



*“As maiores dificuldades são a falta de mão-de-obra qualificada, materiais e equipamentos, falta de medicamentos e exames especializados, acarretando a transferência dos pacientes para outra cidade, que chegam até a morrer no caminho. O mais freqüente é a falta de endoscopia, pois o paciente chega no hospital com hemorragia digestiva e precisa ser encaminhado para o Recife, chegando a falecer no caminho.” (enfermeira)*

*“Os pacientes são sempre os mais prejudicados pela falta de exames especializados e médicos. Um dos casos mais freqüentes: chegou um paciente com cardiopatia precisando fazer um ecocardiograma e não tinha no hospital, por isso foi transferido para um hospital da rede pública do Recife que faz esse tipo de exame. Outro paciente, por falta de um exame de cauterização, foi transferido, morrendo no caminho com hemorragia digestiva”. (enfermeira)*

Na ausência de equipamentos mais adequados, de acordo com o que afirmam as enfermeiras, é comum que os pacientes tenham que ser transferidos para cidades que ficam distantes até quatro horas. A transferência, muitas vezes prejudicada pela sobrecarga da demanda, não só não é garantia de que esses pacientes recebam encaminhamentos adequados, além de poderem ocasionar graves danos aos pacientes. Com a carência de pessoal e material, muitos profissionais de saúde acabam sendo sobrecarregados e são obrigados a improvisar para corresponder às necessidades de todos.

As enfermeiras ainda reclamaram sobre as condições financeiras e a discriminação dentro do Hospital.

*“Há sete anos venho sofrendo com perda salarial, falta de vale-refeição e o vale-transporte teve uma diminuição. Também os dormitórios, que antes tínhamos, foram retirados de todos os setores, menos os dos médicos.*

*Muitos pacientes também reclamam bastante. São mães que estão esperando seus filhos serem atendidos ou estão com eles internados e por isso ficamos muito cansados e nervosos. Mas [a gente] entende que é sofrimento de mãe por estarem com seus filhos doentes.” (auxiliar de enfermagem)*

*“Temos que comprar fardamento, não dispomos de vale-transporte, a alimentação que recebemos do hospital é regular e não temos valor profissional, pois um dia havia um paciente na fila e quando eu passei ele perguntou que horas o médico chegaria, eu respondi que não sabia e ele então soltou uma piada: ‘essa rapariga estava transando com ele e por isso ela não quer dizer que horas ele vem’. Então mandei chamar o*

*porteiro para tirá-lo do local e isso me abalou muito”. (auxiliar de enfermagem)*

Segundo o relato da primeira auxiliar, dentro da estrutura do hospital a equipe de enfermagem acaba sendo preterida em função dos médicos. Ambas destacaram que os benefícios e a remuneração sofreram perda nos últimos tempos. Além disso, a tensão entre pacientes e auxiliares cresce muito com a superlotação.

Nesse contexto, como reconheceram os profissionais de saúde entrevistados, o maior prejudicado acaba sendo o paciente. Os usuários entrevistados no Hospital ressaltaram diferentes situações nas quais teriam sido prejudicados pela falta de condições no seu atendimento.

Alguns entrevistados se queixaram da falta de atenção dos médicos, além da demora para o atendimento. Segundo os relatos, os médicos apenas teriam feito perguntas superficiais e já indicavam algum medicamento.

*“O atendimento no hospital regional é ruim, porque todas as vezes fui mal atendida, pois os médicos demoram a chegar e, quando nos atendem, perguntam o que temos, não olham para nós, não nos examinam e o único medicamento que passam é injeção. Quando vamos ao balcão para fazer as fichas, as atendentes demoram a atender e, se formos perguntar porque os médicos estão demorando, elas respondem com ignorância.” (usuária do Hospital)*

*“Minha filha de 14 anos estava com fortes dores de cabeça e levei-a para o hospital. Chegando lá, nós deparamos com uma fila grande, pois as pessoas que faziam as fichas estavam demorando no preenchimento e o médico ainda não tinha chegado. Chegou um carro e desceram duas pessoas e foram diretamente ao balcão, tiveram suas fichas preenchidas, sem respeitar todas as pessoas que estavam em pé na fila e quando o médico chegou foram as primeiras a serem atendidas.*

*Não sei porque, acho que o motivo era por eles estarem bem vestidos ou terem dado algum dinheiro para os funcionários. Acho que as pessoas com melhores condições são mais bem atendidas. Todas as pessoas da fila reclamaram, pois fazia muito tempo que estavam na espera.*

*Depois de muita demora, minha filha foi atendida, sem ser medicada, pois o médico passou uma injeção sem ao menos ter feito um exame na menina, só perguntou o que tinha, sem olhar para ela, então ela pediu que o médico substituísse a injeção por um remédio, e ele disse que não iria passar nenhum remédio e, se quisesse, tomasse a injeção, falando com ignorância.” (usuária)*

A falta de diálogo na relação entre o médico e seus pacientes acaba confundindo as famílias ou provocando desconfiança com relação ao tratamento. Por mais que os médicos estejam cientes das medidas sugeridas, essa situação pode não apenas prejudicar o tratamento, como inviabilizá-lo. No último relato, a preferência por determinados pacientes na fila, sem que as razões sejam explicadas, também é estranha e causa constrangimentos.

Uma outra entrevistada relatou as dificuldades vividas quando buscava ser atendida para a realização do parto de seu filho.

*“Cerca de dois anos atrás fui ao hospital regional para ganhar nenê. A demora para chegar ao leito foi grande e, ao conseguir chegar lá, o toque não foi feito de imediato, a bolsa acabou estourando e eu gritava. As enfermeiras que passavam por mim diziam que o bebê não estava pronto para nascer, pois os médicos e as enfermeiras estavam preocupados com outros pacientes. O número de enfermeiros não condizia com o número de pacientes. Esses enfermeiros e médicos chegaram a ponto de soltar piadinhas, dizendo que na hora de fazer é muito fácil, então que agüentasse as dores. Pela demora no atendimento o bebê já estava saindo, tendo, assim, infecção e não sobreviveu. Eu também tive infecção nas partes íntimas, que estavam totalmente expostas.” (usuária)*

A situação relatada é muito grave, pois a paciente, além de não ter sido atendida, foi desrespeitada pela equipe do local. A situação de sobrecarga da equipe, reconhecida pela própria paciente, teria acarretado a desatenção com a gestante, que, nessas condições, perdeu o filho e teve sua própria saúde prejudicada. Além disso, os comentários da equipe de saúde humilharam-na em meio a todo o sofrimento. Apesar de graves, casos como esse praticamente não são denunciados ou mesmo questionados – a insegurança e a falta de espaço para interpelar os profissionais de saúde levam os pacientes a optarem pelo silêncio.

Outro relato também chamou a atenção quanto aos erros cometidos no encaminhamento de um paciente ferido a bala.

*“Eu sofri no dia em que fui baleado. Quando cheguei ao Hospital Regional, disseram que não tinha cirurgia para retirar a bala e nem atender. Fui transferido para a Casa de Saúde São Lucas. Quando cheguei, dois enfermeiros me levaram para uma sala e começaram a limpar o ferimento. Foi quando chegou outra enfermeira e mandou parar, disse que primeiro eu tinha que fazer uma ficha para o médico me consultar e depois o enfermeiro poderia limpar o ferimento e fazer curativo. Eles discutiram por alguns instantes e o enfermeiro continuou limpando o ferimento e mandou chamar o médico. O médico examinou, pediu para tirar uns raios-X e mandou ligar para o Hospital Regional, para que o cirurgião que lá se encontrava fosse para a Casa de Saúde.*

*Quando o outro médico que estava no hospital chegou à Casa de Saúde São Lucas, ele examinou o raio-X e disse que estava tudo bem, pois a bala tinha ficado alojada e não havia problema, afirmando que eu poderia ir para casa, ficar de repouso e tomar os comprimidos, sendo que em outra ocasião, quando eu estivesse me sentindo melhor, ele tiraria a bala, que, estando alojada, não me prejudicaria em nada.*

*Então fui para casa e, no dia seguinte, a cama que eu tinha dormido estava enopada de sangue e eu, sentindo muita dor, voltei ao hospital e outro médico que estava atendendo me consultou e disse que aquela bala já deveria ter sido retirada no mesmo instante em que fui ao Hospital, ou seja, na noite anterior. Esse médico retirou a bala e mandou fechar os buracos sem pontear. Depois de alguns dias, retornei ao hospital para ser atendido, pois estava perdendo sangue e desmaiando com frequência e quando ia aos postos diziam que era assim mesmo, por que eu estava me recuperando.*

*Nesse dia que voltei ao médico foi constatado que fiquei com um pequeno desvio na coluna e sem conseguir mexer o ombro direito. Desde quando isso aconteceu, já faz uns três meses, ainda sinto dores. O médico disse que, se a bala tivesse sido retirada no dia em que fui baleado e se tivesse tomado os cuidados necessários logo, eu não estaria assim”. (usuário)*

A sucessão de desencontros e atrasos relatada pelo paciente é muito preocupante. Inicialmente, a falta de um especialista no Hospital Regional obrigou a remoção do paciente para a Casa de Saúde. A demora em retirar a bala e fechar o ferimento foi de três dias, sendo que, por duas vezes, mesmo estando em situação complicada, o paciente foi orientado a voltar para casa, retornando em piores condições no dia seguinte. Por fim, aparentemente o problema causado pelo ferimento se agravou.

Situações como essa mostram que um sistema mais eficiente representaria não apenas um atendimento mais adequado aos pacientes, como uma economia nos recursos gastos para sua recuperação. Nesse sentido, é preciso que se avalie a qualidade dos serviços oferecidos à população e quais os recursos que seriam necessários para adequá-los às necessidades de todos.

## DIREITO À EDUCAÇÃO

Os maiores pólos educacionais de Arcoverde estão no centro da cidade, onde se localiza a Escola Carlos Rios, e no bairro de São Cristóvão, onde encontra-se a única instituição de ensino superior. A qualidade do ensino oferecido, segundo os professores e alunos entrevistados, parece estar sendo prejudicada pela falta de maior qualificação, remuneração e apoio didático, além de problemas no espaço físico de certas escolas.

Em um dos estabelecimentos escolares, dois estudantes enumeraram suas principais queixas com relação à escola em que estudavam.

*“(...) a qualidade de ensino é regular, não é o suficiente. O conteúdo ensinado é muito resumido, professores mal capacitados e inexperientes, alguns funcionários mal educados, o espaço é muito pequeno, não vejo nenhum tipo de segurança, material nós não dispomos e nem de merenda”. (estudante, portador de deficiência auditiva)*

*“(...) a segurança não é muito boa, pois entra quem quer na escola, qualquer pessoa. A escola é grande, mas está com o teto quase caindo, as paredes sujas e não temos acesso ao laboratório de informática”. (estudante do ensino médio)*

A falta de material didático e o desinteresse pelas aulas foram lembrados pelos alunos. Também existe a preocupação quanto à entrada de pessoas não identificadas na escola, ao mesmo tempo em que a restrição do acesso a determinadas salas foi questionada. Em outra entrevista, uma professora lamentou o distanciamento entre escola e comunidade, ressaltando os efeitos disso na educação das crianças.

*“(...) há uma grande dificuldade em trazer a comunidade à escola e conscientizar os pais que não são apenas os professores que terão que educar os alunos, mas eles também, ajudando-nos a educar seus filhos em casa”.*

*“(...) o colégio está praticamente caindo, quando chove temos que suspender as aulas e mandar os alunos irem embora”. (professora)*

Além de cobrar mais apoio dos pais, a professora reclamou do estado de conservação do prédio da escola. Como o relato do segundo estudante indica, muitos estão insatisfeitos com relação ao estado físico das escolas públicas, seja pela má conservação do prédio escolar, seja pela falta de espaço. Por outro lado, o envolvimento da comunidade com essa escola (que poderia contribuir ou cobrar a recuperação dos espaços) parece não ocorrer.

Os moradores relatam que, em certas escolas públicas, são matriculados mais alunos do que estas comportam. Por isso, faltam cadeiras nas salas de aula e, sem espaço, alguns alunos desistiram de estudar. Além disso, em certos locais mais disputados, para conseguir uma vaga, o aluno tem que ser “reconhecido”. Reconhecimento este que se refere ao fato de o pretendente ser um atleta ativo na cidade ou ter relações próximas com pessoas influentes na cidade.

Por fim, constatamos que, em uma escola, a eleição para a diretoria não seguiu seu curso natural devido a pressões do diretor, que não desejava a vitória de uma professora que se opunha à sua coordenação. Uma aluna afirmou que o diretor incentivou os alunos a desrespeitarem a professora-candidata.

*“Na campanha para eleição direta para diretoria da escola, a professora que disputava com o atual diretor sofreu discriminação e calúnia por parte dos alunos, que foram incentivados pelo diretor. Enquanto a professora discursava, os alunos badernavam, também por incentivo do diretor”. (aluna)*

Mesmo tendo a professora vencido a eleição, o resultado foi anulado pelo diretor, que tinha apoio entre dirigentes da educação no município. Posturas como essa desencorajam o envolvimento mais ativo de alunos e professores com a escola, distanciando também outras pessoas da comunidade que poderiam colaborar na sua recuperação.

## DIREITO À CULTURA E AO LAZER

A cidade de Arcoverde conta com grande diversidade de manifestações culturais e religiosas. São vários os grupos teatrais, de danças e as oficinas artísticas. Os moradores consideram que a sua festa de São João é a terceira melhor do Estado de Pernambuco. Na cidade, surgiu o grupo musical *Cordel do Fogo Encantado*, que faz um grande sucesso em todo o Brasil e em alguns países da Europa.

Mesmo com esse quadro, percebemos, através dos relatos, que os moradores sentem a falta de mais espaços para as atividades culturais e de lazer, bem como de apoio material por parte dos poderes públicos.

O grande alicerce para a cultura na cidade é o espaço do Sesc (Serviço Social do Comércio), pois nele ocorre a maioria dos eventos culturais e de lazer. Além disso, o Sesc oferece apoio para algumas iniciativas locais.

*“Os espaços na área de cultura e lazer que a cidade dispõe não são suficientes, teria que haver mais espaços destinados ao público de baixo poder aquisitivo e quanto mais espaços melhor; pois poderiam trazer mais opções de fora e novidades para cidade, aumentando assim o interesse das pessoas tanto no lado da cultura como no lazer.” (funcionário do Sesc)*

Como destaca o entrevistado, a vida cultural na cidade poderia ser mais bem aproveitada se fossem mais frequentes as atividades oferecidas gratuitamente, tendo em vista as dificuldades de renda de muitos moradores. Os problemas financeiros também foram mencionados por dois artistas plásticos que têm o ateliê instalado num espaço do Centro Comercial de Arcoverde (Cecora).

*“Eu tinha um curso de profissionalização para menores de rua, onde eles aprendiam a fazer escultura e estavam tendo um ótimo desenvolvimento. Mas, devido à situação que ficou o telhado, essa oficina teve que ser paralisada. Ao procurar a prefeitura e a Secretaria de*

*Cultura, fui informado que não havia verba para essa reforma e por esse motivo o trabalho parou e a maioria dos dezesseis menores que participavam da oficina voltou para as ruas.”*

*“Há uma grande falta de apoio dos comerciantes e empresários da cidade e da prefeitura. Com isso, os artistas têm dificuldades em expor as suas peças e não dava para continuar o projeto, pois era eu que bancava o material e o custo era muito alto”. (artista plástico)*

O trabalho dos artistas enfrenta dificuldades se for mantido apenas com os recursos obtidos com a venda das obras produzidas. A iniciativa de envolver adolescentes no trabalho também é importante, mas não teve prosseguimento devido à falta de recursos.

Outra tradição cultural muito forte na cidade é o Samba de Coco, praticado e festejado por muitos moradores. Integrantes do grupo *Samba de Coco Raízes de Arcoverde* relataram suas expectativas quanto ao trabalho que desenvolvem.

*“Ganhamos três dias de estúdio pago por uma ONG, mas não temos condições de pagar as outras despesas que englobam a viagem para Recife e a hospedagem, além de o grupo ter um grande número de integrantes que são duas famílias. Não temos patrocínio de ninguém e arcamos com todas as outras despesas do nosso bolso”.*

Nosso prestígio está sendo mais nas outras cidades, pois temos o exemplo de Lirinha (vocalista do Cordel do Fogo Encantado), que está fazendo muito sucesso em Recife e no resto do país. Mas eles tiveram que ir para a capital para crescerem, pois é mais fácil receberem apoio fora da cidade e Arcoverde perde artistas por não dar o incentivo a eles”. (membro do Samba de Coco Raízes de Arcoverde)

Muitas vezes, por mais qualificado que seja o trabalho artístico desenvolvido na cidade, sua estabilização depende muito da divulgação e do seu reconhecimento em outras cidades. Os grupos, vários deles bastante tradicionais, fazem muitos esforços para manter as atividades, mas o reconhecimento em outros locais não só assegura melhores condições de trabalho para o próprio grupo, como fortalece as outras expressões culturais da região. Nesse sentido, facilitar a divulgação das iniciativas pode contribuir também para sua melhor sustentação.

### DIREITO AO TRABALHO E À RENDA

Com o grande número de desempregados, observamos,

em Arcoverde, que tanto os jovens que buscam o primeiro emprego como as pessoas que já se inseriram no mercado de trabalho enfrentam muitas dificuldades na procura por um emprego. Segundo alguns jovens, o acesso ao primeiro emprego é muito difícil, pois os empregadores exigem experiência de trabalho, algo raro entre a maioria, pois, quem está nesta situação, geralmente, é porque terminou os estudos, ou precisa de uma oportunidade para dar continuidade a eles.

*“(...) enfrentei uma grande dificuldade, terminei o segundo grau, passei dois anos procurando emprego sem sucesso.” (jovem observador)*

A falta de perspectiva de emprego frustra aqueles que se escolarizaram acreditando que teriam maiores chances, principalmente porque a maioria das vagas abertas não oferece boa remuneração e não desperta interesse. Para as mulheres, por exemplo, uma das opções frequentes continua a ser o trabalho doméstico. Apesar de muitas se queixarem de abusos e de estarem insatisfeitas com esse trabalho, a maioria não abandona o emprego por ter medo de não arranjar outra função.

Apesar da exigência de experiência para os jovens, o mesmo não vale para os moradores com mais de 35 anos, considerados “experientes” demais para muitas funções.

Na ausência de melhores opções, é grande o número de pessoas que buscam o ganho no mercado informal, mesmo com remuneração incerta e jornadas de trabalho mais extensas. Um jovem que optou por trabalhar como camelô deu o seguinte depoimento sobre seu trabalho.

*“O que tiro de lucro não é muito, mas dá para sobreviver com dignidade, trabalho lá por falta de opção; se tivesse uma oportunidade de emprego com carteira assinada e todos os direitos deixaria de ser camelô”.*

Visitando o Centro Comercial, notamos também que, infelizmente, crianças trabalhavam em algumas atividades. O trabalho infantil, apesar de proibido, está bastante presente entre os moradores. Um menino que carregava compras em um carrinho de mão falou sobre as mudanças que o trabalho traziam para sua vida.

*“Quase não vou à escola, pois passo quase o dia todo trabalhando e quando chego em casa estou cansado, com muitas dores nas costas, por isso não consigo ir à escola e também não brinco, pois não tenho tempo.” (criança trabalhadora)*

As dificuldades na obtenção de renda estável dentro da família acabam levando crianças para o mercado de trabalho. Como relata o menino, o trabalho infantil não apenas interfere na sua educação como também lhe causa danos à saúde.



## ASSENTAMENTO DE PEDRA VERMELHA

*Pequena vila formada por trabalhadores rurais, com pouco mais de 20 casas e uma pequena escola municipal, por trás de uma montanha de pedra que impede a sua visão da cidade de Arcoverde, assim é o Assentamento de Pedra Vermelha. O nome Pedra Vermelha veio de uma pedra pequena que fica dessa cor quando é molhada pela chuva.*

*Os atuais moradores resistiram por dez anos à pressão da polícia e do poder político local a fim de conseguir regularizar o assentamento. Coordenados pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais, um conjunto de pessoas, que não tinha casa nem trabalho, decidiu ocupar as terras pertencentes a um órgão do governo estadual de Pernambuco, o IPA – Instituto de Pesquisa Aplicada à Agricultura de Pernambuco. No início, ficaram acampados na beira da rodovia, em barracas de lona, em condições precárias. A comunidade e a Igreja local se mobilizaram para distribuir sopas e pães aos ocupantes. Ficaram ali durante três anos, mas não receberam nenhum tipo de ajuda do poder político local. Após esse período, ocuparam a fazenda, onde estão até hoje.*

*Na época da ocupação, existiam aproximadamente 260 famílias. Mas quando o governo federal organizou o assentamento, exigiu que apenas 23 famílias fossem instaladas na área. Os ocupantes conseguiram, depois de muita discussão, que fosse autorizada a instalação de 28 famílias, as quais permanecem no local. Embora o assentamento exista há dez anos, só este ano (2002) é que se conseguiu a desapropriação da área.*

*Nesses dez anos muitas coisas mudaram. No local, onde só havia mato e barracas e terras, os próprios moradores construíram as casas, em sistema de mutirão, com material de construção doado por uma entidade do Canadá. Cada casa é dividida ao meio por uma parede e ocupada por duas famílias. O espaço é pequeno e não há nenhum tipo de privacidade. Todas as casas possuem um pequeno jardim em sua entrada e uma horta com verduras, embora não haja vegetação. Um telefone público atende à necessidade de todos os moradores.*

*Os assentados trabalham geralmente na agricultura e pecuária. Quando essas atividades não são suficientes para a sua subsistência, alguns complementam o orçamento com artesanato, transformando pneus velhos em cestos de lixo e coxos para animais. Apesar das melhorias feitas no local, as dificuldades econômicas ainda são sentidas. Segundo um agricultor, é difícil a obtenção de crédito para a produção.*

*Não há saneamento básico e a falta de água é um dos piores problemas do assentamento. A água só chega uma vez por mês em algumas casas. Para suprir suas necessidades, os moradores tiram água de uma cacimba, quando não compram água mineral. Segundo as entrevistas, existe material para a melhoria do saneamento básico, mas não há mão-de-obra para instalá-lo. O esgoto é escoado para fossas que são divididas entre duas casas.*

*Não há posto de saúde nem atendimento médico; dois agentes de saúde da prefeitura fazem o acompanhamento médico dos moradores. Para consultas, exames médicos, conseguir remédios e se vacinarem, todos têm de se deslocar para o bairro Boa Esperança, em Arcoverde. Entre os problemas existentes, muitas crianças morreram desnutridas, devido à falta de acompanhamento médico. O filho de um dos moradores do assentamento tornou-se médico com o apoio do MST e atualmente participa de um curso em Cuba, devendo, em breve, colaborar com a melhoria dos serviços de saúde no local.*

*Embora exista uma escola de 1ª a 4ª série do ensino fundamental, a situação da educação é precária. As aulas, que antes eram dadas debaixo de um pé de juá, hoje acontecem num pequeno galpão, onde uma professora dá aulas para uma turma multisseriada de 1ª a 4ª série. Esse sistema dificulta a aprendizagem, porque mesmo os alunos que estavam na 4ª série ainda não sabiam escrever. Isso se deve à falta de mais professores ou de material didático. Quando vão estudar na cidade, os alunos do assentamento encontram dificuldade em acompanhar os estudos pelas deficiências acumuladas.*

*Quanto ao transporte, os moradores dispõem de duas motos e de um Fusca, e a Prefeitura de Arcoverde envia um ônibus para transportar os alunos que estudam na cidade.*

*A segurança é feita pelos próprios moradores do assentamento com o revezamento de 4 em 4 horas e, de vez em quando, as motos da Rocam (Polícia Militar de Pernambuco) passam por lá. Segundo os assentados, casos de violência policial levaram os moradores a impedir que a polícia entrasse na comunidade sem um pedido de autorização, uma vez que normalmente surgem apenas desentendimentos entre os próprios moradores, em grande parte motivados pelo alcoolismo.*

*Os momentos comemorativos mais lembrados são a festa de São José, o padroeiro do assentamento, que acontece no mês de março, e a festa da data de emissão de posse da terra, no mês de abril, considerado um dia muito importante de luta e conquista da terra.*

*O grupo de observadores percebeu que muitos moradores da cidade, ou mesmo fora dela, discriminam os assentados e não reconhecem sua luta, pelo fato de estarem assentados e por pertencerem ao MST. Os moradores de Pedra Vermelha disseram que são freqüentemente chamados de “ladrões de terra”, “vagabundos”, “baderneiros” e “bandidos” quando vão à cidade.*

*No entanto, todos disseram que se orgulham muito de participar do Movimento. Para eles, o assentamento existe devido ao desejo justo de mudança, pois as terras existentes são improdutivas e eles não têm terras para trabalhar. Consideram que o melhor do assentamento é o resgate do cidadão no seu meio social, valorizando a sua identidade e auto-estima, trabalhando sempre com a coletividade, favorecendo assim a luta por seus direitos. Há também espaço para divergências quanto à visão que os assentados têm da posse da terra, do MST e da maneira como vão superar os problemas.*

*Conhecer o assentamento e discutir com os seus moradores foi bastante interessante para o grupo. Primeiro, porque se rompeu uma distância entre os assentados e a cidade pelo preconceito existente contra o Movimento. E, em segundo, pela importante tentativa de promoção dos Direitos Humanos que o assentamento de Pedra Vermelha representa para nossa região.*



PERNAMBUCO

# PESQUEIRA



# Quem Somos?

## EMILÂNIA DE MELO GUIMARÃES

Caro leitor, me chamo Emilânia de Melo Guimarães. Tenho 17 anos, nasci em Pesqueira/PE. Estudei na Escola Estadual Elizeu Araújo até concluir o 1º grau. Hoje, no ano de 2002, estudo na Escola Estadual Cristo Rei, onde estou cursando o 1º normal Médio. Nesta escola não tenho muitas amizades, porque o pessoal é novato, mas espero ser amiga de todos eles futuramente.

Com relação à minha família, minha mãe chama-se Oneide de Melo Guimarães, nasceu em Laje Grande e só estudou até a 6ª série. Já meu pai chama-se Luiz Francisco Guimarães, nasceu em Venturosa e não teve a oportunidade de estudar, devido ao trabalho que exercia na agricultura. Hoje, ambos exercem uma função diferente com relação ao trabalho, minha mãe é cabeleireira e meu pai servente de pedreiro. Minha família sempre morou em Pesqueira. Por doze anos, moramos no bairro Centenário, na rua Santa Inês, em uma casa alugada. Depois, mudamos para a rua Antônio Ferreira da Silva, no bairro Santo Antônio, na qual atualmente residimos em casa própria.

A infância de minha mãe foi muito dura, pois por ser a irmã mais velha, teve que cuidar de todos os seus oito irmãos. Além disso, ela ainda trabalhava ajudando o meu avô, que era pintor. Depois de alguns anos, minha mãe conheceu meu pai e eles começaram a namorar. Ela tinha apenas 15 anos e casou-se aos 17 anos de idade. Hoje ela já está casada há 25 anos e vive cansada e sem saúde, pois além de ter trabalhado sete anos no sítio onde nasceu, precisou continuar trabalhando para nos sustentar. Além disso, mesmo vivendo com meu avô, ela teve uma vida de muito sacrifício, pois meu pai bebia e bebe muito, mas menos do que antes. Minha mãe quase morreu quando estava no 8º mês de gravidez do meu segundo irmão, houve também uma 3ª gravidez de alto risco, tudo por consequência da bebida do meu pai.

Todos os problemas da família são resolvidos por minha mãe. Faz 10 anos que ela toma conta do meu tio que é deficiente mental, e ainda ajuda pessoas estranhas quando vem em busca de

algum tipo de informação sobre documentos, registros e outros.

Minha família é composta por cinco pessoas: minha mãe, meu pai, eu e dois irmãos, o mais velho já casado e o outro, que é solteiro, está servindo o tiro de Guerra neste ano de 2002. Meus irmãos não tiveram um trabalho fixo para ajudar nas despesas da casa. Eu sou a caçula e, quando criança, tive o privilégio de estudar no MOFAC (Movimento Fraterno de Ação Comunitária) durante quatro anos. Depois, tive que sair de lá para poder ajudar em casa nos serviços de limpeza e outros mais.

No tempo livre, gosto de ler romance, escutar música e de passear com meu noivo, por que é com ele que construirei uma família futuramente. Esse, inclusive, é um dos meus sonhos, o outro é estudar para poder exercer, no futuro, uma profissão.

Meu bairro é desorganizado em relação à limpeza, há terrenos servindo de depósito de lixo, simplesmente porque as pessoas não tem coragem de colocar o lixo em frente de casa para o caminhão compactado pegar. Nem tudo é como a gente espera, mas também, graças a Deus, nem tudo é ruim e o lado bom do bairro é a existência do MOFAC (Movimento Fraterno de Ação Comunitária) que admiro muito. O trabalho que é desenvolvido com crianças e adolescentes, procura mostrar a capacidade que cada um tem de se tornar uma pessoa de bem com a vida e com o próximo. Incentivam o trabalho manual, pinturas, rendas, e outras coisas mais. Além disso, algo que é indispensável de comentar são as aulas de reforço que ajudam bastante ao alunado. Com esse aprendizado, as crianças saem jovens com a maturidade necessária para aproveitar oportunidades de trabalho no futuro.

Hoje, no ano de 2002, graças a Deus estou incluída na Rede de Observatórios de Direitos Humanos, na qual aprendi a dar mais valor a o que acontece ao meu redor e a compreender a importância dos direitos humanos em meu bairro, na minha escola, na minha cidade e, finalmente, em meu futuro.

## WILLIAM FIRMINO MAGRI IANNANTUONI

Meu nome é William Firmino Magri Iannantuoni, tenho 21 anos de idade, 1,75 de altura e 78 kg. Nasci em São Paulo (capital) e vim para Pesqueira, interior de Pernambuco, quando tinha apenas 8 meses de nascido.

Toda essa história começou quando minha mãe tinha 17 anos de idade e mudou-se para São Paulo à procura de emprego. Chegando lá, conheceu um rapaz recém chegado da Itália e começaram a namorar. Alguns anos depois, eles se casaram e

tiveram quatro filhos: o primeiro era um menino que iria se chamar Ricardo, mas faleceu um dia depois que nasceu; o segundo, chama-se Wagner e hoje está com 23 anos de idade; o terceiro, foi uma menina que ia se chamar Vanessa, mas ela morreu ainda na barriga da minha mãe; e o quarto sou eu.

Minha mãe, meu pai, meu irmão e eu, morávamos na casa da minha avó paterna e minha mãe se sentia na obrigação de trabalhar, por que ela já estava cansada das piadas da sogra. Por não ter



quem cuidasse dos filhos, ela resolveu se mudar para Pesqueira, onde morava sua mãe. Ela nos pegou, arrumou as malas e convenceu meu pai a vir junto. Chegando em Pesqueira, meu pai não se sentiu muito a vontade, sentiu dificuldades em se adaptar e resolveu voltar para São Paulo. Ele tentou convencer a minha mãe a voltar com ele, mas não conseguiu. Daí resolveu ir sozinho e até hoje não deu notícias, nem explicou a minha mãe o motivo que o levou a tomar aquela atitude.

Anos se passaram e minha mãe se casou novamente e teve um quinto filho que se chama Cleiton, e junto com esse novo marido construiu uma família. Juntos começaram a trabalhar e compraram uma casa no mesmo bairro em que minha avó materna mora. Minha mãe resolveu voltar a estudar e convenceu o meu padrasto a acompanhá-la. Ambos concluíram os estudos, meu padrasto continuou a trabalhar como pedreiro e minha mãe conseguiu uma vaga no curso de enfermagem no hospital da cidade. Minha mãe começou a ganhar mais que o meu padrasto, o que, na minha opinião, não o agradava muito. Por isso, desde então, começaram as discussões. Meu padrasto passou a chegar bêbado em casa e a agredir minha mãe, nós éramos pequenos e nada podíamos fazer para defendê-la. Passaram-se alguns meses e minha mãe se cansou da situação que estava vivendo e resolveu se separar, mas meu padrasto não aceitou e o caso foi levado para a justiça. O juiz ficou sabendo de toda a história e mandou meu padrasto sair de casa. Minha mãe continuou trabalhando e estudando, sempre se aperfeiçoando na área de enfermagem, e hoje se sente realizada tanto pessoalmente como profissionalmente.

Comecei a estudar aos seis anos de idade na escola CERU José de Almeida Maciel. Gostava muito de lá porque os professores conheciam a luta de minha mãe em nos manter na escola e nos ajudavam muito.

Aos treze anos de idade, comecei a frequentar o MOFAC (Movimento Fraterno de Ação Comunitária) onde fiz várias amizades. Lá recebi muita ajuda nos estudos e tive a oportunidade de fazer vários cursos, como serigrafia (desenhos e estamparia) e técnico agrícola, além de começar a praticar esporte como fut-sal e atletismo. Com o apoio que lá recebi, concluí os estudos e, no ano de 2000, consegui concluir o 2º grau.

No mesmo ano de 2000, tive uma experiência muito boa, pois fui convocado para prestar serviço militar, em um quartel na cidade de São Bento do Una/PE, por um período de dez meses dos quais, a maioria, fiquei afastado de casa. Senti muita falta dos meus irmãos, de minha mãe, sem esquecer de uma das coisas mais importantes da minha vida que é meu filho, Júnior, que tive com uma namorada quando estudava no MOFAC. Hoje ele tem 2 anos e 4 meses.

Ao voltar, senti a necessidade de trabalhar para dar as coisas que meu filho precisa, comprar minhas roupas e ajudar em casa, pois éramos três e só minha mãe trabalhava. Comecei a trabalhar em uma vidraçaria, onde fiquei por volta de um ano, ganhava pouco, mas dava para ajudar nas despesas. Apesar de cumprir a responsabilidade de pai, não cheguei a me casar, nem a morar com a mãe do meu filho, que se chama Edjane e tem 19 anos de idade.

Considero-me uma pessoa muito alegre e descontraída, porém me acho chato algumas vezes, mas sou muito feliz e sonho com dias melhores. Espero que esse período em que estou na Rede de Observatórios de Direitos Humanos me ajude a realizar alguns de meus sonhos, além de colaborar para a melhoria da cidade, para que no futuro meu filho desfrute de alguns direitos que ajudei a serem reconhecidos e cumpridos.

Sou uma pessoa que sabe aproveitar muito bem minhas horas vagas. Gosto muito de jogar futebol, escutar música, conversar com meus amigos, sair à noite para paquerar e, principalmente, passear com meu filho pelo bairro onde moro, pois lá existe muita oportunidade de lazer, como a quadra e um campo de futebol. Mas o que não me agrada é a falta de segurança e de infra-estrutura e fico sem entender por que meu bairro sofre com isso, pois ele é considerado um bairro de classe média pelos habitantes da cidade. Apesar das dificuldades que já passei e que venho passando, sou uma pessoa feliz e tenho muitas expectativas para o futuro e espero melhoras na saúde, na educação e que surjam mais oportunidades de emprego na cidade, como também acredito na melhoria das políticas públicas e na maneira de todas as autoridades agirem para que a população tenha uma vida mais digna.

## ANA PATRICIA FEITOZA DA SILVA

Oi, me chamo Ana Patrícia, tenho 20 anos de idade, 1.62 de altura e 48 Kg, sou branca e tenho olhos e cabelos castanhos. Estudo na Escola Estadual Cristo Rei, onde faço o 3º ano do magistério.

Sou filha de José Carlos Ferreira da Silva e de Neuza Maria Feitoza, tenho três irmãs e um irmão por parte de pai. Meu pai nasceu em Pesqueira/PE, no bairro do Prado e, ainda criança, mudou para o bairro de Santo Antônio com seus pais e seus 10 irmãos. Logo que chegaram, os homens da família foram trabalhar no matadouro Municipal que fica no bairro.

Toda a família do meu pai sofre muito com o vício do alcoolismo. Ele e meus tios começaram a beber e a fumar ainda criança e, por conta desse vício, já perdi dois tios e a família é muito desunida. Meu pai sempre foi humilhado por seus pais e

irmãos, quando rapaz chegou a ser expulso de casa indo morar por três dias no matadouro.

Minha mãe, bem como seus cinco irmãos, nasceram no sítio Lagoa de Pedra que fica próximo a Pesqueira. Ela só estudou até a 4ª série, pois lá a única opção de trabalho era a roça. Ela perdeu seu pai quando tinha 9 anos de idade e foi quando as dificuldades aumentaram e a família resolveu mudar-se para São Paulo. Quando minha mãe completou seus 15 anos, veio com minha avó e seu irmão morar em Pesqueira no bairro do Santo Antônio. Chegando neste bairro, minha mãe conheceu meu pai que, na época, tinha 24 anos e era casado, mas estava se divorciando da esposa com quem tinha um filho. Eles começaram a namorar contra a vontade de minha avó, pois ela tinha receio do meu pai, devido a bebida. Mesmo assim, após alguns

meses de namoro, começaram a morar juntos e, aos 17 anos de idade, minha mãe teve sua primeira filha, eu.

Sempre moramos no mesmo bairro, mudamos apenas de casa. A casa em que eu nasci era alugada. Logo depois, meus pais começaram a construir uma casa, mas, devido a falta de dinheiro, tivemos que nos mudar com a casa ainda em construção, pois era difícil construir e pagar aluguel ao mesmo tempo. Nesta casa nasceram minhas três irmãs: as mais novas, uma de 15 e outra de 4 anos, só estudam, enquanto a mais velha, que tem 18 anos, estuda e trabalha como doméstica e já está se preparando para casar em setembro.

Minha mãe trabalhou na prefeitura, na fábrica Peixe, foi avicultora e doméstica. Meu pai sempre trabalhou como magarefe.

Aos 4 anos de idade, comecei a frequentar o MOFAC e fiquei nesta instituição até meus 16 anos quando sai para trabalhar como doméstica. Eu e meu pai não nos damos muito bem, pois não aceito o seu vício de alcoolismo, não conseguimos conversar, pois quando nos falamos acabamos brigando. Antes, nossas brigas eram constantes, ele chegava embriagado e não deixava que assistíssemos TV e ainda nos obrigava a ficar trancadas dentro do quarto. Cheguei um dia a ficar desesperada e a tentar suicídio, tomando uma grande quantidade de

remédios. Após esse episódio, fui morar na casa de minha avó e, depois de um ano, voltei para casa. Passado este período, nossas brigas diminuíram e atualmente, depois do projeto, estou mais calma e procurando aceitar o jeito do meu pai.

Nas minhas horas vagas gosto de ouvir música, assistir aos teles jornais, conversar com minha mãe e minhas duas melhores amigas. Sou um pouco eclética, curto forró, pagode e MPB (Djavan, Gilberto Gil, Zé Ramalho e Elba Ramalho) e nos momentos de reflexão gosto de ouvir a música "Como nossos Pais", de Elis Regina. Nos finais de semana, vou à missa e depois vou com minha turma para o pagode e shows de forró. À noite, sempre saio acompanhada, pois no bairro onde moro é um pouco perigoso devido a existência de terrenos baldios e um antigo campo de futebol que não tem iluminação e no qual existem algumas construções mal acabadas.

Meu bairro fica a 30 minutos do centro, onde fica todo o comércio e o hospital. É discriminado por conta do matadouro e não tem calçamento. Apesar dos descasos, gosto do meu bairro, pois nasci e me criei nele. Espero no futuro me realizar profissionalmente como professora, ter minha casa própria e construir uma linda família.

## JOSELMA BARBOSA DA SILVA

Meu nome é Joselma Barbosa da Silva, mas gosto que me chamem de Selma. Tenho 19 anos de idade e nasci no Estado de Alagoas, mas resido em Pesqueira/PE, no loteamento Leonardo Gomes. Estou cursando o 3º ano do Ensino Médio em uma escola estadual, cujo ensino, infelizmente, não é capaz de preparar para o mercado de trabalho. Trabalhei por um ano e quatro meses como babá e doméstica para meu próprio sustento. Não era um bom emprego, mas eu até gostava.

Meu pai nasceu no Estado de Alagoas no Engenho Masiapé, onde trabalha no canavial junto com seus irmãos. Não tenho nenhum contato com ele, pois ele me abandonou quando eu tinha 2 anos de idade. Minha mãe é pernambucana, da cidade da Pedra, mas reside em Pesqueira/PE onde trabalha como doméstica. Aos 14 anos de idade, minha mãe teve que se mudar para Alagoas, junto com seus pais e irmãos, para trabalhar em um canavial, foi quando conheceu meu pai. Começaram a namorar, chegaram até a noivar, mas meu avô materno bebia muito e, de repente, sem explicações, proibiu o noivado. Apesar disso, minha mãe insistia e meu avô chegou a bater nela na frente do meu pai.

Depois disso, decidiram fugir e quando voltaram minha mãe já estava grávida de mim. Quando eu estava com um ano de idade, minha mãe engravidou novamente. Ao nascer, meu irmão era moreninho e meu pai chegou a dizer que ele não era filho dele. Por conta disso, meus pais começaram a brigar, até que, depois de muitas brigas, aos 17 anos de idade, minha mãe se separou e teve que ir trabalhar e morar em Maceió/AL. Enquanto isso, eu e meu irmão começamos a morar com meus avós.

Quando completei 6 anos de idade, minha mãe voltou e fui

morar com ela novamente. Aos 15 anos, voltei a morar com meus avós, pois não me entendia muito bem com minha mãe, pois ela descontava a raiva que sentia do meu pai em mim e no meu irmão. Sempre pensei que ela não entendia, nem procurava entender que eu e meu irmão não tínhamos nenhuma culpa sobre o relacionamento dela com meu pai. Depois desse projeto, passei a pensar diferente e hoje acho que, talvez, eu nunca tenha parado para entender os motivos dela, ou para entendê-la.

Meus pais não tiveram oportunidade de estudar, por que precisavam trabalhar para ajudar seus pais. Tenho 5 irmãos, um já falecido, outro mora em São Paulo há dois anos e os outros estudam e moram com minha mãe.

De 1993 a 1999, frequentei o MOFAC, onde fiz alguns cursos profissionalizantes como pintura em tecido, culinária, ponto de cruz e computação. No meu tempo livre, gosto de ir à missa, ler qualquer tipo de poesia, ouvir música do Raça Negra, Daniel, Zezé de Camargo e Luciano e outros mais.

No bairro onde moro enfrento algumas dificuldades. As ruas não são asfaltadas, não tem saneamento básico e o esgoto corre a céu aberto, deixando os moradores sujeitos a doenças. Além disso, as pessoas sofrem também com a falta de uma iluminação adequada, o que aumenta a insegurança. A falta de segurança provoca nos moradores o medo de serem assassinados, assaltados e violentados, o que já aconteceu algumas vezes. Eu mesma já fui perseguida por duas vezes, quando voltava da escola.

Espero que depois desse projeto sobre Direitos Humanos, todos nós possamos ter melhorias. Na realidade, os políticos não são solidários e não respeitam os valores humanos.

## ROSENILDA OLIVEIRA

Meu nome é Rosenilda Oliveira, tenho 17 anos, nasci em Pesqueira e sempre morei aqui. Estudo na Escola Elizeu Araújo e estou cursando o 2º ano do Ensino Médio, gosto da escola e de meus colegas de sala. Resido no bairro Santo Antônio e algumas coisas aqui me deixam triste: vizinhos fofoqueiros, lixo jogado em todo lugar, falta de saneamento e pouca iluminação e o mais importante que nos falta é a segurança. Não só meu bairro, mas a cidade toda vive uma onda de assaltos e de tarados. Outra coisa que perturba alguns moradores é a existência de um bar que, nos finais de semana, devido ao barulho e ao som muito alto, atrapalha as pessoas que precisam dormir para acordar cedo e trabalhar, além de idosos que não conseguem descansar. Este bar é freqüentado por menores e acontecem muitas brigas e discussões, que só acabam quando a polícia chega. Apesar disso, também tem algumas coisas de que gosto no meu bairro, como a Igreja, a creche e a escola Santo Antônio.

Meu pai se chama Edmilson José Leite Santana, nasceu em Pesqueira e foi trabalhar em Recife. Chegando lá, trabalhou vendendo coco nas praias e como garçom. Estudou até a 3ª série do primário e teve que parar de estudar para trabalhar. Logo, voltou para Pesqueira e, sem trabalho, começou a beber e fumar. A partir daí, arranhou muitas intrigas e confusões. Chegou ao ponto de cometer crimes como, por exemplo, matar pessoas que considerava inimigos, tendo sido, também, ameaçado de morte. Meu pai foi preso várias vezes e eu e minha mãe íamos sempre visitá-lo. Ele passou muito tempo na prisão e quando saiu, aos 33 anos, ele faleceu. Não sei como o fato aconteceu, só lembro que minha irmã veio me acordar e disse que tinham matado meu pai. Sai e fui ver. Ele estava numa casa

do nosso bairro, morto em cima de uma cama com 35 facadas e o motivo teria sido o fato dele ter dormido com a mulher de um colega seu. Nessa época, eu estava com 10 anos de idade.

Jadeilda Oliveira é minha mãe, ela nasceu no Piauí, onde morava com sua mãe e seus nove irmãos. Veio morar em Pesqueira ainda menor de idade com sua família. Sua infância foi muito difícil, pois não teve condições de estudar, trabalhou varrendo ruas e na fábrica Rosa, que hoje já não existe mais. Quando minha mãe veio do Piauí pra cá, morou em barracos alugados, até que minha avó ganhou uma casa. Minha avó comprou outra casa, pra onde se mudou com um dos seus filhos, que é doente e solteiro, enquanto minha mãe e seus outros irmãos permaneceram juntos. Depois de algum tempo, minha mãe conseguiu comprar uma casa para ela, onde hoje moramos eu, ela e minha meia irmã, Janaina.

Sempre moramos no bairro Santo Antônio. Minha irmã, de 24 anos, Roseane, casada, mãe de dois filhos, que não manda notícias há muito tempo, mora em São Paulo. O pai da minha irmã Janaina também mora em São Paulo.

Entrei no MOFAC (Movimento Fraterno de Ação Comunitária) aos sete anos e continuo freqüentando até hoje. Adoro esta instituição e participo de vários cursos, como informática, serigrafia, pintura, dança.

Nunca trabalhei. Tenho vontade, mas preciso primeiro concluir o 2º grau. Depois, pretendo ser auxiliar de enfermagem. No meu tempo livre, gosto de dormir, estudar, escutar música e ir para aula de dança popular, bem como treinar futebol na quadra do MOFAC. Além disso, danço frevo pela prefeitura. Aos domingos, vou para o pagode com minhas amigas.

## Onde Estamos?

A cidade de Pesqueira está situada a 215 km de Recife. Fundada em 1800, foi reconhecida como cidade em 1880. Seu nome é originado do poço dos Pesqueiros, local onde os índios Xukuru costumavam pescar. É conhecida como a terra da graça e da renda. Um cenário de lindas serras, praça arborizada, casarios do século passado: assim é nossa Pesqueira, cidade muito hospitaleira.

Todo o centro da cidade é asfaltado e alguns são bairros calçados, enquanto, outros, por não serem calçados ou asfaltados, enfrentam dificuldades em seu acesso.

Com o fechamento das fábricas Peixe, Rosa e Cica houve uma queda na economia que levou muitos pesqueirenses a ir embora por causa do desemprego. Foi quando os trabalhos manuais, especialmente a renda, passaram a representar o sustento de muitas famílias. Com a necessidade de crescer, a cidade acompanhou a tecnologia, voltou-se para o comércio, abrindo, assim, caminhos alternativos para novas profissões.

A cidade possui luz elétrica em todos os bairros, no entanto, em alguns terrenos baldios a iluminação é pouca, colocando os moradores em perigo. A água encanada não tem tratamento adequado e isso obriga os moradores a comprar água de "carros pipas". Outro problema de infra-estrutura é a falta de saneamento básico, os esgotos correm a céu aberto provocando odor e doenças, principalmente no bairro de Santo Antônio onde existe o matadouro municipal, no qual os animais são abatidos sem uma higiene adequada.

O acesso ao transporte coletivo nas vias urbanas aumentou, mas ainda deixa a desejar pois as ruas (calçamentos) e os veículos não estão em boas condições. A coleta de lixo é feita duas vezes por semana, o que faz com que muitos terrenos tornem-se grandes depósitos de lixo e entulho.

A instalação de telefones fixos aumentou depois da Telemar, mas a quantidade dos telefones públicos é baixa, além de não atender à demanda.

Temos uma feira livre realizada uma vez por semana no centro da cidade, porém seria importante que a feira tivesse um espaço físico próprio para sua melhor acomodação e facilidade para feirantes e consumidores.

A nossa cidade dispõe de um hospital, uma casa de saúde e postos de saúde em alguns bairros e distritos. Nos postos de saúde, o atendimento nem sempre é regular e no hospital faltam recursos para atender casos graves, que acabam sendo removidos para hospitais da capital.

Falando em segurança, temos uma delegacia de polícia civil no centro da cidade e uma companhia do 15º batalhão de polícia militar no bairro do Prado, onde também está localizado o Fórum Jurídico. A cidade tem apenas uma única viatura, que faz a ronda todos os dias com quatro policiais.

Na zona urbana existem oito escolas municipais, sete estaduais e dez particulares e, na zona rural, noventa e duas escolas. Com o projeto "Bolsa escola", muitas crianças passaram a estudar mais e diminuiu o trabalho infantil. Mas, ainda faltam muitos recursos para o ensino. Em nossa biblioteca pública, por exemplo, falta material para pesquisa, além disso, não temos uma faculdade, o que desanima os jovens que tem que se deslocar para cidades vizinhas se quiserem continuar os estudos.

Com relação ao lazer e à cultura, a cidade oferece clubes, freqüentados por sócios, casas de shows, em que se apresentam artistas nacionais e regionais, parques aquáticos e quadras de futebol, inclusive as do MOFAC, que são abertas à população. No antigo cinema, funciona a Igreja Universal e, na falta de um teatro, as apresentações de grupos teatrais ficam limitadas às praças ou ao palco da Rádio Difusora.

Os principais eventos da cidade são o Carnaval, a Festa da Padroeira, a Festa Junina, o Circuito do Frio, a Festa do Doce e da Renda, os Festejos Natalinos e o Reveillon, que são realizados na praça do centro da cidade. A prefeitura elaborou um projeto para fazer um centro cultural utilizando o espaço físico da antiga fábrica Rosa.

Temos um parque de exposição de animais, onde acontece vaquejada, rodeio, corrida de cavalo, exposição de animais e torneio leiteiro, todos promovidos pela prefeitura em parceria com o governo do Estado e de comerciantes, além do apoio de outras entidades em alguns eventos. Recebemos um grande número de visitantes em nossa cidade, atraídos pelos festejos, eventos e para visitaçaõ da Santa no Sítio Guarda.



Há muitas religiões na cidade: católicos, evangélicos, centros espíritas, umbandistas, maçônicos, etc, mas a católica é mesmo a predominante. O local da aparição da Santa Nossa Senhora das Graças, no sítio Guarda, a 8 km de Pesqueira, é um santuário que atrai milhares de fiéis e visitantes de várias partes do mundo. Temos a diocese, o seminário São José, onde funciona o CEDAPP (Centro de Desenvolvimento de Apoio ao Pequeno Produtor), uma creche Lar Esperança e o convento dos Franciscanos.

Pesqueira está atravessando, atualmente, um grande problema ligado à delimitação da área indígena. Brigas e intrigas por terra entre fazendeiros e índios causaram até a morte do cacique conhecido como Chicão. Sua morte provocou muita revolta e seu filho assumiu a luta em busca dos direitos do povo indígena xukuru. A cidade está apavorada com os transtornos causados e com medo das novas ameaças.

Outro problema que enfrentamos é o desemprego, que leva muitos jovens aos vícios, além de agravar o problema de segurança, aumentando o número de assaltos e mortes. Outra coisa que tem ameaçado nossa tranquilidade foi a abertura de um presídio na proximidades da comunidade.

Observamos assim que, mesmo com a luta das lideranças para melhorar a infra-estrutura da cidade, ainda não há muito que se fazer em relação aos bairros periféricos, pois, enquanto as comunidades do centro da cidade são favorecidas com asfalto, belas praças, comércio, entre outras benfeitorias, a nossa comunidade e as outras da periferia são prejudicadas com a falta de calçamento, de saneamento básico, de local de cultura e lazer.

O nosso bairro, que é o bairro Santo Antonio, fica às margens da BR 232, a 40 minutos do centro. Quando precisamos ir ao supermercado, farmácias, lojas e à feira livre temos que nos deslocar para o centro, pois, como nosso bairro é muito pobre e sem infra-estrutura, não há atração para os comerciantes se instalarem aqui. Além dos preconceitos que enfrentamos por morarmos no bairro do matadouro, “bairro dos marginais”, como dizem.

#### Bibliografia

LINS, Waldemir Oliveira, **Pesqueira Secular: Crônicas da Velha Cidade**, Recife, Editora Santa Cruz Ltda, 1980.

## CENTRO DE FORMAÇÃO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE DE SANTO ANTONIO

*A história do Centro de Formação se confunde com a história do Movimento Fraterno de Ação Comunitária (MOFAC). A entidade surgiu em 1970, a partir de um grupo de jovens da Pastoral da Juventude do Meio Popular de inspiração da Teologia da Libertação (PJMP).*

*Naquele momento havia um lixão no local onde as pessoas se aglutinavam, sem nenhuma perspectiva de vida além de catar o lixo. Foi aí que os jovens da Pastoral passaram a conviver, e até morar, com essas pessoas, começando a desenvolver um trabalho de formação para a cidadania a partir da fé cristã.*

*Em parceria com a Diaconisa (ONG financiadora de projetos), esses jovens conseguiram um projeto de casas populares, dando origem ao bairro de Santo Antônio, local onde foi criado o Centro de Formação da Criança e do Adolescente Santo Antônio.*

*O Centro atende cotidianamente mais de 160 crianças e jovens, fornecendo: complementação alimentar, reforço escolar, cursos profissionalizantes para os jovens, curso de serigrafia, de pintura, de dança, de agropecuária, de formação em cidadania e direitos humanos, qualificação e requalificação para trabalhadores, além de incentivos ao esporte e lazer. Graças a essa atuação, atualmente a comunidade conseguiu alguns avanços como: água encanada, energia elétrica, escola para as crianças e transporte coletivo.*

*Apesar da organização da população e da luta junto ao MOFAC, as violações de direitos ainda são muitas, mas através dessa luta pelos direitos humanos que foram desencadeados os resultados conquistados no bairro.*



### Nossos Parceiros

*Enquanto organização não governamental, temos um papel fundamental nos desafios ainda existentes, tais como: a falta de emprego para a população, falta de saneamento básico e de atendimento médico. Esses desafios reforçam, cada vez mais, a nossa disposição em lutar pelos direitos humanos, cobrando dos poderes públicos políticas públicas como forma de garantir a promoção desses direitos.*

*Assim, a execução do projeto “Rede de Observatórios de Direitos Humanos” fortalece a luta pelos direitos humanos no bairro e na cidade. Também cria outras condições para o processo de articulação da sociedade civil organizada, no sentido de provocar o poder público, para que este efetive políticas públicas que venham melhorar a qualidade de vida dessas pessoas, além de promover os direitos humanos.*

*Nesse sentido, os jovens têm todas as condições de serem os protagonistas desse processo, ajudando assim outras lideranças locais a aprofundarem o debate em torno da busca de soluções de problemas, até então vistos sem soluções, o que passa efetivamente pelas políticas públicas.*

**Marla Sueli Bezerra**

Coordenadora do Centro de Formação da Criança e do Adolescente de Santo Antônio.

### Iniciativa Positiva

## CRECHE LAR ESPERANÇA

*A Creche Lar Esperança é uma ONG da Ação Social Esperança e Vida (ASEVI) e foi fundada pelo bispo da diocese de Pesqueira, Dom Dino, no ano de 1991.*

*Na creche, são atendidos meninos de 3 a 16 anos de idade e meninas de 3 a 17 anos, sendo, atualmente, um total de 102 crianças e adolescentes. A entidade oferece: alimentação, reforço escolar, oficinas de gesso e renascença, e estamos iniciando a oficina de parafina. Dispõe de uma quadra de esportes e está quase disponibilizando um espaço para um parque infantil. Trabalham na entidade: três educadores, um auxiliar de serviços gerais, uma cozinheira e uma professora de artesanato.*

*No início, a instituição trabalhava apenas com crianças e adolescentes menos favorecidos, mas há dois anos iniciou um trabalho com portadores de necessidades especiais como forma de contribuir com a redução da desigualdade e discriminação, uma luta em defesa dos direitos da pessoa humana.*

# Pesqueira e os Direitos Humanos

Pesqueira era uma das cidades do interior de Pernambuco que possuía grande índice de industrialização. Porém, suas fábricas foram fechadas nos últimos anos, a exemplo da Peixe, que encerrou suas atividades há três anos. O fechamento das fábricas gerou desemprego estrutural tanto na cidade como no campo, além da queda na arrecadação fiscal.

Observamos algumas dificuldades no município com relação à garantia dos Direitos Humanos. Nos 12 bairros de Pesqueira, há problemas graves de violência contra a mulher, contra a criança e o adolescente, combinados com as péssimas condições de segurança, uma vez que a polícia encontra-se desaparelhada, sem efetivo policial suficiente e estrutura para atuar com dignidade.

Outros problemas constatados referem-se à ausência de espaços públicos na área de cultura e lazer, principalmente para os jovens e pessoas na 3ª idade, o que parece favorecer o alcoolismo e o uso de drogas por parte de muitos jovens.

O desemprego é uma questão grave na cidade, onde é difícil o acesso, por parte dos jovens, ao primeiro emprego, além de haver muitos pais de família sem perspectivas. Essa situação é pior nas periferias, que se caracterizam como verdadeiros bolsões de miséria. O desemprego, as dificuldades para encontrar o primeiro emprego e o subemprego aparentemente contribuem para os graves problemas de alcoolismo e violência no lar.

A despeito dessas dificuldades, é necessário mencionar que o acesso a serviços de saúde tem melhorado nos dois últimos anos, com o aumento significativo de unidades de saúde da família em quase todos os bairros.

Com relação à educação, há escola para todos, mas é preciso melhorar a sua qualidade. Também existem práticas positivas e alternativas, como a atuação de associações e organizações comunitárias, que trabalham com crianças e adolescentes e com pequenos produtores.

Nos últimos anos, verificou-se o fortalecimento da luta dos índios Xukurus do Ororubá e Cimbres pela demarcação de suas terras, devido ao seu grau maior de organização. Tudo começou com o assassinato do procurador da Funai, Geraldo Rolim, em maio de 1995, pelo fazendeiro Theopompo de Siqueira Brito Sobrinho, tendo sido assassinados também o cacique Francisco de Assis Araújo, conhecido com Chicão Xukuru, em 1998, e Francisco de Assis Santana, o Chico Quelé, em 2001.

Assim, a situação dos Direitos Humanos em Pesqueira, pelo que podemos observar, tem muita a avançar, dado o nível de violações existentes, seja pela ausência de políticas públicas efetivas que melhorem a qualidade de vida e reduzam as desigualdades sociais como, seja pela falta de perspectivas da própria população mais empobrecida e afetada pela depressão econômica.

## DIREITO À SEGURANÇA

A partir dos relatos e casos trabalhados, observou-se que em Pesqueira, principalmente em períodos festivos, ocorreram crimes bárbaros que chocaram a população. São homicídios que envolvem, geralmente, jovens do sexo masculino e estão associados ao consumo de bebidas alcoólicas. Esta associação aparece no caso brutal, relatado por um entrevistado, de um rapaz que foi degolado.

*“(...) aconteceu no começo de janeiro deste ano (2002), ocorreu um homicídio no Loteamento José Jerônimo, bairro do Prado, onde um homem foi encontrado, por pessoas que passavam pelo local, morto com a cabeça decepada.”*

*“Ao chegar no local havia um comentário que a vítima estava bebendo em um bar ali próximo. Depois de ouvir as pessoas que trabalhavam neste bar, cheguei a um suspeito e comecei a procura do mesmo, mas até hoje não se sabe o paradeiro do acusado, que se encontra foragido. Dias depois a cabeça foi encontrada em um local diferente do corpo toda desfigurada.”*

Um problema frisado refere-se à dificuldade de localização dos acusados, pois os mesmos fogem e os crimes ficam impunes. Isso leva ao descrédito da polícia e da justiça perante a população, estimulando aqueles que querem fazer justiça com as próprias mãos.

Segundo um entrevistado, nos casos apurados e encaminhados à justiça, há uma grande morosidade no julgamento.

*“São muitos os casos que ainda não foram concluídos por falta de funcionários e de condições de trabalho, pois a delegacia não dispõe de viaturas e a quantidade de funcionários é pouca para conter a situação. Existe uma pilha de casos para serem concluídos, mas, devido às péssimas condições, estão atrasados.”*

Um autoridade policial afirmou que as dificuldades da polícia também são percebidas pela população, que fica assustada e sente a falta de segurança.

*“As condições [de trabalho] são as mínimas possíveis, pois a quantidade de funcionários é pouca, só oito: uma escrivã, um delegado e seis agentes; não temos viatura para nos deslocarmos, nem material para trabalhar, até um*

*computador que estamos usando é meu e a água para beber temos que comprar.”*

*“Atualmente as condições de trabalho da delegacia são precárias, pois não há de viatura e quando ocorre um caso de emergência dependemos da polícia militar. A quantidade de funcionários é pouca e durante a noite só um agente fica de plantão, não dando conta das ocorrências da cidade, pois, quando ele precisa sair para resolver algum caso, tem que fechar a delegacia.”*

Para atender aos chamados da população, a polícia civil depende da viatura da polícia militar, que enfrenta dificuldades iguais. Com isso, mesmo quando a polícia é avisada da iminência de uma agressão ou assassinato, leva muito tempo para chegar ao local, sendo que, muitas vezes, não é possível evitar que crimes sejam cometidos ou que os responsáveis fujam. Embora seja importante uma melhor estrutura da equipe de segurança, apenas policiamento ostensivo e viaturas fazendo rondas não bastam para solucionar um problema com tantas causas e consequências.

## **VIOLÊNCIA CONTRA A CRIANÇA E O ADOLESCENTE**

Os casos de violência contra a criança e o adolescente passaram a ficar mais evidentes após a instalação, há seis anos, do Conselho Tutelar, que, apesar das dificuldades para seu funcionamento inicial, se consolidou no atendimento das violações dos direitos da criança e do adolescente no município.

Crianças são violentadas sexualmente, geralmente por pessoas próximas delas, como ocorreu com um garoto de 5 anos.

*“O caso que mais me chamou atenção foi de um garoto de 5 anos, que foi levado pelo tio de 10 anos para o lixão do bairro da Central. Lá havia um rapaz de 19 anos esperando por eles. O rapaz estuprou o garoto e, com medo de ser denunciado pelo menino, assassinou-o com pauladas na cabeça, furando seus dois olhos. Em seguida, enterrou-o em uma caixa de papelão. Cinco dias após, o corpo foi encontrado. O tio não suportou a pressão e denunciou o autor do crime, que foi preso e condenado.”*

Estes casos chocam e geram grande revolta na população, propiciando, ao mesmo tempo, uma maior mobilização para que o crime seja julgado.

A exploração sexual de meninas também ocorre, só que de forma muito disfarçada. A população comenta que algumas meninas, geralmente empobrecidas, são usadas sexualmente desde cedo por homens da cidade, que às vezes são seus próprios familiares. Entretanto, é muito difícil para a polícia fazer o flagrante de delito nesses casos.

Obtivemos relatos sobre episódios de exploração sexual infantil. Muitos desses casos dificilmente são descobertos sem que alguma pessoa próxima do agressor ou da vítima denuncie.

*“De acordo com o relato policial, havia, alguns instantes antes de efetuar o flagrante, uma informação de que no portão que dá acesso à*

*fábrica Rosa, onde funciona hoje uma escola, haviam entrado duas crianças em um horário que não estava tendo aula. Uma pessoa achou estranha a entrada dessas crianças e foi até o local para averiguar o que estava acontecendo. Quando chegou lá, encontrou o vigilante da escola praticando sexo com uma menina de 13 anos de idade. Esta menina relatou que tal situação já tinha ocorrido em outras oportunidades, inclusive dizendo que o acusado lhe dava R\$ 8,00 para a prática do ato e que isto também acontecia com outras crianças. A menina foi encaminhada para o hospital e o exame foi feito, em seguida o acusado foi preso.”*

Nesse caso, o fato ocorreu dentro de uma escola, fora do horário de aulas, e envolveu o próprio vigia, um senhor de mais de 60 anos. Porém, se não fosse a pessoa que denunciou, é provável que a violência poderia estar ainda se repetindo.

Conforme observamos, muitos casos de violência sexual não são denunciados por medo e falta de confiança na investigação policial. As vítimas, principalmente as crianças e os adolescentes, preferem não se expor, mas, com isso, os seus direitos continuam sendo violados.

## **VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER**

A partir dos casos levantados, verificamos que muitas mulheres são vítimas de violência e de graves violações dos direitos humanos, principalmente nos seus lares. Entretanto, a maioria desses casos não é denunciada e, quando isso ocorre, poucos são apurados.

*“A jovem morava com F. de 19 anos de idade e ela estava grávida de 8 meses; este rapaz batia nela de tirar sangue, chegando mesmo a quebrar o nariz da esposa. Num certo dia, ela estava na casa de seus pais, quando seu marido chegou embriagado e começou a espancá-la na frente de seu avô de 89 anos de idade e querendo ainda bater no avô dela. Ela começou a gritar. Os vizinhos escutaram seus gritos e foram chamar a sua irmã. Quando ela chegou, o rapaz fugiu e ela ligou para a polícia. A polícia saiu à sua procura, encontrando-o na estrada de Papagaio (sítio do município de Pesqueira). Ele foi preso por um dia, apenas como punição.”*

Os agressores das mulheres, geralmente, são seus próprios parceiros, maridos e namorados, o que gera, na maioria das vezes, vergonha e medo para elas assumirem que foram agredidas, ainda mais devido à sua convivência diária com o agressor. Também os vizinhos e conhecidos são omissos, pois muitas vezes dizem que “em briga de casal ninguém deve se meter, porque brigam hoje e amanhã estão juntos e o errado é quem se meteu”.

Observamos que, quando a mulher sofre uma agressão física em casa e vai à delegacia, algumas vezes é desestimulada, pelos próprios policiais, a registrar a queixa. Quando a registra,



é pressionada pela família a retirá-la e, quando não o faz, caso raro, muitas vezes não há apuração do crime por parte da polícia. Os preconceitos e as dificuldades de atuação dos policiais, algumas vezes, banalizam este tipo de violência, o que alimenta e perpetua o ciclo vicioso da violência doméstica.

Ainda existe uma visão patriarcal e machista institucionalizada e enraizada culturalmente em nossas famílias, principalmente quando se trata da violência doméstica. Nesse aspecto, notamos que falta uma delegacia da mulher em Pesqueira, um local especializado para recebimento e encaminhamento de denúncia de violações e que dê apoio às vítimas.

### DIREITO À IGUALDADE

Obtivemos dois depoimentos sobre homossexuais que tiveram a vida profissional prejudicada em virtude de sua opção sexual. Nesses casos, percebe-se que as atitudes discriminatórias de chefes e colegas de trabalho tanto levaram ao afastamento de suas funções como impediram sua ascensão profissional:

*“Um colega de trabalho que exercia a função de enfermeiro-chefe, por ser homossexual, foi tão perseguido que pediu para ser transferido para outro hospital. Ele se sentiu obrigado ou quase forçado a tomar essa decisão ou perderia o emprego.”*

*“Esse caso é de um funcionário que é formado como auxiliar de enfermagem. Por ser homossexual, alguns médicos sempre inventam algum obstáculo para o mesmo não exercer a profissão, atualmente ele trabalha como faxineiro.”*

Observamos, ainda, um caso de discriminação racial ocorrido com um integrante do próprio grupo de observadores, quando passeava com seu amigo que é negro. Numa manhã de sábado, eles saíram para jogar bola na quadra do Sesi e combinaram, durante o percurso, que, ao término do jogo, passariam no supermercado para fazer as compras solicitadas por suas mães. Ao fim do jogo, foram às compras, ainda com seus trajes de jogo. Quando lá chegaram, foram para seções diferentes: um para a de frios e o outro para a de doces. De repente, o amigo, que estava segurando um produto bem perto dos olhos porque é míope, foi abordado pela segurança, que disse em voz alta: “ei, neguinho, algum problema, posso ajudá-lo?” Todos que estavam perto ficaram olhando com ironia e desconfiança, causando constrangimento ao jovem. O rapaz explicou que colocava os produtos perto dos olhos para poder ler o rótulo, pois esquecera seus óculos. De nada adiantou, pois a segurança conseguiu intimidá-los e eles saíram sem procurar o gerente. Humilhados, foram fazer suas compras em outro supermercado.

### DIREITO À SAÚDE

O sistema de saúde pública da cidade é composto por um hospital e seis postos de saúde e, apesar da recente melhora, não corresponde à demanda da população local.

O Hospital Dr. Lídio Paraíba está localizado no bairro do Prado, não muito distante do centro da cidade, sendo mantido pelo SUS – Sistema Único de Saúde. O hospital tem um bom espaço físico,

80 leitos, um berçário, um bloco cirúrgico, ambulatório, uma sala de emergência, uma sala de pediatria e uma sala de raios-X. Porém, enfrenta grandes dificuldades, como falta de funcionários mais capacitados, de médicos especialistas e de uma UTI.

Os postos, mesmo sendo do Programa de Saúde da Família (PSF), que trabalha com uma proposta de saúde preventiva, não dispõem de uma boa infra-estrutura, pois falta material, como alguns medicamentos e aparelhos novos.

*“A maior dificuldade é a falta de material e matéria-prima, como exames específicos, e a ausência de um cirurgião geral, porque a maioria dos casos é encaminhada para outra cidade.” ( auxiliar de enfermagem )*

Segundo uma auxiliar de enfermagem entrevistada, alguns médicos e enfermeiros se eximem de suas funções, sobrecarregando seu trabalho e prejudicando o atendimento oferecido.

*“O ambiente é muito precário, pois nós, auxiliares, nos sentimos explorados no nosso trabalho. Chegamos a cuidar de 17 a 18 pacientes, enquanto alguns enfermeiros-chefe não fazem nada a não ser mandar e, na maioria das vezes, nos obrigam a assumir vários setores, onde nos sentimos sem condições de oferecer os cuidados necessários para os pacientes.”*

*O atendimento de urgência deixa muito a desejar. Quando contamos a certos médicos que há um caso de urgência, eles reagem com descaso, ficam conversando nos corredores do hospital ou ficam assistindo TV. Às vezes, alegam que ganham pouco e por isso não atendem de maneira adequada os pacientes.” ( auxiliar de enfermagem )*

Outro episódio relatado trata também do descaso de profissionais do posto de saúde e do mau atendimento de uma paciente.

*“Procuro sempre os serviços do posto quando adoço, mas eles sempre mandam ir para o hospital e, quando lá chego, não sou bem atendida. Num sábado, cheguei às 8:00h e estava com muita dor e quem me levou até o hospital foi um amigo, pois estava sem dinheiro para pagar um transporte. A recepcionista do hospital não estava e o médico estava conversando com alguns colegas, disse o segurança da portaria.”*

*Fiquei tão perturbada que me alterei e chutei a porta, falando que ali não era uma sala de espera e sim uma emergência. O segurança pediu que eu me acalmasse e aguardasse, eu respondi que ali as pessoas recebiam para atender bem os outros. Esperei e, vez por outra, me alterava nas palavras. Minha dor aumentava e eu continuava a esperar; por volta das 10:30h ainda estava sem atendimento. Quando finalmente fui atendida, já no sufoco, viram o meu estado e me colocaram na frente*

*de outros que ali aguardavam. Fui atendida e medicada, finalmente.” (usuária)*

Como mencionado, a implantação de programas como o PSF e o trabalho de Agentes Comunitárias de Saúde tem trazido uma melhora significativa no acesso à saúde tanto preventiva como curativa, principalmente para crianças. As Agentes Comunitárias têm feito um acompanhamento domiciliar de diversos problemas freqüentes, como hipertensão, diabetes e desnutrição. Esse atendimento oferece mais espaço para que as pessoas se expressem, antecipando alguns problemas de saúde e descongestionando os postos de saúde.

## DIREITO À EDUCAÇÃO

Não há falta de vagas nas escolas em Pesqueira, onde existem oito estabelecimentos estaduais de ensino fundamental de 5ª a 8ª série e ensino médio e 93 municipais com pré-escola e ensino fundamental de 1ª a 4ª série. Há, ainda, uma escola federal, o Centro Federal de Ensino Tecnológico (Cefet), com cursos profissionalizantes pós-médio e ensino médio.

Observamos que a maioria das escolas de ensino médio localiza-se no centro da cidade, ou bem próxima ao centro, o que gera algumas dificuldades para quem mora na periferia, principalmente os estudantes do período noturno, para os quais não há transporte coletivo disponível.

Identificamos ainda problemas referentes à qualidade do ensino e ao aumento da violência no interior da escola. Com relação ao primeiro, a maioria das questões estava relacionada à falta de equipamentos e material didático adequados. Uma coordenadora pedagógica entrevistada afirmou que, apesar de ter havido um esforço no sentido de capacitação dos professores, os materiais ainda não se adequam à necessidade da escola. O mesmo foi constatado no relato de um aluno, que se queixou da estrutura física da escola.

*“A escola recebe incentivo do governo estadual e federal, cursos, orientações, mas não dispõe de material suficiente para as necessidades atuais, desde a folha de papel até o aparelho tecnológico.” (coordenadora pedagógica)*

*“As dificuldades que os alunos enfrentam são: falta de material didático e de livros, ausência de uma quadra de esportes e de uma sala de computação. Falta investimento por parte da prefeitura, pois às vezes ficamos sem aula porque não tem merenda na escola.” (aluno)*

Com relação aos conflitos violentos ocorridos dentro da escola, foram relatados dois episódios que indicam uma piora nas relações internas. O primeiro envolvia a direção e um aluno em processo de expulsão por mau comportamento e o segundo refere-se a um conflito entre colegas de sala.

*“Gostaria que tivesse mais disciplina na escola, mais ordem para que os alunos, fora da sala de aula, tivessem mais respeito, pois, na*

*maioria das vezes, os alunos ficam fora da sala e daí a direção fica com medo de enfrentar os maus elementos. Houve um caso em que um aluno de aproximadamente 23 anos de idade, dessa escola, que era indisciplinado, estava fora da sala de aula e a diretora o repreendeu e preparou sua transferência. Quando ela lhe deu a transferência, o aluno rasgou e a jogou no seu rosto. Quando o aluno quis bater nela, foi impedido pela educadora de apoio. O aluno foi denunciado e, quando a polícia chegou, já havia ido embora.” (professora)*

*“Um certo dia, uma aluna da 6ª série, uma adolescente problemática, sentiu-se no direito de bater num colega pelo simples fato dele ter rido de sua letra. Querendo demonstrar sua força, ela partiu para cima do colega e deu-lhe um soco no rosto. Percebendo a briga, dirigi-me aos dois e os levei para a sala da diretoria e aconselhei-os, mostrando os perigos e as consequências da violência. Foi chamada a atenção da adolescente e, caso o fato ocorresse mais uma vez, foi prometido castigo severo. Foi feito o pedido de desculpas e voltaram juntos comigo para a sala de aula.” (professora)*

Ambas situações, apesar de se originarem em conflitos corriqueiros, chamaram a atenção da escola pela agressividade. No primeiro caso, a direção recorreu à polícia para resolver o conflito – solução extremada, enquanto, no segundo, o diálogo trazido pela professora foi suficiente para apaziguar a briga.

## DIREITO À CULTURA AO LAZER

A cidade de Pesqueira é rica em manifestações culturais, como teatro, grupo de dança e capoeira, além de possuir um dos carnavais mais movimentados do interior de Pernambuco, festas religiosas e o circuito do frio e das exposições. Porém, observamos que não há espaços públicos para o lazer e a cultura, sendo que o poder público não tem qualquer política nesta área, no município.

O espaço mais utilizado pelos jovens, principalmente nos finais de semana, são as praças do centro da cidade. Há também os clubes, mas estes são exclusivos para as pessoas que podem pagar. O principal equipamento cultural da cidade é o Museu de Arte Sacra. Não existem cinemas, teatros ou quaisquer outras alternativas para jovens, adultos ou pessoas de 3ª idade.

A cidade tem uma biblioteca pública municipal, mas esta não atende às necessidades da população, pois os livros são muito velhos. O acesso à leitura é muito limitado e as escolas tentam superar essa dificuldade, construindo acervos próprios, porém, também não conseguem atender às necessidades dos jovens.

Para o lazer, o município tem algumas belezas naturais, mas apenas os turistas que vêm de fora da cidade as visitam, porque falta uma política de incentivo para o uso dessas áreas por parte da população local. Não há parques, nem similares.

Existem algumas quadras esportivas, porém não são públicas. Há vários campos de futebol improvisados nas periferias, que servem de alternativa ao “Estádio Esportivo Joaquim de Brito”, o qual, aliás, não oferece nenhum conforto ao torcedor. O Mofac possui uma pequena quadra esportiva no bairro de Pedra Redonda, que é utilizada pelas crianças e jovens de toda comunidade. O Mofac já organizou um grande evento desportivo, chamado “JOÇAS - Jogos Olímpicos do Agreste e do Sertão”, com escolas e organizações do terceiro setor.

Outras experiências nessa área são o *Movimento Teatral Ziriguidum Art Circus*, nome que homenageia o circo que começou a valorizar a cultura popular. O circo tem de 35 a 40 participantes, na sua maioria jovens, e apresenta seus espetáculos no auditório da Rádio Difusora, devido à falta de espaço adequado. Também há o *Grupo de Dança Nativos do Ritmo*, que resgata as raízes culturais do povo pernambucano e nordestino.

*“O movimento vem tendo como dificuldade a falta de espaço para os ensaios, falta de equipamentos adequados (os refletores são de madeira), a questão técnica (iluminação) e principalmente a falta de apoio por parte não só do comércio, mas também do poder público.”* (Movimento Teatral)

*“A maior dificuldade é manter o padrão de figurinos e a falta de realização de eventos na cidade. Existe o Centro Social Urbano da cidade de Pesqueira (CSU), mas não tem uma parceria com essa entidade, sentimos falta de um teatro, um centro cultural, ou mesmo praças de eventos; as que existem não dispõem de palco. Geralmente, nos apresentamos no palco da Rádio Difusora, no palco do Sesi e em praças públicas ou nas escolas do nosso município; precisamos de um patrocinador para transportar o grupo, quando se apresenta tanto na cidade como fora, principalmente.”* (Grupo de Dança)

*“Nós enfrentamos muitas dificuldades para dar continuidade ao nosso trabalho, pois não temos um local (campo) específico para os treinos das equipes, para darmos um descanso para o gramado do nosso campo. Sem contar a falta de apoio do comércio, dos governantes de nossa cidade. Não temos apoio de nenhum órgão e essa é uma grande dificuldade, pois deveríamos ter uma verba específica para que a Liga pudesse dar algum tipo de ajuda aos clubes filiados, mas não existe, e nós não temos condições de remunerar os atletas.”* (representante da Liga Desportiva)

Como mencionado, são muitas as iniciativas locais de promoção de lazer e cultura, mas, de acordo com os relatos de seus organizadores, é necessário maior investimento para a criação de um espaço adequado que, possivelmente, reúna atividades dessa natureza, conferindo mais força aos movimentos já existentes.

## DIREITO AO TRABALHO E O ACESSO À TERRA

O desemprego e a falta de perspectiva econômica são, talvez, as mais marcantes violações aos Direitos Humanos observadas em Pesqueira. Nosso grupo encontrou jovens na busca do primeiro emprego, pessoas sobrevivendo de subemprego, como os biscateiros e feirantes, além de grande número de desempregados. A dificuldade mais ressaltada pelos moradores para se ter acesso ao trabalho e à renda estava relacionada ao fechamento da maioria das fábricas da cidade, principalmente aquelas do setor de alimentos.

Os maiores problemas causados pela forte queda na economia local são enfrentados pela população da periferia e da zona rural, onde vivem as pessoas que estavam empregadas nessas empresas e os agricultores que trabalhavam nas plantações, para o abastecimento das fábricas de alimentos.

*“Acho que o desemprego aumentou após o fechamento das fábricas, o comércio só emprega parentes e amigos.”* (desempregada)

*“O desemprego na cidade é grande por conta das indústrias que fecharam. Outras, que eram para permanecer aqui, se mudaram para outras cidades, como a fábrica Moura, que trabalhava com fabricação de baterias. Por essa razão, a nossa cidade não tem recursos de trabalho para atender ao povo que aqui mora.”* (desempregado)

*“Na minha opinião, a maior causa do desemprego na cidade foi o fechamento das fábricas, onde a maioria da população trabalhava direta ou indiretamente. Quem não trabalhava nas fábricas, tinha os plantios de tomate que, ao serem colhidos, eram vendidos na fábrica.”* (desempregada)

O fechamento de tantos postos de trabalho em um curto espaço de tempo não apenas gerou um grande número de desempregados, como afetou o próprio comércio e a arrecadação fiscal da região.

Essa situação acabou reduzindo as perspectivas de emprego para aqueles que estavam empregados e para os que buscavam seu primeiro trabalho, trazendo um clima de frustração e ociosidade que parece estar contribuindo para o já grave problema do alcoolismo, muito freqüente entre jovens e adultos do sexo masculino, estando, em alguns casos, combinado ao uso de drogas e à violência predominantemente doméstica.

Para as jovens do sexo feminino, uma opção freqüente é o trabalho doméstico, muitas vezes iniciado na adolescência. Esse tipo de função é geralmente marcado por uma relação informal que, algumas vezes, abre espaço para abusos. Com medo de perder o emprego e sem uma definição clara das obrigações, a trabalhadora doméstica exerce tarefas longas e cansativas.

*“Já trabalhei em casa de família como empregada doméstica, onde lavava roupa, passava, cozinhava, arrumava a casa e cuidava*

*de duas crianças, uma com 8 anos de idade e a outra de 1 ano e 6 meses. Durante o período de dois meses, chegava a trabalhar 10 horas por dia, incluindo os sábados, e não recebia um salário digno e nem tinha carteira assinada. Os donos da casa onde trabalhava às vezes me mandavam fazer algo bem em cima da hora de ir embora. Eu me sentia obrigada a aceitar as coisas impostas nesse trabalho, pois, como o emprego está muito difícil, eu não poderia deixar passar aquela oportunidade.”*

A feira tem sido um espaço tanto de emprego como de subemprego. Além de queixas quanto aos baixos rendimentos, os feirantes demandam melhores condições de infra-estrutura para seu trabalho.

*“As dificuldades que encontramos como feirante estão relacionadas à falta de um local apropriado para os feirantes, com sanitário, policiamento e local para refeição. Mas o que mais sentimos falta é de segurança.”*

*“A impressão que se dá é que na cidade não tem outra opção de renda, cidade pacata e subdesenvolvida. Vemos em outras cidades a infra-estrutura para atender aos clientes, enquanto em Pesqueira é pouca a qualidade para atender à demanda, causando uma má impressão aos visitantes.”*

A questão agrária, ou seja, de acesso à terra é outra grande dificuldade para muitos agricultores que trabalham “alugados” (expressão usada para designar o trabalho exercido sem registro e pago por diárias) e moram na zona rural e periférica de Pesqueira. Dos 17 mil associados ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais, a maioria depende dos grandes fazendeiros para sobreviver.

Além das extensas jornadas de trabalho, que dificultam a criação dos filhos e, algumas vezes, envolvem as crianças, quase todos se queixaram das dificuldades de plantio geradas pela estiagem.

*“Quando minhas filhas eram pequenas, as dificuldades eram muito grande, pois eu saía para o roçado e deixava a menor, que na época tinha 1 ano, na rede e a outra na casa do vizinho. Hoje, a maior dificuldade é a seca, que acaba com a plantação. Daí, ficamos sem semente para plantar e sem dinheiro para comprar e só trabalhando de aluguel para os outros, ganhando pouco que só dá para comer; por esse motivo iremos morar na cidade.” (agricultora)*

*“Desde 10 anos de idade trabalho na agricultura e meu marido também. A gente trabalha no nosso roçado com a esperança de lucros e vender, além de trabalharmos de aluguel no roçado de outros; com o pouco que ganhamos por semana já compramos comida e sementes para plantar em nosso roçado.” (agricultora)*

*“Acho ruim o trabalho da roça, porque há muito trabalho e não lucramos nada, por conta da falta de chuva. Também é ruim o acesso à terra: plantamos aproximadamente 1 hectare nas terras de um fazendeiro e, para termos o acesso, temos que trabalhar de graça para eles. Arrancamos toco e plantamos palma e, se não fizermos isso, eles tomam as terras e acabam com o nosso sustento.” (agricultor)*

*O Sindicato, que existe desde 1965, tem desenvolvido propostas para melhorar essa situação, mas seus dirigentes acreditam que só uma verdadeira reforma agrária poderá mudar o quadro atual.*

*“Sobre o acesso à terra, o Sindicato está sempre reivindicando por terras para o pequeno agricultor e, através dessas reivindicações, já conseguiu 110 hectares. Juntamente com a Federação dos Trabalhadores da Agricultura de Pernambuco (Fetape), o Sindicato conseguiu, para 20 famílias do sítio Campo Alegre, cerca de 10 hectares de terras para cada uma. Essas famílias fizeram assentamento e, através de um projeto, conseguiram construir suas casas. Foi por meio da associação que construíram uma cisterna para toda a comunidade, conseguiram postes e agora estão esperando as instalações elétricas.” (agricultor e dirigente sindical)*

Consideramos que, para superar a situação de depressão econômica em que a cidade se encontra, é preciso que se leve em conta os diversos grupos de trabalhadores que sofreram as consequências do fechamento das fábricas. Nesse sentido, serão necessários esforços conjuntos que permitam que tanto os agricultores como os trabalhadores da cidade reencontrem espaço para um trabalho digno. A melhor distribuição das terras para o plantio, aliada a uma melhor infra-estrutura para o trabalho na cidade, poderá contribuir para isso.



## TRIBO XUKURU DO ORORUBÁ – ALDEIA DE CIMBRES

*A Aldeia de Cimbres, que já foi conhecida como Aldeia dos Paratiós, localiza-se no alto da Serra do Ororubá (Pesqueira) e é uma das mais antigas do país. A aldeia tem um amplo território, no qual vivem aproximadamente três mil habitantes da tribo Xukuru. Diferentemente do que se costuma imaginar, a aldeia possui a aparência de uma pequena vila, com casas de alvenaria, igreja, praça e ruas definidas.*

*Em suas casas, alguns moradores dispõem dos serviços básicos de água, energia elétrica e telefones residenciais. Porém, não há serviço de esgoto e a coleta de lixo é feita uma vez por semana. Por isso, os dejetos correm a céu aberto por trás das casas e o lixo fica acumulado. Em vários locais, ele só é retirado quando algum morador se sente incomodado e vai reclamar aos órgãos competentes. Os moradores se ressentem também das obras inacabadas, como a de uma praça que fica em frente da igreja na comunidade, cujo material de construção estaria depositado no local há mais de dois anos.*

*Não há hospital, apenas um posto de saúde que semanalmente dispõe de uma médica e um dentista. O posto não tem estrutura, nem funcionários para atendimentos emergenciais e, quando ocorre algo mais grave, o paciente tem de ser removido para a cidade de Pesqueira ou cidades vizinhas.*

*A insegurança parece ser a principal preocupação dos moradores de Cimbres atualmente. Os conflitos pela demarcação de terra resultaram nas mortes violentas de pelo menos dois importantes líderes dos xukurus nos últimos cinco anos.*

*Em 1998, o assassinato do cacique Chicão Xukuru mobilizou as atenções daqueles que acompanham a luta dos povos indígenas, mesmo fora do Brasil. O cacique foi um dos principais articuladores para a retomada da luta dos xukurus por suas terras e tradições. Um proprietário de terras local, acusado de ser o mandante da morte, só foi detido recentemente e teria se suicidado em seguida.*

*Já o cacique Chico Quelé, morto em 2001, não teve sua morte esclarecida até o momento. Os conflitos se tornam mais complicados na medida em que divergências entre as aldeias Xukurus têm levado aos conflitos internos, cada grupo reivindicando para si a legitimidade como representante da causa Xukuru. Assim, além de temerem a violência por parte de proprietários de terras que se recusam a aceitar a demarcação, os índios temem ataques de aldeias consideradas rivais. Entretanto, atualmente, os chefes e outros representantes das aldeias tentam fazer um acordo para restabelecer a paz entre elas.*

*Não há postos nem rondas policiais na aldeia. Amedrontados, alguns moradores se uniram e contrataram guardas particulares para fazer a segurança durante a noite. Segundo um entrevistado, o acesso à Polícia Federal (responsável pela segurança da área indígena) é complicado, pois muitas vezes só se acham agentes na cidade de Recife.*

*A aldeia dispõe de três escolas municipais com classes até a 4ª série do ensino fundamental. Devido à falta de classes mais avançadas, quem desejar concluir os estudos tem de se deslocar para outras cidades. Os índios queixaram-se da qualidade do ensino e estão lutando para que sua língua e suas tradições sejam também ensinadas.*

*Uma entrevistada disse temer a violência entre as aldeias dentro da escola. Segundo seu relato, um jovem da aldeia Xukuru do Ororubá jogou uma bomba no telhado de uma escola que por pouco não teria ferido sua sobrinha. Por esse motivo, professores tentaram suspender as aulas, mas elas recomeçaram pela pressão da aldeia rival. Foi ainda relatado que alguns alunos estariam ameaçando seus professores trazendo armas para dentro da escola.*

*Todas as festas na aldeia são organizadas pelos próprios moradores, na sua maioria católicos. Além das comemorações juninas e do dia do índio, outras datas e festas são comemoradas. As mais importantes são as festas do dia 20 de janeiro, do dia de São Sebastião e do dia 2 de julho de Nossa Senhora das Montanhas (conhecida por eles como Tumain). Há, ainda, uma festa muito animada, festa de São Miguel, que acontece nos dias 28 e 29 de setembro. A dança do toré é uma das manifestações tradicionais que atraem mais participantes.*

*Para os xukurus de Cimbres, o local mais bonito da aldeia é o Sítio da Tapera, onde estão localizadas as pedras das “taiadas”. Há uma quadra esportiva na comunidade, mas, segundo os jovens de lá, está em péssimo estado de conservação, necessitando de reparos urgentes.*



*Como a aldeia Xukuru tem características próximas daquelas encontradas em uma cidade pequena, seus moradores não são reconhecidos como indígenas por algumas das pessoas de fora dela, principalmente por aqueles que são contrários à demarcação de suas terras e ao resgate de sua tradição. Mas todos eles lutam para ser reconhecidos como índios xukurus, além de registrarem a história de seu povo na nossa região.*

*Vários entrevistados lamentaram a desunião e esperam que a paz retorne à aldeia. Segundo eles, a cisão no grupo só prejudica a sua luta pela consolidação do espaço e das tradições. Assim, a estabilização nas relações entre as aldeias, a melhoria de suas condições e a garantia contra ataques violentos são muito importantes para a garantia dos Direitos Humanos dos integrantes da comunidade Xukuru.*



PARTE II

# RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO

CHAPÉU MANGUEIRA E BABILÔNIA • COMPLEXO DO ALEMÃO • COMPLEXO DA MARÉ  
JARDIM NOVA ERA • MORRO DOS URUBUS • REALENGO



## AGRADECIMENTOS

À Secretaria de Estado de Assistência Social do Ministério da Previdência Social e à Secretária de Estado Dra. Wanda Engel.

À Secretaria de Estado de Direitos Humanos do Ministério da Justiça.

À Prefeitura Municipal da Cidade do Rio de Janeiro e ao Prefeito César Maia.

À Secretaria Municipal de Trabalho, ao Projeto Agentes da Liberdade e ao Secretário Municipal, Dr. Marcelo Garcia.

À Secretaria Municipal das Culturas (SMC); e ao Secretário Municipal, Dr. Ricardo Macieira.

À Prefeitura Municipal de Nova Iguaçu; à Secretaria Municipal de Cultura de Nova Iguaçu (SMC), ao Sr. Nelson Freitas (sub-secretário) e ao Sr. Júlio César Saboya (presidente da FENIC).

Ao Núcleo Central do Centro Nacional de Formação Comunitária (Cenafoco),

Às entidades parceiras: Associação de Mulheres do Morro dos Urubus (AMAMU); Vila Olímpica da Maré; Centro de Apoio Social e Cultura (CENASC); Grupo Cultural Estação 22; Grupo Raízes e Movimento; Verdejar; Associação de Moradores do Chapéu Mangueira; e Associação de Moradores da Babilônia.

Aos apoios do Projeto Legal, da Associação de Moradores do Itararé e da Associação de Moradores do Conj. Habitacional Pedro II.

Pelo apoio no levantamento de informações agradecemos as seguintes instituições e entidades:

Complexo do Alemão: Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN);

Realengo: Secretaria Estadual de Trabalho (SETRAB); Central de Apoio ao Trabalhador (CAT); Agência de Desenvolvimento Local de Realengo (ADL); Centro de Oportunidades de Vila Aliança;

Complexo da Maré: Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM); Centro Comunitário de Defesa da Cidadania (CCDC); 21ª Delegacia Policial e à Associação de Moradores da Nova Holanda.

Morro dos Urubus: Hospital Maternidade Carmela Dutra; ao Posto de Saúde Jose dos Reis; ao Posto de Saúde do Engenho da Rainha; ao Centro de Promoção da Saúde (CEDAPS); e à Casa da Mulher Trabalhadora (CAMTRA).

Chapéu Mangueira e Babilônia: Projeto Vida Nova; Colégio Infante Dom Henrique; Escolinha da Tia Percília; Escola Municipal Roma; Escola Municipal do Chapéu Mangueira; e à Creche Boa Convivência.

Jardim Nova Era: Escola Municipal Profª Dulce de Moura Runheitti Ribeiro; Escola Municipal Profª Leopoldina Machado Barbosa Ribeiro; Escola Municipal Nova Era; Fundação Educacional e Cultural de Nova Iguaçu (FENIC); e ao Centro de Integração Social Amigos de Nova Era (CISANE).

Agradecemos ainda, a todas as pessoas que colaboraram com depoimentos, relatos de casos e entrevistas, que direta e indiretamente apoiaram esse projeto.





# Indicadores Gerais – Rio de Janeiro

## RIO DE JANEIRO

População:	<b>5.857.904 habitantes</b>
Área:	<b>1.261 Km²</b>
População até 18 anos:	<b>1.829.046</b>
Taxa de alfabetização:	<b>95,80</b>
Hospitais:	<b>128</b>
Leitos hospitalares:	<b>23.086</b>
Salário Médio (Salário/Pessoal Ocupado Assalariado) nas unidades locais:	<b>824,05</b>
Empresas com CNPJ:	<b>158.680</b>
Taxa de desemprego: de junho/julho/agosto de 2002:	<b>5,7 (IBGE)</b>
Taxa de homicídios por 100.000 habitantes:	<b>56,5</b>
Taxa de homicídios para jovens de 15 a 24 anos:	<b>131,1</b>
Taxa de homicídios para jovens de 15 a 24 anos/ Sexo Feminino:	<b>12,8</b>
Taxa de homicídios para jovens de 15 a 24 anos/ Sexo Masculino:	<b>252,3</b>

Fonte: IBGE

Dados sobre homicídios: Waiselfisz, Jacobo. Mapa da Violência: Os Jovens do Brasil. Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, Ministério da Justiça/SEDH - 2002

## NOVA IGUAÇU

População:	<b>920.599 habitantes</b>
Área:	<b>558 Km²</b>
População até 18 anos:	<b>348.822</b>
Taxa de alfabetização:	<b>93,20</b>
Hospitais:	<b>7</b>
Leitos hospitalares:	<b>1.198</b>
Salário Médio (Salário/Pessoal Ocupado Assalariado) nas unidades locais:	<b>416,74</b>
Empresas com CNPJ:	<b>9.828</b>
Taxa de desemprego:	<b>não disponível</b>
Taxa de homicídios por 100.000 habitantes:	<b>72 (Datusus, 1999)</b>
Taxa de homicídios para jovens de 15 a 24 anos:	<b>não disponível</b>
Taxa de homicídios para jovens de 15 a 24 anos/ Sexo Feminino:	<b>não disponível</b>
Taxa de homicídios para jovens de 15 a 24 anos/ Sexo Masculino:	<b>não disponível</b>

Fonte: IBGE



# Centro Integrado de Estudos e Programas de Desenvolvimento Sustentável – CIEDS

A organização CIEDS é uma entidade social que tem por missão promover o desenvolvimento humano e comunitário, baseado na ampliação da capacidade de organização social de grupos e comunidades, por meio da gestão comunitária e do aprendizado produtivo. Investimos em projetos que capacitem, de forma integral, o cidadão, para que este, por seus próprios esforços, consiga executar de forma eficiente seus objetivos, galgando assim melhores dias. São projetos voltados para o desenvolvimento social e econômico da sua comunidade, criando um ambiente comunitário mais harmônico e menos violento.

Norteiam a nossa missão a atuação em seis áreas temáticas: *formação comunitária, educação para o desenvolvimento, juventude: gestão empreendedora, saúde, direitos humanos, consultoria a projetos sociais e produção do conhecimento.*

Os projetos estão focalizados no desenvolvimento comunitário, através da atuação realizada junto às lideranças e jovens. Essa atuação ocorre através de programas de educação, e de capacitação para o desenvolvimento de projetos sociais, voltados para a melhoria da saúde, trabalho, cidadania, entre outros.

Destaca-se que todas essas ações apresentam o viés dos direitos humanos, entendendo-se que só é possível trabalhar a formação para o desenvolvimento comunitário de forma conjugada aos direitos fundamentais dos cidadãos, caminhando assim para uma sociedade mais justa e solidária.

Ao longo dos últimos anos foram estabelecidas importantes parcerias com órgãos governamentais e não governamentais. As parcerias institucionais objetivam, não só a execução dos projetos, mas sobretudo, o estímulo às iniciativas sustentáveis e integradas em comunidades carentes do Rio de Janeiro. Assim, executamos programas como: Centro Nacional de Formação Comunitária (CENAFOCO), formação de agentes comunitários; Fundo de Apoio às Iniciativas Socioeconômicas (FAIS), incubadora de projetos comunitários com 52 projetos em 25 comunidades; Programa de Aumento da Escolaridade, para jovens e adultos; Projeto Jovens em Ação na Luta Contra as DST/AIDS; e a Rede Ecológica, uma incubadora de projetos ambientais.

Buscamos promover, divulgar e apoiar os projetos Comunitários através do Balcão de Projetos, disponibilizando-os na nossa home-page. Além disso, desenvolvemos assessoria às Empresas e Governos no desenvolvimento de Políticas Públicas nas comunidades do Consórcio Social.





RIO DE JANEIRO

# CHAPÉU MANGUEIRA E BABILÔNIA





# Quem Somos?

## MARCELA DA ROCHA NUNES

Sou Marcela da Rocha Nunes, tenho 20 anos, 1,60m de altura e peso 56 quilos. Sou branca, tenho olhos castanhos escuros e cabelos encaracolados e compridos até um pouco abaixo da cintura. Nasci em Niterói no Hospital Universitário Antônio Pedro. Desse hospital fui direto para a casa de meus pais que ficava no Estácio de Sá, onde vivi até os meus 19 anos.

Minha mãe, quando eu nasci, não trabalhava, pois meu pai não deixava. Ele trabalhava como vendedor de tecido em uma loja em Copacabana. Quando eu tinha 6 anos, meu pai faleceu e minha mãe já havia começado a trabalhar como costureira, mesmo contra a vontade de meu pai.

Na época de sua morte, eu já estava no jardim de infância, na escolinha do Metrô, também no Estácio, próximo à minha casa. Após um ano nessa escola, fui para o Colégio Vitória (escola de alfabetização). Desse colégio, fui para a Escola Municipal Mário Cláudio, onde passei todo meu primeiro grau e, por fim, fui para o Colégio Estadual Paulo de Frontin, onde cursei todo o segundo grau.

Quando estava na 4ª série, nos mudamos para Minas Gerais. Já havíamos ido visitar o local três vezes, de carro com meu tio. Era uma fazenda próxima a Rio Acima e distante do centro da cidade. Por conta de tudo isso, perdi meu ano letivo. Quando lá chegamos, meu tio enrolou a minha mãe que quase ficou sem mim, pois ele queria me dar para uma família que morava em Rio Acima. Peguei trauma de tio e, principalmente, de Minas Gerais. Moramos lá durante seis meses e quando voltamos recomeçamos tudo de novo.

Tenho uma irmã de sangue por parte de pai e mãe, um irmão de leite e mais quatro irmãos por parte de pai, só que de mães diferentes. Ao todo somos sete, três mulheres e quatro homens, porém, só conheço três pois o restante mora no Pará e têm idade para serem meus pais ou mães. A única que mora com minha mãe sou eu.

Durante meu tempo de escola, fiz curso de informática, datilografia e teatro. Além da viagem à Minas Gerais, fui também à Vitória, pois boa parte de minha família mora lá, mas isso não quer dizer que sejam de lá. Todos são do Norte e Nordeste, sendo que, do lado de minha mãe, tem gente de Alagoas, Sergipe e Pernambuco, e, do lado de meu pai, a maior parte é do Pará, porém alguns são de São Luís e de Santarém. Deu para ver que o povo tem sangue quente.

No final do meu segundo grau, decidimos nos mudar para São Luís do Maranhão. Parece até loucura sair da cidade grande para tentar a vida no Nordeste, mas foi assim que aconteceu e, dessa vez, fomos de mala e cuia. Explicando um pouco o porquê dessa mudança, tudo aconteceu por influência de uma amiga de minha mãe que é de lá e começou a dizer mil maravi-

lhas de São Luís, que lá era calmo e tinha um vasto campo de trabalho. Tudo o que aconteceu não foi de uma hora para outra, levou mais ou menos quatro anos para decidirmos o que iríamos fazer. Nesse meio tempo, minha mãe estava esperando que eu e minha irmã terminássemos o segundo grau e, enquanto isso, nasceu a minha sobrinha Vitória, filha da minha irmã. Em São Luís, passamos seis meses de desespero, de decepção e saudade de casa, mas, como minha casa no Rio tinha sido alugada, nós acabamos por ficar sem ter para onde voltar. Durante essa loucura, morei em três casas, mas todas tinham defeito. Minha irmã não agüentou ficar lá e após dois meses veio embora com a Vitória, com dinheiro emprestado que ela conseguiu aqui no Rio.

Também fui a Belém e me apaixonei pela cidade. Apesar de ser quente, lá é ótimo, é como se fosse o Rio. O custo de vida é praticamente igual ao daqui chegando a ser até mais barato. Mas, como a saudade do Rio foi maior, acabamos voltando para cá e perdendo metade de nossa mudança. Antes de voltarmos, tínhamos que ter um local de chegada e uma das irmãs de sangue da mamãe ofereceu uma casa para morarmos. Ao chegarmos aqui essa casa não estava desocupada e acabamos tendo de ficar no quarto de minha prima. Mas o pior ainda estava por vir. A mudança já estava a caminho, então começamos a pressionar a minha tia, e nada, até que a mudança chegou e ficou empilhada na sala dela. Após um mês, a casa que nos foi destinada não foi esvaziada. Nesse meio tempo, nós alugamos um quarto dessa mesma tia e botamos as caixas e o resto dos móveis que nos sobraram. Quando entramos com toda a mudança percebemos que não havia espaço para nós vivermos. Fiquei decepcionada e desesperada, foi quando liguei para a tia Guida que mora no Chapéu Mangueira e Babilônia, local que adoro e que sempre frequentei. Pedi para morarmos durante um tempo em sua casa até arranjarmos um canto para morarmos e, hoje, moro aqui há nove meses.

Nesse curto tempo em que moro aqui, já trabalhei como voluntária na creche da comunidade como recreadora, porém surgiu a oportunidade de fazer um curso técnico administrativo e precisei parar de trabalhar na creche. Mas não adianta estudar e não trabalhar, pois moro na casa da minha tia e minha mãe não trabalha, acabei ficando desesperada de novo. Nesse momento surgiu a oportunidade de trabalhar na Associação do Chapéu Mangueira e Babilônia como secretária, onde trabalho há seis meses. Ajudo em casa com o dinheiro que ganho e a minha mãe também ajuda, já que ela é pensionista. Em meio a tudo isso, nós contraindo uma dívida absurdamente enorme na praça que minha mãe terá que pagar gradualmente.

Minha mãe, além de ser costureira, é instrumentadora cirúrgica, enfermeira, tem o segundo grau completo e pretende





cursar faculdade de História. Meu pai, ao contrário, cursou apenas até o ginásio. Não sei muito sobre ele pois, quando morreu, eu era nova demais e quase não me lembro dele.

No meu tempo livre, estudo e estou batalhando há três anos para entrar nas Forças Armadas, pois o meu sonho é ser militar, é praticamente a minha vida. Quero também cursar faculdade de engenharia química nuclear. Também gosto de con-

versar, sair, ir ao cinema, a shows, namorar, fazer novos amigos e ficar em casa descansando, já que trabalho o dia inteiro tanto na associação como no projeto.

Aqui na comunidade não suporto o tráfico de drogas, também não gosto da distância do comércio e dos bancos.

## BRUNO TEODORO DE OLIVEIRA

Meu nome é Bruno, eu nasci na cidade do Rio de Janeiro, tenho 19 anos e moro na Babilônia, que é uma comunidade que fica no bairro do Leme. Estudo no colégio estadual Infante Dom Henrique, em Copacabana, onde estou cursando o segundo ano do ensino médio. Adoro minha escola, pois o pessoal é muito legal e os professores também são bastante competentes.

Os meus pais são separados, meu pai mora em Brasília e minha mãe mora comigo. Os dois nasceram no Ceará e, devido à pobreza de meus avós, tiveram que trabalhar muito cedo, por isso são semi-analfabetos. Meu pai é chefe de cozinha e minha mãe foi doméstica mas, hoje em dia, é dona de casa.

Tenho dois irmãos e uma irmã, além de uma segunda irmã que já morreu. Todos são mais velhos do que eu. Minha irmã e meus irmãos ajudam minha mãe com as despesas, eu também, às vezes, ajudo nas despesas, principalmente agora que estou trabalhando no Observatório dos Direitos Humanos. Meus irmãos se chamam, Cosme, Valdecy e Maria Lúcia, e a que morreu se chamava Derceny. O Cosme tem 41 anos e é segurança, o Valdecy tem 39 anos e é eletricitista, a Derceny morreu com 37 anos e era vendedora, e a Maria Lúcia tem 34 anos, é professora e dá aula numa escola que eu ajudei a fundar.

Foi a partir dessa escola que acho que a minha vida realmente mudou. Era uma escola de reforço, aqui mesmo na Babilônia, eu estudava pela manhã na escola normal e, à tarde, ia para a escolinha de reforço que tinha só uma professora, a Dona Maria da Glória, que dava aula para 1ª, 2ª, 3ª e 4ª série. Como ela era sozinha, resolveu criar entre os alunos uma diretoria e eu me tornei diretor da escolinha, formando a diretoria com mais alguns colegas. Ninguém ganhava nada, era trabalho completamente voluntário, nós recebíamos apenas algumas doações de livros e comida, pois a escolinha tinha até lanche. Essa escola se chama Escolinha Tia Percília, hoje em dia

não tenho mais nenhuma ligação com ela, porque não tenho mais tempo, porém, ainda assim, sempre que é preciso dou uma ajuda.

Todas as doações para a escola eram conseguidas através da Dona Glória, que tinha muitos conhecimentos. Posso dizer que o convívio com ela mudou minha vida, pois ela era muito ligada a mim, me tinha como um filho. Certa vez, conversando com minha irmã ela descobriu que eu fazia natação devido a um problema de coluna, mas que, apesar de precisar, eu não estava mais querendo ir às aulas, porque o professor que eu conhecia havia saído e eu não gostava do novo professor. Sabendo disso, arrumou pra mim uma bolsa para fazer pólo aquático no Clube de Regatas Guanabara, onde o filho dela também fazia. Ela disse pra mim que ia ser muito bom, pois pólo aquático trabalha muito a coluna, pois envolve muita natação. Eu fui, mas no início não gostei muito, pois achava muito cansativo, mas acabei ficando e estou lá até hoje, construindo, assim, nove anos de muitas vitórias e alegrias. Foi lá que conheci grandes amigos, viajei muito e ajudei a conquistar muitos títulos. Foi também no pólo que conheci uma de minhas maiores paixões, o *heavy metal*, porque quando a galera viaja, a maioria ouvia *metal* no alojamento, eu pedia os CDs deles para ouvir e comecei a gostar muito. Tanto que, hoje, eu toco bateria em uma banda chamada Metanol (estamos fechando as músicas para gravarmos um CD, daqui há uns dois ou três meses) que é de um grande amigo que conheci no pólo.

Essa é uma das minhas principais diversões, ouvir e tocar metal. Mas gosto também de ir a praia, aliás, sou privilegiado, pois moro a alguns minutos da praia do Leme que é um bairro muito legal. Gosto muito também de sair para festas com os amigos, jogar futebol, vídeo game e de andar pelo calçadão, só vendo as gatinhas.

## ROBERTA SILVA DE SOUZA

Eu sou a Roberta Silva de Souza, tenho 21 anos e moro desde que nasci na comunidade do Chapéu Mangueira e Babilônia, no Leme, perto de Copacabana, no Rio de Janeiro, o que não significa que sou bem de vida.

Estudei na Escola Municipal Santo Tomás de Aquino, do CA à 8ª série. Logo depois, engravidei e passei para o supletivo,

pois não dava para conciliar a vida de mãe com a de estudante, mas nem por isso desisti. Atualmente, estou cursando a segunda série do ensino médio por módulos, ou seja, só vou à escola para tirar as dúvidas e fazer as provas. Gosto da escola porque com este modo de estudar consigo conciliar toda a minha vida, foi a forma que encontrei para não precisar parar de estudar.



Fiz um curso profissionalizante de cabeleireiro e trabalhei durante um ano em um salão. Eu adorava mas não soube aproveitar a oportunidade, acho que fui imatura, talvez pela pouca idade, pois tinha apenas treze anos.

Meu pai se chama Flávio Eduardo de Souza, nasceu no Rio de Janeiro onde mora até hoje. Tem 41 anos, chegou à 8ª série forçado pelos pais, pois nunca gostou de estudar, sempre gostou de pescaria, no que trabalha até hoje. Minha maravilhosa mãe se chama Sônia Aparecida da Silva, tem 37 anos, nasceu em Minas Gerais e veio para o Rio de Janeiro com 5 anos de idade. Nunca casou, engravidou aos 15 anos, ainda morando com seus pais que a ajudaram a cuidar de mim, pois, a princípio, ela não teve o apoio do meu pai. Parou de estudar na 7ª série para poder trabalhar para me sustentar, pois seus pais tinham mais seis filhos e não tinham condições de sustentar outra criança. Ela trabalhou em farmácias e outros lugares e, há 7 anos, trabalha como empregada doméstica com os mesmos patrões.

Tenho dois irmãos que ainda não trabalham pois são estudantes: a Flávia, que tem quinze anos e cursa a primeira série do ensino médio, é uma boa aluna e ótima no computador; e o Humberto, que tem treze anos e está na 6ª série. São filhos do meu pai com a Leila que é a sua esposa. Nós nos damos muito bem, ela é uma boa mãe e soube educá-los muito bem, sou muito feliz por isso.

Tenho três tios e uma tia, irmãos da minha mãe, com quem fui criada. Até hoje, moramos bem perto uns dos outros e formamos uma grande família unida, juntamente com meu avô, José Armando, de 60 anos, que é funcionário público aposentado.

Coincidentemente, o dia em que estou escrevendo sobre minha vida faz um ano do falecimento da minha avó materna, Silvia, uma das pessoas mais importantes da minha vida. Ela faz muita falta, a saudade parece sem fim.

Tenho quatro filhos lindos: a Caroline, de cinco anos, que já estuda no maternal e quer ser atriz e dentista; o Caio, de três anos; a Camile, de dois anos, que junto com o Caio, está na

creche Dona Marcela, aqui mesmo na comunidade; e a Clara, de nove meses, que é muito fofa e fica com o papai enquanto estou no projeto Observatório dos Direitos Humanos. São muitas as dificuldades, pois ter quatro filhos com 21 anos é barra, mas, ao lado do meu marido Luís André, cuido deles com muito amor, carinho e responsabilidade.

Gosto de sair à noite, mas depois que tive filhos saio pouco, prefiro lugares onde posso levá-los como parques e praias. Gosto de ir à Igreja Assembléia de Deus que tem perto da minha casa e que frequento desde pequena. Geralmente, saio com minha mãe, meu tio Rodrigo, sua esposa, Delma, seus filhos, Marcele e João Pedro, e, é claro, meus filhos. Cada final de semana vamos para um lugar diferente.

Meu marido, Luís André Medina, tem 31 anos, nasceu no Rio de Janeiro e não somos casados no papel por opção nossa. Eu engravidei por falta de prevenção, é claro, mas não quis casar porque acho que casamento não é um papel assinado e, sim, o amor e a união de um casal. Já faz quase 8 anos que comecei a namorar meu marido que hoje é o pai dos meus quatro filhos. Ele foi o primeiro e espero que seja o único homem da minha vida. Ele trabalha como boleiro, monta o campo para treinamento e jogos da Seleção Brasileira de Futebol de Areia e também viaja para outros Estados para jogar futebol. Com isso, o sustento da casa fica por conta dele, meu dinheiro fica para despesas pessoais e, se surgir alguma emergência, tenho minha mãe que me ajuda financeiramente, pois sou filha única.

Adoro minha comunidade, é tranqüila em relação ao tráfico e violência. Tem muitas oportunidades, como cursos, projetos, Telecurso e pré-vestibular. Temos também uma área verde enorme, sem falar que é em frente à praia. É a comunidade onde nasceu e cresceu nossa atual governadora, Benedita da Silva. Mas, acho que deveria ter uma união maior entre os moradores, pois cada um vive em um canto como se fossem grupos separados e, assim, não aproveitam melhor o lugar onde moramos. Tenho esperança de um dia isso melhore.

### ANA CRISTINA GONÇALVES

Meu nome é Ana Cristina de Souza Gonçalves. Tenho 19 anos, sou negra, cabelo rastafari, peso 47 quilos e meço 1,60 m. Nasci na capital do Rio de Janeiro e moro no Chapéu Mangueira e Babilônia, que fica no bairro do Leme, um bairro perto de Copacabana.

Terminei o ensino médio no ano passado no colégio estadual Infante Dom Henrique. Adorava aquele colégio. Conheci muita gente boa, entre elas o Cezar (professor de Literatura) e a Ângela (português). Nós ficamos muito próximos, sinto muita falta daquele tempo e daquelas pessoas.

O meu dia-a-dia é muito tranqüilo, eu trabalho no projeto Observatório de Direitos Humanos, faço escola de música e pretendo fazer um curso de inglês.

A minha infância foi maravilhosa. Já caí do telhado, da caixa d'água, tive que correr de cachorro louco, enfim, fui criança e foi muito bom. Eu tinha um grupo de amigas, íamos juntas a todos os lugares e aprontávamos todas as bagunças. Éramos

seis: Andréia, Isabel, Viviane, Verônica, Érika e eu. É claro que tinha aquela amiga mais próxima, mas havia algo que nos unia e esse algo era a igreja. Minha mãe se converteu ao evangelho quando eu tinha 6 anos e passou a frequentar a Assembléia de Deus. Eu já conhecia a Andréia porque ela era minha vizinha e, no decorrer do tempo, as outras meninas foram aparecendo. Na época, participávamos do grupo infantil da igreja, no qual nós cantávamos, fazíamos peças e coreografias.

Durante a adolescência, algumas amigas se foram e outras chegaram. Uma se foi porque mudou de Estado, outra arrumou namorado e outras saíram da igreja (o elo que nos unia), mas, em contrapartida, chegaram outras meninas, especialmente a Elaine e a Luíza. Nós também participávamos de um grupo da igreja, o de adolescentes. Neste período, eu entrei no coral da UMADEL (é o nome do coral de jovens da igreja da minha mãe, significa União de Mocidade da Assembléia de Deus no Leblon) e descobri a minha paixão pela música.



Tudo ou quase tudo do que gosto de fazer tem relação com a música, principalmente a black music e a música latina. É claro que gosto de coisas como ir à praia, sair com os amigos e conversar, mas, com certeza, de tudo isso o que mais gosto é a música.

Meus pais moram no Rio de Janeiro, mas a minha mãe nasceu na capital e o meu pai em Petrópolis (região serrana do estado). Lá, ele morava com uma família que o acolheu depois que ele ficou órfão. Quando cresceu, ele veio para a capital, morar com uma tia dele que também morava no Chapéu Mangueira e Babilônia e, desde então, permaneceu aqui. Ele só tem o primário, já trabalhou em lotérica e hoje é serralheiro. Minha mãe já foi caixa de loja, costureira e servente de escola. Há 4 anos ela terminou o 2º grau e se formou como professora primária, mas não exerce a profissão.

Eu também já trabalhei mas nunca precisei ajudar no sustento da família. Meu primeiro emprego foi numa creche e eu detestei. O meu segundo emprego foi em uma loja de roupas, infelizmente, eu fiquei no caixa e também detestei. No primeiro emprego eu fiquei dois meses e no segundo somente quatro dias. Atualmente, estou fazendo parte do Observatório de Direitos Humanos e estou adorando! É a primeira vez que estou tendo contato com movimentos sociais, está sendo uma experiência surpreendente.

Eu tenho dois irmãos, o Jonas, de 17 anos, e a Jordana, de 15 anos, ambos estão no 1º ano do ensino médio e nunca trabalharam. Graças a Deus, o nosso relacionamento é ótimo.

Como eu escrevi no início da carta, eu moro na comunidade do Chapéu Mangueira e Babilônia, que apesar do nome não tem nenhuma ligação com a escola de samba Mangueira ou com a outra comunidade chamada Mangueira. Aqui é muito tranquilo, apesar do tráfico existir, não é exposto. Na área onde eu moro, é difícil ver algum traficante armado durante o dia, geralmente eles se mostram à noite. Não se ouvem tiros, nem se sabe de mortes etc. De modo geral, meu direito de ir e vir não é prejudicado, pois os traficantes se concentram apenas nos seus pontos de venda de drogas.

Temos posto médico, creche, policiamento local, escola municipal, quadra de esportes, padaria, salão de beleza e a ação de vários projetos sociais. Chapéu Mangueira e Babilônia fica num pequeno morro que está de frente para o mar. O que eu mais gosto daqui é a tranquilidade de poder chegar em casa de madrugada, sem ter medo de ser confundida com algum traficante ou coisa parecida, e o que eu menos gosto é o fato de não ter mais serviços, como lanchonetes, shows variados, bancos, comércio etc. Em relação ao comércio, eu queria que o Chapéu Mangueira e Babilônia fosse como a comunidade da Rocinha, uma quase cidade.

## EDILÉIA NASCIMENTO AGUIAR

Oi, me chamo Ediléia, tenho 23 anos e completo 24 no dia 19 de novembro, que é também o Dia da Bandeira. Sou negra, estatura baixa e peso mais ou menos 57 quilos, sou muito sentimental e séria. Sou evangélica pentecostal, minha denominação é “Assembléia de Deus em Ipanema na Zona Sul”. Gosto de conhecer bem as pessoas, adoro aprender coisas novas.

Nasci na cidade do Rio de Janeiro, no bairro do Méier, onde vivi até completar 14 anos. Depois, me mudei para Del Castilho que é um outro bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro.

Aos 16 anos, conheci um rapaz que pediu o consentimento de meus pais para namorar comigo, meus pais consentiram e eu comecei a namorar. O problema é que o adolescente se apegou muito rápido às pessoas e não sabe distinguir um carinho de uma paixão e, tão pouco, paixão de amor. Quando eu estava apaixonada por ele, por diversos motivos meus pais quiseram separar-nos e eu, cega, parecia não concordar e não acreditar no que estava acontecendo. Fui então que fugi de casa e fui morar com ele em Ipanema, um bairro da Zona Sul do Rio de Janeiro.

Após dois meses, me arrependi do que fiz, pois sofri muito e parei para pensar no que havia feito, na loucura que se transformara a minha vida. Ele, com 29 anos, e eu, com 16, estávamos com a polícia à nossa procura, pois ele se encaixava no crime de sedução de menor. Chegamos à viajar para Carangola (sua cidade natal em Minas Gerais) para conhecer seus pais.

Como é uma cidade pequena, onde todos se conhecem os policiais, os detetives nos viram e foram até o delegado que, por sua vez, ligou para meus pais sem nos alarmar e, quando meus pais chegaram, o delegado nos convidou a ir à delegacia de polícia. Chegando lá, estavam meus pais, eu relutei, mas enfim, voltei para casa, pois era menor de idade.

Voltei para o Rio e, depois de um ano, meus pais nos compraram uma casa em Copacabana, onde dei a luz a uma menina. Minha vida se tornou muito difícil, pois não podia voltar a estudar. Então, me acomodei e, aos 19 anos, tive o meu primeiro filho, aos 20, a segunda filha, e, aos 21, o segundo filho. Então, me mudei para o Leme, na comunidade da Babilônia, também conhecida como Babi, que fica na zona sul do Rio de Janeiro, em uma encosta bem próxima ao mar. É um lugar maravilhoso, que tem várias atividades para os jovens e crianças, que possibilitam uma melhoria no modo de vida de cada um e abrem novos horizontes. Eu mudei minha maneira de pensar, saí da ignorância e voltei a viver.

Voltei a estudar, atualmente estou cursando o segundo ano do ensino médio, começando assim uma nova etapa em minha vida, não para apagar os erros do passado, mas para construir um futuro melhor a partir de um presente com muitas lutas, renúncias e vontade de vencer. Até porque, agora não é só minha vida que está em jogo e, sim, a de quatro crianças que não pediram para vir ao mundo. Acordei e vi que eles precisam de mim para lhes dar uma vida digna, com um pouco de conforto, pois o pai deles é esforçado, mas não tem estudo suficiente para conseguir um bom emprego. Ele é pedreiro e luta dia a dia para que não nos falte o essencial.

Hoje, tenho os dias carregados de atividades. Tem dia que saio de casa às 8hs, deixo meus filhos na creche e na escola e só retorno às 23 hs, depois de sair do colégio. Nesse intervalo, é meu marido quem cuida deles. Apesar de todo sacrifício, sei que no futuro o meu esforço será recompensado por Deus. Mas, por outro lado, é ruim, porque sinto falta de meus filhos e eles de mim, pois são muito pequenos e precisam de amor, carinho e muita



atenção. Tento aliviar minha consciência nos fins de semana, quando converso, brinco e passeio com eles (eles são lindos!).

Eu não tenho muita escolha, pois sofro as consequências de uma adolescência rebelde. Sem estrutura, construí minha família, sem bases fortes, construí meu lar. Família é como uma construção de casa: o pedreiro faz primeiro as bases, os alicerces e depois constrói a casa, mas quando se tem pressa, você faz um barracão e entra para morar e, mais tarde, com mais condições é que você reconstrói, colocando a base e toda as estruturas. É mais trabalho, mas, enfim, pode até ficar perfeita dependendo do tipo de base. Não é diferente o que acontece comigo, pois depois da família construída é que estou colocando as bases firmes, estudando e me capacitando para um mercado de trabalho um tanto rigoroso, com amor e muita vontade de lutar e vencer.

Já fiz diversos cursos, entre eles, um de entrevistas e cheguei a atuar como entrevistadora numa pesquisa de vitimização, que procurava encontrar pessoas que foram vítimas de violência entre janeiro e dezembro de 2001 e que foi realizada em todo Rio e Grande Rio.

Assim, vou remando até terminar o ensino médio e entrar numa faculdade de administração, quando, então, estarei mais capacitada para um bom emprego. Eu gosto de trabalhar e estar sempre na ativa, acho que se eu tiver que parar, me prostar por algum motivo, sentiria muita falta de me sentir útil e realizada. Daqui há algum tempo, eu creio que estarei realizada profissionalmente e humanamente, mas estou ciente das dificuldades que já encontro e vou encontrar mais e mais na estrada longa de minha vida. Também sei que só um covarde desanima quando as lições ficam difíceis, pois nossa sociedade, às vezes, é muito agressiva tanto com os negros, quanto com as pessoas de classe baixa, imaginem eu que sou negra e de classe baixa. Existe um grande preconceito, mas vou vencer esse e outros obstáculos em nome de Jesus, pois nesse nome a vitória é certa. Aliás, é nele que encontro força, coragem e amor para vencer toda e qualquer dificuldade. Eu o coloco na frente e sabe qual é o resultado? Vitória, grandes conquistas, esse é o resultado quando se tem Jesus guiando o barco de sua vida por esse bravo mar que é o mundo.

Meus pais são maravilhosos, pois com toda a minha rebeldia nunca me viraram as costas e, até hoje, me ajudam. Eles são pessoas bem simples, meu pai concluiu o 1º grau e minha mãe só é alfabetizada. Meu pai nasceu em Campos (Zona Oeste do Rio), teve uma infância difícil, tendo parado até pelo juizado de menores, pois sua mãe o espancava e, por várias vezes, as autoridades interviam, levando-o para um colégio interno. Ainda adolescente, foi morar sozinho em Cavalcante e, depois de um tempo, conheceu minha mãe. Teve toda uma história no namoro, se casaram e tiveram três filhos, conseguindo assim superar seu passado sem virar bandido ou traficante. Ele se chama Gessy e minha mãe se chama Edite, ambos tem 49 anos. Ela é natural de Carangola, (uma cidade em Minas Gerais), teve uma infância também difícil, pois morava no interior da cidade (roça) e teve que trabalhar desde os 5 anos de idade para ajudar no sustento de seus 11 irmãos. Saiu de lá e veio para o Rio de Janeiro com sua família aos 15 anos. Meu pai já foi metalúrgico, vendedor, servente de pedreiro e hoje é chefe de departamento de limpeza de um hospital chamado Pró-Cardíaco (em Botafogo). Minha mãe já trabalhou muito como doméstica, pois não conseguia e nem conseguiu outro tipo de emprego, pois é hipertensa.

Tenho dois irmãos e os amo muito. A mais velha se chama Jorgeleia e foi mamãe pela primeira vez no dia 25 de julho último de um menino grande, gordo e bonito, chamado Renato, um enorme presente de Deus. Nossa família está curtindo muito esse fato tão importante em nossas vidas. Meu irmão é dois anos mais novo do que eu. Cada um tem uma casa e moram em Del Castilho (bairro da Zona Norte do Rio). Queria que ele tivesse uma grande força de vontade de lutar e vencer, pois devido às dificuldades encontradas na estrada da vida, ele se prosta, desanima e isso me traz certa preocupação. Mas, estou em oração em prol de sua vida, por isso sei que ele vai encontrar a força de Jesus para vencer e se estruturar antes de formar uma família.

Agora quero lhe falar dos projetos sociais que, por sua vez, são de grande valia em minha comunidade e em muitas outras, pois esses projetos dão ao jovem uma oportunidade de lutar por um futuro melhor, tirando-o, muitas vezes, das chagas da prostituição, das drogas etc. Há um tempo atrás fiz parte de um curso de zelador comunitário promovido pela ONG Viva Rio e, agora, estou na CIEDS e nesse projeto do Observatório dos Direitos Humanos, que estou curtindo bastante, pois faço o que gosto que é ler, escrever etc. Acho que depois desse projeto terei uma nova visão sobre os Direitos Humanos.

No meu tempo livre, gosto de ler muitos livros, entre eles a Bíblia Sagrada. Gosto também de escutar música gospel (música evangélica), de ir à igreja para me revestir espiritualmente para melhor enfrentar meu agitado dia-a-dia, de ir ao teatro, pois todo ano temos uma semana de programação grátis, e gosto de ver alguns filmes. Eu adoro cuidar de meus filhos, apesar de, às vezes, ficar meio atribulada no meio da bagunça que eles fazem, mas tento compreender o máximo possível e ser paciente e, no fim, acho até graça de suas traquinagens.

Tenho um sonho de conseguir vencer na vida, dar um futuro promissor a meus filhos, mas esse sonho também se estende a ter uma sociedade melhor, com igualdade e amor. Assim, como diz “Os Estatutos do Homem” (ato institucional permanente de Carlos Heitor Cony), de Thiago de Melo (Civilização Brasileira 4ª edição, 1978 págs. 19-22.):

- Artigo I - Fica decretado que agora vale a verdade, que agora vale a vida, e que de mãos dadas, trabalharemos todos pela vida verdadeira.
- Artigo V - Fica decretado que os homens estão livres do julgo da mentira. Nunca mais será preciso usar a couraça do silêncio, nem a armadura das palavras. O homem se sentará à mesa com seu olhar limpo por que a verdade passará a ser servida antes da sobremesa.
- Artigo VI – Fica estabelecida, durante dez séculos, a prática sonhada pelo profeta Isaías, e o lobo e o cordeiro pastarão juntos e a comida de ambos terá o mesmo gosto de aurora.
- Artigo Final – Fica proibido o uso da palavra liberdade, a qual será suprimida dos dicionários e do pântano enganoso das bocas. A partir desse instante a liberdade será algo vivo e transparente como um fogo ou um rio, e sua morada será sempre o coração do homem.





## Onde Estamos?

Nossa comunidade está dividida em duas: Chapéu Mangureira e Babilônia, chamado, às vezes, só de Chapéu, e a Babilônia, chamada pelos moradores de “Babi”, que é a comunidade mais antiga. Ninguém sabe explicar exatamente o porquê dos nomes. Existe a história de uma fábrica de bonés que ficava no Chapéu Mangureira e Babilônia e que, talvez, tenha dado origem ao nome, mas ninguém sabe dizer ao certo.

A comunidade se localiza no bairro do Leme, município do Rio de Janeiro. Pela localização litorânea e por ser um ponto estratégico, pois do alto do morro se tem a visão total da Baía de Guanabara, sua história remonta ao século XVII, mas as primeiras ocupações começaram a partir do século XVIII, ligadas à necessidade de defesa dos portugueses contra as ocupações holandesas. Posteriormente, outro fator que colaborou para a ocupação do local foi a existência de uma fazenda de café na região. O terceiro momento histórico de ocupação foi a partir da vinda da família real portuguesa para o Brasil, quando o morro começou a ser ocupado de cima para baixo, num processo diferente do que aconteceu com a maioria das comunidades no Rio de Janeiro.

A comunidade era bem maior do que é hoje. Nas décadas de 40 e 60 (época da ditadura) aconteceram remoções que reduziram em 80% o tamanho da comunidade. Outras transformações se deram a partir de 1985, por meio dos mutirões organizados pelos moradores, e na década de 90, quando houve melhoras de infra-estrutura com o surgimento de projetos sociais, sem contar que no Chapéu Mangureira e Babilônia muitas mudanças ocorreram pela presença política da Benedita da Silva (atual governadora do Rio de Janeiro).

Pelos dados do IPLAN (empresa municipal de informática e planejamento), em 1993 o Chapéu Mangureira e Babilônia possuía 839 moradores em 175 casas, numa área ocupada de 31.560 m². Já a Babilônia, segundo dados da associação de moradores, tem entre 1200 e 1500 moradores em 500 casas. Por morarmos em uma comunidade que se localiza na Zona Sul do Rio de Janeiro (área considerada nobre), as pessoas em geral acham que não precisamos de nada, ainda mais por ser a favela que Benedita da Silva, passou boa parte da sua vida.

As ruas do Chapéu Mangureira e Babilônia, no geral, são estreitas, íngremes e pavimentadas, mas nem todas são bem iluminadas. A maioria das casas é de tijolo, sem revestimento externo, entretanto existem raríssimas casas de estuque. O Chapéu Mangureira e Babilônia é pouco arborizado, porém na região mais alta há uma reserva florestal, que é controlada pelo exército, e onde não se pode cortar uma árvore sequer sem a devida autorização. Temos uma vista linda para praia do Leme, que é perto de Copacabana. Também temos animais silvestres como micos, cobras e pássaros raros, como por exemplo, o trinca-ferro, além de uma lenda sobre já ter existido onças na região.

Já na Babilônia só as ruas principais são pavimentadas e são largas, a iluminação é semelhante a do Chapéu Mangureira e Babilônia, a única diferença é em relação às casas, pois na Babilônia existem mais casas de estuque. É mais arborizada e tem as melhores vistas da praia, da Baía de Guanabara, da Urca, Praia Vermelha e de grande parte da cidade, inclusive do Dedo de Deus, em Teresópolis, quando temos dias claros.

Nas duas comunidades existem pontos fixos de coletas de lixo, onde a Comlurb recolhe o lixo periodicamente. O transporte é bom, tendo inclusive kombis e motos para subir o morro. Já os telefones públicos são poucos. O comércio em ambas as comunidades é de predominância varejista e a maioria é composta por bares. Temos uma padaria, um cabeleireiro e uma locadora de filmes, e sentimos falta de um mercado e de uma farmácia.

Temos Associação de Moradores nas duas comunidades. A do Chapéu Mangureira e Babilônia foi fundada em 1960 e se localizava na Babilônia. Nessa época, a população era de aproximadamente de 1500 habitantes e a associação participou da fundação da FAFERJ (Federação de Favelas do Estado do Rio de Janeiro) e da FAMERJ (Federação da Associação de Moradores do Estado do Rio de Janeiro). Hoje



em dia, essas duas federações não são mais atuantes na comunidade, influenciando somente na época das eleições para presidente da associação, pois todo o processo de eleição e o presidente eleito precisam ser reconhecidos pelas federações.

Temos um posto de saúde que possui clínica geral, pediatria, odontologia e primeiros socorros, mas não funciona 24hs. O posto de saúde fica próximo da associação do Chapéu, o seu atendimento é feito através de senhas e é oferecido a todas as pessoas das duas comunidades.

Existe também um Balcão de Direitos que se localiza na Igreja Batista, na Babilônia. Lá temos a atuação das varas cível, de família e trabalhista. O atendimento é feito uma vez por semana e também é aberto às duas comunidades.

Aqui não há ronda policial, porém existe um DPO (Departamento de Policiamento Ostensivo), que fica na bifurcação à direita entre o Chapéu e a Babilônia. O DPO faz plantão 24 horas e sua função é auxiliar a comunidade dando proteção, ajudando quando alguém que precisa etc. A relação da comunidade com a polícia é tranquila, mas a polícia realmente só se manifesta quando acontece algo na favela que ganha destaque na mídia. Nesses casos, a atuação policial fica mais ostensiva, os policiais entram na comunidade, principalmente na Babilônia, e revistam carros, jovens e casas.

Existe uma creche em cada comunidade, no Chapéu a creche é pública e na Babilônia, particular. No Chapéu ainda encontramos uma escola maternal municipal (jardim de infância). Na Babilônia temos uma escolinha de reforço chamada "Escolinha Tia Percília", que fica próxima à associação de moradores. O acesso a creches e escolas é fácil, além de ser aberto às duas comunidades, e o nível de ensino é considerado bom.

Nas comunidades existe a atuação de vários projetos educacionais, entre eles Galpão de Arte, Mobral, Balcão de Cultura, Vida Nova, Adubo cultural, Escolinha de Vôlei Jackie, Gari Comunitário, Cooperativa do Reflorestamento, Pré-Vestibular Comunitário (PVNC), Balcão de Direitos, área de proteção ambiental, a Escolinha Tia Percília, além, é claro, do Observatório de Direitos Humanos. Esses projetos são patrocinados por Ong's e por órgãos do governo, tanto da Prefeitura quanto do Estado. Os projetos são muito bem visto pelas comunidades e existe uma crescente participação dos moradores neles. Vários desses projetos oferecem bolsa-auxílio, o que aumenta consideravelmente o número de inscritos, que podem participar de mais de um projeto de uma vez.

De espaços culturais temos duas quadras esportivas, uma em cada comunidade, praças (também uma em cada comunidade), o Galpão de Arte, o salão polivalente das associações de moradores, onde são realizadas, entre outras coisas, as festas funk e de pagode, e a área verde. As principais atividades culturais são campeonato de sueca, campeonato de futebol, colônia de férias, folia de reis, festas em datas comemorativas como dia das mães, Cosme e Damião, Natal, etc. Existem também shows que são realizados na praia.

Os centros religiosos são vários nas comunidades. São três igrejas evangélicas: Assembléia de Deus, na Babilônia e no Chapéu, uma igreja Labareda de Fogo e uma Batista, ambas na Babilônia. Existem dois centros espíritas de umbanda e candomblé na Babilônia e um de candomblé no Chapéu.

Identificamos como um dos principais problemas da comunidade a questão do lazer, pois só temos duas quadras que não são bem cuidadas e utilizadas. Com relação às praças, elas poderiam estar mais direcionadas para as crianças e para a prática de esportes (exercício físico). A precariedade das áreas de lazer advém, muitas vezes, da má utilização feita pelos próprios moradores.

Sentimos também uma falta de atividades culturais variadas como cinema, teatros e mais shows. Outro problema é em relação ao comércio que é muito deficiente, pois é pouco variado e o preço é muito caro.

Além disso, em geral, o saneamento básico é precário, pois, em determinados momentos do ano, falta água e na Babilônia ainda existem moradias sem saneamento. Às vezes, ocorrem vazamentos de bueiros e, em alguns cantos, ainda existem esgotos a céu aberto, com maior incidência na Babilônia. Temos também, como já foi dito, um número insuficiente de telefones públicos e a falta de um posto médico na Babilônia que se mostra a comunidade com os maiores problemas.

Os pontos mais positivos de nossas comunidades são a tranquilidade em relação ao tráfico e o baixo índice de violência, além da proximidade com a praia e a área verde.



## ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DA BABILÔNIA

A Associação de Moradores da Babilônia Chapéu Mangueira e Babilônia foi fundada em 1961. A entidade vem, ao longo dos anos e em conjunto com parcerias, desenvolvendo várias atividades voltadas para a melhoria da qualidade de vida dos moradores.

Nossa comunidade surgiu no Brasil colônia, local em que ainda vivem alguns remanescentes desse período. Uma delas, por exemplo, está às ruínas da Forte do Vigia onde Tiradentes serviu como soldado. Também tivemos vários anos de dificuldades com a época da ditadura militar, momento em que havia muita repressão e remoções de famílias, que foram reassentadas em outros bairros da cidade.

Depois deste período tivemos uma grande abertura e surgiram as primeiras benfeitorias tais como: casas de alvenaria, água encanada, luz elétrica e pavimentação. Conquistas obtidas através da força dos moradores. Atualmente, nossa vida e a comunidade são mais respeitadas, tendo na associação de moradores a referência e a responsabilidade de reivindicar, junto aos poderes públicos, as necessidades básicas para todos os moradores.

Atualmente estamos articulados, não apenas ao Poder Público, mais também a algumas organizações não governamentais e da iniciativa privada. Recentemente foi aplicado um censo na comunidade que possibilitará maiores informações aos interessados.

**Carlos Antônio Perreira**  
Presidente

## MUTIRÕES

Escolhemos falar sobre os mutirões de nossa comunidade por acreditar que esse movimento foi muito importante para tudo que está acontecendo hoje no Chapéu Mangueira e na Babilônia. Queríamos destacar também a preocupação da comunidade na época dos mutirões em relação a construções das escolas e creches do local, evidenciando a preocupação da comunidade com a educação. Nossas informações foram colhidas principalmente com os relatos de Dona Eliane, do Chapéu Mangueira, que atualmente trabalha no posto de saúde e mora há 49 anos na comunidade, e Palô, da Babilônia, atual presidente da Associação de Moradores da Babilônia. Gostaríamos de deixar aqui nosso agradecimento a eles que tanto colaboraram com o nosso trabalho.

O mutirão era uma grande confraternização entre os moradores da comunidade, que se organizavam para custear parte das obras. A mão de obra era toda vinda da comunidade. Esses mutirões começaram na década de 70 e foram até 80, tendo como suas primeiras construções o posto de saúde, que antes era um barracão de estuque, onde voluntários atendiam a comunidade. Houve também uma senhora, Dona René que trouxe melhorias para o posto de saúde.

Embaixo do posto de saúde, em 1977 foi alojada uma pequena escola, onde uma senhora conhecida como Dona Marcela trabalhava como cozinheira. Apesar de não ter muita instrução, ela alfabetizava as crianças e passava a elas o pequeno conhecimento que tinha. Depois de algum tempo houve interesse da comunidade em legalizar a escola. No começo da década de 80 a escola Chapéu Mangueira foi municipalizada, tornando-se a Escola Municipal de Classe Cooperação Chapéu Mangueira, de ensino pré-primário e que atende aos moradores do Chapéu Mangueira e Babilônia.

Além do posto de saúde, vários outros estabelecimentos foram construídos, entre eles, citamos a Casa Grande, local onde vários projetos culturais são executados, a Igreja Católica, o Galpão de Artes, a creche Dona Marcela e a Associação de Moradores. Melhorias no saneamento básico e urbanização de algumas áreas da comunidade também ocorreram devido aos mutirões.

Assim como no Chapéu Mangueira, a Babilônia também teve seus mutirões, onde se destacam as obras da Associação de Moradores, o reservatório de água, a pavimentação de algumas ruas e, principalmente, a Escolinha Tia Percília. Fundada em 1991, na escolinha só trabalhavam voluntariamente a Dona Glória, Dona Hilda e Aninha. Na época eram sessenta e cinco alunos do C.A. à 4ª série, e a escola funcionava na Associação de Moradores, a qual Dona Percília era presidente. Hoje em dia a escola tem prédio próprio com três salas atendendo a cento e trinta e cinco crianças do C.A. à 8ª série.



# Chapéu Mangueira, Babilônia e o Direito à Educação

Nas discussões sobre o direito à educação nas comunidades de Chapéu Mangueira e Babilônia, diversos foram os assuntos abordados tanto dentro do grupo como nas entrevistas realizadas com alunos, pais, professores, serventes e diretores das escolas das comunidades. Muitos desses temas não constam nesse relatório, como a qualidade do ensino, protagonismo juvenil e os grêmios estudantis ou as concepções de educação entre os moradores.

Apresentamos aqui três pontos que tiveram presença marcante nas discussões do grupo: a relação das escolas com a gravidez na adolescência; o encaminhamento dado a crianças com problemas de comportamento; e o trabalho das creches da comunidade. Todos os temas, direta ou indiretamente, já se fizeram presentes na trajetória de integrantes do grupo, seja por experiências enquanto alunos, seja pela participação de alguns membros em creches locais.

## A ESCOLA E A GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

A gravidez na adolescência ocorre com certa frequência não apenas nas comunidades que observamos, mas também em outras localidades. A crescente preocupação com o tema está refletida, por exemplo, nas várias matérias divulgadas pela imprensa, especialmente aquela voltada para o público juvenil. No entanto, isso não significa que o debate tenha espaço para ser adequadamente tratado em escolas, assim como não é sempre que as alunas gestantes são bem acolhidas no meio escolar.

Nas escolas que observamos são desenvolvidos cursos ou palestras com enfoque específico na educação sexual. Normalmente, os dois principais temas estudados são as doenças sexualmente transmissíveis e os métodos contraceptivos. Muitas escolas incorporaram ao seu papel a difusão de orientações nesse sentido.

*“Nós fazemos palestras para alertar (esse ano ainda não teve – é uma palestra da Schering, que não sei porque ainda não teve). Tem o professor para alertar sobre esse tema. O jovem nunca acha que vai acontecer com ele.” (diretora de escola)*

Apesar de necessária, a divulgação dos métodos contraceptivos concentra a discussão sobre o tema da gravidez apenas nas formas de se evitá-la. Possivelmente, influenciados por esse enfoque, muitos passam a encarar a gravidez apenas como a consequência de um comportamento voluntário e irresponsável por parte da adolescente – afinal, se prestaram a devida atenção na aula, todos foram informados sobre como deveriam evitá-la.

*“Acho que engravida quem quer, tem remédio, camisinha, engravida para segurar homem e se casar.” (aluna do Projeto Vida Nova)*

*“Aqui não teve nenhum caso, mas acho que fica grávida quem quer, pois há muita informação sobre métodos de prevenção.” (professora de escola)*

Reforçando essa ideia, outras entrevistadas questionaram a efetividade das palestras, sugerindo tratar-se de uma questão de explicar as “responsabilidades” que decorrem da maternidade.

*“Tudo isso também eu acho falta de conhecimento, deveria ter uma campanha, falta mais conversa, um trabalho mais profundo, porque só palestra não adianta, ir uma vez e passar um filminho, as jovens já sabem dessas coisas de como usar camisinha, deveria haver maior esclarecimento e melhores explicações sobre as responsabilidades.” (servente de escola)*

*“Eu acho que as jovens não precisam de informação, o que falta é responsabilidade, é preciso educar e dar alguma perspectiva a elas, elas precisam pensar em outras coisas, no futuro, em trabalho.” (professora de escola)*

Nesse sentido, parece haver um certo descontentamento com a postura da escola, que, segundo os relatos, estaria limitada ao fornecimento de informações, sem aprofundar a discussão sobre as consequências da gravidez na trajetória da adolescente. Entretanto, a ênfase apenas nos problemas trazidos pela gravidez pode contribuir com o constrangimento das alunas.

Essa postura, em certos casos, pode resultar na discriminação da adolescente gestante tanto por seus colegas de turma, como pela própria escola. A falta de habilidade de algumas escolas para lidar com as alunas gestantes pode resultar em perdas no aprendizado, ou mesmo na sua exclusão do ambiente escolar. Dois depoimentos relatados evidenciam situações de constrangimento de alunas.

*“Quando engravidei pela primeira vez, já estava decidido que eu continuaria a estudar normalmente, não surgiu nenhum problema com a direção, nem com os professores. Um certo dia de reunião de pais, todos já sabiam que estava grávida e eu ouvi muitas coisas que me machucaram muito. Isso levou a minha auto-estima a zero. Senti uma enorme diferença no relacionamento com as minhas colegas de turma, elas passaram a me evitar e me deixar de lado. Uma delas me falou que era por ordem de sua mãe.*

*Comecei a me sentir muito mal e não*





*agüentei aquela situação por muito tempo, tive vontade de parar de estudar e nunca mais voltar àquela escola, mas minha mãe não deixou isso acontecer, me transferiu para o turno da noite, onde estudavam pessoas mais velhas”. (ex-aluna e observadora)*

*“Conheço o caso de uma menina que engravidou aqui na escolinha, porém saiu por ficar envergonhada, isso foi ano passado”. (cozinheira de escola)*

Em ambos os relatos, as jovens teriam desistido de frequentar as aulas por se sentirem constrangidas. Na situação ocorrida com a observadora, foi marcante a postura dos pais de seus colegas, que teriam recomendado que seus filhos a evitassem. A estigmatização da gravidez como uma falta de moral, ou um traço de irresponsabilidade contribui para o desrespeito e a exclusão de determinadas alunas. Ainda como indica o primeiro relato, no período noturno essa relação tende a ser menos tensa, considerando que nele estão concentrados alunos mais velhos.

Ainda com relação à discriminação, uma professora afirmou perceber diferenças entre a postura de escolas particulares e públicas.

*“As meninas são bem aceitas. Isso eu acho interessante no ensino público. Na escola particular a aluna foi convidada a se retirar. Ao invés de enfrentar o aluno e trabalhar com ele e os outros alunos o problema, expulsa. A escola pública acolhe, mas não tem preparo para tal.” (professora de escola)*

Essa estratégia de exclusão foi ainda confirmada pela monitora do grupo, ex-aluna de colégio particular. Segundo seu relato, quando uma adolescente engravidava ela era convidada através de uma carta a se retirar do colégio, causando um grande desconforto e constrangimento à gestante, que procedia conforme a solicitação. A gestante era excluída por ser vista como um “mau exemplo” para as outras jovens. Nessas circunstâncias, apesar de teoricamente serem tidas como mais equipadas e qualificadas, essas escolas particulares parecem ser abertamente excludentes e, portanto, incapazes de encarar coerentemente o tema da gravidez de suas alunas.

Outra aluna que abandonou a escola por motivo de gravidez atribuiu a sua saída às faltas que teve por estar grávida.

*“Quando engravidei, estava na 7ª série, foi em 2001. Engravidei em setembro e só fiquei sabendo em dezembro, quando tinha três meses. Eu saí da escola porque faltei muito e como estava no fim do ano resolvi sair, pois já sabia que iria repetir por falta”. (aluna do Projeto Vida Nova)”*

No caso anterior, é importante também destacar o papel do Projeto Vida Nova na vida dessa e de outras adolescentes gestantes. A jovem optou por ingressar no programa em vez de voltar para a escola normal, pois se trata de um ensino supletivo no qual os estudantes recebem uma bolsa mensal de

R\$130,00 para concluir seus estudos. A procura por essa iniciativa reflete ainda outro problema vivido pelas mães na escola: a dificuldade de sustentação financeira. Com a presença do filho crescem as despesas, obrigando que muitas mães ingressem no mercado de trabalho ou aumentem seus rendimentos e, por vezes, os horários de trabalho impedem que a jovem prossiga estudando normalmente.

Em contraposição aos casos relatados, muitos não reconhecem que exista discriminação nas escolas em que atuam. Uma diretora entrevistada afirmou que as alunas gestantes têm o direito de suprir suas faltas trabalhando em casa. Alunos e funcionários afirmaram que, nas suas respectivas escolas, as gestantes são bem acolhidas.

*“Aqui não tem problema, a grávida estuda, não sofre preconceito e, se estiver apta, passa de ano e tem todos os cuidados; por exemplo, suas faltas não são levadas em conta e recebem muito carinho.” (aluna do período noturno)*

*“(…) não é permitido, mas as mães trazem os bebês às aulas para não perder o ano, e são até ‘paparicadas’ por todos.” (anônimo – colégio Infante Dom Henrique – turno da noite)*

*“Não existe discriminação, a gente cuida, se a aluna quiser continuar pode, mas dificilmente após o nascimento do filho elas retornam à escola.” (servente de escola)*

Como destaca este último depoimento, mesmo havendo uma reação de acolhimento por parte da escola, algumas alunas dificilmente seguem cursando normalmente a escola. Essa situação aponta para a necessidade de se procurarem formas alternativas para atenuar o distanciamento de algumas mães da escola. Pelo que observamos, a ênfase isolada da escola nos métodos contraceptivos e nos problemas decorrentes da gravidez na adolescência, como abordagem para o tema, não corresponde à demanda dos alunos e, muitas vezes, apenas fortalece uma postura preconceituosa e excludente.

Certamente, a escola reflete as dificuldades encontradas em outros espaços da comunidade para abordar essa questão, mas avaliamos que é importante que, para além do incentivo à prevenção, que se reconheça e se valorize a presença das jovens mães na escola. O afastamento e a estigmatização não apenas violam seus direitos, como também contribuem para o desconhecimento e o isolamento dos alunos em relação ao tema.

## PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO

Outra questão observada pelo grupo refere-se aos diferentes encaminhamentos dados para alunos que apresentaram um comportamento agressivo dentro da escola. No caso, uma experiência vivida por uma das observadoras mostra como a incapacidade de uma escola em compreender e se aproximar desses alunos agrava a situação de toda a turma e pode resultar em sua exclusão.

*“Quando entrei na escola, tinha seis anos e era uma criança muito inteligente, fiquei o*



*primeiro ano de estudo no jardim e fui logo para a alfabetização(...) Passei para a primeira série, segunda e terceira sem ter nenhum problema, eu era muito inteligente e minha mãe adorava ser chamada na escola, pois sabia que iria receber elogios.*

*Quando passei para a quarta série comecei a mudar, me tornei agressiva e respondona e o que quero ressaltar, contando tudo isso, é que tive uma mudança brusca e ninguém me chamou para conversar, pois eles deveriam imaginar que, por trás daquela mudança, tinha alguma coisa, nunca me encaminharam a uma psicóloga, sempre me suspendiam, gritavam e brigavam comigo e assim eu me tornava cada vez mais agressiva, chegando a ponto dos outros alunos terem pavor de mim, quando me viam, vinham me dar seus lanches e dinheiro.*

*Me suspendiam por até quinze dias, e queriam me expulsar, pois já havia chamado minha mãe na escola diversas vezes e não adiantou, pois minha mãe chorava e dizia que não sabia o que fazer, mas a minha mãe nunca havia estudado por isso não imaginava que eu estava mudada, pela mudança que estava acontecendo em minha casa. Eram brigas constantes, tapas, chutes, facas e até machados.”(ex-aluna e observadora)*

Apesar de estar sofrendo com uma situação de grande violência dentro de casa, a aluna não foi adequadamente acompanhada pela escola, que apenas adotou medidas punitivas que só reforçavam sua postura agressiva. O diálogo com os pais também não parece ter surtido efeitos, terminando por afastar a aluna da sala de aula. Em contrapartida, observamos uma situação em que a professora buscou aproximar-se mais de seu aluno.

*“De repente em um momento tranquilo levei um tapa na cara de um aluno, meus alunos tem em média 5 anos. Na hora eu contei até dez, depois contei até mil, isso aconteceu faz uns 3 meses. Como providência, os pais do aluno foram chamados e ele foi afastado uma semana da escola.”(professora)*

Apesar de ter vivido dificuldades semelhantes com relação à agressividade do aluno, que também agredia seus colegas de turma, a professora entrevistada chamou o menino para que o conhecessemos durante nossa entrevista e mostrou manter uma relação de proximidade com ele. Consideramos que essa postura é extremamente importante para atenuar as dificuldades vividas pelo aluno e para consolidar o envolvimento de toda a sala de aula.

### CRECHES

Nas comunidades de Chapéu Mangueira e Babilônia, algumas creches são o resultado da luta da própria comunidade. Seja na construção, seja na manutenção desses locais, foram os moradores envolvidos em grupos e associações que reivindicaram

e viabilizaram parte de algumas creches que hoje atendem as crianças. No grupo de observadores, há dois integrantes que trabalharam em creches locais, além de duas mães que fazem uso desses espaços.

Embora esses estabelecimentos existam, em parte, graças à mobilização dos moradores, percebemos que certas creches não conseguiram manter essa ligação com a comunidade em geral. Perguntamos à coordenadora de uma creche sobre sua relação com a comunidade e ela ressaltou que mantinha contato exclusivamente com os pais das crianças que freqüentavam a creche e que as reuniões haviam diminuído um pouco.

Uma mãe entrevistada afirmou que a participação dos pais é menor do que poderia ser.

*“Olha eu acho que, como mãe, tenho o direito de saber como é o andamento da creche, em relação aos funcionários e aos locais. Nós temos direitos, mas nem todos sabem disso, eu participo, mas outros pais não.”*

Outra coordenadora de creche, também indagada sobre sua relação com a comunidade, disse ter certas reservas para com os questionamentos vindos de pais, além de se queixar de diversas dificuldades no trabalho.

*“Com os pais encontramos muitas dificuldades para trabalhar. O filho aparece com uma mordida, beliscão, eles tem que lembrar que a creche não tem infra-estrutura, falta funcionário, não dá pra dar atenção exclusiva a uma criança, daí eles vêm em cima da coordenadora, da recreadora, e daí a expressão que temos que saber se impor, senão eles abusam(...) Ontem uma criança saiu às 18:30hs, deixando a recreadora e o professor à disposição dos pais, isso é uma violação dos nossos direitos de ter vida própria.*

*(...) Outra coisa é mãe que não trabalha, não paga e fica por aí como se aqui fosse um depósito de criança, e nós não podemos recusar essas crianças, pois às vezes essa mãe não cuida da criança, então não podemos expor a criança, pois não tem culpa, tem mãe até de treze anos, é uma situação polêmica, pois não podemos fazer nada.(...)*

*A comunidade, em geral, vem colocar os filhos na creche e eles não respeitam as normas e as regras, pois a Associação e a creche são englobadas. A dificuldade da comunidade é ajudar, pois a maioria não ajuda e aqueles que ajudam eu agarro com as duas mãos, pois nessa chuva que passou a creche alagou, e ninguém quis ajudar. Ninguém não, a maioria. Somente um pai veio aqui ajudar na limpeza.” (coordenadora de creche)*

O desgaste provocado pelos problemas na manutenção da creche parece contribuir para as dificuldades na relação com os pais e o esforço da coordenadora em acolher um número maior



de crianças do que seria viável não é reconhecido por alguns moradores. Apesar de ter uma relação direta com a Associação, a creche vem sofrendo, segundo a coordenadora, com a falta de apoio de muitos moradores que, em vez de buscarem soluções conjuntas, discutem apenas seus problemas mais particulares.

Na maioria das creches que visitamos, a insuficiência de recursos para o funcionamento adequado dessas organizações também foi apontada como o principal problema. Segundo as entrevistadas, o convênio com a prefeitura não atendia às necessidades, obrigando soluções como a cobrança de contribuição.

*“Eles não custeiam quase nada, como limpeza, material pedagógico, higiene, eles enviam precariamente e não é o suficiente e nós temos que comprar. As funcionárias chegam a reclamar, mas ninguém faz nada. A prefeitura não paga a luz e exige tudo, dando salário pequeno, e os pais não ajudam, pois nem todos pagam, e a água e a luz são pagas por nós da Associação (de Moradores), que nem sempre tem verba (...). Assim os pais agora terão que pagar uma mensalidade, e os que não podem vamos ajudar, pois há casos e casos.” (coordenadora de creche)*

*“Temos convênio com a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social. Segundo eles é um convênio integral, mas não é. Eles dão uma parte do salário dos recreadores e a alimentação, o restante é de colaboração dos pais e da Igreja Batista (Igreja Batista do Leme). O convênio atrasa, não é suficiente, a alimentação tem que ser complementada. Os pais questionam porque que eles têm que fazer doação. (...) A prefeitura manda duas vezes no ano material didático e de*

*limpeza, só que é insuficiente; eles mandam para seis meses somente cinco sabonetes e um fardo de papel higiênico. Eles alegam que não imaginavam que iriam abrir tantas creches e que isso não estava previsto no planejamento. A creche está em vias de fechar. Esse convênio não vai mais renovar. Se tiver mais um convênio talvez melhor. A igreja sozinha não tem condições de bancar. Todas as outras creches estão nessa situação”. (coordenadora de creche)*

Apesar da primeira coordenadora ter dito que buscava avaliar caso a caso para a efetuação da cobrança de contribuição, isso pode constranger alguns pais e vem provocando discussão. Mesmo assim, um maior envolvimento com a comunidade, pelo menos no debate sobre os problemas enfrentados, poderia fortalecer as creches no apoio não apenas para adoção de soluções emergenciais, mas também para liberação de recursos públicos, que são imprescindíveis para a continuidade desse serviço essencial pelo qual tanto se lutou.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como alertamos no início, essa é apenas parte do trabalho que desenvolvemos sobre o tema da educação. Apesar de serem questões específicas e envolvendo atores diferentes – gravidez na escola, acompanhamento de alunos e a situação das creches –, percebe-se como o distanciamento da escola ou da creche dos alunos e de suas famílias pode trazer consequências negativas que aumentam as dificuldades já enfrentadas e, em um sentido contrário, como a mudança de postura, baseada na aproximação, pode trazer resultados mais concretos e duradouros.

Esperamos que essas breves discussões possam contribuir para a melhoria nas relações internas das escolas, bem como no envolvimento da comunidade com as creches, para que um dia a educação venha receber a atenção que realmente merece.





RIO DE JANEIRO

# COMPLEXO DO ALEMÃO







# Quem Somos?

## DAVID DA SILVA DAS GRAÇAS

Oi! Eu me chamo David da Silva das Graças, tenho 21 anos, sou carioca. Sou moreno, tenho 1,74m de altura, olhos castanhos escuros, três tatuagens e, com muito orgulho, sou nascido e criado no Complexo do Alemão.

Atualmente, infelizmente, não estou estudando, mas já concluí o ensino médio. Digo infelizmente porque sinto saudades do meu tempo de escola. Confesso que quando comecei a estudar eu não gostava nada da idéia de acordar cedo e de ficar longe da família, tanto que no meu primeiro dia de aula eu larguei da mão da minha tia e fugi pra não entrar na escola. Parecia que era um trauma, mas, graças a Deus, isso não passou daí e eu comecei a ir tranquilo. Fui fazendo amizades e comecei a curtir o colégio e os novos amigos, além disso, tinha uma professora que se amarrava na minha. Concluí a alfabetização até a quarta série sem alteração. Mas minha maior saudade mesmo do ginásio. Nessa época, aconteceram várias aventuras e várias doideiras. Algumas eu não esqueço nunca, como as greves que a gente fazia, ninguém ia pra dentro das salas de aula, quando a gente fugia na hora do recreio pulando o portão ou pegando a chave do portão escondido. É disso que eu sinto saudades, das amizades que para mim se tornaram a minha segunda família, tanto no primeiro quanto no segundo grau. Ao lado do colégio em que eu estudava, tinha um barzinho que era o nosso ponto de encontro e foi onde já surgiram várias idéias, tais como festas, churrascos aos domingos logo após uma partida de futebol entre duas turmas, boates à noite e muitas outras doideiras. Mas eu queria deixar claro que, apesar de ter cometido essas e várias outras loucuras, eu nunca repeti uma série.

Quando eu tinha de 15 para 16 anos, andava com uma turma de amigos que gostava de pixação e logo crie um nome e sai por aí sujando as paredes da cidade. Não tive muito sucesso com a sociedade e principalmente com a polícia, mas dou graças a Deus por ter passado por essa experiência, pois foi meu primeiro contato com a lata de spray que hoje uso para fazer arte, graffitando os mesmo muros da cidade.

Concluí o segundo grau técnico em contabilidade, mas até hoje nunca trabalhei nessa área. Até com um pouco de vergonha eu afirmo que eu nunca fui muito fã de trabalho, tanto que eu nunca fiquei mais do que nove meses num emprego. Meus dois primeiros empregos foram de camelô, vendendo objetos do Paraguai, e entregador da Livraria Saraiva, no qual não fiquei mais de uma semana, o que também se repetiu em mais dois tramos (trabalho) que eu consegui.

Quando chegou a fase do alistamento militar, por incrível que pareça, eu queria servir, tanto que na hora da apresentação eu sobrei porque eu tenho miopia. Cara! Eu implorei para que eles me deixassem servir e meu primo, que já era Cabo e tinha alguns conhecidos, me ajudou a ingressar na vida militar. Servi no quartel chamado C.P.O.R (Centro Preparação de Ofici-

ais da Reserva), e agora é que fica engraçado. Logo na primeira semana eu me arrependi e, a partir daí, eu contava os dias para sair daquele lugar. Era diferente do que eu pensava, mas, mesmo com tudo de ruim que tinha dentro do quartel, a gente conseguia rir, brincar, além de aprender muita coisa. Se você quiser, você cria um vínculo de amizade muito forte com as pessoas que estão naquela mesma situação como eu e meu vizinho de armário. A gente ficou amigo, amigo mesmo, tanto que até hoje somos amigos. Eu só não gostava daquela vida por causa de certas coisas que a gente passava e pelo salário que nunca chegou a cem reais. Com alguns detimentos e outras poucas alterações eu consegui sair na primeira baixa. Meus pais não concordaram muito, mas...

Depois disso, graças a Deus, eu fiquei só três meses desempregado e meu pai arrumou uma batalha no mesmo lugar que ele trabalhava. No começo, era tudo de bom, mas foram se passando os dias, a patroa deixou de ser aquela flor do primeiro dia e começou a querer mostrar as garras. Eu trabalhava de segunda a sexta, das sete da manhã às cinco da tarde, e sábados até uma hora da tarde, assim como nos feriados. Não tinha hora de almoço nem descanso da tarde. Sempre trabalhei certinho, tranquilo, fazia tudo que os outros funcionários do escritório faziam e era o que recebia menos entre todos. Quando eu pedi cem reais de aumento, ela negou falando que não dava, o que me revoltou, pois o dinheiro das vendas passava pelas minhas mãos e eu sabia que as coisas iam bem.

A partir daí, eu comecei a zoar para ser mandado embora porque eu não sou escravo de ninguém. Acho que meu pai é um grande guerreiro por agüentar até hoje aquela mulher miserável. Deve ser porque ele é mineiro, não tem um grau de estudo muito amplo e não tem muitas chances de arrumar algo melhor. Meu pai já foi bancário, vendedor de produtos de estética e outras paradas. Minha mãe nasceu na Paraíba, é a mais velha de cinco irmãos e cuidava dos outros quatro para minha avó ir para a feira. Não teve a chance de concluir os estudos. Só conseguiu ser feirante e doméstica, até hoje trabalha limpando a casa dos outros.

Nunca moramos em outro lugar, apenas meu pai que depois de se separar da minha mãe, quando eu tinha quatorze anos, mudou-se para Madureira. Tenho mais duas irmãs. Uma é por parte de pai e foi reconhecida há pouco tempo. Elas atualmente só estudam, não trabalham.

Atualmente, eu faço parte de um grupo comunitário que eu ajudei a fundar, uma ONG ainda não legalizada chamada Grupo Sócio-Cultural Raízes em Movimento. Esse grupo tem pouco tempo de existência, mas já temos uma boa expressão perante a comunidade, com projetos funcionando como capoeira, curso pré-vestibular, banco de preservativos. Estamos para implementar um projeto de grafite além de muitos outros que



ainda estão por vir. Fizemos dois eventos, em dois domingos, com plantio de mudas, muito grafite, muito hip-hop, pagode e várias outras paradas. A comunidade aceitou aquilo muito bem, pois foi uma coisa que não é comum no morro e é por isso que tenho orgulho de afirmar que somos “Raízes em Movimento”.

Entrando em outro assunto, vou falar um pouco das paradas que gosto de fazer nos tempos livres. Eu não gosto muito do caos da cidade em que vivemos, da poluição, da falta de verde etc. Tem um lugar que eu e meus amigos gostamos de ir pra fugir desse caos, que é uma linda praia em Marambaia (Barra de Guaratiba), chamada Praia Funda. Lá, após uma hora e meia de caminhada, temos o prazer de atravessarmos um morro e ficarmos acampados durante alguns dias, assistindo, quando se consegue acordar, o nascer do sol. Eu vou confessar que foi a coisa mais linda que já vi, longe de tudo que a cidade pode oferecer. À noite, o céu dá a impressão que se pode tocar nas estrelas e, logo atrás, tem um morrão coberto de verde. Lá quem reina e toma conta da cena é a natureza.

Gosto muito também de desenhar, grafitar, ir a shows com os amigos, fazer a cabeça na praia e, apesar de não ser funkeiro e não gostar nem um pouco de Funk, vou às vezes aos bailes que tem na comunidade, e claro, eu me amarro às pampas em estar com uma gatinha do meu lado.

Se não fossem alguns pontos negativos que existem aqui, estaríamos morando num dos melhores lugares do mundo, mas, in-

felizmente, convivemos com a violência dia-a-dia, preconceitos por sermos favelados, o tratamento arbitrário da polícia, que ao invés de nos proteger nos trata como ladrões. Mas entre nós vivemos na humildade, união, muitas gatas, as festas que rolam dentro do morro etc. Só você brotando aqui pra saber!

Para finalizar, vou falar um pouco de uma coisa que a cada dia me deixa mais feliz: eu vou ser pai. Essa é a coisa mais importante hoje na minha vida, talvez pelo fato de que eu quase nunca tenha feito nada certo e agora sim, fiz algo de que tenho orgulho, apesar da situação em que hoje me encontro tanto no profissional, quanto na relação com a mãe da criança. Apesar de sentir o que eu sinto por ela, parece que ela nunca vai acreditar ou não quer aceitar que realmente mudei e que estou disposto a qualquer coisa. Hoje, 17 de setembro de 2002, tivemos uma briga que parece ter sido a última, infelizmente. Tomara que ela consiga aprender a assumir suas falhas para começarmos a entrar num acordo, pois plantamos uma semente juntos e temos que colher o fruto também juntos. Tudo que eu penso hoje é em ouvir essa criancinha me chamar de pai pela primeira vez e estar presente quando ele der o primeiro passo com muita saúde. Além disso, espero que eu e a mãe dele consigamos assistir tudo isso juntos.

Tomara que você aí consiga me visualizar como realmente eu sou. É isso. Eu acho que acabei. Será? Ah! Tá tranquilo!

## DIOGO MAURO DA SILVA FERNANDES

Meu nome é Diogo Mauro da Silva Fernandes, tenho 20 anos, 1,76m de altura, olhos castanhos escuros, 60 quilos e atualmente estou usando um cabelo grande, do tipo “repolhão”, além de uma barbicha falha.

Nasci no dia 9 de novembro de 1981, no centro da cidade do Rio de Janeiro, na maternidade Pro Matre. Da maternidade, fui de trem direto para o subúrbio da Leopoldina, no bairro da Vila da Penha onde morei provisoriamente. Minha história é mais uma daquelas de filho de mãe solteira. Não conheço meu pai biológico até hoje e nem quero conhecer.

Essa casa da Vila da Penha era de uma amiga da minha mãe que cuidava de mim enquanto ela ia trabalhar em uma fábrica de papelão. Minha mãe decidiu não ficar na casa dos meus avós pois eles não lhe deram nenhum apoio, não aceitavam que sua única filha tivesse lhes dado tanto desgosto. Conhecer o neto ficou em segundo plano, pois, naquele momento, o mais importante para eles era que a moral da família estava abalada. No entanto, pouco tempo depois, tivemos que nos mudar da casa da amiga da minha mãe e fomos obrigados a ir morar na casa dos meus avós e tios no bairro de Coelho Neto, na Baixada Fluminense, próximo à Avenida Brasil. Mas, mesmo assim, quando ia trabalhar, minha mãe me deixava na casa da minha madrinha.

Quem lê isso aqui pode até pensar que eu guardo alguma mágoa dos meus avós, mas eu não guardo. Eu hoje entendo o lado deles. Ambos nasceram no Rio Grande do Norte. Meu avô é filho de um fazendeiro falido, tinha mais oito irmãos, e sendo

ele o mais velho, teve de vir para o Rio de Janeiro para trabalhar de pedreiro e mandar dinheiro à família. Minha avó é filha de índios de uma tribo que se extinguiu. Após a morte de seus pais, ela e seus irmãos foram adotados por um convento da Igreja Católica. Mais tarde, quando estudavam em um internato do Rio de Janeiro, meu avô conheceu minha avó e a seqüestrou do colégio. Os dois se juntaram e foram morar em uma das primeiras casas do Morro do Juramento, no bairro de Vicente de Carvalho, onde tiveram seus cinco filhos. Minha mãe disse que só saiu de lá aos vinte e um anos de idade. Então, até dá pra entender o preconceito dos meus avós.

Foi numa de suas voltas do trabalho que minha mãe conheceu meu “considerado pai”, meu pai de verdade. Ela estava no ponto de ônibus quando ele passou de carro e lhe ofereceu uma carona. Os dois se conheceram e, menos de um mês depois, já estavam juntos. Meu pai, nessa época, era funcionário público e trabalhava Secretaria de Transporte do Estado, mas sua profissão titular é o de lanterneiro de automóveis. Ele sabe de tudo um pouco em carros.

Meus pais são pessoas bastante humildes, vindos de famílias pobres. Começaram a trabalhar muito cedo, minha mãe aos treze anos, como babá, e meu pai aos quinze, já em uma oficina mecânica. Ele tem 8 irmãos e não cheguei a conhecer meus avós que morreram quando meu pai tinha 18 anos. Sendo meu pai o mais velho dos irmãos, logo lhe coube o papel de criar os outros com ajuda da minha tia mais velha que, se não me engano, na época tinha 17 anos. Nunca tive uma relação muito próxima com os meus



tios paternos, por isso, nunca tive muitos problemas com eles (já houve até, mas prefiro não comentar).

Por volta de meus três anos de idade, fomos morar no bairro de Inhaúma a apenas trezentos metros do cemitério, numa casa grande (herança de meus avós paternos) que ficava num terreno enorme que ia até a beira do Rio Faria. Lembro-me que nesses tempos eu via os moleques dali da favela se banharem nesse rio, hoje se sente o mau cheiro do rio de longe. Lembro-me também que da janela do meu quarto dava pra ver uma planície de terra muito extensa e que lá no fundo se via a linha do trem. Via também as enormes montanhas do Maciço da Tijuca bem em frente. Na época, eu imaginava que aquelas montanhas eram dois gorilas gigantes que nos tempos passados haviam se estranhado e, enquanto estavam brigando, Deus os castigou, os petrificando atracados numa posição que faz com que pareçam dois lutadores de boxe.

Foi também nesse tempo que nasceu meu irmão, Jonathas, no dia 6 de junho de 1985. Um ano mais tarde, pelo mês de dezembro, veio meu segundo irmão que, já em seu segundo mês de vida, teve uma pneumonia dupla e, no sétimo mês, faleceu. Ainda me lembro da cena dos meus pais chegando do enterro...

Depois nós fomos morar em Santa Cruz da Serra, ao sopé da serra de Petrópolis. Meu pai teve que vender suas melhores ferramentas da oficina mecânica para comprar essa casa. A vida lá era muito precária, pois não tinha água tratada, saneamento, asfalto, além de uma escola primária e um posto de saúde a cinco quilômetros. Lá eu comecei a estudar em uma escola improvisada na varanda da casa da professora que, pra manter a ordem, ameaçava os alunos bagunceiros de irem para o quarto escuro da caveira. Isso foi por volta de 1986. Moramos lá por volta de um ano.

Voltando para o município do Rio de Janeiro, fui morar em Vicente de Carvalho e fui matriculado no Colégio Municipal Maestro Pixinguinha, na Vila Kosmos. Lá eu estudei da primeira a oitava série e amava aquele colégio. Um dos meus passatempos preferidos quando matava as aulas, saía mais cedo ou mesmo depois do horário, era ir namorar na matinha próxima ao colégio, onde havia muitos pés de manga, cajá etc. Outro passatempo era ir com os amigos até o topo desse morro na "Pedra Bicuda" que é uma pedra de uns trinta metros. A natureza ali era exuberante. Por volta da sexta série, após ter morado em quatro casas diferentes nesse bairro, voltei a morar no bairro de Inhaúma, agora um pouco mais longe do cemitério, aos sopés

do Complexo do Alemão, e depois me mudei para perto das pedreiras sem sair do bairro. Eu sempre ia pra Vicente de Carvalho e Vila Kosmos, que eram perto dali e onde estavam a maioria de meus amigos.

Quando terminei o ginásio, fui fazer o segundo grau no Colégio Olavo Bilac e deixei de frequentar esses bairros, pois o colégio era em São Cristóvão. Eu não gostava daquele colégio, quase não ficava lá e passava o dia inteiro andando pela cidade toda aprontando mil e uma aventuras. Às vezes, ficava até a noite e não voltava para casa.

No ano de 1997, um colega meu, vizinho, me disse que aquele morrão enorme onde fica o Complexo do Alemão e as pedreiras, era uma serra enorme que cortava praticamente o subúrbio inteiro da cidade. Achei que fosse viagem dele, mas fiquei intrigado e comecei a observar. Eu era muito avoado nessa época, só ia à escola em época de provas e todos lá me olhavam atravessado, dizendo que eu era má companhia e não prestava. Isso tudo porque, às vezes, me viam em lugares suspeitos em São Cristóvão. Quando foi um dia de madrugada, percebi as luzes de um morro e identifiquei o Complexo do Alemão, aí fui identificando as luzes do Morro do Juramento, Igreja da Penha, do Morro do Adeus, vi o espaço escuro onde ficavam as pedreiras e vi que o meu colega Alex tinha razão. Era uma serra aquele "morrão". No outro dia, eu encontrei o Alex, falei com ele e ele me convidou a ir numa área verde ali perto da pedreira, onde ele e outros três amigos faziam um acampamento em frente à favela tentando preservar a área. Logo depois, percebi que a "Pedra Bicuda" ficava do outro lado da pedreira e vi também que durante minha vida toda estive em volta da "Serra da Misericórdia".

Meu passatempo predileto é estar no topo dos morros verdes da "Serra da Misericórdia", além de tentar conhecer todas as belezas naturais da cidade e festejar com amigos.

Hoje, trabalho no Grupo Verdejar, que foi formado com as pessoas que estavam naquele acampamento. O grupo nasceu da necessidade de preservar a Serra da Misericórdia e existe há 5 anos, promovendo eventos culturais, caminhadas ecológicas, boletins informativos, horta comunitária com o objetivo de colaborar para a educação ambiental nas comunidades e despertar na população a consciência sobre a importância daquela área verde para todos nós. O grupo tem um sonho de transformar essa área verde num grande parque ecológico com uma densa mata atlântica e uma grande vila olímpica no lugar das pedreiras.

## MARCOS VINÍCIUS LIMA AVELINO

Eu me chamo Marcos Vinicius, tenho 21 anos, sou negro, tenho mais ou menos 1,85m de altura, 78 quilos e cabelos curtos. Moro no Complexo do Alemão, bairro de Ramos, subúrbio do Rio de Janeiro. Apesar de ser um bairro considerado violento, eu acredito que a maior violência é aquela que não se vê e que eu chamo de "violência legal". Um exemplo disso aconteceu há pouco tempo atrás, quando duas pessoas morreram por balas perdidas disparadas por Policiais Militares aqui no bairro. Não sei até quando vou agüentar conviver com isso, mas tenho esperança que tudo isso, um dia, irá mudar.

Nasci na cidade do Rio de Janeiro onde tenho muitos amigos, amizades essas que são, para mim, as coisas mais importantes que conquistei em toda a minha vida. Tenho dois grandes amigos que considero como irmãos: um amigo de infância, chamado Nielsen, e o meu parceiro nas "comunicações" (área que eu atuava quando militar) chamado Anderson Duarte.

Completei o 2º grau este ano e pretendo ingressar na universidade ano que vem. Esse, por enquanto, é o meu maior objetivo no momento. Ainda não decidi o que pretendo cursar,



mas acredito que Direito é a melhor opção para mim, pois tenho uma grande facilidade de lidar com as pessoas.

No ano de 1999, ingressei nas Forças Armadas e acho que esse foi um dos melhores momentos da minha vida, pois lá conheci muitas pessoas. Tive muitos amigos e, naquela época, vivi um momento único da minha existência. No exército, compreendi o verdadeiro sentido da palavra “honra” e trago comigo esse aprendizado até os dias de hoje, pois a minha honra vale mais que qualquer coisa no mundo para mim.

No momento, estou desempregado, mas, nos últimos três anos, trabalhei na área de informática que foi uma grande experiência para mim. Fui chamado por um amigo para dar aula de informática na comunidade e o gozado era que eu quase não tinha nenhuma noção do assunto. Ele disse que eu iria ficar lá apenas até arrumarem outro professor, pois o antigo havia abandonado as aulas no meio do curso. No começo, foi muito difícil porque eu tinha 6 turmas de 10 alunos cada e todos os dias eu chegava mais cedo para ler as apostilas, entender e praticar para, em seguida, ensinar os alunos. Após alguns meses, eu já sacava toda a matéria do curso e me aprofundei mais e mais no ramo da informática. Fiquei trabalhando lá durante 2 anos e aprendi muito com tudo isso, tanto que hoje agradeço muito a Deus por essa oportunidade. Depois disso, trabalhei como digitador (operador de micro) em uma ONG durante o último ano.

Moro com a minha avó e a minha mãe. Meu pai abandonou minha mãe quando eu ainda estava na sua barriga. Minha mãe é carioca e nasceu no mesmo lugar onde moramos até hoje. Já meu pai nasceu no estado do Espírito Santo e os outros detalhes a respeito de sua vida eu desconheço, a não ser o de que ele tem uma mulher e três filhos. Minha mãe sempre trabalhou como operadora de caixa registradora em supermercados, padarias etc. Ela parou de estudar na 6ª série e depois disso nunca mais se interessou em estudar novamente.

Com a preocupação e a intenção de ajudar a nossa comunidade, alguns moradores daqui, entre os quais estou incluído, fundaram o “Grupo Sócio Cultural Raízes em Movimento”, que tem como objetivo principal estimular práticas sociais e culturais. Temos a preocupação de elevar o nível de conhecimento da comunidade e estimular as pessoas a se preocuparem com tudo o que acontece

à sua volta. Já implementamos alguns projetos na comunidade como o pré-vestibular comunitário, a escolinha de capoeira e alguns outros que ainda estão em processo de construção como o projeto de grafite e meio ambiente. Acho que tudo irá dar certo daqui pra frente e tenho muita esperança.

O que eu mais gosto de fazer no tempo livre é jogar futebol, namorar, tocar violão com os amigos, ouvir música, principalmente MPB e black music, além de sair para “bailes charme”, pois adoro dançar e conhecer novas pessoas.

Em nosso bairro existem muitas coisas legais que, muitas vezes, se tornam muito perigosas por causa da violência e, por isso, não me sinto muito à vontade nesses locais.

Sinto que a cada dia os jovens como nós aumentam a sua consciência em relação à sociedade e que o nosso poder crítico está acima daquilo que nos deram. Portanto, somos capazes de diferenciar o certo e o errado, e se somos capazes disso, também somos capazes de mudar a cara do país.

Ao contrário dos que algumas pessoas pensam, eu me arrependo muito de tudo o que fiz de errado em minha vida, reconhecendo que o erro traz o aperfeiçoamento, mas nunca a perfeição. Isso me leva a recordar o quanto fui repudiado e o quanto repudiei, quanto mal eu fiz e quanto mal isso trouxe para mim.

Preciso crescer, ou melhor, precisamos todos crescer dentro de nós mesmos e, assim, continuarmos a caminhar em busca do amanhã que eu ainda não enxergo, mas sei que existe em algum lugar. Não sou mais a favor da revolução armada e acredito na revolução pacífica de “Luther King”, que antes eu achava um fraco e um fanático pela sua religião. Acredito também na coragem de “Gandhi”, que me traz força de vontade, e nos conselhos de meu avô, que nunca soube ler e nem escrever, porém foi mais que um pai para mim e uma excelente pessoa, pois foi ele quem mais acreditou em mim durante toda a minha vida.

Por tudo que aprendi em minha vida, por tudo aquilo que conquistei e por tudo o que tenho agradeço e dou glórias a Deus, pois foi ele quem me deu tudo, apenas os erros foram da minha parte.

Faço votos para que todos que lerem esta história de vida reflitam um pouco sobre os seus conceitos de igualdade e penssem em sua contribuição para um mundo melhor.

## TATIANA LIMA DA SILVA

Eu me chamo Tatiana Lima da Silva, tenho 21 anos. Nasci na cidade do Rio de Janeiro, no bairro de Bonsucesso, no dia 23 de julho de 1981.

Entre os meus 14 e 15 anos, eu tive tuberculose e fiquei impossibilitada de frequentar as aulas por seis meses. Recuperando-me, voltei a estudar, mas vendo meus pais com dificuldades financeiras acabei trancando a matrícula para trabalhar. Apesar disso, não me conformei em parar de estudar e fui fazer supletivo na Escola Chile, no bairro de Olaria. Eu amava aquela escola e passei muitos momentos bons lá. Fiz até a 8ª série e parei novamente porque, devido ao trabalho, eu não tinha tempo para estudar. Mas, eu sempre tive o sonho de me formar e, depois de um longo tempo, conheci o Telecurso 2000, voltei a

estudar e pretendo não parar mais.

No momento, estou desempregada, mas já trabalhei como auxiliar de expedição, durante três meses, nas Lojas Americanas, cinco meses como atendente em um estacionamento e, há pouco tempo atrás, durante nove meses, trabalhei como atendente na Copiadora Amiga dos Estudantes na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Saí desse último trabalho pois meus direitos não eram respeitados: eu não tinha tempo para estudar nem mesmo para almoçar, o que fazia com que eu passasse mal constantemente.

Eu sempre ajudei em casa como pude. Meus pais nasceram na Paraíba e não tiveram muito estudo, são praticamente analfabetos e nunca se interessaram em estudar, coisa que eu





não concordo, pois acho que nunca é tarde para aprender. Meu pai trabalhou como ajudante de caminhão durante 30 anos e já se aposentou. Minha mãe já trabalhou como doméstica, pasadeira de confecção e auxiliar de serviços gerais numa empresa de ônibus. No momento, minha mãe está impossibilitada de trabalhar porque está se recuperando de uma operação que ela fez no pé, que foi necessária devido a uma queda sofrida por ela que resultou numa fratura exposta. Graças a Deus já está melhorando!

Meus pais, depois que vieram da Paraíba, sempre moraram no Complexo do Alemão, em Ramos. Antes de chegarem aqui no Rio de Janeiro só tinham um filho e, depois que chegaram, tiveram mais oito filhos que, no total, somam seis mulheres e três homens. Todos os meus irmãos e irmãs casaram e tiveram filhos, com exceção de mim.

Em relação ao sustento da casa, meus irmãos nunca ajudaram. Eles só dão trabalho e estão todos desempregados, só fazendo bicos por aí. Só eu e minha irmã é que estamos em projetos sociais ganhando uma bolsa.

Eu sempre gostei de participar de projetos sociais. Participei do curso de preparação para o trabalho da ACM (Associação Cristã de Moços), que tinha convênio com a Petrobrás e as Lojas Americanas. Trabalhei também num projeto chamado

Serviço Civil Voluntário, na Associação de Moradores, que teve como objetivo recrutar jovens para tentar resolver os problemas da comunidade relacionados ao meio ambiente, saúde, educação, violações dos Direitos Humanos etc. Esse projeto era em parcerias com algumas ONGs, Governo do Estado, Secretaria de Educação e outros. Eu adorei participar desse projeto que incluía também um curso de informática. Teve duração de seis meses e dava uma bolsa de 60 reais.

O importante para mim é nunca estacionar, mas sempre estar fazendo algo que possibilite o aprendizado e acrescente novas experiências. Me lembro de uma coisa que o nosso monitor nos falou e que eu nunca mais esqueci, ele disse: “eu não aprendo com você, nem você aprende comigo. Nós aprendemos juntos”.

Eu quase não tenho tempo livre pois tenho que cuidar da casa e fazer minhas obrigações da escola e do projeto Observatório dos Direitos Humanos, mas quando sobra um tempinho, eu gosto de sair com o meu namorado, aliás, eu não posso sair sem ele porque ele é muito ciumento.

Em relação ao meu bairro, eu gosto muito dele, apesar de achar que falta um pouco de diversão. A minha vida é muito monótona, tudo em casa sou eu que faço e é muita coisa para uma pessoa só, mas eu tenho esperança de que tudo vai melhorar.

### CARLOS RENATO SILVEIRA ÁVILA

Eu me chamo Carlos Renato Silveira Ávila, tenho 20 anos, 1,54m de altura, gosto de me aventurar em esportes radicais, sou fissurado em ouvir reggae raiz e apaixonado pela noite com céu bem estrelado. Eu nasci na cidade do Rio de Janeiro e fui criado no Complexo do Alemão, bairro de Ramos, zona norte da cidade.

No momento, eu estou cursando o ensino médio num projeto de supletivo realizado em uma das Associações de Moradores da minha comunidade. Eu adoro estudar porque faz com que a gente aprenda mais novidades, tirando muito proveito disso para diversas coisas. Também estou trabalhando no Observatório dos Direitos Humanos, mas já trabalhei em muitas outras coisas, como por exemplo, sinal de trânsito, feiras, bares etc.

Meus pais, como eu, nasceram no Rio de Janeiro. Não conheci meu pai. Minha mãe estudou até o segundo grau, é auxiliar de enfermagem mas já fez diversos trabalhos, inclusive artesanais, aliás, ela é craque nisso. Eles sempre moraram aqui em Ramos, desde a infância e nunca tinham pensado em se mudar daqui, mas, do ano 2000 pra cá, minha mãe está com o objetivo de se mudar para outro bairro, não sei qual, devido ao tráfico de drogas que está crescendo cada vez mais.

Eu tenho cinco irmãos, três deles estudam e ainda são crianças. Tenho também duas irmãs, que vivem em casa com a gente: a mais velha é casada e tem dois filhos, e a mais nova também tem um filho. Eu e minha mãe somos os únicos que trabalhamos e ajudamos no sustento da casa. É super tranquilo, sempre aparece um trampo (trabalho).

Eu faço parte de uma ONG, da qual sou um dos fundadores, chamada Raízes em Movimento que ainda não está legalizada, mas estamos correndo atrás disso.

Em meu tempo livre procuro me divertir ao máximo, namorar bastante e estar atento a tudo que acontece ao meu redor. Também vou bastante a shows de rock com meus amigos.

No que diz respeito às coisas que eu gosto no meu bairro, posso dizer que são as gatinhas que moram aqui e os moradores da minha comunidade que são pessoas super inteligentes, que conseguem conquistar seus objetivos e que não aceitam um “não” como resposta dos maus governantes. É um povo lutador e guerreiro.

Graças a Deus, hoje estou me envolvendo cada vez mais em trabalhos sociais, pois antes disso eu era uma pessoa cega e cheguei até a me envolver com o tráfico de drogas. Mas, um certo dia, eu estava sem um caminho e Deus permitiu que eu conhecesse um amigo, amigo mesmo, que me mostrou essa possibilidade dos trabalhos sociais. Daí em diante, me tornei um dos combatentes ao tráfico de drogas e vou lutar até o fim. Enquanto eu não ver as pessoas da minha comunidade em paz e tomando posse dos seus Direitos Humanos eu não vou sossegar.

Essa é um pouco da minha história. Daqui pra frente o meu objetivo é aumentar esse quadro. Valeu galera! Foi um prazer! Fui!



## Onde estamos?

Nossa comunidade chama-se Complexo do Alemão, complexo composto por treze favelas (comunidades) distintas, são elas Morro do Alemão, Grota, Nova Brasília, Alvorada, Alto Florestal, Itararé, Morro da Baiana, Morro do Mineiro, Morro da Esperança, Joaquim de Queiroz, Cruzeiro, Fazenda das Palmeiras e Morro do Adeus. O Complexo se encontra na Serra da Misericórdia, parte central da região da Leopoldina, abrangendo uma área compreendida por cinco bairros, Inhaúma, Bonsucesso, Ramos, Olaria e Penha.

O bairro existe há aproximadamente sessenta anos, mas os dados que levantamos afirmam que, logo após a Primeira Guerra Mundial, um polonês chamado Leonard Kaczmarkiewicz deixou a Polônia fugindo da guerra e adquiriu lotes de terra da Serra da Misericórdia (hoje Morro do Alemão). Supõe-se que a ocupação se iniciou em 1951, quando Leonard começou a dividir todo o terreno para vendê-lo em lotes. Por suas características físicas e por seu sotaque carregado, Leonard ficou conhecido como Alemão, dando origem ao nome atual do Complexo.

Recuando mais um pouco na história, descobrimos que antes da colonização dos portugueses, os primeiros habitantes da nossa região foram os índios Tamoios que viviam aqui em meio à mata atlântica virgem, às margens do farto Rio Timbó (Timbó porque era o nome do cipó que eles utilizavam para envenenar a água e pescar peixes). Visualizando o quadro dessa época, podemos concluir que duas coisas básicas não lhes faltavam, uma boa água fresca e uma mesa muito farta de comida e especiarias de sua cultura, coisas que, com o passar dos tempos, se tornaram raras para a população que hoje ocupa essa mesma região. Já no século XVI, os portugueses haviam exterminado quase todas as tribos, utilizando apenas suas “faluas” para navegarem pelos rios.

Logo começaram a chamar a região de “Tapera de Inhaúma” por causa das “tabas” (antiga moradia dos índios) abandonadas. A palavra “Inhaúma” se origina de um pássaro extinto da região chamado “Inhaúm”. Em 1743, a região onde hoje se encontra o Complexo do Alemão, fazia parte da grande freguesia rural e, depois, suburbana de Inhaúma. A área da antiga freguesia no século XVIII estendia-se do atual bairro de Cascadura até a Penha, indo até o atual bairro do Caju e a Serra do Andaraí, abrangendo os atuais bairros de Olaria, Bonsucesso, Ramos, Engenho da Rainha, Inhaúma e Manguinhos (bairros do entorno do Complexo do Alemão). Nesses limites, incluíam-se doze ilhas, situadas no mar de Inhaúma. O mar também chegava aos sopés da Serra da Misericórdia (Complexo do Alemão), nas proximidades do atual bairro de Olaria. É importante lembrar que o Complexo de favelas do Alemão, como já foi sugerido anteriormente, está situado na Serra da Misericórdia que, no passado, era uma extensa área verde, mas que, com o passar do tempo, foi sendo dizimada em decorrência da construção de casas e da presença de uma pedreira que, predatoriamente, vem destruindo ainda hoje o pouco que resta de área verde. Na época do governo Vargas, as ilhas mencionadas acima foram unidas através de aterros formando a ilha do Fundão, onde se encontra hoje a Universidade Federal do Rio de Janeiro, fazendo com que as praias de Olaria e Penha também fossem recuadas. Também existia uma extensa área de mangue incluindo o território dos bairros de Ramos, Bonsucesso e Manguinhos.

A antiga “freguesia de Inhaúma” teve grande importância histórica por ser a freguesia rural, mais tarde urbana, mais próxima ao centro da cidade. No início de sua ocupação, nos séculos XVI e XVII, Portugal enviou estrategicamente para essa região jesuítas, militares e funcionários do governo, principalmente para próximo da costa marítima, com o objetivo de melhor proteger o território da invasão estrangeira. Desde os primeiros habitantes, um dos principais meios de transporte da região eram os rios, sendo usadas pequenas embarcações que escoavam toda a produção agrícola para os portos, de onde era exportada ou encaminhada para o centro da cidade.

A região era dividida em vários engenhos. No ano de 1666, no engenho de “Nossa Senhora de Nazareth”, situava-se a Olaria dos Barreiros que produzia tijolos e escoava a sua produção através do porto de “Maria Angu” nas proximidades do atual bairro da “Penha”, onde se localiza uma famosa igreja carioca, a Igreja de Nossa Senhora da Penha.

A área onde hoje se encontra o Complexo do Alemão pertenceu, no passado, ao Engenho da Pedra e à fazenda das Palmeiras. Ainda existe a casa grande da Fazenda das Palmeiras que funciona, atual-



mente, como asilo de idosos. Mas, infelizmente, durante a construção da Linha Amarela, já nos tempos atuais, o então prefeito César Maia construiu um condomínio residencial com mais de 300 moradias populares do tipo quitinete nos arredores desta casa, desvalorizando totalmente o patrimônio cultural e histórico do nosso bairro.

A primeira paróquia da região foi a matriz de “Santiago de Inhaúma” construída no século XVII. Hoje, essa igreja se situa na atual praça de Inhaúma, onde se encontra o primeiro colégio da região, a Escola Municipal “Barão de Macaúba”, fundada em 1910.

Durante todo o século XIX, a população da região triplicou. Em 1820, as condições de exportação do açúcar refinado e do café (principais agro-culturas dos engenhos) eram boas, representando respectivamente 23,1% e 18,7% do total das exportações do Rio de Janeiro, o que estimulava a produção das grandes propriedades Inhaumenses. Entre 1821 e 1871, essas condições se alteraram consideravelmente, estimulando novas formas de utilização da terra. O açúcar participava, então, com apenas 12,3% do total das exportações e o café quase triplicou a sua participação, chegando, em 1873, a 50,2% do total das exportações do Estado. Isso refletiu no início do processo de retaliação das terras pertencentes aos engenhos, pois, devido ao fato das grandes lavouras de café esgotarem rapidamente a terra, se tornava necessário um constante deslocamento de suas plantações, deixando para trás terras esgotadas. A freguesia de Inhaúma foi pioneira na implantação de grandes lavouras cafeeiras que, na segunda metade do século XIX, já se encontravam em processo de decadência.

O território da região teve importante papel, também, na época da exploração do ouro nas Minas Gerais, quando o Rio de Janeiro era o principal escoadouro da produção mineira. Na freguesia de Inhaúma se tinha uma das vias de transporte mais rápida até os portos, onde se utilizavam pequenas embarcações pelos rios “Faria, Jacaré e Timbó”, esse último passando aos sopés do Complexo do Alemão. Além disso, havia duas estradas (São Paulo, atual Dom Hélder Câmara, e Estrada Velha da Pavuna, atual Ademar Bebiano) que faziam a comunicação das Minas Gerais com o centro da cidade, assim como, com a capitania de São Paulo.

A freguesia rural dava lugar à área suburbana residencial proletária mais importante do Distrito Federal do Rio de Janeiro nas duas primeiras décadas do século XX. Em 1903 a Freguesia de Inhaúma virou o 19º distrito do Rio de Janeiro.

Os principais meios de transporte dos trabalhadores até o centro da cidade eram as embarcações que faziam paradas nos portos de “Maria Angu” e “Caju”. Em 23 de outubro de 1886, foram inauguradas as quatro estações férreas da região, Carlos Chagas, Bonsucesso, Ramos e Olaria, construídas pela companhia inglesa da Leopoldina Railway. Mesmo assim, as companhias de embarcações continuaram a fazer linhas no porto de “Maria Angu” nas épocas de festas de “Nossa Senhora da Penha”.

A partir da década de 1920, o que se tinha na região eram inúmeras propriedades de pequeno porte com uma grande variedade de produções e com muitas pessoas a procura de novas propriedades.

Fazendo um salto aos tempos de hoje, segundo informações conseguidas através da XXIX R.A (Complexo do Alemão), a região abrange 437.880 m<sup>2</sup> e o ponto culminante está a 138 m de altura, tendo em seu topo uma área florestal que abrange 30% da região.

Quanto à infra-estrutura, temos fornecimento de luz elétrica em todo o assentamento, mas, devido a algumas instalações precárias, a luz se torna fraca e, às vezes, falta. No verão, o mesmo acontece com a água encanada que chega na maioria das casas, mas ainda há moradores que se abastecem de poços artesanais e algumas nascentes de água que somam doze no total. No que diz respeito à rede de esgotos, se constata uma certa precariedade em alguns pontos onde se encontram valas negras a céu aberto com a população despejando o esgoto direto nos corpos hídricos, que, em alguns casos, passam em frente a algumas moradias. Por isso, algumas crianças que brincam ao redor dessas valas, assim como o restante dos moradores, correm risco de serem contaminados com algum tipo de doença. Outro fator que contribui para que isso aconteça são os lixões que, apesar de serem poucos, ainda existem na região. Esses lixões não se tornam maiores graças ao serviço de “garis comunitários”, implementado pela prefeitura através da Comlurb, empresa responsável pela coleta de lixo.

Em algumas fontes pesquisadas por nós, não foi encontrado nenhum posto de saúde dentro da comunidade, no entanto, existem nas proximidades alguns postos que atendem com precariedade a população do Complexo do Alemão. São eles o PAM (Posto de atendimento médico) de Ramos, o PAM de Del Castilho, o posto de saúde da praia de Ramos e o PAM do Engenho da Rainha. Muitas vezes, não é possível o atendimento nesses postos e, com isso, as pessoas são encaminhadas para locais mais distantes. Uma coisa muito comum e que, às vezes, é retratada nos jornais da cidade, é a chegada, ainda na madrugada, dos moradores nos postos de saúde para conseguir, depois de uma longa espera, um



atendimento que, geralmente, é de péssima qualidade.

Em relação ao transporte público, existem oito empresas de ônibus que cobrem a região e que só funcionam até às 0h. Depois, quem deseja se dirigir a outros pontos da cidade só tem como opção as kombis de lotação que, antes, nesses horários, cobravam tarifas acima do preço normal, fato que mudou depois da diminuição dos fregueses. Cabe lembrar que esses meios de transporte estão, na grande maioria das vezes, em situação irregular, mas, apesar disso, são de extrema importância para a população local, pois, além de atenderem suas necessidades de locomoção, que não são plenamente supridas pelas empresas de ônibus, fazem parte também do sistema de economia informal, oferecendo vagas de emprego para um certo número de pessoas da comunidade, que, se não fossem essas possibilidades, estariam desempregadas, como acontece com grande parte de outros moradores. Temos também os serviços de “moto táxi” que levam os usuários a qualquer parte da favela. Os moradores que não utilizam esses serviços, são obrigados a andar longas distâncias até suas casas, às vezes, tendo que subir ladeiras muito íngremes.

O sistema ferroviário, com quatro estações (Olaria, Ramos, Bonsucesso e Penha) que ligam a comunidade à Central do Brasil, também é bastante utilizado. Existe também o transporte metroviário que liga a Baixada ao Centro e abrange parte do bairro de Inhaúma, sendo utilizado por uma pequena parte dos moradores do Complexo. É importante informar que tanto o sistema ferroviário, quanto o metroviário, estão fora dos limites da favela.

Com relação ao comércio, a região conta com pelo menos três grandes redes de supermercados, todos fora das favelas do Complexo, além de contar com um variado número de estabelecimentos dentro da favela, como açougues, farmácias, biroschas, pequenas lojas de roupas, armarinhos, pequenas papelarias, pequenos mercados e algumas feiras livres.

O Complexo do Alemão tem sido contemplado, ultimamente, com alguns projetos sociais de cunho educacional que vem facilitando e melhorando a qualidade de vida de algumas pessoas. Temos, por exemplo, os projetos Vida nova, Telessala (1º e 2º grau), pré-vestibular comunitário, entre outros. Mas como a comunidade possui uma extensão territorial muito grande e cerca de 250 mil moradores, esses projetos não atingem a todos, beneficiando uma porcentagem pequena das pessoas que necessitam desses benefícios.

Existem, pelo que encontramos, três escolas dentro do Complexo do Alemão, a Escola Municipal Mourão Filho, o Ciep Teófilo de Souza Pinto e a Escola Municipal Henrique Foresis, que atende até a quarta série. As demais escolas que atendem ao Complexo se situam fora de seus limites e são a Escola Municipal Walt Disney, Escola Municipal Padre Manuel da Nóbrega, Escola Municipal João Barbalho, que à noite se transforma em Escola Estadual Tacieli Cileno, Colégio Cardeal Leme (particular), que à noite se transforma em Escola Estadual Zélia Gonzales, Escola Municipal Chile, Colégio Pinheiro (particular), Instituto Relvas (particular) e Escola Estadual Carneiro Ribeiro. Apesar desse número de escolas, não é raro encontrar crianças sem matrícula, mesmo porque, devido ao grande número de moradores, essas escolas não suprem toda a demanda do Complexo.

Existe também um sistema de creches bastante utilizado pelas famílias da comunidade. São creches educativas e, a maioria delas, são financiadas pela prefeitura. No Morro da Baiana existe a Creche Eliane Saturnino Braga; no Morro do Adeus, a Creche São Pedro Nolasco e a Escola Comunitária Pedro Villeli; no Morro do Alemão, a creche pré-escolar João Ferreira; no Morro do Itararé, a Creche Escola e a Creche Cemasi José Vieira da Silva; em Nova Brasília, o Jardim Escola Novo Mundo, o Centro Educacional Estrela da Manhã, o CIEP Theófilo de Souza Pinto, a Creche Cemasi Nova Vida e a Creche Mundo Feliz. Em todas as creches, as crianças aprendem, se alimentam na hora certa e brincam, mas as vagas também não são suficientes para atender a toda a população, por isso não é raro encontrar crianças perambulando à toa pelas vielas das favelas e em situação de abandono.

As rondas policiais são feitas pelas polícias Militar e Civil, como também pelo BOPE (Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar). Em alguns casos, a atuação da polícia, às vezes, é violenta. São comuns tiroteios entre policiais e traficantes, resultando, muitas vezes, em ferimentos por balas, seguidos de morte, em pessoas inocentes. É comum os moradores tomarem “dura”, principalmente os jovens. Essas duras visam à apreensão de pequenas quantidades de drogas encontradas com usuários, mas, algumas vezes, resultam em extorsão, por parte dos policiais, de dinheiro que esses usuários são obrigados a pagar para não serem presos ou agredidos. Em certos casos, qualquer tipo de infração, por menor que ela possa ser, torna-se motivo de agressão por parte dos policiais.

As grandes festas populares que acontecem aqui são os bailes funk, realizados freqüentemente nas praças e quadras da comunidade, uma das pouquíssimas formas de lazer da população da favela. Se





não fossem os bailes e os pagodes, não existiria quase nada voltado para o lazer dos moradores. Eles são organizados pelas associações de moradores em parceria com equipes de som. Também existem alguns forrós, que acontecem na sexta e no sábado, freqüentados, na maior parte das vezes, pelos moradores de origem nordestina residente e por poucos jovens. Os pagodes também acontecem de vez em quando nos mesmos locais dos bailes funk, mas só enchem mesmo quando aparece uma atração conhecida. Quando são grupos anônimos a freqüência não é tão intensa.

Os centros culturais do bairro estão todos fora dos limites das favelas. São pouco freqüentados pelos moradores dos morros e favelas pelo fato de não atenderem às expectativas da grande massa dos jovens que preferem outro tipo de lazer. No entanto, os shows musicais têm sido, ultimamente, a grande atração para aqueles que procuram algo diferente dos bailes funk.

Alguns dos grandes nomes da MPB já se apresentaram na comunidade, tais como Caetano Veloso, as bandas O Rappa e Cidade Negra, Gabriel Pensador, entre outros, lembrando que esses shows não acontecem com freqüência. A Escola de samba Imperatriz Leopoldinense também se situa a poucos metros do Morro do Alemão, mas, como cobra ingresso, só é mais freqüentada pelas pessoas da comunidade quando há entrada franca ou próximo ao carnaval.

Existem cinco campos de futebol espalhados pelas comunidades onde acontecem campeonatos anuais e algumas “peladas organizadas”. Os campeonatos são organizados pelos times da comunidade mesmo, que fazem tudo: comunicam-se entre eles, organizam os horários etc.

Apesar de ter uma grande extensão territorial, o Complexo do Alemão não dispõe de nenhum cinema ou teatro. Os mais próximos se encontram nos shoppings existentes nas redondezas, não atendendo a grande maioria da população favelada devido ao valor dos ingressos que estão além das possibilidades dos moradores. As bibliotecas existentes atendem a uma minoria dos moradores, pois se localizam na R.A (Região Administrativa) e no SESC de Ramos, fora dos morros e favelas. Em relação aos Fóruns Judiciais, não existe nenhum nas proximidades do Complexo.

Existem aproximadamente trinta e oito igrejas, evangélicas e católicas, e também centros espíritas não contabilizados, sendo grande a freqüência dos moradores. Muitas vezes, as instituições religiosas ajudam as pessoas mais necessitadas com mantimentos, roupas, calçados e, também, com o “cheque cidadão” implementado pelo governo do Estado, a fim de melhorar a alimentação dos moradores das favelas. O cheque cidadão funciona através do cadastramento de famílias de baixa renda que é feito nas igrejas que fazem reuniões periódicas com as pessoas cadastradas e distribuem os cheques vindos de Brasília.

Grande parte dos moradores das favelas trabalham nos comércios que se localizam na própria comunidade e, uma outra grande parte, trabalha fora da comunidade. Muitos têm o propósito de conseguir seu emprego trabalhando por conta própria. Existem também diversas pessoas idosas que se mantêm com a aposentadoria e outras que são mantidas com pensões familiares. Alguns moradores se profissionalizaram em trabalhos sociais e existem que são advogados, médicos, professores, garis etc, muitos prestando serviços na própria comunidade.

Existe uma banda carioca que tem uma música chamada “021” que, num trecho, diz o seguinte: “é muito fácil falar das coisas belas, de frente para o mar e de costas pra favela”, daí se pode tirar uma comparação entre qualquer favela e o resto da cidade. Aqui não estamos acostumados a presenciar turistas, sejam eles de outro estado ou até mesmo de outro país. Ninguém está interessado em levar para sua casa um cartão postal com uma foto da favela, até porque não existe. Mesmo porque não há muita beleza ou conforto nas favelas, principalmente se comparadas à Zona Sul carioca.

## GRUPO SÓCIO CULTURAL RAÍZES EM MOVIMENTO

*O Grupo Sócio-cultural Raízes em Movimento (GSCRM) foi fundado no ano de 2001 por pessoas da comunidade do Complexo do Alemão, que participaram e participam de projetos sociais.*

*Esse grupo é formado por universitários e jovens, que se propõem a realizar um movimento de mudanças sociais. A vivência da realidade e o acúmulo de experiências nos trabalhos sociais estão sendo utilizados, através de algumas iniciativas, com o intuito de promover melhoria na qualidade de vida desta comunidade.*



*Desde o início, o grupo vinha realizando um trabalho de conscientização a respeito da DST/AIDS, através do Banco de Preservativos. Porém, infelizmente, pela falta de disponibilidade pessoal, atualmente o Banco está paralisado.*

*Os projetos que vêm sendo realizados pelo Grupo tem sido o curso "Pré-Vestibular Comunitário", o "Projeto de Capoeira" e a "Oficina de Grafite". Também estamos com propostas de implementar outras iniciativas para início imediato, tais como: a "Oficina de Construção de Instrumentos" com materiais recicláveis, a "Formação de Agentes Ambientais" e a criação de uma "Rádio Comunitária".*

*O Grupo Sócio-cultural Raízes em Movimento ainda não apresenta uma sede fixa, portanto, realiza seus encontros provisoriamente nas dependências da Associação de Moradores do Morro do Itararé que fica na estrada do Itararé.*

## VERDEJAR PROTEÇÃO AMBIENTAL E HUMANISMO

*O Verdejar Proteção Ambiental e Humanismo surgiu em 1997, através da iniciativa de um grupo da comunidade, que resolveu organizar multirões para a plantação de mudas, com o objetivo de reflorestar a Serra da Misericórdia. É uma entidade não governamental, apartidária, autônoma, sem vínculo religioso e sem fins lucrativos.*

*Essa organização surgiu quando um dos integrantes do grupo saiu de sua casa com um carrinho de mão, cheio de mudas para plantar na Serra da Misericórdia. Em sua trajetória até a área verde, encontrou um amigo que resolveu acompanhá-lo. A partir de então, um grupo de amigos passou a se encontrar, todos os domingos, no local chamado Praça do Meio - um dos vales da Serra da Misericórdia - para realizar multirões de plantio e discutir o que fazer para chamar a atenção da comunidade, em relação ao problema ambiental da Serra.*

*A maior motivação do Grupo foi a necessidade de defender os últimos remanescentes ecológicos da Serra da Misericórdia, considerado o 4º maior maciço da cidade em extensão, com seus 36 quilômetros quadrados em linha reta de um extremo ao outro. Situada entre a região da Leopoldina e subúrbios da Zona Norte carioca, a Serra abriga quatro grandes complexos de favelas, entre elas o Complexo do Alemão e da Penha, acompanhados pelos Complexos do Juramento e da Serrinha. Ainda abriga a Igreja da Nossa Senhora da Penha, numa pedra de 90 metros, além de grandes escolas de samba como: a Imperatriz Leopoldinense e a Império Serrano.*

*Foi no bairro do Engenho da Rainha, que os freqüentadores da Serra viram a ameaça da ocupação residencial na área verde, o que tornaria a região uma extensão do Complexo do Alemão, agravando ainda mais os problemas sociais da localidade. Em 1999 o Verdejar promoveu um acampamento ecológico em frente à comunidade Sérgio e Silva, no intuito de conscientizá-la sobre a preservação dessa área verde, como garantia de uma boa qualidade de vida.*

*Foi através da parceria com a Associação de Moradores e, também, pressionando o Poder Público que o Grupo conseguiu frear a expansão das comunidades que estavam colocando em risco a preservação da área verde protegida.*

*O Verdejar tem como objetivo social e fundamental, a promoção de esforços e realização de atividades visando a defesa ecológica, bem como a divulgação e a viabilização da educação ambiental nos diversos níveis, através do desenvolvimento de projetos nas áreas de arte, cultura, esporte, lazer, proteção e recuperação ambiental e consequentemente prevenção a saúde.*

*Atualmente o Verdejar tem representações na APEDEMA (Assembléia Permanente em Defesa do Meio Ambiente), CONSEMAC (Conselho Municipal de Meio ambiente), na agenda 21 local, FCP (Fórum de Cooperativismo Popular), Rede Ecológica e, Rede de Solidariedade da Leopoldina.*

*Para nós do Verdejar é muito interessante o envolvimento do grupo na "Rede de Observatórios de Direitos Humanos" que, através da pesquisa desenvolvida, pode nos subsidiar com maiores informações sobre o Complexo do Alemão, aumentando a nossa inserção nessas comunidades.*



# Complexo do Alemão e o Direito à Igualdade

A reflexão que fizemos sobre a discriminação, a partir dos casos levantados no Complexo do Alemão, provocou várias discussões no grupo. Os relatos apresentados pelos moradores permitiram observar as diversas maneiras como a discriminação era percebida na comunidade.

Pelos casos levantados, as principais discussões sobre o tema se centraram nas *discriminações racial, social e de gênero*. Em algumas situações, foi possível verificar como as heranças históricas e culturais do Brasil estão presentes nesses tipos de discriminação.

## DISCRIMINAÇÃO RACIAL

Entre os casos mencionados, os mais lembrados foram os de discriminação racial, que ocorreram em diferentes espaços e também de diversas formas, sendo comum até mesmo entre as crianças.

*“No meu curso primário fui muito discriminado pelo simples fato de ser negro. Era um colégio particular que tinha em sua grande maioria alunos brancos e de classe média baixa de Ramos, Olaria e Bonsucesso, bairros que rodeiam o Complexo do Alemão. Lembro-me que certa vez um amigo me pediu uma caneta emprestada e, ao ver que eu estava demorando, ele disse: ‘como é que é macaco?’ Por muitas vezes isso se repetiu comigo. Outras frases como ‘suco de asfalto’, ‘barril de piche’ e ‘negro preto’ também eram constantes. Depois de alguns anos naquele colégio, refleti muito sobre a minha condição, chegando a desejar ter nascido ‘branco’ e que meus pais não tivessem cabelo crespo”.*

*“Lembro-me de uma vez que, na escola, uma garota, que era negra, estava aborrecida comigo e me chamou de ‘branquela’. Então, eu a chamei de ‘macaca’ e logo começamos a brigar. Por causa da briga, paramos na secretaria da escola e o diretor mandou a gente sentar e explicar a situação. Depois de um tempo na secretaria, o diretor disse para nos retirarmos e que comparecêssemos na escola somente depois de três dias com os responsáveis. A suspensão foi justa e acredito que não houve nenhum tipo de tratamento diferenciado entre nós”.*

Nos casos relatados, observaram-se situações em que a discriminação acontecia por meio de expressões e comparações (como “macaco”, “barril de piche”, “branquela”, etc.), que ofendem e desqualificam o ser humano.

*“Um amigo meu, ‘G’, militar (cabo do exército brasileiro), saía todo o fim de semana*

*com sua namorada ‘M’. Por ela ser muito branca e ele ser negro, eles chamavam a atenção de algumas pessoas que ainda não estão acostumadas com a união das raças.*

*Num sábado, como ‘G’ sempre fazia, levou sua namorada para sair à noite, sendo que este era o dia de uma operação policial no Complexo do Alemão, mas, como ‘G’ era militar, não se importou com a presença deles no local. Os policiais eram soldados do 16º batalhão de Olaria, e não era muito freqüente que se instalassem nas mediações da favela por um longo período.*

*Era madrugada, e ‘G’ e sua namorada vinham subindo o morro lentamente como faziam todos os fins de semana. Não imaginava ‘G’, que os policiais ainda estavam de plantão nos becos e vielas da favela.*

*Quando se aproximava de casa, reparou que as luzes dos postes estavam apagadas, porém, apesar de achar estranho, ‘G’ seguiu em frente. Ao chegar perto do portão de casa, ‘G’ notou que havia policiais nas proximidades. Quando ia entrando em casa, ao passar por alguns policiais, ouviu a seguinte frase: ‘um casal muito elegante... Uma magrela branca e feia e um macaco ignorante’. Isso para ‘G’ foi o cúmulo.”*

Diferente dos casos anteriores, que envolviam conflitos entre crianças em contexto escolar, este relato traz uma questão mais grave: um policial, se aproveitando da condição diferenciada que possui, ofende com termos discriminatórios dois moradores da comunidade. Fatos como este mostram como os policiais, muitas vezes, tratam os moradores da comunidade. Chamou também atenção o desdobramento deste caso.

*“Logo depois de ouvir isso, ‘G’ partiu para cima dos policiais alegando ser cabo do exército e dizendo que os policiais não poderiam ter dito isso. ‘G’ se enfureceu e tentou sozinho agredir os policiais fisicamente, enquanto sua namorada gritava desesperada.*

*Muitos moradores, ao ouvirem os gritos, acenderam as luzes e foram para fora. Houve uma confusão imensa e um dos policiais queria que ‘G’ o encarasse sozinho, no que foi prontamente atendido. Mas os moradores, que já estavam na rua, não deixaram que isso acontecesse.*

*‘G’, indignado, disse que iria passar as agressões feitas pelos policiais a seu superior e ele tomaria as devidas providências. Depois de*



*toda a confusão, alguns policiais vieram pedir desculpas a 'G' (pediram desculpas porque ele mostrou sua identidade militar e disse que os policiais estavam ferrados).*

*Depois que tudo se acalmou, 'G' e sua namorada foram para casa e a multidão se dispersou. Ao amanhecer, 'G' me contou o que havia acontecido na madrugada, afirmando que nunca se sentiu tão humilhado e o seu olhar era triste e ao mesmo tempo de revolta. No mesmo momento, outras pessoas que ouviam a conversa se indignaram da mesma forma que eu. O que mais me impressiona é que, entre os policiais (segundo 'G'), havia negros também, que ficarem rindo de 'G' e de sua namorada."*

No desdobramento deste caso, chama a atenção a atitude de "G", que, ofendido, enfrentou os policiais. Se, por um lado, é comum que os moradores da comunidade sejam humilhados e discriminados por alguns policiais, por outro, é raro haver qualquer tipo de enfrentamento diante de situações como esta. Exemplo disso é o comentário feito pelo próprio narrador desta história, que ao final afirma:

*"O que mais me impressiona neste caso é que, se fosse uma outra pessoa no lugar do 'G', não teria a mesma atitude que ele teve, talvez por medo ou por não conhecer seus direitos como cidadão".*

Outro ponto a se destacar é que o pedido de desculpas, por parte de policiais, também não é comum. Como indica o depoimento, para que isso ocorresse, parece ter sido fundamental que "G" se apresentasse como militar, passando, então, a ser tratado com dignidade por estes policiais, tratamento, aliás, que não é muitas vezes dado aos demais moradores da comunidade.

Apesar de os casos de discriminação racial envolvendo negros serem mais comuns, foram também mencionadas algumas situações em que negros discriminam brancos.

*"Já sofri muito preconceito por parte dos brancos e muitas vezes já os agredi verbalmente por vingança. Qualquer oportunidade que tenho para desfazer de algum 'playboyzinho branco' faço. Não gosto deles, porque são metidos a ricos e também há aqueles que se acham mais inteligentes e melhores que os negros."*

*"Havia uma garota que gostava muito de mim. Todos os dias sentávamos um do lado do outro. (...) Começamos a trocar beijos dentro da sala de aula e quando me perguntaram se eu estava namorando ela e se gostava dela, eu disse no meio do pessoal: 'não, ela é muito branca para o meu gosto!' Desse dia em diante minha relação com ela nunca mais foi a mesma".*

## DISCRIMINAÇÃO POR CONDIÇÃO SOCIAL

Através de alguns relatos, foi possível perceber que, muitas vezes, o simples fato de ser morador do Complexo do Alemão já era motivo para discriminação. Estas situações foram observadas não apenas na maneira como as pessoas da comunidade eram, freqüentemente, nomeadas (vagabundos, marginais, traficantes, drogados, etc.), como também no tratamento que recebiam.

*"Certo dia, estávamos em frente à minha casa, eu e um amigo, conversando e ouvindo um som dos Racionais MC's quando ouvimos o estrondo de fogos. Sabíamos que a polícia estava invadindo o morro, mas permanecemos tranquilos, pois não devíamos nada. Meu amigo até comentou: 'Ah, tá tranquilo já que estamos aqui na sua casa'."*

*Mas para nossa surpresa e desgosto, ouvi o portão se abrir e, quando olhei para baixo, vi que dois policiais estavam entrando na minha casa. Um dos policiais me perguntou se nós estávamos ali sozinhos ouvindo aquela música de bandido ou se tinha corrido alguém. Chegando então até nós começaram com questionamentos e acusações. Afirmaram, entre outras coisas, que estávamos 'cheirando' e que nosso nariz estava sujo, além de dizerem que meu amigo tinha cara de bandido".*

Percebe-se, neste depoimento, que o simples fato de dois jovens da favela estarem em casa em um dia de semana foi motivo não apenas de suspeita, mas também de acusações. Chamaram atenção, neste relato, os motivos fundamentaram as acusações: por estarem com o nariz sujo, os policiais acusaram os jovens de serem usuários de drogas e, devido à aparência, um deles foi chamado de bandido.

Aparentemente, a suspeita de que estes jovens poderiam estar acobertando algum bandido ou mesmo escondendo drogas também foi usada como motivo para que a casa onde estavam fosse invadida e revistada.

*"Um dos policiais me puxou pelo braço e invadiu a minha casa, já metendo a mão no volume do som e afirmando que estávamos sem fazer nada àquela hora do dia como dois vagabundos, ouvindo som de marginal que fala mal da polícia e que, por isso, com certeza, eles iriam achar algum flagrante. Perguntaram também se eu morava sozinho e se estava sozinho naquele momento; reviraram tudo, dentro da estante, embaixo da cama, no banheiro, no guarda-roupa, armários, enfim, revistaram toda a minha casa sem nenhum documento que lhes dessem autorização para fazer aquilo. Depois de tudo, sem acharem nada, foram embora e, num tom irônico, ainda disseram que tínhamos dado sorte".*

Para muitos moradores do Complexo do Alemão, a visão preconceituosa que se tem da favela influencia na forma dife-





renciada em que ocorre a abordagem policial, principalmente dentro da favela ou em suas imediações. Contudo, não foi apenas nestas situações que a discriminação contra os moradores do Complexo foi sentida. Vejamos, a respeito disso, o depoimento de um morador:

*“A comunidade está mal vista perante a sociedade, influenciando assim na dificuldade de se conseguir um emprego; você é favelado e é visto como um marginal”.*

Como neste relato, muitas outras pessoas também se sentiram discriminadas por serem moradoras do Complexo do Alemão, principalmente ao procurarem emprego. Diferentemente de outros casos, em que a discriminação acontece de maneira mais visível, nas ocasiões de procura de emprego esta é sentida de forma mais sutil. Algumas pessoas afirmaram que, em um processo seletivo, chegaram a ser aprovadas em várias etapas, mas, durante a entrevista, sentiram resistência da empresa quando disseram que moravam no Complexo do Alemão e, depois disso, não foram mais chamadas.

### DISCRIMINAÇÃO DE GÊNERO

De maneira diferente dos relatos anteriores, aqui o foco se voltou para alguns casos de discriminação cometida por pessoas da própria comunidade. Segundo a avaliação do grupo, a discriminação contra a mulher ainda é bastante presente no Complexo do Alemão. Para ilustrar esta discussão, foi selecionado um caso que ocorreu enquanto alguns jovens conversavam numa roda de amigos.

*“Este fato aconteceu numa roda de amigos quando P., uma garota conhecida minha passou. Então, logo vieram os comentários: ‘essa garota é a maior safada, vocês ficam de conversinha com ela aí na rua, vão ficar pichados! Nenhuma garota vai dar idéia para vocês’.*

*Então eu perguntei: ‘por que vocês estão falando isso?’*

*Um colega respondeu: ‘essa mamada (garota experiente) semana passada tava no pagode e saiu com o Marquinhos, ontem tava no pagode de novo e saiu com o Fábio, é maior vaca, dá prá geral’ (sai com todo mundo).*

Na opinião de alguns jovens entrevistados, uma garota que

sai com muitos homens tem mais chance de ficar mal falada do que um garoto que sai com diversas mulheres. Conversamos com algumas meninas da comunidade para saber sua opinião sobre esse assunto.

*“Perguntei para outras garotas o que elas acham desse fato e elas disseram que isso é uma palhaçada machista, e por causa disso elas não davam atenção para eles. Não achavam que P. fosse safada por causa disso, mas, de qualquer forma, evitavam essa situação, porque ser mal falada é horrível!”*

Como no depoimento anterior, muitas mulheres também afirmaram temer ficar mal faladas na comunidade. Um dos observadores descreveu como, geralmente, as mulheres são tratadas na comunidade e como elas devem se comportar para não ficarem mal faladas.

*“Fico pensando como a mulher é tratada na favela, tem sempre que passar pelos homens de cabeça baixa e não dar idéia a ninguém (não dar atenção) e sempre existe a vulgarização extrema, pois, quando a mulher dá um motivo, sempre vêm aqueles comentários de que são prostitutas mesmo”.*

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os relatos mostraram as diversas faces da discriminação, comuns no cotidiano da comunidade do Complexo do Alemão. Observamos que a maioria das violações ao direito de igualdade ocorre, fundamentalmente, por questões estruturais à formação de nossa sociedade. Durante a maior parte da história brasileira, somente houve reconhecimento do direito à igualdade a quem era homem, branco e com algum tipo de posse. Para constatar isto, basta observar que, nos nossos mais de 500 anos de história, quase quatro séculos foram de escravidão da população negra, além de reconhecer que a sociedade foi marcada pela condução e o comando do sexo masculino.

Para alterar esta realidade, esperamos que não sejam necessários mais 500 anos de história. Mesmo que as modificações necessárias ainda demandem tempo, não podemos ficar parados esperando que elas aconteçam pela vontade dos nossos governantes. É fundamental o envolvimento de todos aqueles que querem uma mudança significativa, construtiva e participativa do contexto social.



RIO DE JANEIRO

# COMPLEXO DA MARÉ





# Quem Somos?

## ALINE COSTA

Chamo-me Aline Costa da Cunha, tenho 17 anos, sou escorpiana, morena, tenho cabelos longos e olhos castanhos. Nasci na Maternidade PRO-MATRE, no Rio de Janeiro, no dia 21 de novembro de 1984.

Meu primeiro contato com a educação foi aos meus três anos de idade no Jardim Escola Leão XIII, na Praia de Ramos. Logo depois, fui para o CIEP Catorze de Julho, bem próximo à escola anterior, onde estudei do maternal até a minha 4ª série. Ao término desta, me encaminhei para uma outra escola no mesmo local, a Escola Municipal Armando Salles de Oliveira, onde fiz somente a 5ª série. Mais uma vez, tive que arranjar outra escola, pois na que eu estava não havia continuidade de séries, então parti para uma nova empreitada, completando a minha almejada 8ª série. Quando cheguei ao ensino médio, me senti muito contente. Antes, sofri bastante enfrentando filas, procurando um colégio e pensei que não conseguiria uma vaga. Cheguei a chorar porque não queria ficar sem estudar. Felizmente, consegui vaga no Colégio Estadual Olavo Bilac, em São Cristóvão, no Rio de Janeiro. Fiz os meus três anos de formação geral e terminei aos dezesseis anos. Neste ano de 2002, tentei o vestibular para o curso de Psicologia, mas, infelizmente, zerei na prova de Física, o que me entristeceu. Hoje percebo que as escolas onde estudei não foram tão boas, pois sinto dificuldades que não eram para existir. Sempre gostei de estudar, aliás, a vida é uma escola onde nós aprendemos o tempo todo e dependemos de nós mesmos para avançarmos cultural, física e psicologicamente.

Já trabalhei em quatro lugares. Primeiro, aos dezesseis anos, trabalhei como voluntária na União Esportiva Vila Olímpica da Maré, onde participei de alguns esportes e projetos, como ginástica olímpica, basquete, *street-dance*, futebol, além do Coral Jovem da Maré e do Projeto Maré Mãe Natureza. Também fiz curso de informática e fui a vários passeios: Jardim Botânico, Zoológico, Petrobrás, Feira da Providência. Ganhei ainda um curso de inglês pelo CCAA, no Méier, que fez uma parceria com a Vila, e continuo cursando com outros alunos que são da mesma comunidade. Depois, trabalhei em uma sala de leitura com crianças da comunidade, na qual liamos contos infantis da Literatura Brasileira, havia Educação Ambiental, aulas de desenho, assistíamos a vídeos bíblicos, além da hora do lazer, com os brinquedos, e a hora da nutrição, com lanche após as aulas. Trabalhei também em uma escola maternal particular e no comitê político da candidata a deputada estadual Georgette Vidor, do PPB (Partido Progressista Brasileiro). Gostei de todos os meus trabalhos e os fiz com carinho.

Minha mãe nasceu no Rio de Janeiro, em Cabo Frio (Região dos Lagos) e o meu pai, em João Pessoa, na Paraíba. Pela grande necessidade de trabalho, ele veio tentar a sorte no Rio e

conheceu minha mãe, a senhora Delma Claro da Costa. Ela só pôde chegar até a 4ª série do ensino fundamental, mas, hoje em dia, aos 42 anos, ela voltou a estudar. Isso é que é força de vontade! Ela estuda na Vila do Pinheiro, no Complexo da Maré. Meu pai, o senhor Armando Domingos da Cunha, teve uma história bem parecida. Estudou também até a 4ª série e, até hoje, sente vontade de aprender e necessidade de saber mais. Minha mãe é doméstica (do lar) e meu pai é carpinteiro e pescador, mas já trabalhou como metalúrgico e em manutenção.

Quando nasci morei em condições horríveis, num lugar chamado Praia de Ramos. Era em cima de uma palafita, num barraco estreito, com maresia e outras coisas desagradáveis, como ratos, baratas, lacraias. O tráfico já existia e eu, como muita gente, cresci neste ambiente triste e cheio de maldades. Apesar de tudo isso, tive acesso aos estudos e batalhei pelos meus ideais, juntamente com meus pais que me incentivaram a vencer. Hoje em dia, os barracos foram demolidos para que seja feito um parque comunitário, algum lazer para quem continua morando próximo ao local. Este lugar é agora o famoso "Piscinão de Ramos", no qual são feitos alguns shows com artistas e cantores como Revelação, Pique-Novo, Molejo, Sensação, Negritude Júnior, Mara Manzan, Láfon, Regina Casé, Luciano Huck, dentre outros. O lugar está bastante bonito com coqueiros, quadras de futebol, Pronto Socorro de Salva-Vidas, barracas, ciclovias, espaço para pedestres e patinadores etc.

Há uns seis anos atrás, o prefeito da cidade na época começou com o projeto Favela Bairro e, a partir deste, a minha e outras famílias ganharam uma casa com melhores condições de vida, no bairro de Bonsucesso, no Complexo da Maré. Nesta casa, temos sete cômodos enquanto no barraco tínhamos apenas dois. Que diferença!

Tenho três irmãs. Isso mesmo só mulheres, pois minha mãe perdeu um menino durante a gestação. Ele seria mais velho que eu alguns anos. Antes deste viera ao mundo a minha irmã mais velha, Jane, que hoje é casada e tem três filhos. Depois que nasci foi à vez da Amanda e, por último, a mais nova, Andréa, a mais atendida de casa.

Como meu pai está desempregado, minha mãe dobra luvas para ganhar uma "merreca". Andréa e Amanda não trabalham, apenas estudam e eu sigo a minha vida batalhando e ajudando um pouco em casa com as despesas. O que sobra, gasto comigo mesma, nessas coisas de adolescente, pois vendo AVON e NATURA e gasto meu salário quase todo com minhas compras.

Minha ligação com a Associação Comunitária é a partir da Vila Olímpica da Maré. Sentia-me muito bem nela e a considero como minha segunda casa. Nela aprendi muitas coisas, tive uma linda experiência com as crianças da comunidade e ganho





um reconhecimento maior delas que me procuram, freqüentavam minha casa e sempre falam comigo quando passo na rua onde elas estão. É muito doce essa satisfação, fico lisonjeada com tanto amor e carinho.

Quando tenho um tempo livre, gosto de escrever poesias, pensamentos, sonhos, enfim, escrever. Também gosto de ler e o meu livro favorito é a *Marca de uma Lágrima*. Gosto também de assistir televisão, ouvir música, principalmente a dos *Backstreet Boys*. Sou fã deles e sempre quis realizar o meu sonho de conhecê-los, por isso, fui ao Maracanã e pude vê-los de longe. Valeu o cansaço, o show foi sensacional!

Quase não saio, pois meus amigos moram um pouco distante da minha casa e eu não tenho tempo e nem dinheiro

suficiente para passear o dia inteiro, mas como eu gostaria... Não tenho amigos na minha comunidade por causa da falsidade, tenho colegas, mas amiga apenas uma, a Giselle. No fim-de-semana curto um cinema, shopping ou vou jantar com o meu namorado. Ele é tão especial para mim que em qualquer lugar que eu esteja com ele, me sinto bem.

No meu bairro, gosto do comércio, dos esportes e do transporte, mas não gosto da violência, da falta de cultura e da pobreza. Como hoje estou aprendendo mais sobre os meus direitos e deveres, pretendo saber lidar melhor com os problemas que enfrento em minha vida e na minha comunidade, como uma cidadã comum que merece respeito.

## BRUNO TARTA

Meu nome é Bruno Tarta do Nascimento, tenho 18 anos, nasci no Rio de Janeiro, em São João de Meriti, no dia 14 de Outubro de 1983. Sou moreno claro, cabelos pretos, olhos castanhos claros, peso 62 kg e tenho 1,71 m de altura.

Fiz o meu primário no Colégio Municipal Quarto Centenário que ficava em frente à minha casa, em Bonsucesso. Adorava o colégio, afinal as salas tinham ar condicionado e tudo era muito bem conservado. Quando passei para a 5ª série, tive que mudar de escola, pois lá só existia o primário. Passei a estudar na Escola Municipal Pedro Lessa, também em Bonsucesso. Fiz muitos amigos e vários deles são grandes amigos até hoje. Também gostei bastante de lá, apesar de não ser tão conservada quanto a outra. Depois de concluir o ensino fundamental, fiquei um ano no Lemos Cunha, na Ilha do Governador, mas eu ainda não tinha me acostumado com tantas matérias e acabei repetindo o primeiro colegial. Era um colégio imenso e com o ensino muito puxado. Por esse motivo, e também por não querer ficar atrasado nos estudos, fui para o Colégio Darke de Matos – SESI, que oferece o ensino médio em dois anos, onde terminei meus estudos. Não tinha muito do que reclamar de lá, pois não faltavam professores e o ensino era de boa qualidade.

Como terminei o ensino médio ano passado, pretendo começar a trabalhar agora, pois nunca trabalhei. Faço curso de inglês no CCAA do Méier, graças à Vila Olímpica da Maré, que fez uma parceria com eles. A Vila Olímpica nos oferece muitas coisas relacionadas aos esportes como basquete, vôlei, futebol, tênis, ginástica, entre outros. Além disso, oferece cursos diversos como dança, culinária, informática. Fiz o básico de informática e também um curso no SENAI de redes de computadores, HTML e montagem e manutenção de micros.

Minha mãe nasceu no Rio Grande do Sul no dia 15 de fevereiro de 1952. Quando tinha 19 anos, se mudou para o Bom Retiro, no Rio de Janeiro, junto com seus pais atrás de mais oportunidades de trabalho. Dois anos depois, meus avós se separaram e minha avó voltou para o Rio Grande junto com minha mãe. Mas, dois anos depois, ela voltou para o Bom Retiro, porque gostou bastante desse lugar e por ter deixado um

namorado aqui, meu pai. Ele nasceu em Montanhas, no Rio Grande do Norte, no dia 29 de julho de 1940 e viveu lá até seus dezessete anos, quando seus pais foram vieram no Bom Retiro. Ele então passou a trabalhar em um bar, que foi onde minha mãe o conheceu. Assim que minha mãe voltou, eles se casaram e em 1976 se mudaram para Bonsucesso, pois queriam um lugar com mais urbanização para viver. Eles chegaram a começar o ensino médio, mas não o concluíram.

Além de mim, meus pais têm mais dois filhos. O primeiro chama-se Daniel, nasceu em 1968, é casado, tem um filho de sete anos, chamado Gabriel, e mora praticamente na mesma rua que eu. Ele trabalha na Fundação Oswaldo Cruz na área de computação. Sua esposa, Luciana, trabalha na Vila Olímpica da Maré na parte da administração. Minha irmã se chama Daniela, nasceu em 1970, casou-se com 24 anos, mas se separou três anos depois. Depois da separação, ela conheceu Nelson e teve um filho chamado Leonardo que hoje tem quatro anos. Ela também trabalha na Fundação Oswaldo Cruz na administração e mora no segundo andar da mesma casa em que mora meu irmão.

No meu tempo livre, eu fico treinando e tocando guitarra na minha casa ou em casa de amigos, pois adoro isso desde pequeno e hoje tenho uma banda de rock/heavy metal chamada "Night Crawlers" (tocamos em alguns bares da comunidade). Tenho aulas de guitarras com o Rodrigo, professor do guitarrista do "Cabeçudos", que já produziu shows de várias bandas como Plebe Rude, Rumbora, Tianastácia etc. Pretendo fazer faculdade de música, o problema é que para isso preciso de muito dinheiro e tempo. Mas espero algum dia me formar nisso.

Apesar da violência, eu gosto bastante do meu bairro. Temos luz, água, comércio, transporte. Em algumas partes existem muitos lixos acumulados jogados pelos próprios moradores, mas isso não acontece em todo o bairro. Nunca aconteceu comigo alguma coisa extrema sobre violação dos direitos humanos, mas acho que o fato de não termos o direito de andar livremente pelo nosso bairro, devido à guerra entre facções, é algo sério que precisaria mudar.





## VANESSA GOMES OLIVEIRA

Meu nome é Vanessa Gomes Oliveira, tenho dezenove anos, nasci no dia 20 de setembro de 1982, no Hospital Fernando Magalhães, no bairro de São Cristóvão. Sou morena clara, tenho olhos castanhos, cabelos curtos e pretos, 1,58m de altura e 67 kg. Moro na comunidade Baixa do Sapateiro, Complexo da Maré, bairro de Bonsucesso no Rio de Janeiro desde que nasci.

Estudei meu maternal na SETOTE, no Morro do Timbau, onde hoje é a ONG CEASM (Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré), instituição que oferece curso pré-vestibular comunitário, cursos de línguas (inglês, espanhol, italiano) e cursos de informática. Aos quatro anos de idade, estudei na SEDE, que hoje é a Associação Comunitária Baixa do Sapateiro. Com seis anos, fui para a escola municipal IV Centenário e, depois, para a escola Municipal Bahia, onde fiz da 5ª a 8ª série do ensino fundamental. Em 1997, fui para a Escola Estadual Professor César Pernetta, na comunidade de Parque União, aqui mesmo no Complexo da Maré, onde fiz a 1ª série do ensino médio. No ano seguinte, voltei para a Escola Bahia, no horário noturno, porque eu gostava muito da escola e porque lá estavam todos os meus amigos.

Aos dezoito anos, trabalhei em uma loja de roupa, próxima à minha casa, mas não fiquei por muito tempo. No ano de 2001, participei de um trabalho social chamado Agente Jovem de Desenvolvimento Social, feito com a ONG CIEDS (Centro Integrado de Estudos e Programas de Desenvolvimento Sustentável). Fazíamos pesquisas nas instituições do Complexo da Maré para avaliar os serviços e atividades que ofereciam para a população. No momento, estou no projeto Observatório de Direitos Humanos que tem uma parceria com a Vila Olímpica da Maré, instituição de esporte e lazer, que nos cedeu o espaço onde nos reunimos.

Pretendo prestar o vestibular para arquivologia ou serviço social. Já fiz curso de informática (Básico, Avançado e Corew Draw) no CEASM, e curso de operadora de telemarketing no CCDC (Centro Comunitário de Defesa à Cidadania) que tem parceria com a Faetec. Essa instituição oferece cursos profissionalizantes e é aqui mesmo da comunidade.

Moro com a minha avó, Terezinha, que trabalha como diarista e nasceu em Esperança, interior da Paraíba. Ela veio para cá muito pequena, tem cinco filhos, três mulheres e dois homens. Moro também com minha mãe, Goretti, que é auxiliar de serviços gerais, mas, no momento, está desempregada. Quando pequena, minha mãe morava na favela da Rocinha, começou a trabalhar com treze anos e, por isso, não terminou os estudos, parando na 6ª série do ensino fundamental. Ela também estudava na Escola Municipal Bahia e pretende voltar a estudar para, pelo menos, terminar o ensino fundamental.

Sou filha única. O nome do meu pai é Vilmar. Minha mãe nunca se casou com ele e, apesar dele morar perto da minha casa, não nos falamos. Ele não acompanhou meu crescimento, fui criada por minha avó e por minha mãe.

O lugar onde moro já foi bom, hoje não é mais. Há guerra entre as facções do Terceiro Comando e do Comando Vermelho, que acaba interferindo na nossa liberdade de ir e vir de uma comunidade para outra e, também, acabam incomodando as pessoas que gostam de sair e não podem, pois, a qualquer hora do dia ou da noite, pode acontecer um tiroteio. A violência cada dia aumenta mais e acaba nos prejudicando. Pergunto-me até quando isso irá continuar...

Quando estou em casa sem fazer nada costumo ler, ver fitas de vídeo e ouvir músicas, principalmente de pop e rock. Gosto muito de ir ao cinema e namorar, faço passeios diurnos com meu namorado, uma pessoa que para mim é muito especial.

Depois de ter falado tudo sobre mim, irei contar algo que aconteceu comigo quando era pequena. Eu tinha um ano e oito meses e estava na casa de minha avó, no colo de meu tio. De repente, começou um tiroteio. A janela estava fechada, mas, uma das balas passou pela janela, atingindo de raspão o braço de meu tio indo, depois, diretamente até a mim. O tiro pegou em minha barriga e hoje tenho uma cicatriz de vinte e três pontos. Sou grata a Deus por ter salvado a minha vida. Se não fosse Ele e a minha família eu não estaria aqui contando a minha história de vida.

## LILIAN MARTINS

Meu nome é Lilian, nasci na cidade do Rio de Janeiro, no Hospital Maternidade Praça XV, no dia 24 de novembro. Tenho vinte anos, sou morena de olhos castanhos escuros, cabelos pretos e cacheados, meço 1,67m e peso 48 quilos. Moro na comunidade da Nova Holanda que está localizada no Complexo da Maré desde que nasci.

Antes de terminar o ensino médio estudei em quatro escolas. Comecei a estudar com dois anos numa creche, na qual não estudei por muito tempo, pois chorava muito e não conseguia me habituar com aquele ambiente. Aos sete anos, fui para a Escola Municipal Carlos Chagas, em Bonsucesso, onde pude terminar o ensino fundamental. Depois, fui estudar no Colégio Estadual Professor Ernesto Faria, em São Cristóvão e reprovei o primeiro ano. Fui então para o Colégio Estadual Professor César Pernetta que fica na comunidade do Parque União, dentro do Complexo da Maré.

Gostava muito dessa escola, porque além de ser dentro da comunidade, tem um ensino muito bom e os professores são bem legais, sem contar com os cursos que a escola oferece para seus alunos. Mas o que gostava mesmo eram dos amigos que fiz durante o período escolar. Lembro-me dos trabalhos, das conversas, das brigas e dos passeios que fizemos juntos. Sinto muita falta deles. Hoje em dia, não tenho mais contato com eles como tinha antigamente, mas sempre que posso telefono para saber como estão.

Há alguns anos atrás, não pensava em cursar a faculdade, porém, depois de fazer o curso Agente Jovem e agora trabalhando como observadora, comecei a pensar nessa hipótese, mas ainda não está definido. Pretendo fazer alguns cursos, mas, por causa do tempo e às vezes do horário, não posso. Na parte da manhã, tenho que ficar com a minha mãe porque ela não



pode ficar sozinha e as minhas duas irmãs estudam de manhã, à tarde, tem as reuniões do Observatório e à noite, é ruim, pois onde moro é muito perigoso chegar tarde.

Meu pai se chama José e minha mãe Maria da Conceição. Eles são bem diferentes um do outro. Minha mãe, a Dona Conceição como ela gosta de ser chamada, nasceu na cidade de Petrópolis e estudou até a 4ª série, já meu pai, o seu Zé, nasceu no estado de Alagoas no município de Monterópolis e estudou até a 5ª série, ambos tiveram que parar de estudar para ajudar no sustento de suas casas. Hoje, minha mãe está aposentada, mas antes de se aposentar ela foi doméstica, durante onze anos, e servente, durante vinte e quatro anos. Meu pai, no momento, está desempregado, mas já trabalhou em um sítio, no Ministério do Trabalho e da Aeronáutica e na Kibon, todos com a profissão de jardineiro. Meus pais nem sempre viveram na mesma cidade e bairro. Minha mãe saiu de Petrópolis e veio morar na cidade do Rio de Janeiro no bairro do Catete, onde morou por sete anos. Infelizmente, teve que sair de lá pois sua mãe não tinha mais condições de pagar o aluguel. Elas se mudaram para um morro em Botafogo que se chama Macedo Sobrinho, onde ficaram por trinta anos e do qual tiveram que sair por causa de uma grande pedra que havia no alto do morro e que ameaçava rolar sobre a comunidade quando chovia. A Prefeitura, então, decidiu retirar as famílias e transferi-las para a comunidade do Complexo da Maré, onde minha mãe mora há vinte anos. Meu pai saiu de Alagoas com 25 anos para tentar a sorte no Rio de Janeiro. Logo que chegou, foi para casa de uma tia na Cidade de Deus, onde ficou por cinco anos. Depois desse tempo, ficou desempregado e sua tia não mais o aceitou em sua casa. Com todas essas dificuldades, sem trabalho e sem casa, veio morar com uma irmã sua que é vizinha da minha mãe. Essa minha tia teve muita paciência e o acolheu de braços

abertos. Foi neste período que ele conheceu minha mãe, namoraram mas não se casaram. Tiveram quatro filhos, dois homens, já falecidos, e duas mulheres.

Somos em seis irmãos. Minha irmã mais velha se chama Juciara. Ela tem 42 anos, é casada, tem uma filha de 8 anos e é dona de casa. Meu irmão Marcos tem 33 anos, trabalha na Região Administrativa como Assessor do Administrador Geral, é casado, não tem filhos e está cursando o primeiro período da faculdade de Serviço Social. Em seguida vem a Ana Paula que tem 30 anos, é solteira, tem uma filha de três anos e está fazendo supletivo. Ricardo tem 29 anos, é solteiro, tem duas filhas, e já foi militar. E, por fim, vem a Aline que tem 18 anos e está terminando o ensino médio. De forma direta ou indireta, todos ajudam no sustento da casa, pois moramos juntos, só que em andares diferentes.

Não tenho nenhuma ligação com a Associação da minha comunidade, porém estudei com o grupo de jovens que faziam parte do projeto Agente Jovem Multisetorial da Maré, no CIEDS, que tinha o papel de articular e integrar as atividades das associações existentes nas comunidades do Complexo da Maré.

No meu tempo livre gosto de ir à igreja, pois, por graça e misericórdia, sirvo a Deus na Congregação Cristã no Brasil. Gosto de tocar teclado, de ir à Quinta da Boa Vista, entre outras coisas. Em todos os lugares, vou com meu noivo.

O que eu mais gosto na minha comunidade é que tudo é perto, temos facilidade de ônibus e transporte alternativos dentro da própria comunidade, além das escolas municipais e estaduais, creches, postos de saúde, associações de moradores, Vila Olímpica e outras Associações. O que eu não gosto e detesto é a violência, pois por causa dela, às vezes, somos impedidos de transitar na comunidade.

## ALESSANDRA RODRIGUES BARBOSA

Oi, meu nome é Alessandra Rodrigues Barbosa, tenho 20 anos, 1,60m, 49kg, cabelos cacheados médios, nasci na cidade do Rio de Janeiro e moro na Vila do Pinheiro, Complexo da Maré, desde os dois anos de idade.

Durante toda minha vida estudei nas escolas da Maré. Da 1ª à 8ª séries estudei na Escola Municipal Teotônio Vilella, na Vila do João, e do 1º ao 3º ano do ensino médio, na Escola Estadual Prof. César Pernetta, no Parque União. Sempre gostei muito de estudar. Concluí o ensino médio e estava fazendo o pré-vestibular no CEASM (Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré) e agora pretendo ingressar em uma faculdade. Ainda tenho dúvidas sobre qual curso quero fazer, mas creio que essas dúvidas logo passarão.

No momento, estou fazendo um estágio no Museu da Vida (Fundação Oswaldo Cruz), há um ano e seis meses, que é, praticamente, minha primeira experiência profissional. Gosto muito desse trabalho, pois lidar com o público é sempre uma surpresa, uma experiência nova, além da ajuda que posso dar em casa, aos meus pais.

Meu pai, José Paulo, é pernambucano, veio para o Rio em 1976, aos 16 anos e morava na Baixa do Sapateiro, Maré. Só

estudou até a 6ª série e, atualmente, é lanterneiro de carros (autônomo). Serviu o Quartel, mas não permaneceu e trabalhou uns anos na empresa BRAHMA, seu último emprego com carteira assinada. Minha mãe, Lecilda Rodrigues, é capixaba, veio para o Rio em 1972, aos 8 anos e já morou em vários lugares da Baixa, inclusive nas palafitas. Estudou até a 4ª série e só trabalhou uma vez, como ajudante de costureira. Eles se casaram quando minha mãe tinha 18 anos e foram morar perto dos meus avós, nas palafitas, pois quem tivesse um barraco naquela localidade iria ganhar uma casa na nova comunidade que estava sendo construída. Foi nas palafitas, no dia 18/07/81, que eles tiveram sua primeira filha... eu! Quando completei 2 anos de idade, nos mudamos para a Vila do Pinheiro que acabara de ser construída. A área das palafitas foi aterrada para a construção de novas casas.

Foi aqui no Pinheiro que nasceram meus dois irmãos, o Adriano, que atualmente tem 18 anos, e o Felipe, 13 anos. Eles dois tem a pele mais clara do que a minha, talvez seja porque eles não passaram os primeiros dias de sua vida em cima de uma maré... brincadeirainha he,he,he! O Adriano trabalha e estuda, está no 2º ano do ensino médio e também coopera com os gastos de casa. Provavelmente, servirá o quartel no ano



que vem. O Felipe é estudante e está na 6ª série.

Já participei de vários projetos visando o trabalho comunitário. Um deles foi um curso chamado Serviço Civil Voluntário, junto à Associação de Moradores da minha comunidade, onde tínhamos que obter dados sobre as condições estruturais da comunidade (esgoto, postes, orelhões, lixo, etc.).

Sou evangélica há 2 anos. Estou muito feliz com o meu Senhor, pois Ele tem me ajudado sempre que eu preciso. É muito bom saber que eu tenho um Deus fiel que cuida de mim e da minha família. Gosto muito de ir aos cultos, cantar louvores... Quando tenho um tempo livre, me reúno com um grupo de jovens da igreja para fazermos uma festinha, sairmos para lanchar, conversar etc. Vamos de ônibus ou a pé, depende da distância do lugar ou das "condições", se é que você me entende.

Ultimamente, minhas saídas têm ficado um pouco de lado,

pois a violência na comunidade esse ano aumentou demais. A qualquer hora ouvem-se tiros, o que não acontecia até alguns meses atrás. Odeio a violência, mas creio que essa fase mais intensa logo passará, digo isto porque violência sempre existiu aqui.

Mas, aqui na Maré existem também muitas coisas boas. Cada comunidade tem uma ou duas escolas, postos de saúde, ações sociais, comércio, cursos gratuitos, transportes, esportes. Inclusive um dos maiores centros esportivos é a Vila Olímpica da Maré, onde existem várias modalidades, desde futebol até os vários tipos de danças, além de contribuir com a realização de projetos, pois eles cederam um espaço para que os observadores da Maré pudessem trabalhar. Nos reunimos neste local todas as terças e quintas feiras. A não ser isso, não tenho nenhum outro vínculo com a Vila Olímpica, não porque eu não queira e sim por uma questão de tempo.

## Onde Estamos?

O Complexo da Maré é composto por 16 comunidades que abrangem desde o bairro da Penha, passando por Ramos, Bonsucesso, até Manguinhos, ocupando uma área de 800 mil m<sup>2</sup>. A maioria das comunidades está localizada no Bairro de Bonsucesso. Segundo dados do Censo IBGE 2000, a população da Maré é de aproximadamente 113.817 habitantes.

O Complexo da Maré existe desde da década de 1940. Na época, a região da Leopoldina havia se transformado em um núcleo industrial e como as terras do subúrbio já tinham donos, restaram as partes alagadas das encostas da Baía de Guanabara.

Nós, os Observadores dos Direitos Humanos, moramos em três comunidades diferentes: Baixa do Sapateiro, Nova Holanda e Vila do Pinheiro.

A Aline, o Bruno e a Vanessa moram na comunidade Baixa do Sapateiro, onde a urbanização iniciou-se em 1947. Nessa época, a maioria dos habitantes eram negros e migrantes nordestinos, tinham pouca escolaridade, qualificação e baixa renda familiar. Segundo o *site* do CEASM (Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré; [www.ceasm.org.br](http://www.ceasm.org.br)), "a origem do nome Baixa do Sapateiro é controversa e apresenta várias versões. Alguns moradores afirmam que tal nome teve origem no fato de que a área hoje ocupada, teria sido de propriedade de um morador do centro de Bonsucesso, que mantinha como zelador um sapateiro. Outros dizem que tal nome surgiu do jargão policial da época, que se referia aos nordestinos em geral como 'baianos'. Pelo fato de na época haver um alto índice de criminalidade na comunidade, que por sua vez era formada predominantemente por nordestinos, teria a comunidade, por analogia, sido designada nas páginas policiais como 'Baixa do Sapateiro', numa alusão clara à região do mesmo nome localizada na cidade de Salvador. Outra versão é a de que a área, por se localizar na parte baixa da Ponta do Timbau, que era dominada pelo morro, e por apresentar vasta vegetação de mangues, principalmente de uma espécie conhecida como 'Sapateiro', seria pelos antigos moradores chamada 'Baixa dos Sapateiros' e que mais tarde 'Baixa do Sapateiro'".

A Lilian mora na comunidade da Nova Holanda, que teve origem na década de 60 com o Governo de Carlos Lacerda. Segundo o *site* citado acima, "na época a Nova Holanda foi concebida como um centro de habitação provisória (CHP). Dentro da política de remoções do Governo no início da década de 60, os CHPs funcionariam como um local de triagem, que visava muito mais retirar núcleos favelados de áreas nobres da cidade do que resolver o problema habitacional. Em 1961, a partir do aterro de uma grande área no final da Rua Teixeira Ribeiro, tomada da Baía de Guanabara, foi construído um CHP que recebeu o nome 'Nova Holanda', porque o projeto era chamado de 'Holanda'. No período de 1962-1963, foi construído o primeiro setor que era formado por 981 casas de madeira construídas em lotes de 5x10m. Até hoje, vivem na comunidade muitas famílias que foram para Nova Holanda aguardar sua remoção para um novo conjunto da cidade – o que nunca chegou a acontecer".



Já a Alessandra mora na Vila do Pinheiro que surgiu em 1989. Antigamente, a área que hoje é Vila do Pinheiro era ocupada pelo Aeroporto de Manguinhos. Na época, havia o Projeto-Rio que visava a remoção das palafitas da Baixa do Sapateiro e do Parque Maré. Então, para a consecução da 1ª etapa do projeto, foram construídas 1400 casas. O terreno pertencia ao Ministério da Aeronáutica e foi adquirido pelo Banco Nacional de Habitação para essas construções.

Na antiga enseada de Inhaúma, localizava-se a belíssima Ilha do Pinheiro, que resistiu ao aterro da Cidade Universitária, mas acabou por ser anexada ao continente nos aterros promovidos pelo Projeto-Rio. Citando novamente o *site* do CEASM, “a Ilha do Pinheiro estava sob cuidados do Instituto Oswaldo Cruz, onde eram mantidos os macacos *rhesus* utilizados nas experiências, é retomada pela União para fins de aterramento e construções de unidades habitacionais. Em março de 1980 se iniciam as obras de aterro que preservam a parte central da vegetação da exuberante ilha”.

Em 14 de dezembro de 1983, o BNH iniciou a remoção de 15 mil pessoas, eliminando, assim, as palafitas da área da Maré. O que restou da ilha é hoje o Parque Ecológico da Vila do Pinheiro. Foram ainda construídos 1380 apartamentos que foram batizados de Conjunto Pinheiro, tendo sido definitivamente ocupado em 1989.

Atualmente, a Prefeitura construiu galpões temporários para moradores de várias áreas consideradas de risco. Estes por serem pequenos, coloridos e desconfortáveis, logo foram apelidados pela população de “Kinder Ovo”.

As comunidades onde nós moramos têm estrutura um pouco diferenciada entre si. A Vila do Pinheiro é basicamente formada por ruas e travessas, as casas são médias ou grandes, umas coladas nas outras e sua geografia é totalmente plana, como a Nova Holanda. Já a Baixa e a Nova Holanda são bem parecidas, pois são compostas por ruas ligadas a becos, tem casas pequenas, médias e grandes. A Baixa é formada por partes altas e planas.

O Complexo da Maré fica a uns 30 minutos do Centro da cidade de ônibus. O Rio Financeiro é muito grande e não tem como ser comparado com a Maré pois as paisagens da cidade são diferenciadas de acordo com os bairros e níveis sociais.

As linhas de ônibus e de Kombi (transporte alternativo) favorecem a ida ao trabalho, médico, escolas etc. Passam frequentemente, com o intervalo médio de 15 minutos, no caso dos ônibus, e de 3 minutos, as Kombis.

Em termos de infra-estrutura como luz, água e esgoto, a Maré conquistou importantes avanços nos últimos 20 anos. Temos acesso a algumas opções de transporte coletivo, alguns passam próximo às nossas casas. A maioria da população possui telefones fixos, até porque não podemos contar com telefones públicos, pois eles sempre estão quebrados, devido à ação de alguns moradores (não entendemos porque eles fazem isso). A coleta de lixo passa todos os dias, além dos nossos garis comunitários que ajudam a manter o bairro limpo.

Ficamos próximos da Cidade Universitária, onde se localiza a Universidade Federal do Rio de Janeiro, e do Hospital Geral de Bonsucesso, que é o único hospital público ao qual podemos ir a pé. Temos cinco postos de saúde juntos aos CIEPs da comunidade (escolas de ensino fundamental e médio, também conhecidas como “Brizolão”, em homenagem ao governador da época, Leonel Brizola que fundou o CIEP).

Existem sete escolas: três na comunidade Nova Holanda, sendo dois CIEPs e uma escola municipal; na Baixa do Sapateiro há um CIEP e uma escola municipal; e na Vila do Pinheiro também há um CIEP e uma escola municipal. Uns dos principais problemas das escolas é que ainda existe uma grande falta de professores e um excesso de alunos por turma.

A quantidade de vaga para atendimentos nos postos de saúde é, no geral, insuficiente, para o número de pessoas que moram nas comunidades, além da falta de remédios, que também é um problema constante.

Por causa da violência, há sempre viaturas da Polícia Militar rondando as comunidades, pois o tráfico tem crescido e há uma quantidade muito grande de “bocas de fumo”. Não temos liberdade, pois a qualquer hora podemos ser surpreendidos por tiroteios. Existem comunidades nas quais não podemos ir, apesar de estarem dentro do Complexo da Maré, devido ao confronto entre o Terceiro Comando e o Comando Vermelho.

Com o empenho de algumas pessoas e a vontade de melhorar, surgiram vários projetos educacionais, como por exemplo, o projeto “Vida Nova”, o CEASM, SESI, CEMASI (Centro Municipal de Atendimento Social Integrado), o projeto Maré Mãe Natureza (jardinagem e educação ambiental) e a Vila Olímpica, onde nos encontramos, que oferece vários esportes como handball, futsal, futebol, ginástica





olímpica, ginástica rítmica, tênis, basquete, natação, ginástica para adultos, coral, street dance, biblioteca (Sala de Leitura), informática, vôlei e dança do ventre. Todos estão bem associados à população da Maré com um único objetivo de melhorar a vida de todos.

Não temos muito acesso à cultura, pois não temos teatro, nem cinema e, onde tem, geralmente é caro. Existem algumas festas populares e shows de bandas, apesar de que nem sempre quem promove os shows participa deles. A Maré possui quadras, praças, bibliotecas e feiras. Os shows acontecem quase toda semana, as feiras são todos os sábados, domingos e quintas.

Na nossa comunidade, existem igrejas evangélicas, católicas e centros espíritas. A Lilian e a Alessandra frequentam igrejas evangélicas.

A violência e o tráfico são os principais problemas do bairro e atingem a todos nós. Já o ponto positivo da Maré é que nós encontramos tudo que precisamos perto de nossas casas.

A maioria dos trabalhadores do bairro trabalha no centro da cidade ou nos arredores. Mas há uma parte dos moradores que trabalham aqui na Maré. Além do comércio local, há cooperativas que oferecem trabalhos como garis comunitários, transporte alternativo (Kombi) etc.

## UNIÃO ESPORTIVA VILA OLÍMPICA DA MARÉ

*A União Esportiva Vila Olímpica da Maré (UEVOM) foi fundada em 1999 por líderes comunitários da Maré. Professores universitários, empresários e cidadãos de renome no Rio de Janeiro se uniram com a finalidade de finalizar as obras da Vila Olímpica que estava sendo construída no Complexo da Maré. Essa organização ofereceu à Prefeitura, que estava sendo responsável pela construção da Vila, um arrojado projeto social. Dessa forma, a União das Associações de Moradores deu seqüência aos trabalhos da comunidade.*

*A Vila Olímpica está preparada para atender até 10.500 crianças, jovens, adultos, portadores de deficiências e idosos em seus 31 projetos temáticos. Atualmente, está preparada para atender até 20.000 pessoas em projetos estruturados, sempre com assistência integral de professores de educação física, de artes, de danças e de matérias escolares, médicos, psicólogos, assistentes sociais, pedagogos, nutricionistas e especialistas em terceira idade e portadores de deficiências. Além desse atendimento, a Vila abre seus espaços, aos fins de semana, para a população em geral, que utiliza suas instalações para o lazer e para práticas esportivas.*

*Através do Centro de Excelência Sócio-Desportivo Vila Olímpica da Maré, do Centro Esportivo de Ações Sócio-Educacionais – CEASE, da União Esportiva Vila Olímpica da Maré e da Vila Olímpica da Maré, estão sendo desenvolvidos trabalhos voltados para a realização dos direitos humanos, uma vez que oferece a uma comunidade de mais de 150.000 habitantes oportunidades de crescimento e atendimento de suas principais necessidades, sem limitações ou segregações.*

*A UEVOM realiza projetos baseados nos direitos humanos. Esse trabalho vem sendo desenvolvido através das áreas da saúde; oferecendo atendimentos aos alunos que participam do projeto num Posto Médico, esporte e lazer; oferecendo 31 projetos temáticos implantados, sendo a maioria na área esportiva, trabalho e renda; sendo que a maior parte dos funcionários da Vila Olímpica da Maré fazem parte da própria comunidade, educação; desenvolvendo projetos educacionais e artísticos implantados na Vila Olímpica e cultura; através de projetos voltados para o desenvolvimento cultural.*

*Os projetos realizados pela organização são o “Centro de Excelência Sócio-Desportivo Vila Olímpica da Maré” e o “Centro Esportivo de Ações Sócio-Educacionais (CEASE)”, sendo que a parte educacional do projeto Maré é orientada pelo CEASE. Estes projetos têm se destacado no cenário sócio-educacional-desportivo do País pela sua magnitude, sua metodologia e sua situação geográfica, que a insere totalmente em uma comunidade carente.*

**Sandra Marla Barros de Araújo Garcia**  
Gerente Administrativo da Vila Olímpica da Maré



## CENTRO DE ESTUDOS E AÇÕES SOLIDÁRIAS DA MARÉ

*Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré foi criado em 1997, a partir da iniciativa de um conjunto de moradores que cresceram nas comunidades do Bairro Maré. O objetivo do Centro é envolver o maior número possível de moradores do bairro a partir da produção, articulação e estudo de estratégias voltadas para o estímulo às práticas de cidadania.*

*Organizado em redes, o CEASM atua na área da educação, cultura, trabalho e lazer. Essas redes estão distribuídas da seguinte maneira: "Rede Educação", que consiste em projetos como o de formação de monitores de museus, o curso pré-vestibular, os cursos de línguas estrangeiras, a biblioteca professor Paulo Freire, o programa de criança Petrobrás, Adolescentro e a Creche; "Rede Informática", oferecendo cursos de informática e assessoria aos micros e pequenos empresários locais; "Rede Maré", que apresenta os projetos "Construção do Observatório Social da Maré", reunindo dados sobre o Bairro Maré, e o Censo Maré; "Rede Cultura", em que desenvolve iniciativas culturais que auxiliam no registro/resgate das práticas cotidianas locais; "Rede Comunicação", com a elaboração do Jornal O Cidadão; "Rede Prestação de Serviços", em que ordena o processo de atendimento do CEASM a entidades públicas e privadas interessadas em inserir-se no Bairro Maré, e a implantação da RAL – Rede de Atendimento Local da Light; "Rede de Trabalho e Educação", em que promovem a troca de conhecimentos e práticas educacionais entre os moradores e órgãos/ entidades.*

## Complexo da Maré e o Direito à Segurança

O clima de violência no Complexo da Maré preocupa muito os moradores das várias comunidades que o compõem. O medo e as proibições impostas pelos grupos de criminosos interferem diretamente na vida cotidiana de todos, violando diversos direitos. Essa situação infelizmente não é nova, vem se agravando há mais ou menos 15 anos. Nesse sentido, o grupo de observadores optou por descrever aqui alguns dos aspectos que caracterizam esse contexto de insegurança na comunidade, que se instala tanto a partir das regras e ameaças dos grupos de traficantes, como também pela ação da polícia que, pelo que observamos, não consegue manter uma boa relação com muitos dos moradores.

Com os relatos aqui apresentados, percebemos que a presença e a força dos traficantes nas comunidades do Complexo não são apenas um problema de policiamento, mas, principalmente, o resultado de uma combinação de deficiências na atuação do poder público em diversas áreas, permitindo que esses grupos imponham suas regras e idéias. Consideramos essa discussão importante, porque é necessário romper o silêncio da comunidade, um passo importante para superar essa inaceitável situação de desrespeito aos Direitos Humanos.

### A DIVISÃO DO COMPLEXO E SEU EFEITO NA VIDA DA COMUNIDADE

Uma das causas do alto índice de violência no Complexo da Maré parece ser sua área dominada por duas facções criminosas rivais, o Terceiro Comando (TC), e o Comando Vermelho (CV). Ambas vivem em constante disputa pelos pontos de vendas de drogas instalados na comunidade e fora dela, não raro as disputas envolvem trocas de tiros que ameaçam a todos os moradores.

Como consequência principal dessa divisão, os moradores das comunidades acabam perdendo seu direito de circular de uma comunidade para outra, e às vezes são impedidos de sair de suas casas em determinados períodos. Os grupos rivais delimitaram uma fronteira entre seus domínios, sendo proibida a circulação nessa "fronteira". Como prova da importância do respeito a essa regra, muitas histórias são se contam sobre pessoas que atravessaram essa divisão e sofreram algum tipo de repressão, agressão ou até mesmo morreram. Por isso, há um grande temor por parte dos moradores em cruzar essa fronteira.

Em um dos relatos registrados pelo grupo, recentemente, um rapaz da comunidade da Baixa do Sapateiro (comunidade domi-



nada pela facção criminosa Terceiro Comando) teria entrado de carro na Nova Holanda (dominada pelo Comando Vermelho) e os traficantes da Nova Holanda o assassinaram e arrancaram sua cabeça. Teriam feito isso em resposta a uma outra violência com alguém de sua área cometida por seus rivais.

Fatos como esse se espalham rapidamente na comunidade, contribuindo para o aumento e a manutenção do clima de medo. Além disso, grupos de jovens, nem sempre ligados ao crime local, passam a cultivar e defender símbolos que representariam cada uma das facções de sua comunidade, levando o conflito para outros espaços. Vejamos um relato nesse sentido:

*“Muitas vezes as pessoas, na maioria jovens, ficam com raiva das outras, implicando umas com as outras. A rivalidade é tão grande, que os conflitos acontecem em outros lugares, ou seja, fora da comunidade, em praias, ônibus, centros comerciais... Muitas vezes encontramos jovens, não envolvidos com o tráfico, mas pela influência dele, cantando músicas que representam a facção que domina a área onde moram, em voz alta, e não percebem que também podem provocar brigas.” (jovem observadora)*

Além dos símbolos usados para representar esse conflito e as pequenas rivalidades, o temor compromete também o acesso a serviços básicos que estão em áreas rivais:

*“Infelizmente essa situação está muito presente em nosso dia-a-dia, nos prejudicando e impossibilitando de, até mesmo em uma emergência médica, procurar uma farmácia ou um posto de saúde que se encontre em uma outra comunidade.” (jovem observadora)*

Como vemos, o medo não se restringe ao temor dos confrontos armados, mas passa a interferir no exercício de diferentes direitos fundamentais dos moradores. Entretanto, é também importante destacar que há um grande contraste entre os boatos sobre a repressão aos que cruzam a fronteira e a realidade. Alguns moradores contestam essas regras, como destacam o depoimento de uma moradora e de um professor que atua na comunidade:

*“Eu moro aqui desde criança e nunca soube que tenha acontecido algo desse tipo com um conhecido meu. Alguns sempre atravessavam a divisão para ir a bailes funk e festas e não acontecia nada.” (moradora do complexo)*

*“Acho que muita coisa é mito. Eu trabalhava em um projeto no Morro do Timbau, e algumas pessoas que participavam moravam na Nova Holanda (uma área dominada por uma facção rival). Então eu tinha de ir buscá-las em casa, pois tinham medo de atravessar a divisão, achando que os moradores do outro lado iriam fazer algo contra elas. Existe essa influência desde criança, de que todos os moradores do “outro lado” são ruins, mas eles acabam perce-*

*bendo que não é bem assim.” (professor atuante no complexo)*

A realização de atividades culturais e de lazer e os laços de amizade, segundo ambos, abrem alguns importantes canais de comunicação entre os moradores das áreas divididas. Mas, ainda como destaca o professor, o temor de alguns alunos em cruzar a fronteira obrigava-o a buscar em casa seus alunos que queriam evitar a área. Por mais que o temor seja por vezes produto de boatos, não são muitos os que se atrevem a contestar as fronteiras.

Uma jovem observadora que conhece os dois “lados” da fronteira descreveu assim a idealização criada pela divisão do complexo:

*“A ideologia imposta está presente em ambos os lados. Digo isto porque sempre estive muito próxima dessa realidade. Participava de um grupo de dança cujos ensaios aconteciam do outro lado da divisa, mas eu sempre fui e voltei sem problema. Com o tempo percebi o medo dos moradores e a idéia que tinham sobre o “outro lado” como chamam. O mais interessante é que de ambos os lados os conceitos ou preconceitos eram os mesmos.”*

O isolamento dos moradores e a dificuldade em romper com as regras impostas pelo tráfico parecem acentuar as barreiras entre as comunidades, facilitando o domínio dos grupos criminosos. Ao mesmo tempo, o depoimento acima ressalta como são pequenas as diferenças nas idéias e preconceitos existentes entre moradores de um lado e de outro.

## A “JUSTIÇA” DO TRÁFICO

As ingerências do tráfico no cotidiano dos moradores vão muito além da mera divisão do território. Observamos que em determinadas circunstâncias os traficantes determinam regras de conduta e aplicam punições para aqueles que as desrespeitam. São regras que vão da proibição de que se urine na rua, até a intervenção em casos de violência entre familiares.

Em alguns casos de violência doméstica contra a mulher, os traficantes são por vezes chamados por moradores e atuam aplicando seus “julgamentos e sentenças” particulares. Vejamos o exemplo do caso a seguir:

*“Um homem havia batido em sua esposa e um dos vizinhos foi chamar os traficantes para resolver a situação, pois ninguém estava suportando ver a mulher sendo espancada com os filhos olhando. Ele estava na rua bêbado quando um traficante foi falar com ele. Então ele começou a agredir os traficantes que tinham armas nas mãos. Sua esposa o chamava para dentro de casa. Mesmo tendo sofrido, ela queria defendê-lo, pois dependia dele e não queria vê-lo morto, e o escondeu em casa.*

*Os traficantes mandaram o homem sair de dentro de casa para conversar com ele, mas ele não queria sair, não queria ‘conversar’ com os*



*traficantes de jeito nenhum. Os traficantes diziam que queriam 'levar um papo', mas ele sabia que iria apanhar ou coisa pior.*

*No fim, ele acabou saindo da casa e a mulher entrou na frente dele com a criança no colo para que os traficantes não atirassem nele. Foi um puxa para lá e para cá e a mulher ficou entre eles com o seu bebê nos braços. Os traficantes disseram se ela não saísse da frente do esposo iria atirar neles. Mas, talvez por um milagre, por pena ou bom-senso, os traficantes deixaram ele ir embora. Ele saiu correndo desesperadamente. Mesmo depois de tudo que aconteceu ela foi atrás dele com seu bebê."*

É importante destacar que, no caso acima, ninguém cogitou apelar para a polícia ou buscar apoio em qualquer outra instituição. Talvez isso se dê pela inexistência de instituições que trabalhem a questão da violência contra a mulher no complexo, ou porque a população não acredita na polícia, como veremos a seguir. Nessa "justiça dos traficantes", as punições são definidas no próprio local e geralmente são bastante violentas. Como é destacado no relato, a punição para o marido agressor que, alcoolizado, enfrentava o traficante poderia ter sido a sua morte. Mas, ao poupar o marido de agressões (atendendo ao pedido da esposa), o traficante determinou que ele fosse expulso da comunidade.

Além de tratarem de casos de violência doméstica, os traficantes intervêm quando acontecem assaltos na comunidade. Geralmente as penas com maior violência física são aplicadas contra homens, mas há também casos de severas punições contra moradoras. Um morador nos descreveu as punições aplicadas contra uma moradora acusada de roubar na comunidade:

*"Rasparam a cabeça e a sobrancelha de uma mulher que roubou na comunidade, bateram de madeira e deixaram ela de castigo em casa durante uns seis meses e se desobedecesse, morreria. E ela não fez isso, ela não foi boba!"*

Como veremos a seguir, parece ser sempre muito importante que todos reconheçam as ações comandadas pelo tráfico na comunidade. Logo, as punições são sempre muito alardeadas e, por vezes, executadas em plena rua.

As restrições são grandes quando se trata de uma área próxima a um ponto de vendas de drogas; nessas áreas todo e qualquer conflito deve ser evitado. O mesmo morador nos descreveu qual a posição dos traficantes no caso de uma discussão na rua, nas imediações da "boca-de-fumo":

*"Eles se metem e mandam parar a briga só se for perto da 'boca', porque fica atrapalhando a venda. Se não parar vai bala para o alto para parar a briga, né?"*

Diante dessa situação, dificilmente acontecem brigas perto desses pontos. De modo geral, os moradores reconhecem as leis do tráfico e normatizam seu comportamento a seus mandamentos. A construção dessas relações no cotidiano se dá,

sobretudo, pelo medo imposto pelas armas e pela presença maciça de traficantes na comunidade. Contudo, é preciso reconhecer que a descrença dos moradores na eficácia dos órgãos públicos responsáveis pela segurança e justiça também contribui muito com esse quadro. Mais adiante trataremos dos conflitos entre policiais e a comunidade.

### **O TRÁFICO E A PERSUASÃO DA POPULAÇÃO: A "MÍDIA" E O "MARKETING".**

A partir da nossa observação, percebemos que os traficantes também constroem seu poder com a divulgação de informações e da realização de atividades que promovam sua imagem como benfeitores na comunidade. Nesse sentido, dizemos que existe uma "mídia" e um "marketing" do tráfico que buscam persuadir os moradores diariamente, evitando que tomem conhecimento de situações que seriam negativas para sua imagem perante a comunidade.

Exemplo disso é que nas trocas de tiros com a polícia muitos atiram, mas se alguma pessoa não envolvida for atingida, certamente surgirá na comunidade um boato de que a bala veio da arma de um policial. Essa adesão contra os policiais é muito importante para as atividades do tráfico e, apesar de alguns desconfiarem dessas informações, a maioria acaba se posicionando contra a polícia.

A não-divulgação de fatos que prejudiquem a imagem dos traficantes na comunidade é uma preocupação também nas ocasiões em que não se tem a polícia envolvida. Vejamos mais um relato:

*"Os traficantes costumam entrar em um carro e ficar correndo em alta velocidade. Na rua onde moro, estavam vindo duas meninas de moto quando eles apareceram correndo e bateram na moto delas. Elas voaram, a moto foi parar debaixo do carro, e ficaram muito feridas, uma mais que a outra. As duas foram para o hospital e não tive mais informação sobre o que aconteceu. Esse fato morreu ali, quase ninguém ficou sabendo. Provavelmente, se fosse um carro da polícia, muita gente saberia."*

Além de controlar a "mídia" na comunidade para evitar questionamentos sobre determinados episódios, os traficantes buscam promover sua imagem apoiando eventos e distribuindo favores para os moradores. Entre as festas, por exemplo, eles apoiam as comemorações do dia das Mães, das Crianças e da Páscoa. Um morador da Vila dos Pinheiros descreveu outros apoios que o grupo de traficantes que domina sua comunidade oferece aos moradores:

*"Os moradores precisam deles, vão lá na 'boca-de-fumo' e pedem várias coisas. Soube que eles (os traficantes) dão dinheiro para comprar gás de cozinha, remédios, arranjam carros, ou melhor, param um carro na hora que alguém está passando mal para levar para um hospital. Aqui os idosos e deficientes ganham por semana R\$ 200 dos traficantes, mas somente os que necessitam e sem condições*





***arranjam coragem e vão lá pedir dinheiro. Pois o dono da 'boca' manda, exige e dá o dinheiro. Somente para os moradores daqui."***

Esse relato aponta as inúmeras ações que o tráfico busca propagandear para ganhar a confiança de todos. As ajudas oferecidas são bastante significativas na comunidade; a obtenção de remédios, o trânsito até um hospital são atividades muito custosas para os moradores, seja pela falta de dinheiro, seja pelas distâncias desses serviços. Em geral, as dificuldades de acesso à renda e aos serviços públicos essenciais contribuem muito para que o tráfico se consolide como benfeitor no local.

Alguns eventos como shows são importantes não apenas para o "marketing" do grupo, mas ajudam na comercialização de seus produtos. Na tentativa de burlar a presença da polícia, ganhar a confiança dos moradores e intensificar suas vendas, os traficantes da Vila dos Pinheiros realizam shows de pagode, em que a rua principal da comunidade é fechada, impedindo o trânsito e a entrada inclusive dos policiais, e nesse local se monta uma "feira de drogas" aos domingos.

É feito um show com cantores da comunidade em início de carreira, contratados pelos traficantes para cantar. Monta-se um palanque às 18 horas onde os cantores se apresentam "para os moradores", o que, na verdade, ajuda a aumentar a comercialização das drogas. O chão fica parecendo um tapete azul de saquinhos que são jogados nas ruas depois de terem sido utilizadas as drogas. Mais tarde, por volta das 23 horas, começam a aparecer alguns moradores, ouvintes de pagode e do funk. Os traficantes se mantêm no local e, por vezes, estão armados. As músicas tocadas exaltam o grupo dominante na área, no caso, o Terceiro Comando.

A consolidação de alguns pontos de venda de drogas interfere na vida dos moradores da rua escolhida. Na comunidade da Nova Holanda, por exemplo, a proliferação desses pontos obrigou os moradores da comunidade a mudar as entradas de suas casas para garantir, minimamente, sua segurança. Vejamos a descrição de uma moradora sobre as mudanças que percebeu:

***"Antes de haver um ponto de venda de drogas, as casas eram todas sem grades e os muros não precisavam ser tão altos; agora estamos presos dentro de nossas próprias casas, com muros altos e grades em frente das casas, pois quando a polícia chega na comunidade os 'vaporzinhos' (nome dado aos pequenos vendedores de drogas) não têm para onde correr e acabam pulando os muros, que eram baixos. E ainda temos de conviver com o mau cheiro e a gritaria de 'pó de um, pó de dois, pó de cinco!'"***

Mesmo sem compactuar com as práticas, mesmo desconfiando da mídia e do marketing dos traficantes, ou desaprovando, a maioria não encontra alternativas para deter a presença intimidatória desses grupos no local. Assim como relatado no depoimento, a alternativa mais comum passa a ser ficar preso dentro de sua própria casa. Isolamento que só favorece a atuação dos grupos criminosos.

## **VIOLÊNCIA E DESPREPARO POLICIAL**

Mas, como dissemos, a violência a que está submetida a comunidade não se restringe à presença do tráfico. Infelizmente, pelos relatos, a polícia também age de forma arbitrária ou violenta em diferentes situações. Apesar de serem menos presentes no cotidiano local e descontando as informações distorcidas da "mídia do tráfico", policiais também causam constrangimentos aos moradores.

Uma das mais frequentes vítimas de ações policiais violentas é o usuário de drogas e sua família. Registramos duas situações em que usuários de drogas foram publicamente agredidos pelos policiais que os pegaram. Vejamos os relatos:

***"Ele tinha sido pego em flagra quando estava comprando drogas na boca-de-fumo perto do 'coqueirinho'. Quando policiais se aproximaram, os bandidos que ali estavam foram avisados pelo walk-talk. Daí eles saíram correndo e disseram para que o rapaz 'vazasse'. Só que ele ficou parado e não correu."***

***Ao ficar ali, ele foi abordado com o papelote de cocaína na mão, e isso foi o motivo para que os policiais comessem a espancá-lo. Seu irmão foi avisado que ele tinha sido pego pelos policiais. Ao chegar no local, o rapaz estava encostado na viatura com as costas roxas e o rosto machucado. Seu irmão conversou com os policiais para que não levassem seu irmão preso, pois era o que eles iriam fazer. Os policiais disseram que libertariam seu irmão se ele pagasse duzentos reais. Por ver o rapaz naquela situação, acabou dando esse dinheiro aos policiais. Depois que foi libertado ele contou ao seu irmão que apanhou de cacete nas costas, levou socos no estômago e cotoveladas no rosto."***

***"Eu estava sentado em um bar próximo a minha casa na Baixa do Sapateiro, o meu estado não era dos melhores e estava acompanhado por alguns amigos. Só que naquele momento passava uma viatura da polícia que, por cisma, resolveu parar e vir diretamente na minha direção para me revistar. (...) Pensavam que achariam algo em um dos bolsos de minha calça que desse motivo para arrancar algum dinheiro ou de me levar preso. Os policiais não encontraram nada e ficaram nervosos, daí resolveram me agredir. Levei tapas na cara, socos na barriga, pegaram o cacete e bateram em minhas pernas e ainda me fizeram ameaça verbal, me xingando de viciado safado. Essas agressões só pararam quando alguém que me conhecia foi chamar minha mãe."***

O drama das famílias desses usuários não se restringe aos riscos gerados pela dependência ao grupo de traficantes, mas inclui também as agressões e os abusos da polícia. Como des-



tacado nos dois relatos, algumas das agressões são sucedidas por pedidos de propina. Nenhuma das vítimas relatou que pensou em denunciar as agressões sofridas.

Entrevistamos também alguns policiais que atuam no local. Um deles reconheceu que a atuação de determinados policiais viola os Direitos Humanos e não encontra apoio entre os moradores:

*“O PM trabalha por conta própria, segundo a concepção dele, desrespeitando os Direitos Humanos. A população não confia na polícia. Muitas vezes as pessoas dizem que é medo, mas não, às vezes elas não dão informação por saber que não adianta. A polícia é preconceituosa e age de maneira diferenciada com pessoas de diferentes poderes aquisitivos.”*

Além de reconhecer que há diferenças entre a atuação do policial que atua na comunidade e a do que atua em comunidades mais ricas, o policial entrevistado ainda apontou os problemas da falta de preparo e da incapacidade da polícia em responder às demandas dos moradores. Vejamos mais uma fala desse policial:

*“O PM entra na favela assustado, pois sabe que não foi bem preparado na Academia e que vai enfrentar bandidos muito mais bem armados do que ele. Sendo assim, esse policial toma atitudes violentas, agindo por conta própria, violando os Direitos Humanos, se corrompendo e se envolvendo com o tráfico. Todos os postos policiais que existem nas favelas são envolvidos com o tráfico, pois sem esse envolvimento seria impossível trabalhar.”*

Além de reconhecer a inferioridade da força da polícia, o entrevistado indicou que há grande envolvimento entre os postos de polícia e o tráfico local. Nessas circunstâncias, a polícia passa a ser mais um grupo temido pelos moradores, tal como ocorre com os traficantes.

Distantes da comunidade e malpreparados para sua ação, os policiais raramente podem contar com a colaboração da população na execução do seu trabalho. Em certos acontecimentos, os moradores, quando percebem que não estão sob risco, não se alteram e também não cooperam com policiais em ação. O relato a seguir, dado por um jovem morador do Complexo da Maré, ilustra bem essa situação:

*“Ocorreram alguns tiros durante à tarde. Foram exatamente três tiros que quase todos os dias são dados por representarem a facção dominante (Terceiro Comando) nessa comunidade (Baixa do Sapateiro). Alguns minutos depois, quatro policiais entraram em ação. Os tiros foram dados na parte baixa da comunidade a uma distância grande do posto policial que fica na parte alta, quase no Morro do Timbau (comunidade vizinha). Os policiais resolveram descer o morro. Eles desceram com muito cuidado, talvez até cuidado demais, pois a descida do morro era bem grande e o local dos*

*tiros ainda era mais longe ainda. Os quatro policiais estavam juntos no início do morro até que um deles atravessou correndo para o outro lado, descendo um pouco, e ficou atrás de uma casa apontando sua arma para todos os lados. (...) As pessoas passavam pela rua normalmente sabendo que aquilo era um desperdício de tempo. Uns cinco minutos depois, o segundo policial atravessou a rua e foi em direção ao outro. Depois veio o terceiro e, então, o quarto. Depois de mais alguns minutos, o primeiro atravessa novamente a rua, descendo um pouco mais, e os outros três foram, um a um, atravessando a rua. E ficavam descendo o morro nesse ziguezague minúsculo por uns 15 minutos. E as pessoas continuavam a andar normalmente, subindo e descendo a rua como se não estivesse acontecendo nada.*

*E foi realmente isso que aconteceu: nada. Os policiais depois de descerem um pouco mais da metade do morro, atravessando de um lado pro outro, subiram no mesmo percurso que fizeram para descer e voltaram para o posto policial.*

*Esse fato não ocorreu só uma vez nessa comunidade e também com certeza não será a última, pois já vi isso várias vezes em pouco tempo da janela de minha casa.”*

A trágica falta de preparo e de apoio para a ação dos policiais criou uma situação ridícula que apenas serviu para confirmar a incapacidade da ação dos policiais. Nesse contexto, mais uma vez saem fortalecidos os grupos criminosos e suas imposições, pois mesmo com todas as restrições que impõem aos moradores, aparentemente, a polícia não é capaz de detê-los no interior da comunidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pudemos ver, no Complexo da Maré, o problema do tráfico de drogas não se limita apenas à questão do comércio de drogas ilícitas. Trata-se da instalação de facções criminosas que consolidam seu domínio com um conjunto de normas e regras com as quais a comunidade é obrigada a conviver e que cotidianamente violam os Direitos Humanos dos moradores. A incapacidade do poder público na promoção da segurança pública e no oferecimento dos serviços necessários à comunidade abre mais espaço para esses grupos e ratifica ainda mais essa situação tão grave.

Durante os sete meses de trabalho no projeto Observatório dos Direitos Humanos, o tema violência surgiu com frequência nos trabalhos e nos debates da equipe do Complexo da Maré. Mesmo assim, fazer essa pesquisa exigiu do grupo de Observadores uma dose de coragem, além do enfrentamento de certas limitações, pois, como dissemos, uma das leis locais é a do silêncio – em determinadas situações, alguns moradores que procuramos afirmar que se falassem sobre esse assunto poderiam colocar suas vidas em risco.

Mas a expectativa de vermos o Complexo da Maré vivendo outros tempos foi maior. E a vontade de ver derrubados esses mi-



tos criados pelo tráfico, como forma de controle da comunidade, é maior ainda. Ficou claro também, pelo que observamos, que a violência está infelizmente bastante enraizada. Ao mesmo tempo, sabemos que, na verdade, a população rejeita essa situação. Pode ter havido uma aceitação das normas impostas pelos traficantes e da violência cometida pelos policiais, mas sabemos que a maioria dos moradores sofre muito com esse contexto e deseja poder exercer seus direitos de forma plena.

Nesse sentido, como se destacou nos quadros sobre as associações parceiras, observamos também que existem algumas organizações na comunidade que trabalham na tentativa de promover espaços de interação e diálogo entre os moradores, espaços independentes da ameaça do tráfico. Por meio de cursos ou pelas atividades culturais e esportivas, a União Esportiva Vila Olímpica da Maré, o Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré e o Centro Comu-

nitário de Desenvolvimento da Cidadania realizam um trabalho muito importante que, além de contribuir com a formação e divertimento de moradores, apontam para uma possibilidade de convivência mais fraterna e pacífica.

A situação vivida pelos moradores do Complexo da Maré necessita, urgentemente, de uma ação efetiva que lhes garanta aos seus moradores o exercício de seus direitos básicos. Como dissemos, pensamos que para isso se efetivar não bastarão somente ações de enfrentamento direto da violência, como políticas de segurança pública, mas será necessária também a execução de ações sociais para promover os diferentes aspectos dos Direitos Humanos no cotidiano, ocupando as brechas que permitem ao tráfico atuar como benfeitor. As instituições acima citadas tentam fazer parte desse trabalho, mas sabemos que uma ação efetiva do Estado torna-se fundamental.





RIO DE JANEIRO

# JARDIM NOVA ERA







# Quem Somos?

## LOURDES CRISTINA FERREIRA SANTOS

Me chamo Lourdes Cristina Ferreira Santos, mas prefiro que me chamem de Cristina. Nasci no dia 24 de Dezembro de 1976, às 23h45m, na cidade de Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro, onde moro até hoje. Tenho 25 anos, sou negra, peso 65 quilos e tenho aproximadamente 1,65m de altura.

Sempre dei muito trabalho para minha mãe, pois eu era muito ruela, parecia um moleque, jogava futebol, jogava gude e soltava pipa com os meninos. Eu não tenho do que reclamar da minha infância, a não ser da falta de uma praça ou parque próximo de casa para que pudéssemos brincar e nos divertir ainda mais.

Como eu só vivia na rua, minha mãe resolveu me dar uma surra todos os dias no mesmo horário para ver se eu melhorava, mas, não resolveu. Eu não tomava jeito e, então, resolvi me matar. Eu tinha 11 anos de idade, tomei vários remédios, apaguei e só acordei no dia seguinte com minha mãe e vizinha em cima de mim. A experiência, claro, foi horrível, mas, pelo menos, minha mãe parou de me bater diariamente.

Também aos 11 anos, arrumei meu primeiro namorado; engravidei aos quinze e me casei aos dezesseis. No mesmo ano de meu casamento, no dia 12 de junho de 1992, nasceu o Jefferson, meu filho mais velho, hoje com 9 anos. Mas o meu casamento não deu certo, pois meu marido era muito possessivo, ciumento e não queria me deixar viver. Chegou a me proibir de estudar, trabalhar, frequentar a casa da minha mãe e das minhas amigas de infância. Por isso, resolvi me separar, o que não foi muito fácil, porque ele não concorda. Dei entrada no meu divórcio há quatro anos e só este ano o processo passou para o litigioso, por isso, acredito que até o meio do ano que vem já estarei divorciada.

Meu casamento durou apenas 8 meses, os mais longos de minha vida. Dois meses após a separação, conheci outra pessoa e, depois de um ano de relacionamento, engravidei novamente. Fiquei apavorada porque engravidei mesmo me prevenindo e fiquei preocupada, pensando em como criaria as duas crianças. Para piorar a história, eu não tinha paciência nenhuma com criança e como estava traumatizada com o fracasso do meu primeiro casamento, eu não aceitei morar com o pai de meu segundo filho, temendo passar por tudo de novo. Fiquei num beco sem saída porque se meu pai descobrisse ia me botar para fora de casa. Então, resolvi tirar o neném. Tudo que se imagina para abortar eu usei, até que, quando estava no sexto mês de gravidez e vi que não tinha mais jeito, tentei me matar novamente tomando chumbinho (veneno de rato). Na mesma hora, parei de falar, andar, só ouvia as pessoas falarem e via minha mãe tentando tirar o resto do veneno da minha boca. Me levaram para o hospital onde fiquei três dias entre a vida e morte no CTI (centro de tratamento intensivo), mas, graças a Deus, tudo acabou bem, tanto para mim quanto para meu filho. No dia 12 de março de 1995, ele nasceu perfeito, seu nome é Emerson Júlio, tem sete anos e é o mais esperto dos dois.

Felizmente cresci, voltei a estudar, vou prestar vestibular este ano para Serviço Social, trabalhar e fazer cursos. Fico feliz também por ter conseguido sustentar meus filhos até hoje, uma vez que meu ex-marido não dá nada para o Jefferson e o pai do Emerson morreu.

Estou cursando a terceira série do Ensino Médio no CES (Centro de Estudo Supletivo). Gosto muito de estudar porque na vida nós estamos sempre aprendendo, não importa a idade. Além disso, na escola nós conhecemos pessoas diferentes, com histórias de vida interessantíssimas e com as quais trocamos várias experiências, o que colabora para que aprendamos a viver também.

Há cerca de três anos e meio, trabalho como voluntária em uma ONG chamada CENASC (Centro de Apoio Social e Cultural), na qual exerço a função de educadora no projeto "Plantar para Colher", que atende crianças da primeira à quarta série do Ensino Fundamental. Nesse projeto, oferecemos reforço escolar, pois o ensino da rede pública está muito precário e as crianças precisam cada vez mais de um reforço. Além disso, faço outras coisas também, como por exemplo, o projeto Observatório de Direitos Humanos, e participo de alguns cursos que oferecem ajuda de custo.

Meus pais se chamam Marcos Paulo Ferreira e Nilda da Silva Ferreira. Ele tem 55 anos, nasceu em Niterói, estudou até quarta série do ensino fundamental e tem várias profissões como motorista, trocador, pedreiro e ladrilheiro, mas, no momento, ele trabalha como camelô. Minha mãe tem 52 anos, nasceu em Suruí, município de Magé e estudou até a segunda série do ensino fundamental. Ela era doméstica desde oito anos de idade. Quando sua mãe morreu, ela teve que viver na casa dos outros e teve que trabalhar para as pessoas da casa onde vivia. Depois de alguns anos casada, por ciúmes do meu pai, ela parou de trabalhar e hoje é dona de casa.

Quando eles casaram, foram morar em Irajá, em casa alugada. Depois, meu pai resolveu se mudar aqui para a baixada porque o aluguel era mais barato. Com o passar do tempo, meu pai comprou um terreno aqui mesmo onde moramos até hoje. Nos mudamos para cá no dia 20 de dezembro de 1977 e eu comemorei meu aniversário de um ano na casa nova.

Tenho dois irmãos e uma irmã. O nome dela é Patrícia, tem trinta anos, é separada e tem duas filhas, Tatiana, de 9 anos, e Tamires, de 7 anos. Ela não mora mais aqui em casa, pois tem a casa dela. O segundo é o Marcos José, tem 28 anos, é casado e tem uma filha chamada Taís, de 9 anos. Ele também tem sua casa, faz técnico de enfermagem e trabalha como camelô. Depois do Marcos, venho eu e o caçula que se chama Rodolfo, tem vinte anos, é solteiro e é Cabo do Vigésimo Sétimo Batalhão de Pára-Quedista, em Deodoro, no Rio de Janeiro. Rodolfo mora em casa conosco e ajuda no sustento da casa.

Fundi uma ONG, aqui perto de casa, chamada CISANE (Cen-



tro de Integração Social Amigos de Nova Era), na qual fiquei por uns 4 anos. E também o CENASC, onde estou até hoje.

Quando tenho tempo livre, gosto de ficar no portão batendo papo com minhas amigas Kelita, Érica e Elisabete, cantar no videokê, ir à igreja com as crianças ou levá-las para passear no jardim Zoológico, parque ou cinema. Ah! Não posso esquecer: se eu estiver namorando, aproveitar também para namorar, né.

Meu bairro é muito esquecido pelo poder público, pois não tem quase nada. Temos um mini posto de saúde, que funciona de segunda a sexta-feira e, na maioria das vezes, não dispões nem de materiais de primeiro socorros, e uma creche municipal que atende 20% das crianças da comunidade. Não temos escola de ensino médio e as escolas de ensino fundamental têm um ensino péssimo. Além disso, temos apenas duas quadras de esportes sem manutenção, apenas três ruas com saneamento

básico e só uma praça. Para completar, agora o bairro começou a ser comandado por facções, como já acontece em outras comunidades carentes do Rio de Janeiro. Tudo isso me faz não gostar do meu bairro.

Diariamente, sofro violações dos meus direitos. Os exemplos são vários: quando preciso de uma consulta médica, tenho que sair de casa às 4 horas da manhã para conseguir um número; na escola, recebemos um ensino de péssima qualidade; às vezes, sou impedida de chegar tarde em casa devido às ordens de traficantes, e por aí vai. Se eu for descrever todas as violações que sofro não teria folha o suficiente.

Bem, vou terminado por aqui com um sentimento de esperança, acreditando que daqui há 10 anos, quando voltar a relatar a minha história, eu possa ser bem diferente e que eu tenha alcançado pelo menos a metade dos meus objetivos.

## JOICE DA SILVA EUGÊNIO

Oi! Eu me chamo Joice da Silva Eugênio, nasci em São Gonçalo, no Rio de Janeiro, no hospital Casa de Saúde Modelo, no dia 10/03/83, às 14:30. Hoje, eu tenho 19 anos e não estudo, pois já conclui o ensino médio. Adorava a escola em que estudava porque lá fiz muitos amigos. Eu me formei em técnico em Administração e pretendo fazer faculdade de Psicologia. Já até prestei vestibular para uma faculdade pública aqui no Rio de Janeiro, a UERJ, mas, infelizmente, não obtive o sucesso que eu queria. Mas, o meu maior sonho mesmo é entrar para as forças armadas, de preferência na Marinha, porque além de ser uma profissão muito bonita, na minha opinião, é também estável e como eu me formei em administração acho que poderia atuar nessa área.

Sou nascida e criada aqui no Rio de Janeiro e sempre morei no mesmo bairro, nunca me mudei e nem pretendo, porque, apesar de não morar no centro, eu adoro esta cidade. Eu moro no município de Nova Iguaçu que fica um pouco distante das praias, mas eu pretendo trabalhar muito e comprar uma casa próxima às praias.

Atualmente, eu não estou trabalhando formalmente, mas estou incluída em um projeto do qual eu gosto muito e que tem como objetivo capacitar de forma integral o cidadão, para que este, por esforço próprio, consiga executar melhor seus objetivos e colaborar para o desenvolvimento social e econômico de sua comunidade. Estou aprendendo muito com esse projeto, como por exemplo, a respeitar os direitos dos outros e, principalmente, a observar melhor as coisas e o ambiente que nos cerca.

Moro com meu pai, minha mãe e meu irmão. Meu pai se chama José Mauro Eugênio, nasceu em Minas Gerais, mas foi criado no Rio de Janeiro e sua profissão é de bombeiro hidráulico.

Ele não terminou os estudos, cursou só até a 5ª série porque teve que abandonar a escola com 15 anos de idade para poder ajudar sua mãe no sustento da casa. Quanto à minha mãe, ela se chama Eunice das Dores da Silva Eugênio, é nascida e criada na cidade do Rio de Janeiro e é costureira. Ela também não terminou os estudos, cursou só até a 8ª série e teve que abandonar a escola também aos 15 anos para poder ajudar no sustento da casa. Após se casar e ter filhos, teve que abandonar o emprego e atualmente ela é dona de casa. Hoje, meu pai tem 46 anos e minha mãe 42. Meu irmão se chama Rodrigo da Silva Eugênio, tem 21 anos, é ex-militar e parou de estudar na 2ª série do ensino médio porque teve que servir o quartel. Atualmente, ele está trabalhando como porteiro e ajuda no sustento da casa.

Hoje, estou ligada a uma Associação Comunitária que se chama CENASC (Centro de Apoio Social e Cultural), na qual sou voluntária e ajudo crianças dando reforço escolar para 1ª e 2ª série. Faz alguns meses que eu entrei e estou adorando trabalhar com eles.

Quando estou com o meu tempo livre, gosto muito de assistir televisão e ouvir todo tipo de música, menos rock. Aqui no Jardim Nova Era, não há muitas opções de lazer, pois o bairro é carente e necessita de muita ajuda. Além disso, os moradores não contribuem, só sabem reclamar, mas na hora de lutar pelos seus direitos, não fazem nada e ainda se iludem com os políticos que visitam o bairro.

Bom, é isso este foi um pequeno resumo da minha história de vida.

## LINO LEOPOLDINO DO NASCIMENTO

Olá! Meu nome é Lino Leopoldino do Nascimento, tenho 20 anos. Minha chegada ao mundo se deu no dia 4 de março de 1982, no Hospital Maternidade Nossa Senhora de Fátima, no de Nova Iguaçu. Sou moreno claro, de olhos verdes claros, cabelos pretos encaracolados, minha altura é 1,80m e sou esbelto, peso 64kg.

Moro nesta comunidade desde o meu nascimento e posso dizer que não houve muito progresso, principalmente nas questões de saneamento básico, saúde e educação. Apesar disso, aqui é bom para se morar, pois considero a comunidade como cidade dormitório, uma vez que a maioria das pessoas saem na madrugada para trabalhar no centro do Rio de Janeiro e voltam à noite.